

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mariana Grasel de Figueiredo

Ninho Cheio, Geração Canguru:

A permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Mariana Grasel de Figueiredo

Ninho Cheio, Geração Canguru:

A permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

SÃO PAULO
2008

Banca Examinadora

Dedico este trabalho aos meus
pais: Duilio e Reni

AGRADECIMENTOS

Escrever os “agradecimentos” de uma dissertação de mestrado é para mim um grande momento. Os meus relacionamentos são grandes prioridades em minha vida e sempre me senti muito abençoada por tantas pessoas tão especiais que sempre tive ao meu redor. Durante o mestrado não foi diferente. Portanto, é este o momento no qual usarei deste espaço para agradecer com todo carinho e sinceridade a todos aqueles que marcaram e contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho. A todos vocês: muito obrigada!

Não há dúvida de que os primeiros agradecimentos são devidos aos meus pais. Sem o apoio deles este trabalho não teria existido. Agradeço a confiança que depositaram em mim ao incentivarem, mesmo com tristeza, minha saída do “ninho” e apoiarem de forma tão presente e em tantos níveis os meus primeiros vôos. Agradeço a estrutura familiar tão sólida, cheia de valores, perseverança e amor que sempre me proporcionaram. De outra forma, eu não teria chegado até aqui.

Agradeço também ao meu irmão que a princípio foi quem mais sofreu com minhas ausências na busca da realização deste projeto. Agradeço sua compreensão, seu carinho, e agradeço porque posso sentir e ouvir tão alto sua torcida por mim. Léo, te amo muito!

Agradeço aos tantos amigos e irmãos de Floripa que apoiaram minha decisão de mudança e que continuaram investindo em nossos contatos, provando o tanto que a distância não é obstáculo para amizades profundas e verdadeiras. São tantos que nem posso listar. Em especial à Vá e à Rô, pois além da amizade ajudaram-me com ricas trocas através de suas experiências acadêmicas. E também ao Andrew, à Tânea e ao Marival. Meus agradecimentos são insignificativos perto do que vocês representam.

Agradeço à minha orientadora Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervenly. Sei que muitos alunos deste país gostariam de ter estado no meu lugar de orientanda. Desde o início desejei ser acompanhada por ti e sinto-me privilegiada por ter contado com tuas contribuições em meu trabalho. Obrigada por tua paciência, teu tempo, por acreditar em mim e por ajudar a despertar o meu potencial acadêmico.

À professora Dra. Rosane, por ser tão disponível no compartilhar de seus conhecimentos. Suas disciplinas foram essenciais para a realização deste trabalho. Obrigada por ter aceito fazer parte, pelo incentivo e principalmente pela empolgação com que sempre discorreu sobre o tema do “Ninho Cheio”, motivando-me ainda mais a prosseguir neste desafio.

À professora Dra. Adriana Leônidas, pelo aceite do convite em fazer parte da construção deste trabalho e por trazer contribuições essenciais para o desenvolvimento do mesmo.

À Capes, que ao financiar parte deste trabalho possibilitou-me experimentar o gratificante papel de pesquisadora.

Agradeço às minhas colegas de mestrado que ajudaram a fazer desta uma etapa tão prazerosa: Vera, Mônica, Carol, Ju, Adri, Helô, Márcia e em especial, Andreza, em quem encontrei também uma amiga.

Agradeço ao pessoal da Adhonep, com vocês eu pude saber que mesmo em uma cidade como São Paulo é possível sentir-se acolhida.

Ao pessoal da Memorial, pelas orações, pelo caminhar junto e pela atenção. Foi impressionante a forma como vocês me aceitaram e incluíram tão rápido no meio de vocês. Foi importante demais para mim!

Também não posso deixar de agradecer àquelas pessoas que cruzaram meu caminho durante este tempo e que sem dúvida influenciaram no sucesso desta conquista: Carmen, Licia, Affonso, Dani, Bea, Renato, Leila, Eurídice, Faiane, Mari, Robélia, Tissy, Ana Marta e Valéria.

Aos meus primos, tios e avós, agradeço pelo incentivo e atenção. Em especial aos meus tios Leda e Antônio, que tantas vezes receberam-me em sua casa com tanto carinho, ajudando desta forma na construção deste trabalho.

E por último agradeço àquEle que é o Primeiro dentre tudo e todos e o que torna possível todos os outros agradecimentos aqui feitos e as histórias vividas. Agradeço a Jesus, alvo da minha fé e da minha vida, por toda capacitação, força e cuidado a mim dispensados neste tempo, conduzindo-me tão bem até aqui. E não poderia ter sido de outra forma, afinal, “*quem é mestre como Ele?*” (Jó 36:22).

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender e analisar como os pais vivenciam o processo do prolongamento do tempo de permanência em casa do filho adulto solteiro. Em comparação com as gerações passadas, tem sido percebido atualmente em nossa sociedade que os filhos têm saído mais tarde da casa dos pais. Buscando investigar este fenômeno, foi realizada uma pesquisa na cidade de São Paulo na qual 6 (seis) casais de pais com filho na faixa etária dos 27 aos 35 anos, foram entrevistados. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa qualitativa com delineamento no estudo de caso. A base teórica utilizada neste trabalho envolveu pesquisas e literatura que abordassem o tema, bem como autores da teoria sistêmica. Através da análise do conteúdo das entrevistas foram construídas categorias para sistematizar o tema e relacionar os dados encontrados. O conhecimento gerado demonstrou que os pais pesquisados vivenciam de forma tranqüila e sem conflitos o prolongamento do tempo de permanência em casa dos filhos, qualificando positivamente o relacionamento com o filho adulto e não demonstrando preocupação significativa quanto à saída do filho adulto solteiro de casa. Constatou-se ainda que estes pais vivem muito em função de seus papéis parentais e pouco dos conjugais. Foi percebido que o sucesso profissional dos filhos adultos solteiros contribui para a visão encontrada nos pais uma vez que gera um sentimento de vitória e dever cumprido nos mesmos.

Palavras-chave: Parentalidade, Relacionamento pais e filhos adultos, Família.

ABSTRACT

The purpose of this study was to comprehend and analyze how parents work through the process of their adult single children remaining in the parental home for an extended period. In contrast to past generations, there is a tendency in contemporary society for children to live for a longer period of time with their parents. In order to investigate this phenomenon, research was undertaken in the city of São Paulo, in which six couples were interviewed, being in each case parents with adult children between the ages of 27 to 35. The method used was qualitative research with the case study approach. The theoretical base employed involved systemic theory authors and researches and literature related to the subject. Through the data analysis of the interviews the categories were constructed to sistematise the subject and to correlate the research data. The knowledge developed with the data analyses demonstrated that these parents live at the same home with their adult children with little conflict. Parents describe the relationship with their adult children as a positive experience and they do not show significant preoccupations connected with the departure of the children from the parental home. The research also showed that the parental role is more in evidence than the marital role for these parents. It was verified that the professional success of the adult single children contribute for this concept observed in these parents, leading to a sense of accomplishment and success in the bringing-up of their children.

Keywords: parenthood; parent-adult children relationship; family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
JUSTIFICATIVA E QUESTÃO DA PESQUISA	13
OBJETIVOS	15
Objetivo Geral	15
Objetivos Específicos	15
CAPÍTULO 1 - A FAMÍLIA E O CICLO VITAL	16
1.1 A Família Contemporânea	16
1.2 Família e Ciclo Vital	18
CAPÍTULO 2 – A PARENTALIDADE	30
2.1 A Parentalidade na História	30
2.2 O Ciclo da Parentalidade	32
2.3 A Parentalidade Prolongada	39
CAPÍTULO 3 - O FILHO ADULTO SOLTEIRO	44
3.1 A Transição para a vida Adulta	44
3.2 O Processo de Diferenciação do Filho Adulto	48
3.3 Ninho Cheio, Geração Canguru	53
CAPÍTULO 4 – MÉTODO	58
4.1 Caracterização da Pesquisa	58
4.2 Participantes	59
4.3 Instrumento	61
4.4 Procedimento	62
4.5 Análise de Dados	64
4.6 Considerações Éticas	65
CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
ANEXOS.....	108

INTRODUÇÃO

Tornar-se adulto e permanecer morando na casa dos pais tornou-se lugar comum em nossa sociedade. Cada vez mais termos como: “geração canguru”, “ninho cheio”, “filho bumerangue”, dentre outros, têm sido divulgados pela mídia e caracterizam a geração de filhos que têm prolongado o tempo de permanência na casa dos pais.

O “ninho cheio”, termo que também começa a ser utilizado na Academia por pesquisadores da área da família, conforme veremos no decorrer desta pesquisa, é caracterizado pela convivência e co-residência familiar prolongada, através dos filhos “cangurus” e “bumerangues”.

O “ninho”, ou seja, a casa dos pais, pode estar “cheio” devido ao filho “canguru” ou “bumerangue”. O primeiro diz respeito, em comparação com o mamífero marsupial australiano que carrega os filhotes em uma bolsa ventral, àquele filho que, já adulto, permanece na casa dos pais. O segundo, refere-se àquele que, uma vez tendo saído da casa dos pais, independentemente do que o motivou, retorna ao lar parental.

A cultura brasileira em comparação com a cultura americana ou mesmo européia, caracteriza-se por manter os filhos mais tempo em casa. Ingressar na universidade e permanecer na casa dos pais é visto como natural para as famílias brasileiras, diferentemente do que ocorre em outras culturas, que lançam os filhos ao mundo ainda na adolescência. No entanto, o aumento do tempo da convivência familiar na mesma casa é uma tendência que vem sendo mundialmente percebida e constatada através de pesquisas (PAIS; CAIRNS; PAPPÁMIKAIL, 2005; MITCHELL, 2005) que começam a surgir na área.

Pensando no momento de mudanças pelas quais a instituição familiar tem passado, não apenas no Brasil como também em diversas partes do mundo, o crescimento do fenômeno do ninho cheio vem retratar ainda mais esse quadro atual, somando-se à tantas outras transformações já percebidas ao longo dos anos na família, como o aumento do número de divórcios e recasamentos, os novos arranjos familiares, as conquistas da mulher no mercado de trabalho, as diferenças nos papéis de gênero, dentre outras.

Recentemente estreou no meio cinematográfico norte americano o filme “Armações do Amor” (FAILURE TO LAUNCH, 2006) cujo slogan dizia: “Para deixar o ninho, alguns homens precisam de um pequeno empurrão”. A história discorre sobre um casal de pais que decide contratar uma mulher para convencer o filho de 35 anos a sair de casa. Crônicas e artigos publicados também demonstram o interesse pelo assunto nos meios de comunicação.

No Brasil, o tema do “Ninho Cheio” também começa a aparecer na mídia, apesar das poucas pesquisas científicas ainda existentes sobre o assunto. Na Revista Veja de Fevereiro de 2006 uma reportagem com o título: “Fenômeno Canguru”, retrata a “geração canguru” como uma tendência crescente entre os jovens brasileiros das camadas populacionais médias e altas de saírem cada vez mais tarde da casa dos pais. De acordo com a reportagem existem duas razões que contribuem para o crescimento do fenômeno. A primeira diz respeito ao fato das relações entre pais e filhos nas sociedades ocidentais estarem mais abertas, proporcionando maior liberdade aos filhos. A segunda discorre sobre a dificuldade dos jovens em ingressar e estabilizar-se no mercado de trabalho.

Em maio de 2006 a Revista Veja publicou outra reportagem chamada “Acomodados no Ninho”, na qual demonstra o quanto a permanência do filho adulto na casa dos pais é um fenômeno que está além das dificuldades sócio-econômicas encontradas na sociedade atual

e que impedem o jovem de estabilizar-se profissional e financeiramente. Através das falas dos filhos adultos entrevistados, a maioria pertencente às camadas altas da população, fica claro que permanecer na casa dos pais tem sido uma escolha e não mais uma condição imposta socialmente, visto a independência financeira já ter sido atingida. As vantagens dessa escolha, segundo afirmam na reportagem, residem no fato da possibilidade de economizar com as despesas, bem como nas mordomias garantidas na casa dos pais.

A rede de televisão brasileira MTV chegou às conclusões semelhantes ao entrevistar, no ano de 2004, 2.359 jovens pertencentes às camadas baixas, médias e altas da população e residentes em oito estados brasileiros. A pesquisa, divulgada através do “3º Dossiê MTV Universo Jovem 2005”, revela que 71% dos jovens entrevistados apresentam pouca ou nenhuma vontade de sair da casa dos pais. O dossiê apresenta como fatores relacionados a esse fenômeno o que chama de bom relacionamento familiar, fruto de relações consistentes ou fruto de pouco contato, muita liberdade e portanto nenhum conflito, somados ao conforto do lar.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) extraídos da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada no ano de 2005, nas famílias brasileiras com renda superior a 20 salários mínimos, 66% dos jovens entre 25 e 29 anos ainda residem com os pais. Em 1993, a porcentagem era de 43%. Esse aumento também foi observado nos filhos na faixa etária dos 30 aos 34 anos que em 1993 era de 20% e em 2004 passou para 29%.

Camarano (2003) encontrou porcentagens semelhantes ao pesquisar famílias nas camadas mais baixas da população que ainda possuíam o filho co-residindo com os pais.

Dentre as famílias paulistas essa amostra é bastante significativa, 81% de um total de 1.105 famílias pesquisadas por Cervený e Berthoud (1997) ainda possuem um filho adulto residindo na casa dos pais.

Quando os filhos atingem a idade adulta encontrando-se na mesma fase de vida dos pais, o sistema familiar configura-se de uma nova forma e passa a vivenciar a sua fase madura do ciclo vital (CERVENÝ; BERTHOUD, 1997). Com o prolongamento do período de permanência do filho adulto na casa dos pais, essas questões e vivências da parentalidade se intensificam e ganham novos significados.

JUSTIFICATIVA E QUESTÃO DA PESQUISA

Diante do exposto, pretende-se investigar em famílias com filhos cangurus e que o fenômeno do “ninho cheio” se faz presente: De que forma a experiência da parentalidade tem sido impactada com a co-residência dos filhos adultos? Quais sentimentos advindos desse processo tem permeado o subsistema parental? Como os pais têm percebido e vivenciado o prolongamento do período de permanência em casa do filho adulto solteiro durante a fase madura do ciclo vital?

Acredito que a própria história de vida da pesquisadora bem como suas relações com sua rede social e familiar onde a presença do fenômeno a ser estudado se faz presente de forma marcante, aliadas com a curiosidade presente em compreender de forma mais aprofundada os aspectos relacionados às transformações que a família tem passado na atualidade, na qual o fenômeno do “ninho cheio” destaca-se, foram moldando a escolha do tema para esta pesquisa.

Tendo em vista as poucas pesquisas acadêmicas realizadas sobre o assunto, principalmente que busquem investigar a perspectiva, os sentimentos dos pais desses filhos adultos que ainda residem na mesma casa, a pesquisa em questão se torna relevante, uma vez que vem ampliar o conhecimento do estudo da psicologia sobre as relações pais e filhos na atualidade. Dessa forma, visa contribuir com os profissionais da área da saúde no sentido de auxiliá-los no trabalho com famílias na medida em que os informa e conseqüentemente possibilita assumirem posturas de prevenção e intervenção frente às demandas que surgirem decorrentes do fenômeno.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Compreender como os pais vivenciam o processo do prolongamento do período de permanência em casa do filho adulto solteiro durante a fase madura do ciclo vital.

Objetivos Específicos:

- Explicitar, na perspectiva dos pais, de que forma se estrutura o relacionamento dos pais com o filho adulto solteiro que reside com sua família;
- Caracterizar como os pais avaliam a permanência do filho adulto em casa;
- Identificar os sentimentos envolvidos no subsistema parental decorrentes da convivência com o filho adulto na casa dos pais;
- Compreender como os pais negociam com os filhos os valores de autonomia, independência e responsabilidade com a permanência do filho adulto em casa;
- Caracterizar a forma com que os pais têm vivido a conjugalidade na fase madura com a presença do filho adulto em casa.

CAPÍTULO 1

A Família e o Ciclo Vital

1.1 A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Vivemos em um momento histórico de grandes transformações. A globalização, a facilidade cada vez maior de acesso aos meios de comunicação, a internet e toda tecnologia que tem sido desenvolvida em tantas áreas, são apenas alguns exemplos do ritmo acelerado que tem marcado o final do século XX e o início do século XXI.

Pensar sobre a família contemporânea, como pretendo neste estudo, é pensar em todo o contexto na qual ela está inserida, uma vez que as transformações ocorridas na sociedade influenciam-na diretamente. Da mesma forma, é pensar famílias (CERVENY; BERTHOUD, 2002), cada uma com suas singularidades, configuradas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos, sem tender a generalizações, na qual suas questões não se resumem em uma teoria apenas, mas estão *entre* as teorias e os diversos campos de estudo.

Apesar da evidência dessas mudanças no âmbito familiar, não é rara a tendência de querer permanecer no ideal da família tradicional. Giddens (2000) afirma que “a família é um local para as lutas entre tradição e modernidade, mas também uma metáfora para elas. Há talvez mais nostalgia em torno do santuário perdido da família do que em qualquer outra instituição com raízes no passado” (p.63). Porém, em algum nível, as tradições permitem as mudanças e o novo entra.

Considerando as transformações vividas na sociedade, com a entrada do novo, dos novos valores, novos ideais, novas formas de comunicação e de relacionamento, percebe-se a movimentação ambígua, contraditória, entre o permanecer e o mudar, entre o novo e o velho ou àquilo que Sérvulo Figueira (1987) teoriza como o moderno e o arcaico convivendo nas famílias brasileiras, principalmente nas de camadas médias. Apesar de terem se passado vinte anos desde a publicação desse autor, seu pensamento permanece e ainda pode ser observado nas família de hoje que fazem parte de nossa sociedade.

A coexistência dessas duas dimensões na família e portanto a realidade ambígua que se faz presente são características que têm marcado essas significativas mudanças pelas quais a família tem passado nos últimos anos. Juntamente com estas, somam-se: o crescimento da família monoparental, o aumento do número de divórcios e separações, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o prolongamento do tempo de moradia dos filhos na casa dos pais, este último constituindo-se no tema desta pesquisa.

A família contemporânea é portanto uma realidade em transformação. As mudanças por ela vivenciadas, por sua vez, influenciarão a sociedade. Essa inter-relação é um dos conceitos chaves do pensamento sistêmico. De acordo com essa concepção, a família, assim como todo organismo, é considerada como um sistema em constantes interações, na qual cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros.

Segundo Cerveny (2000),

O grupo familiar pode, então, ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. Os sistemas interpessoais como a família, podem ser encarados com circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas. (p.25).

A família é o primeiro e o principal sistema na qual o ser humano se insere. Pesquisadores e leigos concordam sobre a importância da família para a sociedade, para o indivíduo e na inter-relação entre estes, o que justifica o crescente número de pesquisas na área.

À esse respeito, Miotto (2004) afirma:

Reconhece-se sua importância à medida que, independentemente das formas ou modelos que assume, tanto no arco das culturas como no das classes e grupos sociais, reconhecemos a família como o espaço privilegiado na história da humanidade, em que aprendemos a ser e a conviver. Ela é a matriz da identidade individual e social; conecta gêneros e gerações. A família medeia continuamente os deslocamentos dos limites entre o público e o privado no cotidiano de seus sujeitos e é, também, mediadora das relações entre sujeitos e coletividade. A família encerra um projeto de vida baseado na solidariedade entre as gerações e, simultaneamente, é geradora de formas comunitárias de vida. (p.108).

Dentro de uma perspectiva sistêmica, o homem é percebido como um ser inserido em sistemas, sendo que o primeiro e o principal é a família. Esta situa e legitima o indivíduo no seu espaço social, constituindo-se na matriz de sua identidade pessoal. O homem somente pode ser compreendido dentro do contexto interacional no qual funciona, uma vez que o seu ciclo de vida individual acontece dentro e concomitantemente ao seu ciclo de vida familiar (CERVENY; BERTHOUD, 2002, p. 22).

1.2 FAMÍLIA E CICLO VITAL

Uma das formas de olhar a família é através do seu ciclo vital, ou seja, das etapas na qual se desenvolve. Essas etapas são esperadas em todas as famílias, apesar de vivenciadas de maneiras distintas. De acordo com Cerveny (2002):

Ciclo Vital Familiar é um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal, entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram. (p.21).

O conceito de ciclo vital familiar não se refere a um processo rígido ou estanque, mas é dinâmico e em transformação, contextualizado social e historicamente. Cada estágio de desenvolvimento possui tarefas desenvolvimentais específicas que devem ser superadas tanto pelo indivíduo quanto pelo sistema familiar para que possam alcançar a transição para uma nova etapa do ciclo vital (CARTER; MCGOLDRICK, 2001). O movimento do ciclo vital das famílias interage com os movimentos inerentes à cada um de seus membros.

Os critérios que definem essas etapas variam de acordo com os diferentes estudiosos da teoria do ciclo vital. Adotarei nesta pesquisa aqueles propostos por Cerveny em Cerveny e Berthoud (1997) que, investigando famílias das camadas médias paulistas, através de uma pesquisa realizada com um número expressivo de participantes, classifica o desenvolvimento da família como dividido em quatro etapas: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última.

FAMÍLIA EM FASE DE AQUISIÇÃO

A fase de aquisição diz respeito à primeira etapa do ciclo de formação do jovem casal. É quando nasce a família – pela união formal ou informal.

As “aquisições” de filhos, modelo de família, de moradia, de emprego, de bens materiais para estruturar o casal que se inicia, são as principais características do momento. Os cônjuges nessa fase inicial estão construindo o seu modelo particular de família e precisarão renegociar valores e regras de relacionamentos, principalmente no que diz respeito àqueles aprendidos em suas famílias de origem.

Nessa fase do ciclo vital, Berthoud (2002) constatou o aparecimento de três importantes fenômenos: unindo-se, construindo a vida a dois e vivenciando a parentalidade.

“Unindo-se” refere-se ao processo inicial da constituição de uma nova família. Caracteriza-se pela vivência da conquista entre o casal culminando na decisão pela união. A partir daí iniciam-se as adaptações próprias do momento, com o afastamento da família de origem e as aprendizagens da vivência de casal, entre as quais a de “ceder” e a de “focar” objetivos comuns sobressaem-se.

“Construindo a vida a dois” é a metáfora utilizada pelas autoras para explicar o segundo fenômeno observado nessa fase. Envolve as negociações, readaptações e o surgimento de novos sentimentos pelo casal. Aprender a planejar a vida a dois, administrar o dinheiro, abrir-se para a relação desenvolvendo cumplicidade, são também desafios vivenciados nessa etapa. Neste momento é comum o aparecimento de sentimentos ambivalentes, principalmente no que diz respeito à nova casa e à nova vivência compartilhada de casal.

O último fenômeno observado nessa fase do ciclo vital é o “vivendo a parentalidade”, que inicia-se com o desejo e a decisão de ter filhos ou com o aparecimento de uma gravidez inesperada. O grande desafio aqui é a transformação do casal em família, tendo em vista as modificações que esse momento acarreta para a vida a dois. “Decidindo em conjunto, optando, sentindo-se não preparado e sentindo-se imaturo são sentimentos que surgem nesse momento” (BERTHOUD, 2002, p. 51).

A vivência da parentalidade na Fase de Aquisição centraliza-se após o nascimento do bebê, porém estende-se até a pré-adolescência. Nesse momento, “desejos e expectativas são confrontados com a realidade vivida, valores e padrões são revistos e renegociados e novos papéis e funções são experimentados e assumidos” (BERTHOUD, 2002, p. 51).

O aparecimento de dificuldades pessoais nessa etapa é um dos conceitos discutido pela autora. Ela ressalta mais uma vez a ambivalência de sentimentos vivenciados, uma vez

que ao mesmo tempo em que o filho é desejado, ele desestrutura toda a rotina de vida já estabelecida pelo casal. Essas mudanças podem ser sentidas de maneira intensa e a forma pela qual serão elaboradas dependerá dos processos anteriormente vividos.

FAMÍLIA EM FASE ADOLESCENTE

A fase adolescente da família começa com a entrada dos filhos na adolescência. É uma etapa onde a família vivencia muitas mudanças, acarretando reorganização familiar em termos de relacionamentos e alterações de papéis.

É comum nesse período o aparecimento do fenômeno da adolescência da família, caracterizando o que Cervený (1995) conceitua como a “família adolescente”. É todo o sistema familiar que adolece, “uma vez que tanto os filhos como os pais vivenciam um período significativo de mudanças evolutivas, de transição entre fases da vida” (BERTHOUD, 2002, p.62). Ao mesmo tempo em que as crianças tornam-se adolescentes, os adultos tornam-se adulescentes, e todo o sistema vive a “crise da adolescência”.

A “família adolescente” é um fenômeno típico da família contemporânea, pós-moderna, sendo encontrado em grande parte das famílias de camadas médias da população de nosso país. O conceito de adulescência e o contexto que a propicia serão melhor discutidos no capítulo 3 desta pesquisa.

Pesquisando sobre a família na fase adolescente, Cervený e Berthoud (2002) identificaram dois processos, reajustando as lentes: reconfigurando as relações pais\filhos e vivendo novo ritmo na vida em família. Esses dois processos têm como pano de fundo as crises desenvolvimentais de cada membro do sistema que vivencia essa fase.

No que se refere às reconfigurações das relações pais e filhos, cabe ressaltar a necessidade de mudança no papel dos pais de acordo com as novas demandas trazidas pelo filho adolescente. Os sentimentos de decepção, dada à exigência das demandas do filho, culpa, medo, preocupação são os mais comuns experienciados pela parentalidade nesse momento.

Os questionamentos dos filhos sobre crenças, regras e valores são características marcantes dessa etapa. A “turbulência” nas atitudes dos pais e dos filhos, bem como nas relações do sistema familiar, também é comumente percebida. Construir um padrão mais flexível de autoridade passa a ser uma estratégia importante para os pais desenvolverem o relacionamento com os filhos adolescentes.

Em relação ao novo ritmo na vida em família destacam-se os desafios enfrentados pelos pais em lidar com o crescimento do filho e tudo o que esse fato acarreta, como por exemplo o maior tempo despendido para a vivência da conjugalidade.

FAMÍLIA EM FASE MADURA

A terceira fase do ciclo vital segundo Cerveny (1997), denominada fase madura, foi descrita por Cerveny e Oliveira (2002) como a fase mais longa do ciclo vital e talvez a mais difícil, uma vez que envolve diversas transformações na família e conseqüentes ajustes por parte de seus membros. É na fase madura do ciclo vital da família que nos concentraremos nesta pesquisa, uma vez que é a fase onde os fenômenos do “ninho cheio” e da “geração canguru” ocorrem.

A fase madura inicia quando os filhos chegam à idade adulta e a família passa a vivenciar um período de maturidade. É o momento no qual os filhos estão se tornando

independentes dos pais, não requerendo mais tanto os seus cuidados. As relações entre pais e filhos precisam ser revistas e há a necessidade de uma reestruturação do casal, renegociando regras de convivência e padrões de relacionamento.

É nessa fase que é esperado que os filhos saiam da casa dos pais e tracem seus próprios caminhos. Porém, o que se tem percebido ao longo dos anos, como já temos destacado ao longo desta pesquisa, é o aumento do tempo de residência do filho adulto solteiro com os pais em comparação com as gerações passadas, estendendo, por sua vez, o tempo de permanência da família nessa etapa do ciclo vital e caracterizando o que temos chamado de “ninho cheio” e “geração canguru”.

As principais características da família em fase madura são: a saída do primeiro filho da casa dos pais; a inclusão da terceira geração e parentes por afinidades; os cuidados com a geração mais velha e as conseqüentes mudanças no relacionamento e o significado e função do casamento.

Em relação às tarefas básicas do desenvolvimento familiar superadas nessa fase, Carbone e Coelho (1997) afirmam:

Os pais terão concretizado as tarefas básicas relativas ao status de adulto (consolidação profissional, sistema de regras e valores coerentes com o grupo cultural, manutenção do sistema familiar) e cumprido o papel de provedores, orientando e acolhendo os filhos durante toda a fase de desenvolvimento no lar. É chegado então o momento em que pais e filhos podem se reconhecer como pares: os filhos jovens alcançam o status de adulto e os pais o de adulto maduro. (p. 106).

De acordo com Cervený e Oliveira (2002), quatro fenômenos psicológicos podem ser observados na fase madura: remodelando relações; adaptando-se às mudanças:

acomodando a estrutura e funcionamento da família; enfrentando desafios e olhando para o futuro.

Em relação ao primeiro fenômeno destaca-se um fator importante que marca a transição da fase adolescente para a fase adulta: a transformação da relação entre pais e filhos em uma relação de pares. Devido ao status de adulto atingido pelo filho, a parentalidade é re-significada com a possibilidade de se compartilhar a vida com o filho como um igual. Este, que começa a gerenciar sua própria vida de forma autônoma, pode gerar nos pais um sentimento de inutilidade frente aos seus papéis parentais.

Uma das categorias estabelecidas pelas pesquisadoras Cervený e Oliveira (2002) dentro do fenômeno “remodelando relações”, é denominada “pais deixando partir”. Essa categoria explica o processo no qual os pais devem iniciar a “separação” dos filhos, deixando-os partir em busca de seus caminhos.

Com a saída do filho do lar parental e a elaboração desta experiência pelos pais, há a possibilidade dos pais reverem a própria parentalidade. Esse movimento permite aos pais realizarem uma auto-avaliação e reconstruírem suas imagens parentais. “É o momento de fazer um balanço do que foi vivido, rever valores, perceber o quanto está colhendo neste momento os frutos de seu empreendimento, e o quão gratificados sentem-se” (CERVENY; OLIVEIRA, 2002, p. 97).

O filho adulto procura diferenciar-se da família de origem, seja negando o modelo parental, ou agindo de forma extrema no que diz respeito à busca pela independência. Com a saída do primeiro filho de casa, os pais têm a possibilidade de ser enriquecidos pelo compartilhar das novas experiências vividas pelo filho adulto. Da mesma forma eles têm a oportunidade de olhar mais atentamente para a vida conjugal fazendo um balanço da vida a

dois e lançando um novo olhar para o casamento. Podem investir na relação, consolidando-a ou perceberem que o casamento não é mais uma realidade possível.

Pais que criaram sua relação de casal excessivamente em função dos filhos, apresentarão dificuldades em retomar seus projetos de vida e lidar com a solidão do “ninho vazio”, além de serem levados a reconfigurar a vivência conjugal (CERVENY; OLIVEIRA, 2002; CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

O fenômeno do “ninho vazio”, no entanto, tem perdido espaço nas famílias contemporâneas com o aumento da frequência do “ninho cheio”. Acreditamos portanto que o prolongamento do tempo de permanência do filho adulto na casa dos pais, caracterizando o que temos chamado de “ninho cheio”, vem constituir-se em um novo e importante fenômeno dentro do estudo da fase madura do ciclo vital das famílias.

A principal característica do casamento nessa fase, descrita por mais de 57% dos casais pesquisados por Cerveny e Berthoud (1997) entre as famílias paulistas, é a de companheirismo. “O ideal do amor romântico das famílias em fase de aquisição foi substituído pelo compartilhar, talvez aprendido na gradativa extensão da família e contínua transformação das relações de intimidade” (CARBONE; COELHO, 1997, p.116).

O voltar-se para o casamento nesse meio de vida e avaliar o que foi vivido e o que ainda se tem para viver pode contribuir para que as pessoas dêem diferentes impulsos em suas vidas. Quando os cônjuges reconhecem-se como um verdadeiro casal, que, apesar das possíveis diferenças ou dificuldades vividas ao longo do trajeto, percebem que percorreram e desejam continuar percorrendo seus caminhos juntos, o casamento pode ser então ‘renovado’ na fase madura (CERVENY; OLIVEIRA, 2002, p. 104).

O momento em que o casal encontra-se na fase madura é propício para redescobrir o outro e redescobrir o prazer de estar junto, podendo levar a um despertar da relação

conjugal. Esse despertar é muitas vezes sentido como um retorno ao início do casamento, porém, de uma forma mais estável e madura, podendo culminar na consolidação da relação conjugal.

O segundo fenômeno presente na família que se encontra na fase madura é: “adaptando-se às mudanças: acomodando a estrutura e funcionamento da família”. Esse fenômeno descreve a forma como a família ajusta-se à nova realidade estrutural e funcional. Cerveney e Oliveira (2002) destacam os seguintes processos realizados pela família:

[...] incorporando novos papéis, à medida que ganha e perde membros; repensando seus papéis e relações hierárquicas; consolidando os valores significativos e que dão identidade para a família; preservando alguns costumes, mas também mudando outros para atender suas novas necessidades e por fim, ampliando sua rede social, além de consolidar antigas relações (p. 108).

Tornarem-se avós, sogros e cuidadores da geração mais velha são os novos papéis que podem ser incorporados pelos pais na fase madura. Os papéis de homem e mulher dentro de casa podem ser repensados, invertendo-se suas funções ou mantendo-as de forma mais conservadora. Valores como honestidade, respeito, religiosidade, entre outros, poderão ser reafirmados e consolidados na família. Tradições como as comemorações de datas significativas e o fazer pelo menos uma refeição juntos, também podem ser mantidas, uma vez que garantem a identidade da família. Ao consolidarem antigas amizades bem como permitirem a inclusão dos agregados da família e dos novos amigos do casal, permitem o ampliar da rede social.

“Enfrentando desafios” é o terceiro fenômeno observado nessa fase do ciclo vital. “Buscando finalizar uma missão” é um dos desafios encontrados por Cerveney e Oliveira

(2002) e discorre sobre a missão encarada pelos pais, principalmente das camadas médias e altas da população, de “encaminhar” os filhos, formando-os, vendo-os alcançarem estabilidade profissional e harmonia na vida amorosa.

“Cuidando de um ninho que não se esvazia” é outro desafio vivenciado pelos pais nessa fase. Como já temos descrito nesta pesquisa, o “ninho cheio” é um fenômeno atual e cada vez mais presente nas famílias em nossa sociedade. Sendo assim, a forma como a família cuidará desse ninho que não se esvazia, torna-se um desafio relevante nos dias de hoje e soma-se aos demais já encontrados na fase madura. A esse respeito, Cervený e Oliveira (2002) afirmam:

Seja cultivando uma relação infindável, na qual os pais sentem e expressam uma constante preocupação com o bem-estar dos filhos e buscam dar apoio constante aos mesmos (seja esse apoio emocional ou instrumental) [...], o ‘ninho’ da família madura de classe média parece estar sempre ‘cheio’ pela presença física ou emocional dos filhos e netos. Assim, este é um desafio que se apresenta (p.117).

Com o “ninho” cheio, é comum os pais adiarem a aposentadoria, a fim de garantirem a formação e o sustento dos filhos.

Crises econômicas, desemprego e aposentadoria são outros desafios que as famílias podem enfrentar durante essa fase. A busca de recursos internos, como o diálogo, a união e a cooperação, bem como a de recursos externos, como a religião e a ajuda profissional, são formas com que a família busca enfrentá-los.

O quarto e último fenômeno identificado foi definido como “olhando para o futuro” e refere-se aos planos e às expectativas da família em relação ao futuro. “Buscar qualidade de vida” através do lazer e de viagens, “buscar expansão” através de novos objetivos como voltar a estudar e iniciar novas atividades, e “colher os frutos do que se plantou” vendo a

continuidade de sua família, são as principais metas do casal nesse momento do ciclo de vida.

FAMÍLIA EM FASE ÚLTIMA

A fase última caracteriza-se pelo envelhecimento dos pais. Geralmente coincide com a aposentadoria e com o retorno a uma vida a dois para o casal, impondo mais uma vez reconfigurações na vivência conjugal, agora marcada por uma intimidade diferenciada. O luto pela perda de amigos, parentes e do próprio cônjuge é uma realidade vivida com maior frequência nessa etapa, e trazem à tona sentimentos de finitude da vida e elaborações da própria morte.

As relações familiares da última fase do ciclo vital caracterizam-se pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do sistema familiar e com a inserção de novos, como netos, noras e genros. A convivência e o relacionamento do idoso com sua família é essencial para um envelhecimento bem sucedido, principalmente com os netos, uma vez que desenvolvem o papel mais importante dessa etapa: o de avós.

A fase última é uma fase de fechamento de ciclo e o sucesso deste dependerá da forma como as outras etapas anteriores foram vividas e superadas. “Os relacionamentos familiares passados e presentes desempenham um papel crítico na resolução da maior tarefa psicossocial deste estágio, a obtenção de um senso de integridade versus desespero, com relação à aceitação de nossa própria vida e morte” (CARTER; MCGOLDRICK, 2001, p.270).

Tendo em vista o crescimento do fenômeno do “ninho cheio” em nossa realidade, é comum encontrarmos famílias vivenciando a fase última do ciclo vital que ainda possuam

filhos residindo na mesma casa ou, que saíram, mas voltaram para a casa dos pais, que agora já estão idosos. No que diz respeito a esse fato, concordamos com Coelho (2002) quando afirma:

O fenômeno desenvolvimental do Ninho Vazio deveria ser renomeado na sociedade brasileira, já que representa temporalmente um breve intervalo correspondente ao período dos filhos na universidade e ao período do casamento anterior ao primeiro filho. Logo após esse período, variados arranjos familiares – incluindo descasamentos e recasamentos -, incluem o idoso na dinâmica familiar dos filhos. (p.140).

A compreensão da família ao longo do seu ciclo vital, em especial a fase madura, constitui um dos suportes teóricos deste trabalho, assim como o fenômeno da parentalidade que é o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

A Parentalidade

2.1 A PARENTALIDADE NA HISTÓRIA

Para pensarmos sobre a parentalidade nos dias de hoje, faz-se necessário ampliarmos o olhar para os caminhos que ela vem percorrendo no decorrer da história a fim de compreendermos o contexto, ou seja, o pano de fundo, na qual ela está inserida.

Berthoud (2003), define a parentalidade “enquanto experiência relacional, de profundo significado psicológico” (p.19) e a compreende ao longo de um ciclo o qual denominou: ciclo da parentalidade.

A relação entre pais/mães e filhos tem passado ao longo da história por profundas mudanças, principalmente no que diz respeito ao lugar conferido à criança e à família na sociedade.

O modo como homens e mulheres vivem a parentalidade ao longo da história da humanidade está intrinsecamente relacionado ao modo como a sociedade, ao longo do tempo e em diferentes culturas, define a família, diferencia e atribui papéis a homens e mulheres. Assim, a parentalidade é, indubitavelmente, uma experiência psicológica configurada por um contexto social que a define e significa (BERTHOUD, 2003, p. 25).

A figura parental também sofreu muitas transformações no decorrer da história, sobretudo na diferenciação dos papéis de pai e mãe. Nos tempos coloniais, a função de esposa que cabia à mulher, referia-se apenas à sua capacidade de reprodução, dando continuidade à descendência legítima do marido. Não era esperado dela desenvolver características de cuidado maternal ou mesmo de ser objeto sexual do marido. O cuidado

das crianças, inclusive aquele concernente à amamentação, era tarefa das escravas (ARIÈS, 1986).

No início do século XX, tendo em vista uma iniciativa de valorização do Estado, surge o Movimento Higienista, o qual viria trazer a família do espaço público para o espaço privado de relacionamento. A medicina higiênica investiu na reeducação das famílias e, ao mesmo tempo em que enfatizava a necessidade dos cuidados requeridos pelos filhos, acabou por trazer à tona os excessos e as deficiências dos pais (KAMERS, 2006; BERTHOUD, 2003).

A partir de 1930 até meados dos anos 1980, os pais educavam os filhos baseados na divisão tradicional de papéis de pai e mãe, a qual era baseada no gênero. A autoridade masculina, de marido e pai, era o padrão que regia a vida familiar do momento, caracterizada pela família patriarcal. Ao marido cabia as funções tradicionais de provedor e à mulher as de cuidadora; dos filhos era esperado a obediência e ajuda à família.

A partir daí, uma nova ótica de amor e afetividade começa a pautar as relações entre pais e mães com seus filhos. A conjugalidade também começa a ser experimentada dentro do domínio do afeto e do amor romântico. A família passa, dessa forma, a adotar novos arranjos de relacionamento, convergindo para o nascimento da família nuclear, ou seja, aquela na qual a vida familiar organiza-se principalmente “em torno da educação amorosa, cuidadosa e responsável dos filhos, por seus pais” (BERTHOUD, 2003, p. 32).

Atualmente, a parentalidade não pode mais ser pensada em termos de um padrão típico que a rege. Assim como todas as esferas da vida humana e da sociedade contemporânea, ela tem sofrido a influência de novos valores e padrões de comportamento, identificados por Berthoud (2003) como “padrões emergentes de parentalidade”.

A esse respeito a autora coloca:

Assim, a parentalidade contemporânea deve ser compreendida tendo-se como referência um contexto social ocidental, que contempla uma taxa crescente de divórcios, recasamentos e famílias monoparentais, e, especialmente, um contexto social em transformação, no qual diferentes possibilidades de exercício parental são continuamente construídas e experimentadas (BERTHOUD, 2003, p. 33).

No que diz respeito aos estudos sobre parentalidade ao longo da história, Mayseless (2006) constata que apenas nas últimas duas décadas o olhar dos pesquisadores voltou-se para os sentimentos, desejos, pensamentos e vivências de pais e mães. Até então, os estudos científicos sobre parentalidade não a consideravam como um fim de pesquisa, mas sempre como um meio de compreender melhor o desenvolvimento do filho. Portanto, a autora realizou um trabalho inovador intitulado: “Representações Parentais: Teoria, Pesquisa e Implicações Clínicas” (Parenting Representations: Theory, Research, and Clinical Implications), no qual procura pesquisar as representações parentais e assim preencher um pouco mais essa lacuna no campo da Psicologia.

É através desses contextos que procuraremos desenvolver a pesquisa em questão. Buscaremos focar nossa investigação na parentalidade, levando em consideração, inclusive, o fato da vivência parental com filhos adultos co-residindo na mesma casa ainda ser uma realidade nova e que, portanto, apenas começa a ser experimentada por pais e mães.

2.2 O CICLO DA PARENTALIDADE

Tendo em vista o processo de mudança que ocorre ao longo do tempo na vivência parental, Berthoud (2003) desenvolveu uma teoria a respeito do ciclo da parentalidade, descrita na obra: “ ‘Re-significando a Parentalidade’: desafio para toda uma vida ”.

Adotaremos nesta pesquisa esses conceitos uma vez que, juntamente com a teoria do ciclo vital da família, demonstram e contextualizam de forma pertinente e atual o fenômeno que pretendemos investigar.

Compreendo que a parentalidade é vivida ao longo do que chamo ciclo da parentalidade, um processo dinâmico e dialético, que conceituo como o conjunto das experiências psicológicas e inter-relacionais, vivenciadas por pais e mães ao longo da vida, caracterizado por estágios e fases, e transformando-se através de re-significações da parentalidade (BERTHOUD, 2003, p. 89).

A autora entende por estágios aqueles “períodos caracterizados por processos, desafios e tarefas, vivenciados em uma seqüência possível, ao longo da vida” e as fases, como os “processos que ocorrem dentro dos estágios, não possuindo seqüências fixas, e sendo marcadas pela individualidade de cada experiência, o que faz com que todas ou apenas algumas, em determinado estágio, possam ser vivenciadas” (BERTHOUD, 2003, p. 89).

É importante ressaltar, em consonância com a autora, que as fases e processos identificados ao longo do ciclo da parentalidade, não ocorrem em uma perspectiva de causa e efeito, mas sim de processos que se influenciam mutuamente, não se podendo localizar quando um se encerra para dar lugar ao outro.

O exercício da parentalidade é dessa forma vivenciado por meio de re-significações da própria parentalidade, sendo construída e reconstruída ao longo da vida, uma vez que ocorrem constantes mudanças em função do desenvolvimento dos pais, dos filhos e dos movimentos do ciclo de vida familiar.

E re-significar implica tanto a capacidade de perceber (ler, interpretar, significar) um novo contexto (condições que lhes são apresentadas pela vida) como o

movimento (ações-interações, formas de exercer a parentalidade) de adaptar-se a ele (mudando a maneira de exercer a função parental e vivenciar a parentalidade), o que, por sua vez, gera uma nova releitura da parentalidade (BERTHOUD, 2003, p. 89).

A teoria do ciclo da parentalidade identifica cinco estágios da vivência parental. São eles: “Cabe mais um?”- Construindo um espaço psicológico para o filho; “Mães conectam ao mundo do afeto, pais levam ao mundo real”- o nascimento de uma relação entre pessoas; “Fazendo um balanço”- a parentalidade no meio da vida; “Colhendo o que se plantou”- reconstruindo a relação com o filho e “O Filho-Outro”- construindo uma relação de parceria (BERTHOUD, 2003). Este último estágio é o que pretendemos abordar nesta pesquisa, uma vez que se trata da relação entre pais e filhos adultos.

O primeiro estágio é aquele da chegada do primeiro filho, quando os pais transformam-se em “cuidadores” de fato e as expectativas sobre a parentalidade são resignificadas, dadas as demandas da situação. São observadas três fases da vivência dos pais nesse estágio. A primeira delas ou, “tendo a vida desconstruída”, representa um momento de grande explosão emocional na qual experiências individuais, conjugais e todo o cotidiano são transformados para que haja espaço para o filho que chegou.

“Criando espaço para mais um” é a segunda fase identificada nesse estágio. À medida que os pais vão desconstruindo as suas próprias vidas, vão mudando o foco do casal para o papel de cuidadores. Os interesses passam a ser direcionados quase que exclusivamente para o filho e, através da afetividade e do vínculo de apego construídos, um espaço psicológico para ele é criado. Durante o processo de inclusão emocional do filho são introjetadas nos pais, a nova identidade de pai e mãe. Passa-se então a exercitar a

competência parental, envolvendo sentimentos, negociações entre o casal, experimentação de papéis, dentre outras.

O terceiro e último momento foi nomeado como “Reconstruindo a vida”. Ele refere-se às estratégias adotadas pelos pais a fim de retomarem a rotina de vida dando um novo significado a ela, tendo em vista seus novos papéis de pai e mãe. “Amor, força, realização, continuidade, completude, felicidade e satisfação são os sentimentos mais comumente expressos para explicar o que significa, nesse momento da vida, ser pais e mães” (BERTHOUD, 2003, p. 104).

O segundo estágio da vivência parental chama-se “Mães conectam ao mundo do afeto, pais levam ao mundo real” – o nascimento de uma relação entre pessoas. Nesse momento do ciclo da parentalidade os filhos encontram-se com idades entre 3 e 6 anos e já demandam dos pais outro tipo de relação, não mais apenas a de cuidadores. No que diz respeito à re-significação da parentalidade nesse momento do ciclo, o processo que faz a transição do estágio anterior para este é o re-significar dos filhos, pelos pais e mães, como pessoas. Sendo assim, o nascimento de uma relação entre pessoas é um fenômeno que caracteriza esse momento e permeia todos os movimentos psicológicos que então se desenvolvem.

A primeira fase, denominada “percebendo e questionando novas demandas”, tem início quando os pais percebem as novas demandas do filho, agora não mais um bebê, e as conseqüentes mudanças que deverão enfrentar como pais. A função parental é ampliada de “cuidador” para “educador”, na qual ensinar valores e regras e dar limites são funções que deverão ser equilibradas com as de dar afeto e educar.

“Avaliando as experiências vividas” apresenta-se como a segunda fase deste estágio e reflete o momento de questionamentos a respeito de como a parentalidade tem sido

vivenciada até então. Dessa forma, os pais que até então estavam voltados exclusivamente para o papel parental, começam a voltar-se para si e para suas vidas, no sentido de reconstruir as relações no sistema familiar e também social.

A última fase, “buscando novos caminhos”, é quando acontece a re-significação da parentalidade, seja de forma individual ou como casal.

Significando a parentalidade pode ser compreendido através de um paradigma que envolve sentimentos, ações/interações e produz como conseqüências uma nova maneira de significar e vivenciar a parentalidade. É um fenômeno que precisa de um contexto (novas percepções, questionamentos e avaliações, realizados em outras fases desse estágio), no qual começaram a ocorrer, e tem como propriedades: crescendo como pessoa, experienciando completude, idealizando a experiência, sentindo-se vinculado e atribuindo significados às tarefas da vida (BERTHOUD, 2003, p. 114).

O terceiro estágio, “fazendo um balanço” – a parentalidade no meio da vida, acontece quando os filhos encontram-se em idade escolar e o casal parental em “meia-idade”. É um momento de busca dos pais, e mães, por um maior amadurecimento pessoal e inter-relacional e os temas vivenciados dizem respeito aos papéis que os pais e as mães desempenham na vida, a competência parental e o significado pessoal da experiência de parentar.

As fases aqui identificadas são: “navegando em novos mares”, “fazendo um balanço da vida” e “reconstruindo a função parental” .

Quando a primeira fase tem início, os filhos estão na pré-adolescência e pais e mães ainda estão sentindo-se tranquilos e seguros em relação ao exercício da parentalidade. Com as mudanças percebidas no filho pela iminência da entrada na adolescência, surgem os desafios, os medos (principalmente os de falhar no papel de educador) e a necessidade de re-significar os papéis.

A segunda fase destaca-se como um momento central do estágio, visto que demonstra um movimento de reavaliação da vivência da parentalidade. Os filhos não mais necessitam de tanto cuidado e surge espaço para questionamentos nos pais e nas mães a respeito de si mesmos, de seu parceiro, seus relacionamentos e escolhas feitas até então. É o momento aonde fazem um balanço de suas vidas e questões a cerca do futuro também são comumente levantadas.

“Reconstruindo a função parental” é a fase na qual é vivenciada uma sensação de estranhamento em relação a esse “novo filho”. A re-significação da parentalidade é dessa forma requerida para que seja possível a adaptação às novas demandas do filho.

O quarto estágio é aquele no qual os filhos entram na adolescência e enfrentam importantes mudanças desenvolvimentais. Pode ser melhor compreendido através de suas quatro fases: “avaliando a auto imagem”, “percebendo o filho”, “avaliando a competência parental” e “significando a parentalidade”.

Na primeira fase é observado um movimento que até então não havia aparecido, o de voltar-se para a reavaliação exclusiva da função parental desenvolvida. Esse é um momento de grande investimento emocional para os pais, independentemente se o vivenciam como uma “crise” ou não.

A segunda fase é experienciada pelos pais e mães de forma ambivalente, em ressonância à ambivalência vivida pelos próprios adolescentes, “ora os pais e mães dão liberdade e espaço para que os filhos sejam autônomos e tomem as decisões que desejam, ora são mais possessivos e dominadores” (BERTHOUD, 2003, p. 129).

“Avaliando a competência parental” é o processo que possibilita aos pais e mães avaliarem suas funções e adotar estratégias que possibilitem o investimento na tarefa de preparar o filho para o mundo, mostrando caminhos, orientando e transmitindo valores.

Para que a parentalidade possa ser re-significada nesse estágio, é necessário que pais e mães questionem crenças, avaliem os desafios do momento percebendo e elaborando seus sentimentos de medos e de impotências. Por crenças, Berthoud (2003) compreende os “sentimentos, estereótipos e imagens, construídos ao longo da vida, que permeiam a significação que é atribuída, tanto ao exercício da função parental, quanto ao período da adolescência propriamente dito [...]” (p.131).

O último estágio da vivência parental é denominado “O Filho-Outro”, uma vez que agora, para os pais, os filhos são como eles – outros adultos. Caracteriza-se pelo relacionamento de “iguais” entre pais e filhos e é um momento que suscita grandes mudanças nos papéis parentais.

De acordo com a autora, em um primeiro momento os pais sentem-se impactados ao perceberem que o filho começa a gerenciar a própria vida. As novas configurações que se estabelecem trazem mudanças nas negociações dos valores de autonomia, liberdade, individualidade e responsabilidade entre pais e filhos. As novas vivências em relação ao filho, agora adulto, acabam surpreendendo os pais e levando-os a “se reverem como pessoas, para compreender e re-significar o como podem, agora, exercer a função parental” (BERTHOUD, 2003, p. 133).

Quando os filhos prolongam o tempo de permanência em casa, valores e regras necessitam de ser reavaliados no relacionamento entre pais e filhos e as vivências se intensificam. O sentimento da iminência da saída de casa está sempre presente e quando os filhos saem, física ou simbolicamente, instala-se o que Berthoud (2003) chama de “crise de separação”.

“Reconstruindo a auto-imagem”, “significando a parentalidade” e “significando a relação” são as três fases que caracterizam esse estágio. Reconstruir a auto-imagem requer

reavaliarem a si mesmos e a função parental. Esta última, no entanto, perde a importância de reavaliação que tinha em comparação com os estágios anteriores, uma vez que nesse momento pais e mães já significam a si mesmos como tais e o sentimento da parentalidade já está sedimentado.

Reconstruir a auto-imagem relaciona-se diretamente com a maneira como pais e mães percebem-se e significam-se enquanto pais e mães. É comum nesse momento o aparecimento da sensação de “missão cumprida”, além do desejo pela continuidade do exercício de parentar, sendo muitas vezes expresso através da chegada dos netos.

O terceiro processo desse estágio representa aquele no qual a relação entre adultos é significada e pais e filhos descobrem-se como “um outro” com quem se pode compartilhar a vida. De acordo com Berthoud (2003), “aceitando o crescimento, aceitando companheirismo, invertendo papéis e filhos ensinando, são os conceitos que retratam o movimento de mudança na relação parento-filial” (p.140).

É essa relação, a do “filho-outro”, que pretendemos investigar através desta pesquisa, compreendendo como ela se estabelece entre os pais e os filhos adultos que permanecem residindo na mesma casa.

2.3 PARENTALIDADE PROLONGADA

A parentalidade prolongada diz respeito à função de pai e mãe estendida ao longo do ciclo vital decorrente da permanência do filho adulto na casa paterna. É um fenômeno característico da sociedade contemporânea, tendo ganho visibilidade a partir dos anos 90.

O prolongamento da parentalidade é caracterizado pelos filhos “cangurus” e “bumerangues”; constituindo-se em objeto desta pesquisa apenas os pais de filhos cangurus. Os pais que hoje lidam com filhos cangurus e bumerangues são os mesmos que nas décadas de 60 e 70 ocupavam o lugar de filhos. Para a geração daquela época, conhecida por sua “rebeldia” e pelos fortes ideais de liberdade, sair da casa dos pais era a primeira consequência natural dos valores externados. Diante de uma realidade familiar de hierarquias rígidas, ser jovem era ir em busca de seus sonhos, era romper com o que a sociedade e mesmo a família pregavam, unindo-se a outros jovens que compartilhassem dos mesmos ideais (JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004; LOPES, 1999). Bastante comum na época eram os movimentos hippies, os quais eram integrados por jovens que saíam da casa dos pais para morarem em repúblicas, barracas ou em comunidades hippies. A liberdade e a busca de independência eram sinônimos de realização pessoal.

De acordo com Jablonski, Féres-Carneiro e Henriques (2004):

Foi em um cenário de ataque à família que a geração dos anos 60 - geração paz e amor – viveu seus tempos de juventude e estabeleceu uma ruptura em relação a seus pais. O espaço familiar constituía uma microarena na qual eram vividos conflitos e coexistiam diferentes visões de mundo; era um importante terreno de contestações dos jovens de então. Acreditamos que a partir dessa ruptura e ao lado dos seus ideais libertários, aqueles jovens traçaram para si um projeto de vida familiar oposto ao de seus pais (p.23).

Os jovens que hoje são filhos de pais da geração dos anos 60 e 70 herdaram, em consequência de todo esse movimento vivido e das mudanças pelas quais passaram as famílias, a liberdade no convívio familiar. Hoje, mesmo residindo na casa dos pais, os filhos possuem uma vida bastante independente. Em alguns casos inclusive, o filho,

principalmente nas camadas médias e altas da população, encontra-se isolado do convívio familiar, porém, usufruindo das condições propiciadas ali, como moradia, comida, roupa lavada, carro, entre outras.

Os filhos cangurus comportam-se, no atual contexto da sociedade brasileira, de forma claramente oposta à de seus pais quando estavam na condição de filhos. A ausência do confronto de gerações e a abertura ao diálogo e às negociações entre pais e filhos, diferentemente do que acontecia nas gerações passadas, aliada à comodidade do lar e à liberdade oferecida pelos pais, contribuem para a permanência do filho em casa e conseqüentemente, para o aparecimento do fenômeno do ninho cheio.

Aliado a esses fatores, a família continua sendo o local de proteção, amor e abrigo para os indivíduos. Sendo assim, vale ressaltar os sentimentos e papéis complementares vivenciados entre pais e filhos que dificultam a diferenciação dos mesmos e a possível separação. Além disso, o aumento da violência no contexto das grandes cidades brasileiras e do número de mortes principalmente entre jovens, também podem contribuir para a atitude superprotetora dos pais.

Ser pais de filhos adultos que ainda residem na mesma casa implica em transformações nos papéis parentais desempenhados ao longo do ciclo vital, bem como nos sentimentos, vivências e projetos desses pais. O relacionamento com os filhos, agora adultos, configura-se de uma nova forma, despertando novos sentimentos e percepções na parentalidade. Segundo Berthoud (2003), “o principal significado que os pais e mães se atribuem como pais e mães de adultos é o de ser um apoio para o filho. [...] A relação com o filho passa a ser re-significada como uma relação de amizade, confiança, de iguais, bastante próxima, íntima e gratificante.” (p.139). Porém, é comum que o papel de cuidador, típico da parentalidade, permaneça de forma marcante.

Em sua pesquisa sobre o ciclo vital, conforme citamos no capítulo anterior desta pesquisa, Cerveny e Oliveira (2002), ao discorrerem sobre a questão da vivência parental na fase madura da família, criaram a categoria “construindo um modo diferente de parentar”. Dessa forma, as autoras procuram demonstrar os novos papéis que os pais assumem na vida dos filhos adultos, papéis que continuam sendo necessários e importantes, mas que agora possuem o momento certo de serem exercidos. Em relação a esse momento do ciclo vital para os pais, as autoras colocam:

Precisam aprender a deixar seus filhos ‘andarem com suas próprias pernas’, deixando-os livres para viverem suas vidas, aprendendo a esperar pela iniciativa do filho de solicitação e aproximação. Serão muitas vezes orientadores à distância, dando o apoio necessário a cada momento. Nos entaves do dia-a-dia, buscarão consenso, afinal estão lidando com adultos, mas percebem que, embora tenham filhos adultos, continuam a ser modelo para os mesmos (CERVENY; OLIVEIRA, 2002, p.99).

Uma melhora na qualidade da relação pais e filhos também pode ocorrer quando os filhos atingem a vida adulta. Os pais podem desfrutar de maiores ganhos emocionais uma vez que começam a perceber no filho “um igual” e portanto um amigo, com quem podem compartilhar a vida.

Diante da situação da possibilidade da saída dos filhos de casa, o sentimento de perda tende a aparecer permeando a vivência dos pais, mesmo quando esta é consentida por ambas as partes. Pesquisadores identificam a ambigüidade como o sentimento predominante na parentalidade (CAMARANO, 2004; JABLONSKI, 2005; HENRIQUES, 2003; OLIVEIRA, 2002). Sentimentos como alegria, alívio e orgulho em decorrência da autonomia do filho, contrapõem-se com sentimentos de perda e sofrimento.

Por um lado, os pais sentem-se perdidos não sabendo como agir a fim de não contribuírem para o comodismo dos filhos adultos em casa, uma vez que são eles quem propiciam todo o conforto para o filho. Por outro lado, os pais investem no prolongamento de sua função parental, podendo inclusive apegar-se excessivamente a algum filho, tendo em vista os ganhos afetivos e a necessidade de evitarem as adaptações e mudanças que virão decorrentes da saída do filho. “A partir dessa realidade, os filhos podem assumir o papel de ‘guardiões’ da relação dos pais, e os pais podem ‘agarrar-se’ aos filhos como uma forma de evitar o enfrentamento da nova condição do casal” (JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004, p. 26).

Umberson e Needham (2004) pesquisando sobre os efeitos da parentalidade no casamento, constataram que as transições nas etapas do parentar (como o nascimento de um filho ou a iminência de sua saída de casa) influenciam fortemente as relações do casal. De acordo com as autoras, o lançamento dos filhos da casa paterna pode ser benéfico para a qualidade do relacionamento conjugal e a coabitação com um filho adulto pode contribuir para a perda da qualidade na relação dos pais.

Nas famílias aonde o filho sai de casa e retorna, caracterizando o filho bumerangue, o retorno, em grande parte das vezes, é vivenciado pelos pais de forma bastante positiva. Os filhos são recebidos e tratados com todo o conforto, da mesma forma que acontece com os filhos cangurus, ou seja, aqueles que nunca saíram de casa.

CAPÍTULO 3

O Filho Adulto Solteiro

3.1 A TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

A fim de uma melhor compreensão do processo pelo qual o filho adulto passa até constituir-se como tal, faz-se necessário olhar para a etapa da vida que o antecede: a juventude. Ao olharmos para os processos biológicos pelos quais as pessoas passam, pode-se dizer que a adolescência e a juventude sempre existiram. Porém, foi apenas em torno dos anos 1900 que a “juventude”, então sinônimo de adolescência, começa a aparecer na Europa como tema literário e como foco de interesse de moralistas, de políticos e de pesquisas que se preocupavam em sondar o que pensavam esses jovens. Segundo Ariès (1981), a juventude apareceu como depositária de valores novos e capazes de renovar a sociedade velha em que viviam.

Nos Estados Unidos, foi na segunda metade do século XIX que ela começou a ser discernida socialmente. Essa noção de juventude que hoje permeia a sociedade contemporânea nasceu associada à identificação de uma “cultura adolescente”, relacionada à princípio com os problemas sociais que dela originavam-se, como por exemplo as atitudes delinqüentes dos jovens imigrantes. A legislação que definia a idade com que os adolescentes poderiam trabalhar, o surgimento da família contemporânea e o correspondente aumento da dependência dos jovens em relação às suas famílias de origem e as casas de correção para menores, foram contribuindo para esse olhar diferenciado em relação à juventude (PAIS, 2003).

A partir da década de 1950, tem início nos Estados Unidos um expressivo movimento de ascensão jovem, principalmente entre as camadas médias e altas da população. Uma identidade própria é constituída em torno dessa etapa da vida humana e uma consciência etária é delimitada, marcando a identificação entre os grupos jovens e os não jovens. No Brasil, a resistência ao golpe de 1964 e os movimentos da época contra a ditadura militar, eram liderados por jovens, fossem eles estudantes, artistas ou intelectuais.

No que diz respeito aos limites etários da juventude, a Organização Mundial da Saúde a considera compreendida entre 15 e 24 anos. A partir de então o jovem ingressaria na vida adulta. No entanto, essa classificação homogeneiza a vivência da juventude, não levando em consideração as variações segundo localização, cultura, classes sociais, raça, gênero, entre outras. Foi durante as décadas de 1980 e 1990 que o olhar da diversidade ganhou destaque e apesar dos limites etários o conceito de diferentes “juventudes” passou a ser priorizado no lugar daquele que focava nas suas similaridades e supunha a existência de uma “juventude” no singular.

De acordo com Camarano (2004), o limite inferior da idade da juventude está relacionado com o desenvolvimento das funções sexuais e reprodutivas. O limite superior que marca a transição para a vida adulta refere-se ao momento da conclusão do ciclo da educação formal, da inserção no mercado de trabalho e da saída da casa dos pais. Segundo Salomoni (2006), “tornar-se adulto é um processo que, seguramente, não pode ser fixado dentro de uma faixa etária única, por ser gradual e variável” (p.37). Pais (2003) sugere que o estatuto de adulto que os jovens vão adquirindo está relacionado a uma série de responsabilidades: ocupacional (trabalho fixo e remunerado), familiar e habitacional. Porém, o mesmo autor ressalta que ao considerarmos a juventude na sua diversidade, os caminhos que a levam para a vida adulta também se mostrarão flexíveis e diversificados e

devem levar em conta inclusive os novos arranjos nas composições das famílias. “O processo tradicional de transição – escolarizar-se, entrar no mercado de trabalho, sair da casa dos pais, casar-se e ter filhos – não ocorre hoje, necessariamente, nessa ordem” (CAMARANO, 2004, p.18).

Um exemplo que retrata bem essa realidade de múltiplas transições são as “trajetórias ioiôs”, como têm sido chamadas, uma vez que assim como o movimento do ioiô de idas e vindas, assim tem sido a trajetória de muitos jovens que alternam entre o sistema educativo e o mercado de trabalho, entre viver em casa própria e na casa dos pais ou ainda entre a conjugalidade e a vida de solteiro (PAIS, 2005).

Em consequência dessas diversidades, o período de transição para a vida adulta tem aumentado em grande parte do mundo. Camarano (2003), conclui em sua pesquisa que, nos 20 anos em que a analisou (de 1981 a 2001), a transição para a vida adulta ficou mais difícil. O tempo da saída do filho da casa dos pais, um dos aspectos que marca esse período de transição, tem sido adiado, contribuindo para difundir a idéia do “prolongamento da juventude” (PAIS, 2005; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004; CÂMARA, 1999). De acordo com Pais (2005):

Na verdade, como os jovens tendem a prolongar a estadia na casa dos pais, adiam a assunção plena do estatuto de adulto (estatuto, não identidade), quando ancorados a passagens estatutárias tradicionais (casamento e parentalidade, por exemplo) ou na adoção de comportamentos ‘adultos’ socialmente prescritos (p.112).

Um outro fenômeno ligado ao período do prolongamento da juventude tem sido conhecido como “adulescência” (JABLONSKI, 2005; OUTEIRAL, 1994). Esse termo faz a união das palavras adulto e adolescência e caracteriza aquela pessoa adulta, geralmente

com idade superior aos 35 anos, que continua imbuído nos padrões de uma cultura jovem. O psicanalista Contardo Calligaris em artigo publicado sobre o tema em 20 de setembro de 1998 no caderno *Mais!* da *Folha de São Paulo*, afirma que em nossa sociedade moderna a adolescência tornou-se um ideal da vida adulta.

Maria Rita Kehl, na mesma reportagem, discorre sobre a “teenagização” da cultura ocidental. De acordo com a escritora e psicanalista:

O adulto que se espelha em ideais “teen” se sente desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de “adulto”, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar “do lado de lá”, o lado careta, do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam rock, funk e reggae como seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, freqüentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições (p.7).

São as condições sociais, pessoais, emocionais e familiares nas quais o filho adulto solteiro está envolvido e a forma como lida com elas que influenciará na manutenção da sua condição juvenil independente da idade que atinja.

As questões de gênero também suscitam formas diferentes de entrada na vida adulta. Geralmente, as mulheres possuem menor aceitação familiar de sua autonomia e diferenciação (CARTER; MCGOLDRICK, 2001). As questões próprias desse momento da vida, como intimidade, identidade, espaços ocupados na família, na sociedade e das escolhas sobre casamento e trabalho, são lidadas de maneira diferente entre homens e mulheres (SALOMONI, 2006).

Tendo em vista esse contexto de mudanças sociais e o prolongamento das características da juventude em adultos, alguns pesquisadores (PAIS, 2005; SILVEIRA, 2004; GROppo, 2000) fizeram uso de uma nova categoria intermediária entre a juventude

e a vida adulta, denominada “jovem adulto” (ou adulto jovem). Essa categoria abarcaria o filho solteiro com idade superior a 25 anos ainda residente com os pais e dessa forma vinculado a algum tipo de dependência dos mesmos.

Na presente pesquisa, escolhemos adotar o termo “filho adulto solteiro” uma vez que, apesar de ainda residirem com os pais, já trabalham e portanto não dependem financeiramente dos pais, possuem idade superior aos 27 anos e inferior aos 36 anos, um nível de independência maior do que aquele que a categoria “jovem” supõe e portanto são reconhecidos e assumem o “status” de adulto. De acordo com Camarano (2004), “levanta-se a hipótese de que a transição para a vida adulta pode estar ocorrendo mesmo na casa dos pais” (p.19).

3.2 O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO DO FILHO ADULTO

Separar-se dos pais e construir seu próprio caminho tem sido definido por diversos estudiosos da família (CERVENY; BERTHOUD, 1997; BOWEN, 1991; MINUCHIN, 1982) como uma vivência essencial para que o filho atinja a condição de adulto. No entanto, a necessidade de pertencer, de se sentir incluído num grupo, é uma necessidade básica do ser humano. A família, segundo Minuchin (1982), é o contexto natural para crescer e receber auxílio, e é ela quem garante a pertença do indivíduo ao mesmo tempo que promove a sua individuação. Para que o filho possa separar-se dos pais, pelo menos em parte, é necessário um certo nível de autonomia e independência, que permite por sua vez, a elaboração da sua própria identidade.

Pesquisando sobre o fenômeno do prolongamento do tempo de permanência do filho na casa dos pais, Ramos (2005), socióloga portuguesa radicada na França,

desenvolveu o trabalho intitulado: “Continuar criança, tornar-se adulto: a coabitação dos estudantes na casa dos pais” (Rester enfant, devenir adulte: la cohabitation des étudiants chez leurs parents). No decorrer da sua pesquisa a autora discorre sobre os conceitos de autonomia e independência do filho adulto no contexto da coabitação com os pais. Esses conceitos, conforme afirma, precisam ser relativizados, uma vez que existem muitas formas de “ser adulto”. Segundo Ramos apud Pimenta (2005):

A autonomia remete à idéia de que o indivíduo determina a si mesmo as próprias regras, enquanto a independência é um estado no qual o indivíduo se encontra desde que disponha de recursos (nomeadamente econômicos) suficientes para estar livre para atar laços com quem quiser. A autonomia é considerada uma percepção positiva de si à qual o indivíduo tende e difere da independência na medida em que esta aparece como emancipação da casa dos pais. A autonomia refere-se a categorias subjetivas, enquanto a independência se refere a categorias objetivas (p.401).

Para tanto, a autora apresenta uma nova definição de autonomia, a qual adotaremos neste trabalho, que remete à capacidade do filho adulto de julgar a si próprio e de reajustar seus métodos em função dos seus objetivos. Esse conceito é baseado na capacidade reflexiva, que confere ao filho poder sobre si mesmo (PIMENTA, 2005).

Um processo importante que envolve o jovem na sua transição para a vida adulta é o processo de diferenciação de si mesmo, o qual, dependendo da forma como ocorre, resultará em maior ou menor autonomia para o filho adulto. Para que possa ocorrer uma separação saudável da família de origem, Bowen (1991) propõe que o filho deve alcançar um bom nível de diferenciação de si mesmo em relação à própria família. Da mesma forma, para que o filho possa alcançá-lo, é essencial que seus pais também o tenham atingido em relação às suas famílias de origem.

De acordo com a teoria boweniana, a família constitui uma unidade emocional e é no relacionamento familiar multigeracional onde são observados os processos emocionais de uma pessoa. O eu (ou si-mesmo) “está ligado aos pais na geração passada, ao cônjuge na presente e aos filhos na futura” (BOWEN, 1991, p. 70). A família é vista como um sistema na medida em que o funcionamento de cada integrante afeta o dos demais. Os sintomas são portanto fruto desse contexto e não uma experiência isolada do indivíduo. Esses conceitos são influenciados por dois movimentos contrários observados nas famílias, o de união dos membros e o de busca pela individualidade.

Bowen (1991) enfatizou que quanto maior o grau de diferenciação que se é capaz de estabelecer em relação à família de origem mais adequada e livre de sintomas será a pessoa. Sendo assim, o filho adulto diferenciado demonstrará uma maior liberdade para desenvolver seus projetos de vida e desempenhar seus papéis sociais, emocionais, relacionais, entre outros.

A diferenciação do eu é um conceito intrapsíquico e interpessoal. Intrapsíquico na medida em que a pessoa diferenciada é capaz de separar de forma equilibrada sentimento/emoção de pensamento/razão e assim também diferenciar-se de outros, (diferenciação interpessoal). As pessoas diferenciadas são capazes de tomar posições definidas sobre as questões sem serem guiadas exclusivamente por suas emoções, uma vez que conseguem pensar nas coisas e decidir por si próprias e não apenas decidir com base na influência dos outros ou do que sentem. São também menos afetadas pelas condições de estresse e pelas mudanças nos seus sistemas de relacionamentos. Já as pessoas indiferenciadas têm pouca identidade autônoma e tendem a estar fusionadas emocionalmente com outras, fazendo sempre eco a elas. Um baixo nível de diferenciação é encontrado muitas vezes em pessoas que apresentam ligações emocionais não resolvidas

com seus pais. O eu indiferenciado é mais vulnerável às aflições da vida e apresenta uma maior tendência à disfunções, sejam físicas ou sociais.

Observando esses processos, Bowen (1991) desenvolveu uma escala de diferenciação do eu, na qual avalia, numa variação de 0 a 100, o nível que uma pessoa se funde a outra da família para criar um “eu comum”, denominado na teoria de Bowen de “massa egóica familiar indiferenciada”. A escala de diferenciação é um dos conceitos mais importantes da teoria e não se propõe a ser diagnóstica, mas representa o modo humano de funcionar em um mesmo 'continuum'.

Na parte mais baixa da escala, que vai de 0 a 25, situam-se as pessoas com um nível profundo de “fusão do eu” e baixa diferenciação. Este grupo de pessoas é pouco adaptável e cai com facilidade em desequilíbrios emocionais, uma vez que estão sustentados numa vida de sentimentos. No segundo quarto da escala, de 25 a 50, encontram-se os que têm uma fusão do eu menos intensa. Do nível 50 da escala para baixo, o mundo sensitivo predomina. Entre os níveis 50 e 75 estão as pessoas que possuem opiniões bem definidas em relação a temas fundamentais mas que quando submetidas à pressões podem tomar decisões puramente emocionais assumindo outras convicções a fim de não desagradar aos demais. Essas pessoas, apesar de sob pressão desenvolverem sintomas emocionais, solucionam-nos com maior rapidez. No último quarto da escala, de 75 a 100, encontram-se as pessoas mais diferenciadas; apesar de na prática o nível 100 não se concretizar. São pessoas que estão sempre seguras de suas opiniões sem serem rígidas. Estão abertas para novos pontos de vista sendo livres para moverem-se em qualquer sistema de relação. Assumem responsabilidade por si mesmas respeitando a si e ao outro.

Seguindo o conceito de Processo Emocional da Família Nuclear da teoria de Bowen, as pessoas, de forma geral, tendem a se desenvolver naturalmente em um

movimento de maior autonomia, resultando em um bom nível de diferenciação do eu. No entanto, um nível baixo de diferenciação dos pais em relação aos seus próprios pais e a ansiedade crônica dos mesmos são os fatores que impedem esse bom desenvolvimento na criança. Portanto, um baixo nível de diferenciação do eu pode ser transmitido de geração a geração.

O modo pelo qual é feita essa transmissão aos filhos do grau de diferenciação dos pais, recebe o nome na teoria boweniana de Processo de Projeção Familiar. De acordo com esse conceito, os pais podem transmitir para seus filhos diferentes níveis de diferenciação do eu, dependendo da forma como cada filho foi exposto à ansiedade dos pais. Geralmente o filho mais exposto será aquele menos diferenciado e por conseqüência, mais ligado aos pais e sob o controle dos mesmos. Seus irmãos, por outro lado, apresentam maior autonomia emocional e maior liberdade para investir em seus próprios projetos. Quanto mais os pais necessitam do filho para completar os seus eus parciais, mais o filho também precisará de outros para completar o seu. A necessidade que uma pessoa tem de uma outra para se completar é dessa forma trazida da família de origem e influenciará os relacionamentos futuros.

Bowen (1991) propõe um nível funcional de diferenciação do eu. Este tanto pode ser mais alto como mais baixo do que o nível de diferenciação básico da pessoa, dependendo das pressões internas do sistema. Se este funcionar de forma a, em condições de estresse, apoiar a pessoa, ela pode funcionar em um nível de diferenciação superior ao seu nível básico. No que diz respeito ao desenvolvimento familiar ideal, este ocorre quando os membros da família possuem um bom nível de diferenciação, baixa ansiedade e relacionam-se de forma saudável com suas famílias de origem.

Dessa forma, o processo de diferenciação do filho adulto, bem como do restante do sistema familiar – um baixo nível de diferenciação nos pais de suas famílias de origem influencia o mesmo movimento nos filhos – passa a ser uma das tarefas essenciais a ser cumprida nesta etapa da transição para a vida adulta do filho e da iminência de sua saída da casa dos pais. Conforme afirmam Anderson e Sabatelli apud Jablonski, Féres-Carneiro e Henriques (2004):

[...] sair da casa paterna representa um passo significativo em direção à diferenciação das figuras parentais. O estabelecimento de casa própria permite e requer independência financeira, funcional e emocional, como também, propicia a expansão da vida social para além dos limites do círculo familiar (p.10).

Porém, é importante ressaltar, concordando com Bowen (1991), que o fato da saída da casa dos pais e a conseqüente independência econômica não implica necessariamente dizer que o filho seja diferenciado ou mesmo tenha atingido um bom nível de autonomia, já que para o autor, a distância física e a autonomia financeira ainda podem incluir uma dependência emocional da família de origem.

3.3 NINHO CHEIO, GERAÇÃO CANGURU

O “ninho cheio” é um fenômeno que tem sido mundialmente percebido e caracteriza-se pelo aumento do tempo de permanência do filho adulto na casa dos pais.

Pais, Cairns e Pappámikail (2005), pesquisando sobre a transição para a vida adulta de jovens europeus distribuídos pelo Reino Unido, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Holanda, Dinamarca e Bulgária, constataram que apesar das diferenças entre os países, é

notório, quando comparado com as gerações predecessoras, o crescimento do prolongamento do período de residência e dependência de muitos jovens em relação a suas famílias de origem.

Nos Estados Unidos e no Canadá muito se tem falado sobre a “geração bumerangue”, também responsável pelo enchimento do ninho. A socióloga Mitchell (2005) define o fenômeno como a volta dos filhos para a casa dos pais depois da entrada no mundo adulto.

Na pesquisa “Ninho Cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem”, Silveira (2004), buscando identificar os motivos que levam o adulto jovem solteiro seguir morando com os pais, constatou, ao entrevistar filhos nas idades de 27 a 35 anos pertencentes a camadas médias populacionais da cidade de Porto Alegre, motivações explícitas e implícitas. Dentre as explícitas aparece a dificuldade de entrada no mercado de trabalho e da conquista de salários melhores, aliadas à dificuldade de deixar de desfrutar do conforto e da segurança que o lar parental oferece. Já as motivações implícitas, dizem respeito às tarefas familiares não cumpridas ao longo do ciclo vital que se arrastam e acabam dificultando a emancipação física e emocional do filho em relação à família.

Cerveney e Oliveira (2002), em sua pesquisa sobre o ciclo vital, criaram a categoria “cuidando de um ninho que não se esvazia”, ao caracterizarem as famílias na fase madura do ciclo. O termo “ninho cheio” apareceu mais recentemente na literatura em oposição ao termo utilizado para o estágio do ciclo vital já consolidado nas teorias psicológicas denominado “ninho vazio”. Esse estágio, também conhecido como “síndrome do ninho vazio”, conforme referido anteriormente, pressupõe que a saída dos filhos da casa dos pais seja uma transição bastante negativa, particularmente para as mães, uma vez que são as cuidadoras primárias (CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Kublikowski (2001), em sua pesquisa intitulada “A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade”, que culminou em tese de doutorado, não encontrou entre as mulheres pesquisadas o sentimento do “ninho vazio”, uma vez que os papéis maternos ainda estavam em ação. De acordo com a autora, a “síndrome do ninho vazio” é uma entidade em extinção, “pela ampliação do âmbito feminino de atuação, por adolescências prolongadas e por filhos que retornam à família de origem, acompanhados de netos” (p.220). Ainda segundo a pesquisadora, o “ninho vazio” pode representar para as mulheres a possibilidade da retomada de um tempo e espaço para si, sendo inclusive desejado.

O aumento do tempo de escolarização, principalmente no que diz respeito às pós graduações tão comuns de serem seguidas pelos jovens das camadas populacionais médias e altas e a difícil inserção no mercado de trabalho nos tempos atuais, sem dúvida têm contribuído para o crescimento do fenômeno do “ninho cheio”. No entanto, tem sido avaliada a possibilidade da escolha do próprio filho adulto em continuar morando na casa dos pais, mesmo com a independência financeira atingida (CAMARANO, 2004; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004; SILVEIRA, 2004). Essa escolha é parte do que caracteriza a “geração canguru”. Nesse caso, as comodidades do lar parental somadas à liberdade geralmente oferecida pelos pais nessa fase da vida, contribuem para o prolongamento da convivência familiar, apesar de já possuírem a condição financeira para saírem de casa.

Além disso, é comum os filhos “cangurus” nessas camadas populacionais buscarem salários condizentes com seus títulos e especializações, não se contentando com o primeiro emprego que lhes ofereça independência, mas desejando muitas vezes uma renda que possa lhes proporcionar um padrão de vida semelhante ao que tinham na casa dos pais. Por outro

lado, podem acomodar-se, tendo em vista o quadro de abundância que desfrutam em suas casas. Essas situações influenciam em uma manutenção da condição de desemprego ou de instabilidade profissional, retardando o tempo de encontro de um trabalho satisfatório que possibilite a saída da casa dos pais.

O fenômeno da “geração canguru” é construído na interação entre as esferas da família e do contexto social (JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004). Pesquisando sobre o tema em sua dissertação de mestrado apresentada na PUC-RS, Henriques (2003) constatou fatores intra-familiares e extra-familiares relacionados à constituição da geração canguru: as escolhas profissionais não ligadas diretamente às oportunidades do mercado de trabalho, a permissão para o sexo na casa dos pais, o conforto desfrutado com o padrão de vida da casa do pais, o adiamento do casamento e a diminuição das exigências e expectativas nos compromissos afetivos entre os pares, bem como a dificuldade de separação entre pais e filhos.

Sendo assim, o jovem adulto – diante do quadro de incertezas referente ao mundo do trabalho, das experiências afetivas e do mundo social – estaria optando por permanecer na casa paterna. Com isso evitaria possíveis conflitos ao se confrontar com a dura realidade fora dos domínios da família [...] Existiria no jovem adulto o medo de não encontrar um lugar estável na sociedade e no mundo do trabalho. Com isso, o espaço familiar tempera de alguma forma as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos na vida social (JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004, p. 13).

Segundo o artigo intitulado “Geração canguru influencia romance” (COSTA, 2006), o perfil do filho canguru diz respeito ao jovem na faixa etária entre 25 e 35 anos, com condições econômicas para ter sua própria vida, mas que prefere prolongar a permanência na casa dos pais. Namoram ou são noivos há anos e, em certos casos, não planejam oficializar a relação. Nesse mesmo artigo, a psicóloga Costa (2006) discorre a respeito de

sua pesquisa sobre o filho canguru, na qual, apesar de ter focado o público masculino, afirma não ter encontrado diferenças significativas de gênero ao comparar os seus resultados com outras pesquisas que levaram em consideração a filha mulher.

No que diz respeito às conseqüências emocionais do fenômeno “canguru” para os filhos adultos, estudiosos e pesquisadores da área concordam sobre a falta de uma autonomia adequada que os mesmos possam apresentar, influenciando em um sentimento de desorientação e de dependência emocional por parte dos filhos (JABLONSKI, 2005; SILVEIRA, 2004; HENRIQUES, 2003; PAIS, 2003; LOPES, 1999).

É importante ressaltar que a geração canguru desconsidera os filhos adultos que moram com os pais por falta de condições financeiras ou porque precisam cuidar dos pais ou familiares. De acordo com o artigo “A doce vida dos cangurus” publicado na revista Galileu (1999), nem todo jovem que more com os pais pode ser rotulado de filho-canguru, principalmente se o mesmo ainda não saiu de casa porque está estudando ou porque ainda não conseguiu um emprego.

Na presente pesquisa consideraremos a geração canguru aquela constituída dos filhos adultos solteiros, homens e mulheres com idade superior aos 27 anos e inferior aos 36 anos, que ainda residem na casa dos pais apesar de já possuírem a condição financeira para saírem.

CAPÍTULO 4

MÉTODO

4.1 Caracterização da Pesquisa

Buscando uma melhor compreensão do fenômeno a ser estudado e tendo em vista os objetivos norteadores desta investigação, optamos pela utilização da abordagem qualitativa de pesquisa.

Entendemos que o processo de escolha da metodologia na qual uma pesquisa basear-se-á, significa escolher o caminho a ser traçado para a investigação do fenômeno em estudo. No campo da ciência da Psicologia, onde o estudo da subjetividade está presente, torna-se necessária a utilização de métodos capazes de atingir o mundo dos participantes da pesquisa, sem desconsiderar o mundo do pesquisador.

A pesquisa qualitativa preenche esses requisitos e segundo Cezar-Ferreira (2004), ela é requerida quando o problema de pesquisa demanda uma visão inter-relacional dos dados coletados para sua análise, tornando possível a inclusão do pesquisador a fim de co-construir os significados com o entrevistado. Dessa forma, proporciona uma melhor compreensão do fenômeno a ser estudado à medida que o entende como uma realidade a ser construída na interação do entrevistado e do entrevistador e não como uma realidade pré-determinada.

De acordo com Turato (2003), a metodologia qualitativa preocupa-se com os significados que um indivíduo ou um grupo atribuem aos fenômenos que lhes dizem

respeito. É uma abordagem naturalística no sentido da relação que se faz entre os significados apreendidos com o contexto na qual os entrevistados se inserem.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, a classificamos como uma pesquisa descritiva, uma vez que procuramos compreender e descrever como os pais vivenciam o processo do prolongamento do período de permanência em casa do filho adulto solteiro. Sendo assim, visando um aprofundamento na análise das informações a respeito do fenômeno que investigamos, delineamos a pesquisa como um Estudo de Caso Coletivo (STAKE, 1995). De acordo com esse delineamento, procuramos analisar conjuntamente os casos a fim de investigar o fenômeno do “ninho cheio”, destacando tanto o que é comum quanto o que é particular em cada caso.

Entendemos que a abordagem qualitativa permeia toda a metodologia aqui proposta e permite um estudo mais aprofundado e contextualizado do fenômeno. Sendo assim, sua escolha justifica-se nesta pesquisa quando visa estudar os significados do fenômeno do “ninho cheio” para os pais que convivem em suas casas com seus filhos adultos solteiros.

4. 2 Participantes

Participaram desta pesquisa 06 (seis) casais de pais que se encontravam na fase madura do ciclo vital possuindo um ou mais filhos adultos solteiros residindo com eles. O número de casais de pais recrutados obedeceu ao critério de saturação (TURATO, 2003), no qual a quantidade de participantes é saturada quando ocorre a repetição sistemática das informações colhidas.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa de compreender a vivência dos pais em relação ao fenômeno e visando delimitar os participantes de acordo com as possibilidades

que foram aparecendo, optamos por realizar entrevistas com o pai e a mãe conjuntamente. Para tanto, selecionamos os casais de pais que fossem casados desde a primeira união e que ambos estivessem dispostos a participar juntos da entrevista.

As famílias foram selecionadas por indicação através do método denominado “bola de neve”. Esse método, de acordo com Turato (2003), localiza as pessoas pela indicação de conhecidos que, por sua vez, indicam outros possíveis participantes que estejam de acordo com os critérios da pesquisa. Em relação ao perfil do filho, os critérios considerados para a escolha dos pais participantes foram: filhos solteiros já inseridos no mercado de trabalho, com idade igual ou superior a 27 anos e inferior a 36 anos, residindo na mesma casa dos pais e que fossem provenientes de camadas médias populacionais urbanas.

O referencial adotado para a classificação dos participantes em camadas médias foi o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) demonstrado pelo SEADE¹. O índice classifica com vulnerabilidade baixa os grupos de pessoas que estão nos níveis altos ou médios da dimensão sócio-econômica, referindo-se à vulnerabilidade como a maior ou menor capacidade do indivíduo de controlar as forças que afetam o seu bem-estar. O índice leva em conta, além da renda familiar, a capacidade do grupo familiar em gerá-la, o local de moradia, a composição familiar, as condições de saúde e o acesso a serviços médicos, o acesso e a qualidade do sistema educacional, a possibilidade de obter trabalho com qualidade e remuneração adequadas, a existência de garantias legais e políticas, entre outros.

¹ Definição retirada do site do SEADE - <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/pdf/oipvs.pdf> , em jun/2006.

Perfil dos Pais e Mães Participantes e do filho adulto respectivo:

Casal de pais	pai e mãe 1	pai e mãe 2	pai e mãe 3	pai e mãe 4	pai e mãe 5	pai e mãe 6
Idade dos pais	54 e 55	55 e 49	Em torno dos 60	71 e 67	Em torno dos 55	55 e 51
Profissão dos pais	Economista e dona de casa	Diretor de empresa e dona de casa	Gerente adm (aposentado) e dona de casa	Comerciante (aposentado) e dona de casa	Empresário e gerente administrativo	Comerciante e dona de casa
Nome do filho adulto co-residindo	Grace, Dirce e Cris	Rodolfo	Vinícius	Soraia	Ralf	Carla
Idade do filho adulto	30, 29 e 27	31	28	33	27	27
Profissão do filho adulto	Engenheira, fisioterapeuta advogada	Engenheiro mecânico	Designer	Administradora	Engenheiro de produção	Publicitária
Escolarização do filho adulto	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Pós-graduação	Iniciou e parou a Pós
Irmãos		Beto (29) e Paulo (24)	Rogério (26) e Dulce (30)	Márcio, Renato, Alexandre (mais velhos)	Cristina (23) e Samuel (22)	Guto (23)

4.3 Instrumento

O instrumento escolhido para a compreensão da vivência dos pais sobre o prolongamento do tempo de permanência do filho adulto solteiro em casa foi a entrevista semi-estruturada.

A entrevista se valeu de um roteiro norteador composto por temas relacionados aos objetivos da pesquisa que pudessem servir como um guia, auxiliando na apreensão dos conteúdos narrados pelos participantes.

Assim sendo, o roteiro, conforme demonstrado a seguir, não foi utilizado de forma rígida e a partir dele e da forma como a entrevista desenvolveu-se, novas perguntas espontâneas puderam imergir.

1) Geralmente quando um casal tem filhos, imagina que estes um dia sairão de casa. Quando e como foi que vocês começaram a perceber que seu filho iria permanecer mais tempo morando junto com vocês?

2) Como é hoje o papel de cada um de vocês na vida desse filho adulto que mora em casa?

3) Como são negociadas com esse filho as questões de autonomia, independência e responsabilidade?

4) Como foi a saída de casa de vocês? Percebem alguma semelhança e/ou diferença com o filho adulto de vocês?

5) O que mudaria na vida do casal com a saída do filho de casa? Como é vivida essa conjugalidade hoje?

6) Que conselhos vocês dariam hoje, a partir da experiência que vocês têm, para um pai que se dá conta que tem um filho nos 30 anos e permanece morando com ele?

4.4 Procedimento

Os pais e mães indicados através do método “bola de neve” foram convidados para participar das entrevistas por meio de ligação telefônica feita pela própria pesquisadora.

Durante o contato telefônico, antes da realização da entrevista, foram explicados o tema da pesquisa, os objetivos, o sigilo das informações fornecidas, a guarda do anonimato da família, a finalidade do uso das informações, bem como a possibilidade do entrevistado desistir de participar da pesquisa em qualquer momento que julgasse necessário. Após a explicação e o aceite da família em participar, foi informado a respeito do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo I), assinado em duas vias pelo entrevistado e no

qual encontram-se reforçados os cuidados éticos da pesquisa além da autorização da gravação e utilização dos dados coletados através da entrevista. Uma cópia original do termo ficou em posse dos entrevistados.

A disponibilidade da pesquisadora para solucionar qualquer dúvida ou necessidade relacionada à pesquisa também foi ressaltada para os participantes.

O local e horário da realização das entrevistas foram indicados pelos pais e mães participantes. Em todos os casos, a escolha deu-se pela residência dos mesmos, todas situadas na cidade de São Paulo. O tempo aproximado de duração das entrevistas foi de cinquenta minutos.

Uma entrevista piloto foi realizada antes do início da pesquisa propriamente dita a fim de ser verificada a consistência do instrumento e o tempo de duração da entrevista, além de tornar o instrumento familiar à pesquisadora. Essa primeira entrevista foi desconsiderada, apesar de aplicada dentro do método proposto, uma vez que apresentou outras variáveis que acreditamos não serem o foco da pesquisa em questão, como por exemplo o fato do filho adulto ser filho único e um de seus pais entrevistado possuir uma doença significativa.

Uma segunda entrevista foi realizada seguindo-se a metodologia proposta. Através das duas primeiras entrevistas constatou-se a dificuldade em acessar a vivência e os sentimentos desses pais, uma vez que o conteúdo de suas respostas pareceram estar sempre focado no que diz respeito aos seus filhos. Sendo assim, e buscando tornar a entrevista menos diretiva e mais aberta às reflexões dos pais e mães, o roteiro foi seguido mas proporcionando o surgimento de novas perguntas no decorrer da entrevista. Após a gravação das entrevistas, as mesmas foram transcritas e seguiu-se às análises.

4.5 Análise de Dados

Seguindo o caminho proposto nessa metodologia, a análise dos dados colhidos foi conduzida de forma qualitativa. Utilizou-se ferramentas do método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) que permitiram descrever o conteúdo das entrevistas, construir categorias para sistematizar o tema e relacionar os dados encontrados.

À medida que as transcrições das entrevistas foram sendo lidas e relidas, o conteúdo das mesmas foi sendo assimilado pela entrevistadora permitindo a sua exploração e a comparação do conteúdo entre as entrevistas. Os dados foram ordenados observando-se os temas que apareceram em comum e que estavam em consonância com os objetivos de investigação da pesquisa. Desta forma as subcategorias emergiram e puderam ser agrupadas de modo a formar as categorias de análise.

O processo de análise das entrevistas teve como resultado a construção de cinco categorias, descritas da seguinte forma:

1. A permanência do filho adulto solteiro em casa
2. A convivência com o filho adulto solteiro em casa
3. Sentimentos envolvidos na parentalidade
4. Repercussões na parentalidade com a possibilidade de saída dos filhos de casa.
5. A relação conjugal com a presença do filho adulto em casa

4.6 Considerações Éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e obedeceu aos critérios estabelecidos em sua resolução. Para todos os pais e mães participantes foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1), foram respondidas as dúvidas relacionadas à pesquisa e à participação dos mesmos, e então o Termo foi assinado. O sigilo e a privacidade dos participantes foram garantidos à medida que os nomes foram alterados durante o desenvolvimento desta dissertação.

CAPÍTULO 5

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados apresentados nesta pesquisa são provenientes de entrevistas realizadas com seis casais de pais que convivem com pelo menos um filho adulto solteiro em casa. Dentre os casais de pais entrevistados, três são pais de filhos homens e os outros três, pais de filhas mulheres. Todos os filhos trabalham e apenas um não cursa uma pós-graduação.

Os dados foram apresentados e discutidos em forma de categorias e subcategorias. Ambas foram construídas levando-se em conta os conteúdos que emergiram nas falas dos pais e mães participantes e analisadas de acordo com a fundamentação teórica proposta nesta pesquisa.

Para uma melhor visualização e compreensão as categorias e subcategorias de análise foram dispostas em um quadro conforme apresentamos a seguir no quadro 1.

Categoria	Subcategoria
1. A permanência do filho adulto solteiro em casa	<p>1.1. Percepções acerca do prolongamento do tempo de residência do filho em casa</p> <p>1.2. Razões apontadas pelos pais para a ocorrência do fenômeno</p> <p>1.3. Semelhanças e/ou diferenças no tempo de permanência em casa entre pais e filhos.</p>
2. A convivência com o filho adulto solteiro em casa	<p>2.1. Percepções acerca da convivência</p> <p>2.2. Prolongando o papel de pai e mãe</p> <p>2.3. Novos papéis de pai e mãe</p> <p>2.4. Negociando liberdade e responsabilidade na convivência com o filho adulto</p>
3. Sentimentos envolvidos na parentalidade	<p>3.1. A ausência do filho em casa como um fator gerador de preocupação</p> <p>3.2. A permanência do filho adulto em casa dando satisfação aos pais</p>
4.Repercussões na parentalidade com a possibilidade de saída dos filhos de casa.	<p>4.1. A possibilidade da saída do filho de casa como algo difícil de ser enfrentado</p> <p>4.2. Preparado para a saída do filho de casa</p> <p>4.3. Desejando o ninho sempre cheio</p> <p>4.4. Projetos de vida para quando os filhos saírem de casa</p> <p>4.5. Repercussões na Conjugalidade</p>
5. A relação conjugal com a presença do filho adulto em casa	<p>5.1. Algo tranquilo</p> <p>5.2. Um espaço de transformações</p>

Categoria 1: A permanência do filho adulto solteiro em casa

Nesta categoria foram descritas as percepções dos pais sobre o prolongamento do tempo de permanência do filho adulto solteiro em casa. Ressaltou-se durante as entrevistas o momento no qual os pais começaram a se dar conta do fenômeno e como o estão avaliando, tendo em vista suas expectativas a respeito do tempo da saída dos filhos de casa. As razões e possíveis causas levantadas pelos pais para a ocorrência desse fenômeno também foram abordadas entre as subcategorias, bem como as relações de semelhanças e diferenças encontradas no tempo de permanência em casa dos pais no que diz respeito às suas famílias de origem.

Subcategoria 1.1: Percepções acerca do prolongamento do tempo de residência do filho em casa

Esta subcategoria discorre sobre o momento no qual os pais começaram a perceber que o tempo de permanência do filho em casa estava se prolongando ou então que, apesar do fenômeno ser presente, não haviam ainda se dado conta do mesmo.

“Eu nunca imaginei que elas com 30 anos iam tá aqui ainda... um dia desses elas tavam aí discutindo no quarto que vão trocar o beliche... (risos). Pô, com 30 anos vocês vão trocar o beliche... eu tô pensando que vocês tão pensando em apartamento pra mudar e vocês tão pensando em trocar o beliche? Vão ficar mais quantos anos aqui? Até brinquei com elas... né e até me chamou a atenção isso..”
(Pai 1)

“eu acho que foi depois que ele se formou eu acho, depois da faculdade...pra mim, eu comecei a sentir...porque ali era um momento que eu imaginava eu no lugar dele, se eu tivesse uma condição financeira eu sairia...” (Pai 2)

“bom, o Ralf é o mais velho, então, eu percebi que ele ia ficar mais tempo em casa né... é... quando ele estabilizou a vida pessoal dele, namorada, terminou os estudos né.” (Pai 5)

Nas falas dos pais fica demarcado o momento no qual começaram a perceber o prolongamento do tempo de permanência em casa dos filhos. No primeiro exemplo o pai 1 conta que começou a perceber quando as filhas, com idades por volta dos 30 anos, estavam pensando em trocar o beliche do quarto que havia sido comprado há oito anos atrás, ao invés de pensar em sair de casa. O segundo pai colocou-se no lugar do filho e avaliou que com a condição financeira do filho, idade e formação, já pensaria em sair de casa. Em ambos os casos, as expectativas dos pais em relação ao que imaginavam sobre o tempo da saída dos filhos de casa, não se realizaram, uma vez que os filhos continuam residindo em casa e sem planos concretos de sair. O pai 5 começou a perceber que o filho iria permanecer mais tempo em casa quando, apesar do filho já ter uma vida bastante independente e estabilizada como adulto, continuava em casa.

A fala dos pais demonstra a realidade atual da geração canguru que, conforme afirmam os pesquisadores da área (CAMARANO, 2004; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004), é uma geração que tem optado por continuar morando na casa dos pais, mesmo com a independência financeira atingida.

“eu nunca imaginei... não...rsrs...foi até uma coisa assim, eu achava interessante vê-los crescer e ficarem grandes, mas nunca tive assim...anteriormente nunca imaginei que fossem sair de casa...” (Pai 3)

“E eu também nunca fiquei imaginando assim..., mas eu pensei assim em oferecer o melhor tipo de ambiente, para que eles crescessem com a melhor harmonia e eu pudesse conviver com eles até o ponto que eu pudesse, não é... ou seja até o ponto que saíssem [de casa] ou eu não existisse mais” (Mãe 3)

“não, eu pensei somente assim quando casar né...” (Pai 4)

“eu ia criar eles e que só saiam de casa quando casassem e pra suas casas...” (Mãe 4)

“eu quando me casei e nós tivemos filhos, ate hoje inclusive, e eu digo hoje, no dia de hoje, 10 de agosto de 2007, eu nunca pensei nesse negócio de que dia eles vão sair e como é que vai ser” (Pai 6)

“eu também nunca pensei...”(Mãe 6)

As falas do pai e da mãe 4 demonstram que os mesmos nunca haviam pensado no fato do filho adulto ainda não ter saído de casa, visto que para esses pais a saída se daria naturalmente com o casamento. Já o pai e a mãe 6 afirmam que até o momento da entrevista nunca haviam pensado no processo e nem no tempo de saída de casa dos filhos.

Fica evidente nessas falas a ausência de uma percepção mais apurada acerca do prolongamento do tempo de residência do filho na casa dos pais. Um dos fatores que pode contribuir para influenciar esse fenômeno foi proposto por Jablonski (2004) quando analisa os pais que na época dos anos 60 estavam na idade que hoje se encontram seus filhos. Em função de todo movimento de quebra de rigidez vivenciado por esses pais quando jovens, acabam indo em um movimento contrário no que diz respeito a seus filhos, e proporcionam maior liberdade e comodidade no lar, mesmo sendo os filhos adultos e ainda residindo em casa.

Os pais podem portanto não perceber a permanência do filho em casa como algo gerador de conflitos, mas sim como algo natural, principalmente porque os filhos ainda não casaram e as expectativas da saída relacionam-se com esse fato. O adiamento do tempo de casar é um fator relacionado, uma vez que os filhos permanecem residindo mais tempo em casa e com o consentimento dos pais que esperam que esses só sairão com o casamento.

Subcategoria 1.2: Razões apontadas pelos pais para a ocorrência do fenômeno

As razões apontadas pelos pais para o prolongamento do tempo de permanência do filho em casa é outro aspecto que descreve a forma como os pais percebem o fenômeno. As razões indicadas pelos pais e mães entrevistados foram: insegurança, bom convívio familiar, apego à família, situação econômica do país, necessidade de fazer pós-graduação, poupar dinheiro, o fato de ainda não ter casado, a liberdade que dispõe em casa e o conforto da casa dos pais.

*“Eu não tenho nem noção porque elas tão em casa... nunca me passou isso pela cabeça... pode ser o fato de elas estar aí... pode ser esse convívio. Esse convívio deve tá pesando um pouco né. Ou **insegurança**. Eu sou o extremo... ou é 8 ou é 80. Ou é o **bom convívio** ou é insegurança. Eu não acho que elas são inseguras, né, pelo menos não é característica. Não é. Então, o que eu percebo delas, no máximo que pode ser aí, é o convívio. (...) acho que pra elas é **confortável** também. Você tá dentro do ninho o que que é né... as vezes você pode criar essa condição favorável também pode...” (Pai 1)*

*“o mais velho, ele sempre foi um **menino muito família**, muito “eu me sinto muito **inseguro**”...(...) ele se sente às vezes com muita insegurança no modo dele pensar, dele agir, com as pessoas né, então, a gente via que ia demorar sabe [para sair de casa]” (Mãe 2)*

*“é, o que eu notei é que já tá se tornando comum esse tipo de coisa, eles já vão ficando por mais tempo, até porque a **situação econômica do país** mudou, as atividades para se alçar vôo próprio estão mais difíceis, antigamente sem diploma a gente ainda conseguia ter um **salário suficiente pra casar**, pra ter um ganho razoável...hoje em dia não, hoje em dia eles são obrigados a **estudar mais**, se quiser comprar um imóvel, demora mais tempo pra comprar um imóvel...todo processo ficou mais lento” (Pai 3)*

*“que eu ia criar eles e que **só saiam de casa quando casassem** e pra suas casas...é, eu e ele pensava que [só saíam] quando casassem e pras suas casas” (Mãe 4)*

*“é que ela é muito **apegada** com a gente...ela é apegada assim com a mãe, com o pai também, então eu...” (Pai 4)*

*“Em casa ele tem **liberdade**, tem as coisas dele, tem o quarto dele...em casa tem liberdade pra sair, fazer as coisas dele, não tem controle de horário, então a casa funcionou como albergue, vamos chamar assim...rsrs...aí foi o ponto que eu achei que ele ia demorar mais pra sair...rsrs...porque a casa tava adequada naquilo que ele tava querendo, porque senão ele já teria...ele tem até imóvel fora, mas ele não se atreve a ir... porque ele acredita que ali está mais **confortável**...” (Pai 5)*

*“e eu acredito que ela vai demorar pra sair, mas é o que eu sinto, ela é super **apegada** à família, eu acredito que ela só vai sair daqui, talvez **no dia que ela casar** ou resolver ir morar num outro lugar sozinha, mas eu não acho que nem agora, acho que lá nos seus 30 e poucos anos que ela vai resolver fazer alguma coisa, eu tenho essa impressão” (Mãe 6)*

As razões levantadas concordam com as pesquisas realizadas sobre o tema. Silveira (2004) identificou motivos semelhantes, dando destaque ao desejo dos filhos de conquistarem salários melhores bem como à dificuldade de deixar o conforto que o lar parental oferece.

Quando questionado pela entrevistadora sobre que conselhos daria para um casal de pais que possuísse um filho nos 30 anos morando em casa e sem perspectiva de sair, o pai 6

relatou que falaria para os pais colocarem seu filho para fora, uma vez que o mesmo estaria sendo usado como uma “bengala” para os pais. Em seguida ele afirma:

“agora eu acho que é uma chantagem geral, entendeu, porque os filhos gostam de ficar em casa porque os pais dão tudo pra eles, eles têm uma vida independente, mas pra ele tá bom assim, é só dar um estalo de dedos que papai e mamãe estão ali, e ele leva a vida lá fora que ele quer, mas lá dentro de casa tá tudo tranqüilo porque os pais continuam dando suporte...um suporte logístico pra ele legal...rsrs...isso tá errado, mas em contrapartida os pais podem falar: nossa, só sobrou um filho aqui também né, nós vamos ficar sozinhos, é melhor ficar os filhos também né...e cria aquela coisa de não largar...” (Pai 6)

No mesmo sentido o pai 3 afirma:

“... eu acho até que existe uma certa cumplicidade por parte dos pais...”

As falas dos pais 3 e 6 indicam a percepção de uma complementaridade por parte dos pais do comportamento do filho de permanecer em casa, uma vez que este pode ser utilizado como uma “bengala” emocional para os pais que temem a solidão. Acreditamos ser esta complementaridade um dos fatores que se relacionam com a dificuldade dos filhos atingirem um maior grau de diferenciação do self conforme descrito na teoria de Bowen. Não atingindo um grau adequado de diferenciação, os filhos não demonstrarão uma maior liberdade para desenvolver seus projetos de vida e desempenhar seus papéis na vida o que pode levá-los a não se desvincilharem do lar parental.

Da mesma forma, Silveira (2006) discorrendo sobre as motivações implícitas da permanência do filho em casa, ressalta as tarefas familiares não cumpridas ao longo do ciclo vital que podem dificultar a emancipação emocional do filho em relação à família.

De acordo com Bowen (1991), o processo de diferenciação do self do filho adulto é diretamente influenciado pelo processo de diferenciação dos seus pais em relação às suas famílias de origem, ou seja, um baixo nível de diferenciação nos pais influencia o mesmo movimento nos filhos e pode contribuir para a permanência do filho no lar parental. Sendo assim, julgamos importante investigar a forma como os pais vivenciaram a saída da casa de suas famílias de origem e as semelhanças e/ou diferenças em relação ao mesmo fenômeno na vida de seus filhos.

Subcategoria 1.3: Semelhanças e/ou diferenças no tempo de permanência em casa entre pais e filhos

Buscamos nessa subcategoria identificar, juntamente com os pais, as semelhanças e/ou diferenças encontradas na vivência de pais e filhos quanto à permanência no lar parental.

Muito mais semelhanças do que diferenças foram levantadas pelos pais. No que diz respeito às semelhanças, é importante ressaltar a questão de gênero evidenciada nas falas:

“Já morava aqui [com os pais] e só saí pra casar” (Mãe 1)

“eu saí da casa de meus pais foi com 22 anos, que foi quando eu casei com ele né...” (Mãe 4)

“eu saí quando eu casei aos 23 anos...” (Mãe 6)

“eu presumo, porque aí eu sei de mim né, que foi porque realmente era bastante cômodo tá na minha casa, era bom tá na minha casa, porque tinha minha mãe, tinha meu pai, tinha uma vida tranqüila...” (Pai 6)

Da mesma forma como aconteceu com as mães, os três casais de pais de filhas mulheres afirmaram durante a entrevista que acreditam que suas filhas só sairão de casa para casar. O pai 6 afirmou ter criado a filha para ser independente e estar pronta para sair de casa assim que ela julgasse necessário, no entanto, em todos os exemplos de possibilidade de saída de casa da filha, referiu-se ao fato de “encontrar o amor de sua vida” e “casar”, concordando dessa forma com os demais pais de filhas mulheres.

Tendo em vista o adiamento do tempo de casamento observado na sociedade atual e destacado pela literatura (HENRIQUES, 2003), o tempo da saída dos filhos da casa dos pais acaba por ser também adiado.

Discorrendo sobre o fato de ter saído da casa de seus pais em um momento que julga ter sido tardio em relação aos seus amigos na época em que eram jovens, o pai 6 define o “comodismo” como causa de sua permanência em casa, sendo este também apontado como uma das razões da permanência do filho na casa dos pais.

“acabei saindo de casa com vinte e sete anos pra casar... (...)Era um pouco mais tarde sim, mas com uma diferença naquela época era diferente, dava pra comprar apartamento, dei entrada num apartamento, comprei um automóvel, a possibilidade de bens era muito grande, então casar foi uma extensão assim, natural” (Pai 3)

“com quinze anos, com dezessete anos eu morava em uma república em Taubaté, aí eu fui arrumar um emprego, eu consegui no banco na época... aí eu trabalhava como recepcionista, aí eu com dezenove anos eu vim pra São Paulo, eu comecei a trabalhar no mesmo banco (...) os meus filhos sabem disso tudo né de como foi a minha vida, então acho que por isso tudo eles avaliem como a vida deles está sendo boa, eles tarem convivendo com os pais, puderam né ter condição de estudarem, uma série de coisas que acontecem que as pessoas são impedidas de continuar” (Mãe 3)

“a minha necessidade foi maior né, eu vim de uma família de sete irmãos, então eu sou daquela historia de liderar esse bloco de gente, de sair pra vida, de arrumar condições de vida, (...) aí já pegaram a coisa pronta [os filhos]... até minha filha...

ela brincou, já tem a casa dela, não teve que começar do zero né...tava tudo pronto, a casa... Seria a maior besteira se eles quisessem partir do zero, né... seria jogar dinheiro fora, porque os pais já fizeram, né....” (Pai 5)

O pai 3 afirma ter saído de casa para casar, porém, em condições muito melhores do que as que seus filhos homens, caso saíssem hoje, teriam. A semelhança dá-se no fato dos filhos aguardarem uma “condição melhor” para sair de casa da mesma forma que o pai teve quando saiu. Poupar dinheiro e não baixar o padrão econômico de vida depois da saída de casa, foi uma das razões levantadas pelos pais na subcategoria 1.2 para a permanência dos filhos em casa, e é reforçada pelo pai 3 que só decidiu casar depois de ter atingido uma estabilidade em um padrão econômico de vida mais alto.

Como pode ser visto no exemplo da mãe 3 e do pai 5, as diferenças encontradas no processo de saída de casa entre pais e filhos também contribuem para manter o fenômeno da permanência do filho em casa. A trajetória difícil que esses pais tiveram para alcançar o que alcançaram hoje, em termos econômicos, os fazem desejar que seus filhos desfrutem do que já foi conquistado por eles.

Categoria 2: A convivência com o filho adulto solteiro em casa

A forma como pais e filhos adultos relacionam-se ao conviver sob o mesmo teto foi um tema que emergiu na fala dos pais e mães participantes das entrevistas. As percepções parentais a esse respeito, o prolongamento de papéis, bem como o surgimento de novos, e as possíveis negociações que podem surgir nesse contexto, foram discutidos através das subcategorias que seguem abaixo.

Subcategoria 2.1: Percepções acerca da convivência

Nesta subcategoria foram selecionadas as falas que indicam as percepções dos pais e das mães sobre a convivência com o filho adulto solteiro em casa.

Reconhecer a percepção parental acerca da convivência com o filho adulto em casa contribui para uma melhor compreensão a respeito da maneira como os pais têm vivenciado o fenômeno do ninho cheio e lidado com a geração canguru. De acordo com os participantes desta pesquisa, percebe-se de forma geral uma avaliação positiva acerca dessa convivência. Nos exemplos seguintes, fica evidente a ausência de conflitos relatada pelos pais.

“Eu acho que é ótimo né.” (Mãe 1)

“Eu não diria ótimo. Eu não vou ser otimista a esse extremo, mas é um relacionamento sereno, tem serenidade. Você não vê aqueles absurdos... Eu não classifico como ótimo porque sempre tem alguns probleminhas... É um convívio sereno.” (Pai 1)

“ela tá na mesma sintonia, é agradável pra ela, é agradável pra mim, então a gente só vai sentir se tiver mexido de um lado ou do outro” (Mãe 6)

O bom convívio familiar já tem sido apontado pelos pesquisadores (JABLONSKI, FÉRES-CARNEIRO, HENRIQUES, 2004) como um dos fatores relacionados ao aumento do tempo de residência dos filhos na casa dos pais. Cabe ressaltar que o bom convívio descrito pode muitas vezes ser fruto de pouco contato entre pais e filhos, uma vez que esses filhos agora adultos possuem suas vidas muito em função do trabalho e estudos.

Subcategoria 2.2: Prolongando o papel de pai e mãe

No decorrer das fases do ciclo vital da família bem como do ciclo da parentalidade, os papéis de pai e mãe vão sofrendo mudanças (CERVENY; OLIVEIRA, 2002; BERTHOUD, 2003). À medida que os filhos vão crescendo e tornando-se adultos menos cuidados e atenção exigem dos pais. No entanto, ao longo das entrevistas, ficou evidente nas falas as atitudes dos pais que demonstram seus papéis sendo estendidos independente da condição adulta atingida pelo filho.

Englobamos nessa subcategoria as falas que indicam os papéis de pai e mãe sendo prolongados mais do que transformados na convivência com o filho adulto em casa.

“eu... é sagrado, eu saio do serviço, os amigos vão pra happy hour, vai pra não sei o que, eu sempre, é religioso, vou pra casa, porque..., porque minhas filhas estão me esperando pra jantar. Eu costumo fazer isso religiosamente.” (Pai 1)

“inconscientemente a gente continua criando eles como filho, como criança, chamando ele de Rodolfinho, Paulinho, Betinho..você passa...não sei se é uma carência sua por carinho, você continua tratando eles daquela maneira” (Pai 2)

“mas eu gosto de arrumar, é uma coisa que eu gosto...o Rodolfo falou: mãe, eu prefiro que você fique sentada vendo televisão, que você vá fazer suas coisas do que ficar arrumando a minha cama...mas é um caso meu, de ajudá-lo, então...”(Mãe 2)

“é facilitadora, mas assim não é amiga não, amiga não, não é amiga eu não me vejo amiga eu me vejo assim responsável até certo ponto por aquela pessoa que nós formamos não é? (...) mas eu me vejo assim muito atuante , muito próxima quando chegam do trabalho, quando vai jantar eu fico sentada um pouquinho conversando, sempre, sempre muito com muita conversa, quando eu vejo que tem algum problema aí eu chego com jeitinho, senta aqui vamos conversar” (Mãe 3)

“o Ralf, ele é bastante...na parte de mãe ele é meio, como é que se diz...ele me procura bastante...” (Mãe 5)

“pra mim é uma criança, eu lavo roupa, passo, faço comida, me preocupo na hora dela chegar, da comida tá pronta...” (Mãe 4)

Voltar logo para casa depois do serviço, continuar desempenhando o papel de cuidadores como se fossem crianças, realizar as tarefas domésticas relacionadas ao filho, conversar buscando acompanhar de perto sua vida, aparecem como atitudes que prolongam o papel de pai e mãe, e que os mantêm desempenhando os papéis da mesma forma que quando os filhos eram mais jovens.

No exemplo que se segue, o pai destaca a força do papel de mãe que se faz presente no relacionamento com o filho adulto.

“Acho que quem mais cobra é a mãe, assim as atitudes deles, eu mais acompanho à distância... quando eu tenho a percepção de algumas coisas falo com ela o que está acontecendo, às vezes falo com eles também, mas não interfiro muito, acho que eles já são responsáveis então têm que assumir as coisas, quando eu vejo que tem alguma coisa fora do normal aí eu falo, mas assim no cotidiano é difícil eu interferir” (Pai 3)

De acordo com Cervený e Oliveira (2002), cuidar de um ninho que não se esvazia é um dos desafios enfrentados pelos pais e mães na fase madura do ciclo vital. A forma como procederão nesse cuidado leva-os a permanecerem no papel de pais e mães cuidadores mesmo tendo o filho tornado-se adulto. Segundo as autoras, cultivar uma relação infundável com os filhos, expressando constante preocupação pelo bem-estar dos mesmos, é comum nesse momento do ciclo vital.

Acreditamos que esse tipo de atitude por parte dos pais pode complementar a atitude dos filhos de permanecerem passivamente no cuidado de suas vidas, uma vez que elas continuam sob o cuidado dos pais. Diante desse cuidado tão presente por parte dos pais os filhos acomodam-se no lar parental, mesmo com condições financeiras para sair, e dessa forma a geração canguru vai delineando-se. A falta de uma autonomia adequada gerando

desorientação e dependência emocional também tem sido apontada como consequência do fenômeno “canguru” (JABLONSKI, 2005; SILVEIRA, 2004; HENRIQUES, 2003; PAIS, 2003; LOPES, 1999).

Diante das entrevistas, pudemos constatar que no geral são as mães quem mais apresentam esse tipo de comportamento. Apenas um pai entrevistado relatou proceder dessa forma com seu filho:

“inconscientemente a gente continua criando eles como filho, como criança, chamando ele de Rodolfinho, Paulinho, Betinho..você passa...não sei se é uma carência sua por carinho, você continua tratando eles daquela maneira” (Pai 2)

Os demais parecem estar conseguindo redefinir melhor seus papéis em relação ao filho adulto do que as mães, conforme demonstra a subcategoria seguinte.

Subcategoria 2.3: Novos papéis de pai e mãe

“Novos papéis de pai e mãe” é a subcategoria que fala dos novos papéis parentais adquiridos com a passagem do filho para a fase adulta. Alguns pais identificaram mudanças na sua forma de relacionar-se com o filho adulto e relataram-nas conforme exposto abaixo.

*“Eu vejo os pais assim, mais como **facilitador** da vida deles, se eu puder contribuir pra, sei lá eles comprarem alguma coisa porque tá morando em casa gastam menos do que se estivessem morando sozinhos, gastar assim em estudo, eles sabem que terão uma condição melhor de aproveitamento pra poder gastar onde quiser...” (Pai 3)*

*“olha, o meu papel hoje é sempre de dar **apoio** a ela...” (Pai 4)*

*“é uma **amizade**, vamos dizer assim, não é tanto de mãe...ah, minha mãe, eu preciso da minha mãe porque eu não sei fazer isso, não...ele gosta de ter uma opinião, ele...é bem amigo, eu acho que ele é bem amigo assim...”* (Mãe 5)

*“eu tento **apoiá-lo** sempre e corrigir se eventualmente tiver assim, que opinar se eles tiverem indo pra algum lado errado (...)”* (Pai 5)

*“então, hoje eu quero chegar nesse ponto, e só quando ela tiver uma dúvida eu vou tá aqui para **auxiliar**...”* (Pai 6)

Como afirmam Cerveny e Oliveira (2002), incorporar novos papéis e repensar os antigos são processos a serem realizados pelos pais na fase madura do ciclo vital.

De acordo com as falas dos pais, o papel de facilitador, apoio, amigo e auxílio têm sido construídos pelos pais no seu relacionamento com o filho adulto, concordando com o que indicam as pesquisas sobre parentalidade do filho adulto (BERTHOUD, 2003).

No que diz respeito às mães entrevistadas, apenas uma (Mãe 5) redefiniu seu relacionamento com o filho em uma relação de amizade. As demais demonstraram permanecer no prolongamento da função de mãe, procedendo de forma semelhante a quando o filho era mais jovem, ou seja, em um padrão de cuidado que muitas vezes parece infantilizar o filho adulto. Esse tipo de atitude por parte das mães, conforme demonstramos na subcategoria 2.2, pode complementar a atitude dos filhos de permanecerem residindo na casa dos pais além de contribuir para a manutenção da condição juvenil do filho (PAIS, 2005; CÂMARA, 2005; JABLONSKI, 2005; OUTEIRAL, 1994).

Subcategoria 2.4: Negociação de liberdade e responsabilidade na convivência com o filho adulto

Nesta subcategoria foram organizadas as respostas dadas pelos pais e mães entrevistados, quando questionados sobre como são negociadas com o filho adulto as questões de autonomia, independência e responsabilidade. Ao tornar-se pai e mãe de filhos adultos, faz-se necessário construir novas formas de relacionar-se. Nesse sentido, os valores de autonomia e independência, bem como das novas responsabilidades que o filho adulto agora é capaz de assumir, passam a ser negociados de forma diferente do vivenciado até então. Procurou-se, portanto identificar como têm sido para os pais e mães essas vivências.

“Então, elas têm iniciativa pras coisas que têm que fazer. Resolveram o problema. Essa semana chegou a conta do telefone, da net né... porque daí vem discriminado... e tavam lá, eu liguei, eu liguei...e pagaram. (...) O gás por exemplo, eu pago determinado valor. Não é questão de ter dinheiro ou não... então elas, com relação a gastar, passou o limite? Se vira... então elas têm umas despesas que elas se cotizaram aí. Não é guela abaixo.” (Pai 1)

Em relação às questões financeiras, os pais relataram, de forma geral, a independência dos filhos no sentido dos gastos pessoais. O único pai que afirmou receber ajuda financeira das filhas, apesar da boa condição que desfruta, foi o pai 1. De acordo com ele, essa postura das filhas de arcarem com algumas despesas da casa contribui para desenvolver nelas uma consciência de responsabilidade e valorização das coisas. Percebemos assim que os valores de responsabilidade têm sido negociados e cada vez mais estimulados pelos pais 1 na medida em que as filhas tornam-se adultas.

“isso aí nunca tivemos nada, tiveram total liberdade de trazer quem eles quisessem, nunca teve nada...se a gente visse alguma companhia, amizades deles, alguma atitude que não era legal, aí eu interferia... (...)mas hoje não tem mais, ele, os três na verdade, eles sabem muito bem como eu sou, o que eu gosto e o que eu não gosto, e eles... respeitam e não fazem nada que vá me contrariar...” (Pai 2)

“Eles têm total autonomia. A vida deles é normal eles entram e saem de casa a hora que eles querem, a gente não interfere muito mas eles também não podem abusar muito...” (Pai 3)

“Nós só começamos a permitir certa liberdade quando nós percebemos que eles tinham responsabilidade” (Mãe 3)

“olha, ela é uma moça tão responsável, que eu deixo mais na vontade dela sabe...mas às vezes assim, se passa alguma coisa – não que ela faça algo errado – mas assim, de dar opinião... (...) ela tem toda liberdade, se quiser trazer alguém pode, até é bom pra gente conhecer mais ou menos né...” (Pai 4)

“é, porque a gente sempre deu...Até que não... a gente não cobra nada, eu acho que eles são livres pra fazer o que...ele é independente em tudo” (Mãe 5)

A liberdade proporcionada pelos pais em casa parece ser uma característica marcante no relacionamento com seus filhos adultos, conforme as pesquisas já têm demonstrado (HENRIQUES, 2003; SILVEIRA, 2004). No entanto, como se pode observar nas falas acima, essa liberdade parece ser “regrada” por limites e responsabilidades discernidas pela parentalidade.

No que diz respeito à liberdade da presença de namorado em casa, principalmente os pais de filhas mulheres, conforme evidenciado na fala do pai 6, relataram seu incômodo caso essa situação ocorresse.

“ela não, ela nunca trouxe alguém [namorado] pra dormir em casa, isso é um ponto que comigo iria ser problema né, não ia dar certo de jeito nenhum...” (Pai 6)

Outro ponto levantado pelos pais e mães durante a entrevista foi em relação às responsabilidades domésticas do filho adulto. Apesar de algumas mães, como por exemplo a mãe 2 e a mãe 4 (conforme exposto na subcategoria 2.2), relatarem seu gosto pelos afazeres domésticos e prolongarem dessa forma seu papel de mãe cuidadora, os exemplos abaixo demonstram a responsabilidade do filho adulto em prestar ajuda na casa dos pais.

“mas eles continuavam fazendo algumas coisas, arrumar a cama, não deixar as coisas bagunçadas, o Vinícius tinha escritório, ele nunca deixou abandonado o escritório, sabe então eles colaboravam muito nesse sentido.” (Mãe 3)

“– ele arruma o quarto dele, eu nunca mandei...assim de...eu levanto as vezes e vou ver os quartos e o quarto dele já está arrumado...” (Mãe 5)

“se precisar ela faz tudo, arruma cama, faz comida, ela faz o que for necessário, e se ela não tiver que fazer nada, ela não faz, mas ela não foge de fazer quando acha que tem que fazer ou tá vendo que não tá feito e que ninguém faz, ela vai e faz por conta própria...” (Pai 6)

Fica evidente nas falas dos pais e mães entrevistados o bom funcionamento da rotina familiar no que diz respeito às regras da casa. As falas dos pais e mães demonstram a inexistência de conflitos, a liberdade proporcionada aos filhos dentro das regras da casa e a forma aparentemente tranqüila com que os filhos se adequam a elas. O assumir de certas responsabilidades pelo filho adulto também parece contribuir para a boa convivência familiar identificada nas famílias pesquisadas.

Categoria 3: Sentimentos envolvidos na parentalidade

Diante do fenômeno do ninho cheio, de pais e filhos adultos co-habitando, procuramos identificar os sentimentos daí emergentes na parentalidade. Por ser um fenômeno recente em nossa sociedade, compreender a vivência parental nesse contexto é também perceber quais os sentimentos despertados nos pais durante esse processo do prolongamento do tempo de permanência do filho adulto solteiro em casa e dos aspectos a ele relacionados.

Subcategoria 3.1: A ausência do filho em casa como um fator gerador de preocupação

Conviver com o filho adulto em casa é também conviver com a sua ausência, uma vez que, agora adulto e com compromissos mais definidos de trabalho, estudo e vida social, passa a permanecer cada vez menos tempo no lar parental. Diante dessa realidade, principalmente as mães relataram durante a entrevista o sentimento de preocupação despertado com este afastamento do filho da convivência diária. Pode-se também perceber diante das falas que o sentimento de preocupação das mães possibilita um maior controle sobre a vida dos filhos, levando-as a acompanharem seus horários, trajetos e atividades durante o dia mesmo quando não estão dentro de casa.

A violência das grandes cidades como São Paulo é um fator contribuinte para a insegurança dos pais sobre as idas e vindas dos filhos nas suas rotinas fora de casa.

*“Porque, preocupação, elas vão se desligando da gente, assim a gente não vê o que tá fazendo e agora também né, é muito **difícil**. A D. sai com o carro, eu fico **preocupada**. (...)No dia elas me ligam várias vezes... se elas não me ligam eu ligo...*

*sabe... Eu sinto muita **falta** delas. (...) e é horrível você ficar... porque elas não podem ficar ligando toda hora também, né... Você se sente **abandonada**, embora você tenha a casa pra cuidar, comida pra fazer e tudo mais... né” (Mãe 1)*

“me preocupo...me preocupo até com os filhos casados... eu sinto falta quando ela sai e não chega logo, eu fico preocupada também...” (Mãe 4)

É comum para as mães que se dedicaram ao longo de sua vida exclusivamente ao cuidado dos filhos e da casa sentirem de forma negativa a rotina adulta dos filhos. Além da preocupação constante com os mesmos, visto que continuam sendo o foco primeiro de suas vidas, podem sentir-se abandonadas como relatado pela mãe 1.

Subcategoria 3.2: A permanência do filho adulto em casa dando satisfação aos pais

Para os pais e mães entrevistados, ter o ninho cheio apareceu como um fator de satisfação. O sentimento de realização em decorrência da função parental sendo cumprida, ao mesmo tempo que vão percebendo o bom desenvolvimento profissional e pessoal dos filhos, predomina nas falas dos pais e das mães.

*“Isso me deixa **satisfeito**. Eu vejo que eles estão investindo neles próprios, ou seja, tá lá bancando o futuro deles com essa oportunidade de estar morando aqui em casa...” (Pai 3)*

*“Eu sinto assim uma **realização**, assim eu me sinto **vitoriosa**, eu acho que...eu me sinto assim bem dentro do papel mesmo de pais que nós estamos, eu vejo com muita **alegria** termos ficado até esse momento todo esse tempo nós todos juntos, e como meu marido falou, eu sinto assim um **respeito** muito grande né, nós respeitando nossos filhos e nossos filhos também com um respeito muito grande, então dentro dessa **harmonia** que eu acredito que nossa família se formou” (Mãe 3)*

*“é, eu tenho...eu acho muito **gosto**, até prefiro.. (...) ela tá na mesma **sintonia**, é **agradável** pra ela, é **agradável** pra mim.” (Mãe 6)*

O fenômeno do prolongamento do tempo de permanência em casa do filho adulto solteiro não apareceu nesta pesquisa como um fator de estresse para a parentalidade. Pelo contrário, sentimentos positivos foram ressaltados nas entrevistas, bem como a harmonia no lar. Acreditamos que o fato dos filhos já possuírem sua vida financeira independente, bem como suas rotinas fora do lar parental bem estabelecidas, contribui para esse sentimento nos pais.

Ver o filho estabilizando-se na vida profissional e poder ajudá-lo a construir algo mais sólido, à medida que permanece em casa e pode assim economizar nos gastos fazendo sua poupança, parece ser uma forma de apoio que traz satisfação aos pais. É como se o fato da permanência dos filhos em casa fosse, na visão dos pais, um *preparo* para alçar vôo, ou seja, saírem de casa, porém, mais preparados profissional e financeiramente do que estariam caso saíssem antes. Ao permanecerem em casa os filhos podem não apenas juntar dinheiro para adquirir melhores bens futuramente, mas também investir seu dinheiro em cursos de pós-graduação que os capacitem melhor para o mercado, o que para os pais e mães é sentido como orgulho e satisfação.

Na fala do pai 3 fica exposto o sentimento do pai de desejar ver o filho alçar vôo mais alto do que ele próprio pôde fazer.

“eu acho que a tendência dos filhos, é no início assim, quando alçam vôo, é cair um pouco em relação aos pais, pra depois recuperar, crescer e subir mais que os pais, é isso que a gente imagina como pai...” (Pai 3)

Categoria 4: Repercussões na parentalidade com a possibilidade da saída dos filhos de casa

Apesar do fenômeno da saída dos filhos da casa dos pais não ser o tema central desta pesquisa, mas sim a forma como os pais vivenciam o prolongamento do tempo de permanência em casa dos filhos adultos solteiros, achamos interessante discorrer sobre o assunto, tendo em vista a importância percebida e dada ao mesmo pelos pais e mães entrevistados.

O sentimento da iminência da saída dos filhos de casa está sempre presente na parentalidade de filhos adultos solteiros (BERTHOUD, 2003). Nesta pesquisa destacou-se alguns aspectos relacionados à possibilidade da saída, os quais trataremos nas subcategorias seguintes.

Subcategoria 4.1: A possibilidade da saída do filho de casa como algo difícil de ser enfrentado

O movimento natural dos filhos ao tornarem-se adultos é deixar o lar parental e constituírem suas vidas. No entanto, principalmente para as mães, a possibilidade desse movimento acontecer apareceu nas falas como algo difícil de ser enfrentado.

“Eu ia sentir muito a falta delas né... a falta delas. Vai ser difícil ficar longe. Seria difícil... na rotina... sempre vai faltar alguma coisa... sempre. (...) O lado sentimental é difícil. (Mãe 1)

“assim, eu ia sentir muita falta dela...” (Mãe 4)

Sentir falta em decorrência da separação pode caracterizar-se naquilo que já tem sido encontrado nas pesquisas sobre parentalidade (HENRIQUES, 2003; CAMARANO, 2004): o sentimento de perda. Berthoud (2003) afirma que no momento da saída dos filhos, os pais costumam vivenciar uma *crise* a qual ela definiu como “crise de separação”.

Durante a entrevista, quando discorria sobre a possibilidade de saída da filha adulta de casa, ou quando falava sobre o fato ocorrido da saída do filho caçula de casa para fazer faculdade em outro estado, a mãe 6 emocionava-se. A esse respeito o pai 6 comentou em relação à esposa:

“ela vai chorar, ela vai achar falta... ela... porque isso é da natureza da mãe... é da natureza dela, eu acho legal, acho até normal... quando ela se emociona... no começo da entrevista, várias vezes eu pensei que ela ia chorar... (risos), mas eu sei que é dela, tá certinho... mas eu acho que quando ela [filha] resolver sair, ela [mãe] vai saber que é o momento certo, ela vai sentir muito e vai chorar, mas ela vai gostar de qualquer maneira...” (Pai 6).

De acordo com Jablonski (2004), apegar-se excessivamente ao filho pode ser visto como uma forma dos pais manterem os ganhos afetivos e evitarem as adaptações e mudanças que viriam com a saída dos filhos de casa.

Na fala do pai 6 fica evidente a tendência de naturalizar o papel de mãe como algo mais frágil, mais sentimental e mais vinculado aos filhos. De acordo com Berthoud (2003), é no segundo estágio do ciclo da parentalidade, quando os filhos se encontram com idades entre 3 e 6 anos, que as mães passam a conectá-los ao mundo do afeto, e os pais ao mundo real (BERTHOUD, 2003). Essa distinção entre a mãe-afetiva e o pai-racional apareceu nos pais e mães entrevistados e permeia a forma com que os pais e mães lidam com o filho adulto em casa e a possibilidade de sua saída.

A felicidade e o sucesso que os filhos podem encontrar fora do lar parental parece atenuar os sentimentos enfrentados pela parentalidade com sua saída de casa, conforme pode ser melhor observado na subcategoria 4.2.

Subcategoria 4.2: Preparado para a saída do filho de casa

Principalmente os pais relataram estar preparados para o momento da saída dos filhos de casa. Encarar esse fato como um processo natural da vida e saber que os filhos são “criados para o mundo” deixa os pais mais preparados para lidar com a possibilidade da saída dos filhos de casa.

“Então quer dizer, eu sempre falei isso pra elas... eu crio os filhos pro mundo... não vão ser nossas a vida toda, eu crio os filhos pro mundo... (...) Mas eu tô preparado, né...” (Pai 1)

“...porque eu tô preparado pra eles saírem, pra eles casarem, pra tudo que pode acontecer de natural né...” (Pai 6)

“... se ela arranja um bom casamento e vai se sentir feliz, eu não vou sentir essa falta assim” (Pai 4)

Na fala do pai 4, a felicidade que a filha pode encontrar fora aparece como uma condição para o bom enfrentamento parental da saída da filha de casa.

Ainda discorrendo sobre a possibilidade da saída de casa das filhas e o fato de sentir-se preparado para enfrentar essa situação, o pai 1 utilizou a seguinte metáfora:

“Por exemplo, eu me sinto, particularmente, na seguinte situação: eu tô no ninho, eu e ela [esposa], nasceram os passarinhos e tão aí... nós alimentamos, saímos pra buscar comida, tal, tal... Uma hora vai voar, certo? A hora que vai voar? É o seguinte..., tem condição de voar ou não? Não vou deixar voar enquanto não... Eu quero te dizer o seguinte, hoje, se elas saírem voando, eu sei que elas vão chegar aonde elas querem. Concorda? É isso que eu tô falando... vai chegar aonde elas querem. Eu não vejo, em termos de dificuldades nossa, né, eu acho que não vai trazer dificuldade nenhuma. E no nosso dia a dia, se elas saírem de casa e forem... eu acho que essa afinidade que existia antes vai continuar existindo né, eu não vejo... isso não vai quebrar fácil.”

Na fala acima o pai relata que a saída das filhas de casa não acarretaria nenhuma dificuldade para ele. Ao mesmo tempo ele afirma que caso saíssem, elas chegariam aonde queriam e também que não quebrariam o vínculo já existente com os pais. Acreditamos que o fato do pai acreditar que as filhas atingiriam seus objetivos de vida, ajuda-o a sentir de uma forma mais positiva a saída das filhas de casa e prepara-o para tal momento.

Da mesma forma, acreditar que a afinidade e os contatos com os filhos permaneceriam da mesma forma, conforme relatado pelos pais e mães e exemplificado na fala do pai 1, pode tornar o processo de separação mais fácil, e ao mesmo tempo contribuir para a manutenção do “ninho cheio” mesmo após a saída dos filhos de casa.

Subcategoria 4.3: Desejando o ninho sempre cheio

Diferente do que muitas vezes pode ser observado nas pesquisas sobre parentalidade e o desejo dos pais de esvaziarem o ninho, nesta pesquisa, os pais, e principalmente as mães entrevistados evidenciaram o desejo de terem o ninho sempre cheio.

“A minha vontade é ter elas sempre junto... encontrar um apartamento... um prédio com um apartamento pra cada uma em cada andar... pra não ficar longe” (Mãe 1)

“então, o meu sonho é ter uma casa grande ou um apartamento grande e todos em casa, todos...” (Mãe 2)

Tendo em vista a realidade desse desejo parental, Cerveny e Oliveira (2003) criaram a categoria “cuidando de um ninho que não se esvazia” como resultado de suas investigações nas famílias em fase madura, uma vez que afirmam que *“o ‘ninho’ da família madura de classe média em nossa realidade parece estar sempre ‘cheio’ pela presença física ou emocional dos filhos e netos”* (p.117).

Subcategoria 4.4: Projetos de vida para quando os filhos saírem de casa

Identificar os projetos de vida dos pais para quando os filhos saírem de casa é também um indicativo do quanto os pais estão preparados para esse momento.

“mas eu imagino que se tudo correr bem, a gente continuar com saúde, tudo bem, eu acho que com 55 anos eu devo aposentar, no mais tardar até dezembro e vamos viajar bastante, Deus que nos conserve juntos e nós vamos viajar e curtir a vida... esse é o nosso projeto.” (Pai 1)

Traçar projetos para quando ficarem sozinhos em casa, sem os filhos, faz com que os pais percebam-se de forma mais independente, podendo inclusive ajudá-los a enfrentar de forma mais positiva a possibilidade da saída do filho de casa.

Durante a entrevista o pai 6 afirmou que na rotina presente ele e a esposa já têm procurado ir atrás de novas atividades e projetos, e quando for o momento dos filhos saírem de casa já estarão mais preparados, uma vez que continuarão vivendo na rotina que já se encontram sem sentir tanto a ausência dos filhos.

Subcategoria 4.5: Repercussões na Conjugalidade

A iminência da saída do filho de casa já tem sido apontado pelas pesquisas (UMBERSON E NEEDHAM, 2004) como um fator influenciador das relações do casal. Com a saída dos filhos, a atenção volta-se para o casamento e é o momento de rever a relação a fim de adaptá-la à nova realidade. No entanto, é comum que o casal evite olhar para a relação podendo inclusive apegar-se ao filho como uma forma de não enfrentar a nova condição do casal (JABLONSKI, 2004).

“ah, ela não liga mais pra namoro... (...) não, não ia não, ia ser pior...” (Pai 4)

Quando questionados sobre como seria a nova realidade conjugal quando a filha saísse de casa, o pai e a mãe 4 afirmaram que “seria pior”. Ambos concordaram que a presença da filha em casa ajuda a trazer mais harmonia ao casal. Percebe-se dessa forma que a filha do casal 4 pode estar assumindo o papel descrito por Jablonski (2004) de “guardiã da relação dos pais” e contribuindo para que a relação do casal não seja valorizada tal como é a relação parental.

“eu casei com ela porque eu a amava e continuo amando, entre nosso casamento e até agora, só foi vida de filho, então agora ela tem que cuidar de mim não tem?...o que eu quero é ter total liberdade, o que no nosso começo de casado a gente não teve...” (Pai 2)

Por outro lado, o pai 2 expressou seu desejo de desfrutar de mais tempo com a esposa, uma vez que, na visão dele, até o presente momento a relação parental sobressaiu à conjugal; como parece ter sido a vivência de todos os casais entrevistados.

“É... a gente não conseguiu imaginar o que é que vai acontecer” (Pai 3)

“De repente você vai arrumar uma loira... (risos) entendeu, a gente não sabe, por enquanto graças a Deus a gente tá bem” (Mãe 3)

Para o pai e a mãe 3, não existe uma idéia pré-concebida sobre como seria a vivência conjugal quando os filhos saíssem de casa. Quando questionado sobre a possibilidade da saída de casa da filha e uma melhora na relação conjugal, o pai 5 afirma que continuaria a mesma coisa e o pai 6 reflete em ambas as possibilidades.

“eu acho que continuaria a mesma coisa né...” (Pai 5)

“se a gente fica sozinho a gente pode, sozinhos, ficar mais junto ainda, mas sozinhos a gente pode ficar mais separados, você nunca sabe que ténue é o fio das relações... (...) Viver bem com minha mulher amanhã se eles forem embora, eu não sei tudo que pode acontecer, eu acredito que sim...eu, cadeira de rodas sei empurrar...rsrs” (Pai 6)

O lançamento dos filhos da casa paterna, de acordo com Umberson e Needham (2004), pode trazer qualidade para o relacionamento conjugal e a coabitação com um filho adulto em casa pode contribuir para a perda dessa qualidade. No entanto, esse fato não foi destacado pelos pais e mães participantes da pesquisa, conforme pode ser visto na categoria seguinte.

Categoria 5: A relação conjugal com a presença do filho adulto em casa

Compreender a visão dos pais sobre como é vivenciada a própria conjugalidade com a presença de “um outro igual” (BERTHOUD, 2003) em casa é o que se analisa nesta categoria.

Subcategoria 5.1: Algo tranqüilo

Diferente do que pode ser encontrado na literatura, que indica a perda de qualidade no casamento para os pais que convivem com filhos adultos em casa (UMBERSON E NEEDHAM, 2004), a visão dos pais entrevistados foi tida como *algo tranqüilo*. O único entrevistado que relatou um certo incômodo com a falta de tempo para investir no casamento uma vez que afirma viverem em função dos filhos, foi o pai 2; conforme descrito na subcategoria 4.5.

“Mas com relação ao casal, a gente vive a nossa vida, se tiver que sair um fim de semana a gente sai, sábado geralmente a gente almoça fora, domingo... só nós dois... se elas tiver junto, vai junto também, né. Eu... eu vou falar sinceramente, eu acho que nós seríamos menos felizes sem os filhos do que com eles. Isso eu posso te garantir com segurança. A forma como nós tamu vivendo com eles e sem eles em algum momento, acho que estamos vivendo muito bem.” (Pai 1)

“Elas nunca atrapalharam a gente em nada.” (Mãe 1)

“eu acho assim, que nós casal, eu e ela né, nós estamos assim, feliz...feliz dela [filha] estar junto conosco (...) ela tem o quartinho dela, nós temos o nosso...combinamos bem, não atrapalha...” (Pai 4)

“em casa ela não atrapalha de jeito nenhum...” (Mãe 4)

“eu acho que tá tudo normal...a gente entra no nosso quarto...rsrs...” (Mãe 5)

Conforme pode ser observado nas falas dos pais e mães descritas acima, o fato de possuírem um filho adulto em casa parece não interferir na relação conjugal. Acreditamos que essa visão dos pais pode indicar uma falta de olhar para a relação de casal uma vez estarem ainda muito voltados para os seus papéis parentais. Dessa forma, acabam não identificando conflitos na conjugalidade visto não atentarem para ela.

Dentro desse pensamento, quando questionado sobre a vida conjugal com a presença do filho adulto em casa, o pai 6 colocou em relação aos filhos:

“deixa eu fazer um parêntese: a gente vive muito para eles”

Subcategoria 5.2: Um espaço de transformações

Ainda discorrendo sobre a conjugalidade e a convivência com o filho adulto em casa, o pai 2 afirmou, em concordância com a esposa, que a presença dos filhos adultos em casa contribuiu para fazer do seu casamento um espaço de transformações. Os filhos participavam à medida que conviviam na mesma casa e presenciavam o amadurecimento na relação conjugal dos pais.

“eles [filhos] têm uma participação grande na nossa vida, por saber as transformações que o casamento sofre, porque você ficar casada trinta e três anos, não é verdade [para o marido], sofre transformações é lógico, né, o amor tem diversas faces, não é? E o verdadeiro amor é uma coisa tão ampla que, nós não vamos ficar falando aqui, mas é muito mais a cumplicidade, o respeito, a tolerância, a paciência” (Pai 2)

Acreditamos que essa forma de olhar a presença dos filhos em casa sempre do ângulo positivo foi um aspecto marcante nas falas dos pais e mães entrevistados. Para os pais, pensar no filho como um “obstáculo” para qualquer vivência pessoal ou conjugal parece ser inconcebível. Dessa forma as relações entre pais/mães e filhos adultos apareceu nesta pesquisa próxima da idealização.

De acordo com Cerveny e Oliveira (2004), a fase madura do ciclo vital, fase na qual todos os entrevistados encontram-se, é o momento propício para o casal redescobrir o prazer de estarem juntos, uma vez que o filho adulto agora vivencia uma rotina mais independente do lar parental, mesmo ainda residindo junto. No entanto, pode-se observar através das entrevistas que apesar da presença física do filho adulto em casa ter diminuído, sua presença emocional continua de forma marcante, levando os pais e mães a continuarem vivendo em função dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o ninho cheio segundo a perspectiva dos pais foi, desde o início, um desafio para mim. Primeiro por tratar-se de um tema tão atual e assim com poucas pesquisas realizadas sobre o assunto. Segundo porque, ao escolher a perspectiva dos pais, tinha em mente pesquisar um universo também pouco captado pelos pesquisadores, uma vez que a visão dos filhos parece ser sempre valorizada nas pesquisas, em detrimento da visão da parentalidade. Além disso, extrair dos pais as suas vivências pessoais em relação à experiência da parentalidade, sem que se remetessem sempre à experiência dos filhos foi outro desafio encontrado logo que as entrevistas iniciaram. Porém, trabalhando com um roteiro menos diretivo, pude levar os entrevistados a refletirem sobre suas vivências como pai e mãe de um filho adulto que ainda não saiu de casa, atingindo dessa forma o objetivo desta pesquisa.

Os desafios foram enfrentados, vencidos e enfim os resultados obtidos. Durante o processo de construção desta pesquisa, desde o resgate à literatura, até as entrevistas e análises, alguns pontos foram ficando evidentes e chamando a minha atenção, os quais procurarei descrever aqui.

Ao analisar as seis entrevistas ficou claro que, de forma geral, os pais e mães qualificam como “boa” a convivência com um filho adulto em casa. Em nenhuma das famílias pesquisadas apareceu qualquer indício de um relacionamento problemático, e nem foi classificado como ruim, por nenhum dos pais ou mães, o fato do filho mesmo adulto e com condições para sair, ainda permanecer residindo na casa dos pais. Acredito que essa vivência dos pais, em concordância com o que diz a literatura, é percebida dessa forma em

decorrência de alguns aspectos. A rotina atarefada dos filhos adultos leva-os a permanecerem pouco tempo em casa, reduzindo o tempo de contato com os pais, e conseqüentemente reduzindo também as possibilidades de atrito. Pude constatar que a rotina desses filhos adultos parece ser muito independente da rotina da casa e mesmo da rotina de seus pais. Em todos os casos pesquisados, os filhos adultos cursam, além da profissão exercida, um curso de pós-graduação, com exceção de uma das filhas que por excesso de trabalho ainda não havia conseguido terminar a pós-graduação, apesar de já tê-la iniciado uma vez e ter planos de continuar. Acredito que, neste sentido, a atual realidade do mercado de trabalho de exigir do jovem uma qualificação cada vez maior contribui para o estabelecimento dessa rotina de pouco contato entre pais e filhos adultos; mesmo que residam na mesma casa.

Os pais e mães pesquisados apresentam características semelhantes entre si não apenas no modo tranqüilo com que avaliam a permanência do filho adulto em casa, mas também na forma de relacionar-se com ele. No que pude perceber, os filhos adultos, em cada uma das famílias, são vistos pelos pais e mães com admiração. Relacionado a isso parece estar o fato dos filhos, nessas famílias, serem bem sucedidos profissionalmente por estarem bem empregados em boas empresas, com ritmos acelerados de trabalho e estudo, gerando um sentimento de auto-satisfação e dever cumprido nos pais. É quase como se o filho adulto, nessas famílias pesquisadas, representasse um “troféu”, uma vitória da família, dada a valorização que esses pais e mães fazem da vida profissional dos filhos. Sendo assim, o filho não representa um peso, como muitas vezes a mídia ou mesmo o senso comum pode sugerir sobre aquele filho adulto que ainda reside em casa. Pelo contrário, os pais parecem encarar a estadia do filho adulto em casa, mesmo que possuam condições

financeiras e idade para sair, como uma “fase” até eles decidirem que é o momento certo de sair, e sentem-se felizes em poder ajudar o filho de alguma forma.

Além disso, não apareceu nas famílias pesquisadas uma preocupação significativa dos pais e mães com o tempo da saída de casa dos filhos. De forma geral, os pais e mães parecem encarar esta, como uma realidade que deva acontecer naturalmente, mesmo que, em comparação com as gerações passadas, esteja ocorrendo tardiamente.

Por outro lado, pude perceber que algumas atitudes dos pais e mães podem estar complementando a permanência do filho em casa. Em algumas mães, por exemplo, fica explícito o apego excessivo ao filho, representado através de uma necessidade constante de contato durante o dia, e de uma dependência em relação ao filho. Nisso fica evidenciada a circularidade do fenômeno do ninho cheio nas famílias pesquisadas, uma vez que os filhos vão permanecendo em casa e encontrando muitas vezes no apoio dos pais uma razão para acomodarem-se ali.

Fico pensando que essas semelhanças encontradas entre as vivências dos pais e mães entrevistados podem estar relacionadas com a constituição similar dessas famílias. Todas provenientes de camadas médias e altas da população, com padrões mais tradicionais e conservadores da vida, com mães que trabalham em casa e pais já no final da carreira profissional, alguns inclusive aposentados e com filhos estabilizando-se na vida profissional.

Apesar do perfil de pai e mãe encontrado e da semelhança de conteúdo nas falas, não posso deixar de ressaltar a diversidade com que outras famílias em outros contextos poderiam vivenciar o fenômeno do ninho cheio, uma vez que o mesmo não se trata de uma categoria homogênea de estudo. Sendo assim, torna-se importante o nascimento de novas

pesquisas que investiguem o tema em outras realidades sociais, econômicas e culturais, entre outras.

Dentre os seis casais de pais e mães participantes deste estudo, as principais diferenças que pude constatar foram as que dizem respeito ao gênero do filho. No caso dos pais e mães de filhas mulheres a concepção da permanência em casa e da saída é vista de forma muito natural, acredito que pelo fato de ainda estar muito relacionada aos padrões tradicionais de casamento.

Outro resultado interessante que foi possível observar através dos relatos dos pais e mães nesta pesquisa, foi sobre o papel parental. Mesmo sofrendo mudanças e construindo novas formas de parentar com o filho adulto, conforme analisado nas subcategorias, os papéis parentais parecem ser supervalorizados pelos pais e mães em termos de sentimentos e qualidades aparecendo em segundo plano as vivências e papéis conjugais. Sendo assim, cabe aqui a reflexão sobre o quanto esses pais e mães podem estar perdendo em termos de suas relações conjugais ao priorizarem os seus papéis parentais, mesmo sendo esses filhos já adultos e já possuírem suas rotinas independentes da rotina da casa, mesmo que não totalmente, uma vez que continuam residindo nela.

O fato dos filhos permanecerem morando na casa dos pais mais tempo do que as gerações passadas, também parece contribuir para deixar esses pais e mães mais preparados emocionalmente para quando os filhos decidirem sair. Durante muito tempo pesquisas mostraram o impacto que a saída dos filhos de casa tinha nos pais, caracterizando o fenômeno do “ninho vazio”. Acredito que hoje este fenômeno perdeu força nas famílias brasileiras não apenas pelo nascimento do fenômeno do “ninho cheio”, mas também porque o próprio ninho cheio parece preparar para o “ninho vazio”, visto que o prolongamento do tempo dos filhos em casa vai tornando a idéia da saída mais aceitável para os pais.

O fenômeno do ninho cheio, principalmente dentro da perspectiva dos pais, ainda é um tema novo e pouco estudado na Academia. Acredito que o próprio fato dos poucos estudos existentes sobre o tema, fazem desta uma pesquisa relevante para a atualidade. Na minha opinião, o fenômeno do ninho cheio destaca-se como uma nova categoria dentro da fase madura do ciclo vital da família, onde a saída da casa dos pais era uma característica marcante dessa fase e que hoje, conforme observado através desta pesquisa, é marcada pelo prolongamento do tempo de permanência do filho adulto na casa dos pais.

Sendo assim, esta pesquisa contribui para a construção e para a ampliação de um conhecimento sobre o atual contexto da família brasileira, e vem auxiliar os profissionais da psicologia e áreas afins a trabalharem com a nova realidade que se faz presente.

Sem dúvida esta pesquisa não esgota o assunto, mas procura abrir caminhos para que outros estudos com novos recortes e aprofundamentos possam surgir sobre este tema tão atual e crescente nas famílias de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, C.; BURCKHARDT, E.; HOLANDA, A.; VENTURA, C.; SEARA, S.; LOIOLA, T. Fenômeno Canguru. **Revista Veja**. São Paulo, a. 39, p.112, fev. 2006.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BERTHOUD, C. M. E. **Re-significando a parentalidade**: os desafios de ser pais na atualidade. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2002.

_____. Visitando a fase de aquisição. In: CERVENY, C. M. O.; _____. **Visitando a Família a longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 28-57.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**. La diferenciación de si mismo em el sistema familiar. Barcelona, Espanha: Paidós, 1991.

BRASIL, S. Acomodados no Ninho. **Revista Veja**. São Paulo, a. 39, n. 20, p.68-70, mai. 2006.

CÂMARA, M. M. e CRUZ, A. R. Adolescência Prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. In: **Educar em revista**. Curitiba, UFPR, v.19, 1999.

CAMARANO, A. A. et alli. Transição para a vida adulta: novos o velhos desafios? **Boletim Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**. Rio de Janeiro, n° 21, p.53-66, 2003.

_____ et alli. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. **Última Década**. Valparaíso, n° 21, p.11-50, dez. 2003.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CHAVES, U. H. Família e parentalidade. In: **Família e...** CERVENY, C. (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CERVENY, C. M. O. **A família como modelo**. Desconstruindo a patologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

_____. Pensando a Família Sistemicamente. In: _____; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a Família a longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 15-27.

_____; BERTHOUD, C. M. E. e colabs. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____; OLIVEIRA, A. Visitando a fase madura. In: _____; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a Família a longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 85-126.

CEZAR-FERREIRA, V. A. da M. A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.6, p.81-95, 2004.

COLOGNESE, S. A., MÉLO, J. L. B. de. A Técnica de Entrevista na Pesquisa Social. In: **Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, PPGS/UFRGS, v. 9, 1998.

Dossiê Universo Jovem 3° MTV. **Portal da Faculdade IBTA**. Disponível em: <http://portal.ibta.com.br/cursos/ibtanews/ibtanews_5/downloads/dossie_mtv.pdf>. Acesso em: 10 de jun. 2006.

FAILURE TO LAUNCH. Produção de Tom Dey. EUA: Paramount Pictures, 2006. DVD. FIGUEIRA S. A. (org.). **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Coluna Gilberto Dimenstein**. São Paulo, edição de 12 de dezembro de 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Caderno Mais**. São Paulo, p. 5-7, edição de 20 de setembro de 1998.

FURMAN, E. **Boomerang Nation: How to Survive Living with Your Parents...the Second Time Around**. Estados Unidos: Fireside, 2005.

Governo do Estado de São Paulo. **Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE.O** IPVS. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/apresentacao.php> Acesso em: 07 jun. 2006.

GIDDENS, A. **Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOTO, C. Geração canguru influencia romance. **Jornal da cidade de Bauru**. São Paulo: jun.2006.

GROPPO, L. **A Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HENRIQUES, C. R. **“Geração Canguru”: O prolongamento da convivência familiar**. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

JABLONSKI, B. Atitudes de Jovens Solteiros Frente à Família e ao Casamento: Novas Tendências? In: T. Féres-Carneiro (org.). **Família e Casal: Efeitos da Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: ed.PUC-Rio, p. 93-110, 2005.

_____; Henriques, C. e FÉRES-CARNEIRO, T. A Geração Canguru: Algumas Questões sobre o Prolongamento da Convivência Familiar. **Revista PSICO**, n.35, v.2, p. 195-205, 2004.

KAMERS, M. Funções parentais? Reflexões sobre a infância, a estrutura e a história. In: **COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**, 5., 2006, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100044&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 27 Out. 2006.

KUBLIKOWSKI, I. **A meia idade feminina em seus significados: O olhar da complexidade.** São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LOPES, C. F. A doce vida dos filhos cangurus. In **Revista Galileu**. Rio de Janeiro: jun.1999.

MAYSELESS, O. Studying Parenting Representations as a Window to Parents' Internal Working Model of Caregiving. In: Mayseless, O. **Parenting Representations: Theory, Research and Clinical Implications.** England: Cambridge University Press, 2006.

MINUCHIN, S. **Famílias, Funcionamento e Tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MIOTO, R.C.T. Do Conhecimento Que Temos à Intervenção Que Fazemos: Uma Reflexão Sobre a Atenção as Famílias no Âmbito das Políticas Sociais. In: ALTHOF, C.R., ELSSEN, I. e NITSCHKE, R. G. (orgs.) **Pesquisando a Família: olhares contemporâneos.** Florianópolis: Papa-livro, 2004.

MITCHELL, B. A. **The Boomerang Age: transitions to adulthood in families.** Canadá: Transaction Publishers, 2005.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer - estudos sobre adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

_____ **Ganchos, tachos e biscates:** Jovens, trabalho e futuro. Lisboa: Ambar, 2005.

_____ et alli. Jovens Europeus: Retratos da diversidade. In **Tempo Social. Revista de Sociologia USP.** São Paulo, v.17, n°2, p.109-140, nov. 2005.

PIMENTA, M. M. Rester enfant, devenir adulte: la cohabitation des étudiants chez leurs parents. **Tempo Social – revista de sociologia da USP.** São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Mar. 2007.

REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

SALOMONI, S. R. **Do singular ao plural e do plural ao singular**. A rede de relacionamentos dos filho único adulto jovem. São Paulo, 2006, 180p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVEIRA, P. G. **Ninho Cheio**: A permanência do adulto jovem em sua família de origem. Rio Grande do Sul, 2004, 118p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

STAKE, R. **The art of case study research**. London: Sage Publications, 1995.

TURATO, E. G. As definições de métodos qualitativos na literatura das ciências humanas e da saúde. In: Turato, E.G. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, Editora Vozes, p.189-194, 2003.

UMBERSON, D.; NEEDHAN, B. L. **Parenthood, Parenting, and Marital Interactions**. In: BENGSTON, V.; ACOCK, A.; ALLEN, K.; ANDERSON, P.D.; KLEN, D. **Sourcebook of Family Theory & Research**. London: Sage Publications, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica
Núcleo de Família e Comunidade**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Mariana Grasel de Figueiredo como parte das exigências das atividades de mestrado em Psicologia Clínica do Núcleo de Família e Comunidade da PUC-SP, sob a orientação e supervisão da Prof^a Dr^a Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

Seguindo os preceitos éticos, informa-se que sua participação será **absolutamente sigilosa**, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo no relatório final do mestrado ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Pela natureza da pesquisa, sua participação tem baixa probabilidade de acarretar dano, podendo pelo contrário permitir maior compreensão do fenômeno tema da pesquisa em sua vida, o que poderá beneficiá-lo. A sua participação é voluntária, estando garantida a sua autonomia e liberdade. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone 0xx11 84946263.

A seguir forneço algumas informações gerais sobre esta pesquisa:

TEMA: “Ninho Cheio, Geração Canguru: A permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais”.

OBJETIVO: Compreender como os pais vivenciam o processo do prolongamento do período de permanência em casa do filho adulto solteiro.

PROCEDIMENTO: Entrevista semi-estruturada por meio de roteiro.

SUA PARTICIPAÇÃO: Participar da entrevista respondendo às perguntas e permitir a sua gravação.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para o ano de 2008, será redigido um relatório final contendo os dados e conclusões da pesquisa. Após o seu término, o mesmo estará disponível para consulta com a pesquisadora responsável no telefone supraindicado

ou na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri da PUC-SP, situada na Rua Monte Alegre, nº 984, no bairro de Perdizes da cidade de São Paulo.

Você tem total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Agradeço a sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribui para a construção de um conhecimento atual nesta área da Psicologia.

São Paulo, _____ de 2007.

Mariana Grasel de Figueiredo
RG 2.953.450

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar da pesquisa, solicitamos a sua assinatura em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Estando ciente das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu, _____, portador do RG nº _____, e eu _____, portador do RG nº _____ autorizo a utilização, nesta pesquisa, dos dados por mim fornecidos para fins de ensino e pesquisa, e a gravação em áudio da entrevista.

Data: _____

Assinatura: _____, _____

ANEXO 2

Entrevista 1

E: Entrevistadora

P.: pai

M.: mãe

P: *A única vez que eu vou ter liberdade na vida!*

E: Imagina né... só tem o senhor de homem na casa.

P: *Graças a Deus!*

E.: Então... quem são as pessoas que moram na mesma casa hoje?

M.: *A Grace, né... são três filhas...*

E: São três filhas?

M: *Cris. e a Dirce.*

E: Qual é a idade delas?

M: *A Grace 30, a Dirce 29 e a Cris 27.*

E: E a profissão delas?

M: *A Grace é engenheira, a Dirce é fisioterapeuta e a Cris é advogada.*

E: E sobre vocês, a profissão, a escolaridade...

P: *Bom, eu sou formado em economia pelo Mackenzie e fiz o MBA na USP em Sistemas financeiros e a escolaridade dela, fez até...*

M: *Fiz até o normal, pra professora... mas nunca dei aula.*

P: *Ela entrou na faculdade, na época ela fez letras, né... passou, mas... como nós tínhamos um projeto de vida naquela época né, com relação a casamento e filhos né... Eu principalmente tinha uma condição de análise com relação à criação de filhos, né. Eu achava muito errado os dois trabalharem fora e por exemplo, com a cultura dela, desprezar isso na criação dos filhos e a gente trabalhar fora o dia inteiro e deixar com uma empregada ou com quem cuidaria dos nossos filhos como se fosse o filho de alguém que não tem cultura nenhuma. Então nós pesamos isso muito na época. O nosso projeto de vida era assim, os três filhos e criar os filhos, né... de modo que não tivesse filho depois que tivesse é... por exemplo, vícios, desviados do caminho que a gente tentou... Então, nosso projeto de vida começou aí.*

M: *A gente queria estar sempre presente né.*

P: *Então a primeira opção que nós tivemos foi essa né. Um de nós dois... podia ser eu ou ela, quem tivesse, quem estava com o emprego melhor era eu, então nós fizemos essa opção. Foi nessa linha.*

E: E quantos anos vocês tinham quando casaram, contam um pouquinho a história do casamento...

P: 24.

E: Os dois?

M: *É... são três meses de diferença, eu sou três meses mais velha que ele só.*

E: Ah é? Quantos anos que vocês tem hoje?

P: *Eu tenho 54 e ela tem...*

M: *Vou fazer 55 agora em março.*

P: *E 30 anos de casado,né? Então na realidade foi na época do vestibular né... eu conheci a M. no...*

M: *No colegial...*

P: *É... aquela época era colegial... é que agora, depois virou ginásio né... Nós estudamos três anos na mesma escola e dois anos antes de começar a namorar com ela eu observava muito ela e aí no terceiro ano que nós começamos a conversar né... e quando eu fui conversar com ela eu já tava decidido que se ela aceitasse, ela ia ser minha mulher, né, porque eu já tinha... das pessoas que eu convivi, ela me chamava a atenção. Aí nós fomos fazer cursinho juntos né...*

E: *E moravam com os pais?*

P: *Sim, eu morava com meus pais e ela com os pais dela.*

E: *Aonde que era?*

P: *Aqui em São Paulo.*

M: *Aqui no bairro mesmo.*

E: *Ahãm*

P: *Eu cheguei em São Paulo em 71 né. Nós começamos a namorar em 74. Dia 10 de outubro de 74 e casamos dia 21 de maio de 76.*

M: *27 de outubro de 74.*

P: *É, 27 de outubro de 74. E casamos 21 de maio de 76.*

E: *Então saíram de casa para casar?*

P: *pra casar...*

M: *é.*

P: *Já tínhamos essa... por isso que eu falei, antes de tira-la de casa eu já tive essa certeza que eu ia casar com a mulher que eu tinha certeza que não ia fazer nada errado.*

E: *E já estavam trabalhando naquela época?*

P: *Já trabalhava, eu sou empregado no metrô desde 71. Já tinha uns 3, 4 anos de metrô naquela época. No escritório do metrô. Eu cheguei do sul, fui trabalhar numa empresa que colava caixa de papelão e tal... passei o pão que o diabo amassou aqui né... então... Eu morava numa pensão, dormi na rua também um bom período, 3 meses da minha vida eu tive dificuldades pra viver aqui porque eu não tinha parentes eu não tinha nada, mas consegui me acertar. Arrumei um emprego, nesse emprego eu trabalhei 1 ano mais ou menos e com o dinheiro que eu ganhava eu pagava a pensão e só tinha direito a banho, e de comida só café da manhã e no serviço eu tinha almoço, então eu não jantava. Depois de 6 meses meu irmão veio do sul pra cá, morava numa pensão junto comigo, nós alugamos a pensão pra morar juntos e infelizmente ele encheu a cara num final de ano e sujou a pensão da mulher lá e ela colocou nós dois pra rua e precisava, naquela época de fiador e “eu não tenho fiador”... então um bom período da minha vida eu vivi na rua e trabalhando e fui pra outra pensão e numa dessas aí eu conheci um engenheiro que me indicou lá, porque o metrô tava precisando... E no início da vida, o que acontece, você não tem muito conhecimento né... eu fui fazer os testes do metrô achando que tava empregado e aí pedi as contas no outro serviço que eu trabalhava, só que eu não tava empregado, tava participando de um processo de seleção com mais de 150 pessoas e no fim quando chegou nos 10 que eu vi que só tinham 10 pessoas na sala que daí eu percebi que só tinha 1 vaga e aquela turma toda e a gente tava em 10 e eu disse “tem que ser minha” ...*

E: *Mas então o senhor veio morar sozinho aqui...*

P: *Eu vim morar e depois trouxe os meus pais.*

E: Ah, então o senhor tinha quantos anos quando saiu da casa dos pais?

P: *17 anos. Eu vim pra cá por opção de vida né. Assim como você ta fazendo né. O mercado de trabalho na cidade que eu morava tinha o Ipiranga, a xxx, e a xxx que eram 3 empresas grandes, o resto era comércio. Então, eu tinha expectativa de trabalhar em empresa grande, e eu vim pra cá sonhando ser engenheiro eletrônico e eu fiz teste na Varig quando cheguei aqui e no Metrô e na Souza Cruz. Passei no Metrô e na Souza Cruz e na Varig eu fiquei na entrevista. Foi a coisa mais ridícula da minha vida, porque eu passei em tudo e na hora da entrevista técnica né, tinha uma sala comprida e tinha uma porta e eu entrei na porta e andei 5 metros e o entrevistador falou assim: "P. fecha a porta" e no que eu fui fechar a porta, a porta tava fechada. A porta fechou com a mola, né. Daí ele falou: "a entrevista acabou". Eu fiquei inconformado e daí perguntei: "Como acabou a entrevista?" E ele falou: "Ah, o senhor não pode ter dúvida". Eu não devia ter virado, eu devia ter falado pra ele: "A porta ta fechada". Imagina, uma pessoa, chega nova na cidade a cidade tem esse tamanho, digo vai passar um negócio desses na cabeça? Então quer dizer, então aí acabei entrando no Metrô.*

E: E aí o senhor trouxe os seus pais?

P: *Aí eu trouxe os meus pais. Ficamos morando aqui até 74.*

E: E quanto tempo vocês moraram juntos aqui?

P: *3 anos. Aqui em São Paulo. Eu ia traze-los... eu vim na frente pra traze-los de qualquer jeito.*

E: Veio 1 ano na frente?

P: *Vim 1 ano na frente. Em 72 mais ou menos, em maio de 72... menos de 1 ano... eu entrei no Metrô em maio de 71. Antes de finalizar 71 eu já tinha alugado um cômodo e cozinha na Praça de Árvore aqui e já tinha chamado meu pai e minha mãe.*

E: E aí vieram os dois...

P: *Vieram os dois. Eu tenho mais 1 irmão que veio junto também.*

E: Vieram os 3. E a senhora... já morava aqui e só saiu de casa pra casar.

M: *Já morava aqui e só saí pra casar.*

E: E em relação à rotina da família de vocês hoje? Como é que é? O senhor ta aposentado, ta trabalhando...

P: *Não, to trabalhando. Tenho 35 anos de empresa né, na mesma empresa... entrei em 71 como office boy, depois fui chefe da área do financeiro... tinha um plano de carreira lá que foi interessante e isso prova que eu tive sorte lá também porque você não precisa ser apenas competente tem que ter sorte também. É o que eu falo, tem que estar preparado e ter sorte também, sorte é que é o mais importante... preparado tem muita gente. Então eu tive... eu me preparei e tive sorte, porque o Metrô tem um programa lá que com 55 anos as pessoas quando aposentados ele dispensava né. E temos um programa também, uma espécie de previdência complementar que é pago pelos funcionários... então quando você se aposenta, você se aposenta com uma parte do seu salário. Então a maioria tem saído e tem aposentado. Mas eu no meu projeto de vida ainda devo trabalhar até o final.... até final do ano que vem.*

E: Até o final do ano que vem?

P: *Até o final do ano que vem... não desse, do outro. Eu faço 55 anos, agora em Junho eu faço 55 anos, poderia me aposentar, e já tem direito ao fundo de previdência. Mas como eu, no meu projeto de vida eu... nós discutimos muito isso né, eu... eu tenho um conceito que a gente vem ao mundo com nada e vamos do mundo sem nada, então tudo o que nós adquirimos ao longo da nossa vida eu sempre coloquei no nome das nossas filhas. Não tem nada no meu nome e nem no nome dela [esposa]. Eu só tenho esse imóvel que tá no meu nome porque você nunca sabe o dia de amanhã né. Mas esse imóvel tá no meu nome. Mas todas as propriedades que eu adquiri desde que nós começamos, por exemplo, elas tinham 3 anos de idade e já tinham imóveis no nome delas. Então, ou seja, tudo que adquiro, um dia vai ser delas. É egoísmo meu, a gente ter as coisas, e um dia nós vamos falecer porque a ordem a vida é essa... então não tem sentido eu ter uma coisa que amanhã vai ser delas. Os filhos, no nosso entendimento, nós trabalhamos pra eles. Percebe, então...*

M: *Vivemos pra eles, né.*

P: *Vivemos pra eles. Então não tem sentido a gente ter as coisas e foi nessa época que amigos meus eram donos de cartório e a gente tentou verificar o que podia... o que podia... como que eu poderia ter as propriedades no nome delas de modo que não criasse, sei lá, problemas pra ela, então... nós procuramos fazer uma coisa dessa aí... ta certo então? Essa foi a perspectiva de vida que nós começamos. Agora te explicando como foi que eu comecei a namorar com ela, nós estudávamos na mesma classe e tal e í no terceiro ano quando nós começamos a fazer o cursinho foi que nós acabamos nos conhecendo e aí no baile de formatura né... pintou o clima...*

E: Ah, foi no baile de formatura?

P: *Foi no baile de formatura.*

M: *Eu convidei ele pra ser meu padrinho.*

P: *Daí eu falei pronto é agora... daí começamos a namorar... daí no dia seguinte eu já fui na casa dela.*

M: *Há 33 anos atrás.*

P: *33 anos atrás.*

E: Falem um pouquinho mais como que é hoje a rotina da família...

P: *É... a nossa rotina... Você quer falar ou eu falo?*

M: *Não, pode falar.*

P: *A rotina nossa é de uma cidade grande, né. Então o que acontece... eu, desde que a gente começou a namorar, e casou e teve filhos, eu sempre procurava preservar algumas coisas... que eu acho que são importantes, por exemplo: a hora da janta. Se possível, interessante estarmos todos juntos, porque nada melhor que uma televisão desligada, uma família jantando, conversando, porque ali você sabe o que os seus filhos estão fazendo, não preciso ficar fiscalizando por fora, então, a forma de conversar, as amizades né que tem.. Então ao longo da nossa vida, até chegar na nossa rotina, nós sempre procuramos sempre estar presente junto com elas, aonde elas estivessem. Então por exemplo, eu tenho uma chácara no interior, então no início elas eram pequenininhas e a gente ia primeiro pra praia, depois, que a praia saturou, compramos uma chácara no interior, fiquei sócio de um clube. Lá no clube, os amigos que elas fizeram, eles estavam sempre junto com a gente, as más companhias não chegavam, porque o pai e a mãe tão... tinha jogo de basquete eu tava lá jogando basquete com elas ou tava junto na piscina nadando. Então elas sempre tinham... então esse crescimento que nós tivemos com elas, foi nessa linha, e a gente ta sempre junto né. Porque ali eu observava elas, observava as amigas tal, como é que se comportavam, isso presta, isso não presta, senão chamava pra conversar, porque são 30 anos, se a gente fizer as contas, pô são muitos dias né. Então você pega isso e multiplica em horas, a quantidade é muito grande. Então quer dizer, a gente não está que nem escoteiro, a gente tem que estar sempre alerta, não pode descuidar, mas foi o que nós procuramos fazer nesse processo. Então ao longo da nossa vida, nós tivemos etapas de rotinas. Rotinas quando elas eram pequenas, é... rotina quando elas se tornaram por exemplo adolescentes, e as rotinas de hoje né. Mas hoje, mais o que a gente procura é estar sempre junto com elas, né. Duas namoram, uma a D. namorava, mas terminou o namoro, graças a Deus. (risos) Mas as outras duas namoram, então quer dizer, eu tenho as minhas... né.*

E: Então o senhor trabalha durante o dia...

P: *Eu trabalho durante o dia, então quer dizer eu... eu sou um cara meio maluco né... E eu vou falar porque, porque eu estudo inglês há muitos anos, então eu sou aficionado com algumas coisas, por exemplo música, eu gosto de música, toco alguns instrumentos né... então, o que acontece, 6h da manhã... minha vida é assim, eu levanto 6h e eu faço minha aula de inglês pela internet, diariamente, religioso. Então né, vai até 7h, aí tomo meu chimarrão, né... daí feito isso ela [esposa] está nanando, daí 7h, 7h10min eu chego lá e digo "benzinho, ta na hora de acordar, vamos lá". (risos) Daí dou um beijinho nela, passo a mão por trás do pescoço, aí ela levanta, aí começa né a cuidar das meninas. A D. sai mais cedo...*

M: *A D. sai mais cedo.*

P: *Então essa é a rotina de hoje né. A G. sai umas 7h10min, daí toma banho de manhã e tal. De manhã é muito corrido, a gente pouco conversa. A C. geralmente vai comigo pro serviço, daí ela pega o metrô.*

E: Então todas elas trabalham.

P: *As 3 trabalham. As 3 formadas né. Então hoje a rotina é essa né. Na hora da janta geralmente estão todas aí né, então... Eu sempre procurei fazer isso porque eu por exemplo, eu... é sagrado, eu saio do serviço, os amigos vão pra happy hour, vai pra não sei o que, eu sempre, é religioso, vou pra casa, por que, porque minhas filhas estão me esperando pra jantar. Eu costumo fazer isso religiosamente. As pessoas lá até me... "Pô, você não..." Então, quer fazer uma festa, é sábado ou domingo, pq senão eu acho que é falta de respeito, né? Então isso de uma certa forma, também criou uma certa confiança nelas com a gente, com o pai, com a mãe né. E essa é a nossa rotina hoje.*

E: E vocês falaram que tiveram várias rotinas, claro né, dependendo da idade, do momento da vida, e quais assim vocês perceberam que foram os maiores desafios como pais pra passagem pra essa vida adulta de agora né... que elas tão.

P: *Daqui a pouco vai falar só eu né? (risos)*

E: Pode falar a senhora também...

M: *Mas ele é o orador...*

E: Não, são os dois... a senhora pode falar...

P: *Bem, eu vou falar do meu ponto de vista de fora né, porque ela tem mais conhecimento do que eu aí...*

E: Porque ela ficou mais de perto né.

P: *O que mais me marcou, posso estar enganado, mas foi a fase dos 15 anos de idade. Dos 15 aos 17, eu senti que tavam fugindo da minha... do nosso controle né. As amizades, a forma de se vestir, né. Eu sou uma pessoa que eu tenho alguns hábitos né... é uma questão de... eu exijo algumas coisas, eu sou contra por exemplo... eu toquei em banda de rock né, vivi na noite em São Paulo né... mas nunca usei drogas né... nunca... meus amigos usavam de tudo... eu não usava tatuagem né, eu nunca me tatuei. Quer dizer, eu vivia no meio das coisas erradas, mas eu andava direito. Por que? Porque eu tocava pô, eu era músico, fazer o que. Então, tocava em baile a noite e ia trabalhar no dia seguinte sem dormir. Então tem algumas coisas que eu não admito, então o namorado da minha filha, tem uma tatuagem no braço, no dia que eu vi, pronto, cabô. É princípio, não adianta. No Metrô se eu tiver que entrevistar alguém... tem empresas que hoje no exame médico o cara bate o olho, se vê uma tatu não admite. Então quer dizer são coisas que embora a gente... você vai dizer, pô, tem que conviver... Então a minha preocupação com relação a essa fase começou a ir pra esse lado. As amizades, os amigos, eles eram por exemplo, todos adolescentes, pessoas, crianças que cresceram com elas. Aí ouvia, o pai separou, a mãe não sei o que, e aí o menino pôfi, descambou. Sabe... então começou, eu comecei a ver que as amizades que elas tinham se formado ao longo daquele período e que as famílias não tiveram a mesma frequência lógica que nós tivemos, começou a interferir no comportamento dos amigos e isso começou a acarretar eu acho algumas dificuldades lógicas para elas. Então a G. começou a usar roupas arrastando no chão e eu fico louco com isso porque é uma calça e ela não sabe quanto custa, e é uma calça nova e eu sei quanto custa porque eu passei um puta sufoco... quer dizer, e ela andando com a calça arrastando daquele jeito no chão e aí a mãe tem que lavar. A calça sujou e ela, a mãe é muito exigente com isso, então é nesse sentido de comportamento que eu senti mais com a filha mais velha. As outras, embora elas nasceram com a diferença de 1 ano e meio cada uma, né bem... então é muito próximo, então desde que eram pequenininhas, tem foto delas aí, elas ficavam sempre juntas, os amigos eram sempre os mesmos. Chegou uma hora que começou a distanciar um pouco né. A G. entrou no ambiente de faculdade já mudou, as outras duas estavam...*

M: *No cursinho...*

P: *No cursinho... Então quer dizer, aí começou a fracionar. A G. por ser a mais adulta acho que ela sofreu um pouco mais com relação a ser filha. Porque eu sempre exigi muito mais dela do que das outras. Então eu sempre exigi muito mais dela... é aquele negócio né, eu tenho algumas preocupações com relação ao dia que nós não estivermos mais aqui... como é que elas vão... Então quer dizer, eu sempre falei isso pra elas... eu crio os filhos pro mundo... não vão ser nossas a vida toda, eu crio os filhos pro mundo... Eu nunca imaginei que elas com 30 anos iam tá aqui ainda... um dia desses elas tavam aí discutindo no quarto que vão trocar o beliche... (risos). Pô, com 30 anos vocês vão trocar o beliche... eu to pensando que vocês tão pensando em apartamento pra mudar e vocês tão pensando em trocar o beliche? Vão ficar mais quantos anos aqui? Até brinquei com elas... né e até me chamou a atenção isso... porque eu falei pô, (risos) é difícil hoje você ter uma família com os filhos com 30 anos e querendo trocar o beliche pra ficar em casa, né, então... Então da G. eu sempre exigi um pouco mais e acho que das outras sei lá, como foi uma seqüência né. Então essa é a nossa rotina hoje... por exemplo eu sei que elas tem uma vida com os namorados né. Então por exemplo, eu vou pra praia e a G. e o namorado dela, vai junto. Eu vou pra São Roque, por exemplo, vai a C. e o namorado, vai junto. Então, sempre que elas tem condição, elas vão, sempre que elas podem, elas vão. Não é um negócio, ah vou porque é meu pai, é minha mãe.*

E: E a passagem da adolescência pra essa fase adulta de hoje. Como foi pra vocês?

M: Ah, ele fala...

P: Ela é muito encabulada... Você ta falando hoje?

E: Isso.

P: Bom, a passagem pra vida adulta... posso falar? Bem, daqui há pouco eu vou sair daqui sem você falar nada...

M: Não... pode falar...

P: *Eu vejo a passagem pra vida adulta, de certa forma o seguinte, eu vi uma matéria na Folha de São Paulo há um tempo atrás, não sei se você chegou a ler, mas falava porque que os filhos adultos hoje tão ficando com os pais... por falta de oportunidade no mercado de trabalho. Então... e essa matéria me chamou a atenção. Então eles tavam percebendo que há um 10, 12 anos atrás, isso na matéria que eu li na Folha né, dizia o seguinte, que os filhos com 17, 18 anos tavam saindo de casa né e tal... hoje, com 25 eles tão em casa por falta de oportunidade no mercado de trabalho. Então eles ficam com os pais porque não tem condições de sobreviver fora. Isso é o que a matéria retratava. Então, ta mudando uma situação que tinha anteriormente em função por falta de oportunidade que o Brasil ta tendo que não... daí falava do movimento econômico, que a projeção econômica que o Brasil estimava que ia ter, que era o país do crescimento não sei o quê, naquela época, que era o país do crescimento, existia mais oportunidade... só que hoje, não tem essa oportunidade e eles ficam em casa por falta de opção. E eu entendi que não era o nosso caso, porque os três, as três estão trabalhando né. Então o que eu entendo dessa, da passagem delas, num determinado momento eu acho que aquela figura da responsabilidade que nós sempre buscamos imputar nelas, pra que elas tivessem uma... sei lá, verificar a validade das coisas, principalmente sentimental.. tudo isso que a gente procura ter numa família, que é uma coisa dilacerada hoje... conseguiram acabar com a família e acho que a grande culpada disso no Brasil é a rede Globo, porque ela destruiu o país certo? e vai destruir mais ainda. Eu comecei em 71 a assistir televisão e vi o que a televisão fez com esse país nos últimos 30 anos, né... quer dizer então, a gente assistiu televisão mas dificilmente tamo na Globo. Mas as pessoas não... você vai na casa das pessoas é Globo até no horário político. Isso fez com que as pessoas destruíssem os lares. Eu acho que um dos pontos é esse. Começou a mostrar pros jovens um mundo que não existe, que é esse mundo de novela. Então, você pega uma menininha adolescente de 17 anos que ta com o carro do ano, trabalha numa empresa... só que esse mundo não existe, né. Só que, o que eu tentei mostrar pra elas é que elas tinham que ter responsabilidade naquilo que elas tavam trabalhando... porque elas tem, primeiro que administrar um patrimônio. Não é grande o patrimônio delas mas elas tem que administrar esse patrimônio. E outra, elas precisam ver que o mundo é cruel né... então, os exemplos que aconteciam nas famílias, eu chamava, mostrava: “Ó, ta vendo? Foi assim por causa disso...” Então, tentava mostrar a responsabilidade delas e o que eu percebi é que elas assimilaram isso muito rápido... muito rápido. É... eu vi que elas começaram a trabalhar, elas tem a vida regrada, financeiramente tão estabilizada, são independentes, então elas se organizam pra pagar contas que eu não peço, ficam discutindo: “ah, eu vou pagar conta de telefone”, a conta é... da casa. Aí vão pagam, eu não falo nada. Contrataram a moça pra vir trabalhar aqui, se viraram e tal... eu podia pagar porque o meu salário não é um salário baixo... mas eu deixo. A D. por exemplo, ela falou: “pai, eu preciso comprar um carro” daí eu falei que a mãe não ta usando o carro, então eu vou te vender o carro da tua mãe. Vendi, fiz ela pagar. Pagou as prestações... por que? Porque se ela pagar, ela vai dar valor. Se eu colocar o carro na mão dela e dizer: usa, tenho certeza que daqui há um mês ta sem óleo no motor, vai fundir o motor e ela: ah, o meu pai troca. Então, vai cuidar. Então essa...*

M: *responsabilidade...*

P: *Responsabilidade que tentamos jogar pra elas e ver que isso é fundamental também pra que elas tenham... e eu acho que isso elas assimilaram muito rápido.*

E: E isso foram desafios para vocês?

P: *Desafios. Porque elas tiveram que trabalhar isso nelas, né?*

E: Sim, e pra vocês como pais, como é que foi isso? Vocês falaram como foi pra elas né, mas e pra vocês como pais, como é que foi lidar com tudo isso, essa fase adulta, ver elas ganhando responsabilidade, assumindo, ficando independentes... os sentimentos que ficam...

P: *Eu vou falar... eu de novo? O que eu posso falar, eu uso uma frase que eu costume... primeiro me falavam que eu tinha 3 filhas mulheres, eu ia... eu fui uma pessoa que pelo fato de eu... eu ter 3 meninas, não ter filho homem, todo mundo achava que eu ia quebrar a cara com as filhas, né... então, a concepção machista né: mulher não presta... mulher ou vai ser vadia ou vai ser vagabunda, você não vai ter uma filha. Eu quis mostrar pra sociedade, principalmente pros meus amigos, que não era isso, né. Eu tive um amigo que, quando eu passei a C., que ela, ela achava que ia ser um menino, eu falei pra ela que não ia ser um menino, que ia ser outra menina, que eu tinha certeza...*

E: Era a terceira?

M: a terceira...

P: A terceira. Tanto é que ela até arrumou nome de menino pra ela. E eu falei: “não é”. Tanto é que eu arrumei o nome da C. antes de nascer. Porque eu tinha certeza que era outra meninas. Ai... e no serviço que eu trabalhava, um rapaz que trabalhava comigo, ele teve a quarta menina, e separou da mulher porque disse que a culpada era ela... então pra você ver, o mundo que nós vivemos. E era um cara...

M: Esclarecido.

P: Esclarecido, com formação acadêmica, né. Professor, pós graduação na PUC, fez pós graduação na PUC e falou isso pra mim. “Você é louco? Isso não tem nada a ver” “Ah, ah, vou arrumar outra”. E arrumou outra mulher e teve outra... menina! Então, quer dizer, isso é... Um dia eu tava num churrasco, o cara virou pra mim... Desculpa mas vou ter que te contar a história né, pra te mostrar o que que a gente passa na vida. É... ele virou pra mim e disse assim: “é, você tá com 3 filhas mulher e tal, você vai ser um cara que só vai ter problema lá na frente”. Eu já tava tão saturado daquilo lá e eu falei: você tem filho homem? Ele falou: eu tenho. Então eu vou te dizer uma coisa, uma coisa eu vou te garantir na minha vida: eu nunca vou ter um filho viado. Dei essa resposta pra ele, porque ele me tirou do sério. E ele começou a chorar né, e eu não entendia porque, daí depois eu descobri que o filho dele era viado... tinha 18, 17 anos o menino. Então quer dizer... essa, é nesse mundo que a gente viveu, que a gente procurou mostrar ao longo desse período que nós acreditávamos nas meninas. Então eu uso uma frase de efeito com todos que perguntam: ah, e as meninas como é que vão? Eu digo: Eu preciso ajoelhar todo dia no milho 15 minutos e agradecer a Deus pelas filhas que eu tenho. Porque... porque é o que eu falo... como eu falei do serviço que a gente tem que ter sorte e ser competente, nós também tivemos sorte nas filhas que tivemos porque muitos pais que são dez vezes melhor do que nós e que não tiveram a sorte que nós tivemos.

M: É.

P: Eu vejo as pessoas que trabalham comigo, eu vejo casos né, que...

M: Dificuldades...

P: Dificuldades que de uma hora pra outra quando você vê, pô ruiu, caiu a coluna de sustentação. Foi porque, “não, eu tava presente, quando eu vi, já era, caiu”. Então isso né que a gente... nós somos muito sinceros né. Se a gente tiver que repreende-las, quando elas eram pequenas, ou quando adultas, se tiverem na frente de alguém ou coisa... elas sabiam que eu repreenderia. Então por isso elas já não tomavam atitudes... porque tem filhos que tomam atitudes porque o pai na frente dos outros não... então, o que tiver... eu sou muito... e ela também [esposa], quer dizer, a gente procura sempre ser muito sincero e honesto. Com honestidade eu acho que a gente tem um processo de ganho das duas partes... Agora se você perguntar o que nós sentimos hoje com todo esse processo, eu... eu posso dizer que acho que com segurança que se nós erramos foi muito pouco, né. No processo que nós optamos pra criar os filhos, porque eu acho que criar filhos... quando a minha filha nasceu... a nossa, a minha cabeça no dia que eu tava na maternidade, acendeu a luzinha cor de rosa lá na maternidade, meu sogro entrou na sala e me deu os parabéns e falou: o que que você tá pensando? Eu tava de cabeça pra baixo né... Por que não nasceu um gremista? Porque eu torço pro grêmio né... eu: não, tudo bem, isso não é o problema... Então ele: Você tá pensando o que? E eu: ah, to pensando que eu vou ter que ganhar 700 mil dólares pra formar essa menina. Eu sentado lá... no dia 07 de março de 1977. E você sabe por quanto que eu errei? Errei por 150 mil dólares. (risos)

E: Ele é economista, né?

P: Então pra você ver, então, é o que eu falo, é ter um projeto de vida. Então, assim como faz projeto de empresa, faz projeto pra tudo, então quer dizer, nós fizemos projeto nessa linha de criar os filhos com essa condição. E a nossa meta foi o seguinte, era formar as 3, que as 3 tivessem uma... e que quando fosse, se inserissem no mercado de trabalho. Porque não adianta você num processo de trabalhar com o filho e depois não... Eu tenho por exemplo amigos que tem os filhos que são, como é que diz, eles brincam até... profissionais do ensino, né? Não saem da faculdade... o cara tá ali, tá ali, tá ali, então isso de uma certa forma, quer dizer, é bonito, é bom, tal... mas pô, eu... o nosso objetivo era esse. Porque nós sempre criamos o filho pro mundo porque a gente não sabe... por exemplo, eu fui fazer uma viagem pro sul em 1995. A G. era a mais velha das 3. Nós sentamos ali na sala, íamos fazer uma viagem de carro, 3 mil quilômetros. Todos nós, nós somos realistas. Então: “se o teu pai e a tua mãe...” Só que...

M: Porque ia só nós dois.

P: *É, só nós dois de carro. Então: “Se o teu pai e a tua mãe morrer num acidente de automóvel né, tem isso, tem isso, vocês fazem isso, isso... dei o caminho das pedras. Por que? Choraram... (risos) você não imagina a hora que eu contei que... A G. tava com 18 anos, imagina a carga pra G. na hora e eu falei isso, mas porque que fizemos isso? Porque precisava começar a se envolver com as coisas. No ano seguinte, eu sentei com ela e disse: olha, aqui estão os meus documentos, faz meu imposto de renda desse ano. Ela ficou louca. Ela nem dormia. Já imaginou fazer o imposto de renda de tudo? Foi uma loucura... Fez. Então quer dizer, aos poucos eu fui jogando: oh, tá aí. Eu explicava, e agora vai fazer, tem que fazer. Porque isso fez também com que elas... então a gente... eu acho que é aquele negócio né...*

M: *Senão sozinha ela não ia saber se cuidar.*

P: *Se numa eventualidade, num sinistro qualquer coisa, elas... elas... por exemplo, quando elas tinham, em 1990, eu fiz um seguro de educação pelo city bank, né. Chamei elas e falei assim: oh, se teu pai morrer amanhã, esse seguro de educação... se teu pai ou tua mãe morrerem amanhã, vocês têm garantida com seguro de mil dólares cada uma até vocês terminarem a faculdade, ou no Brasil ou no exterior, durante 30 anos.... aliás durante 18 anos. Se eu não morrer até 2007, que foi agora, janeiro, é... vocês recebem esse seguro desde 1990, então são 3 mil dólares por mês desde 1990 foi o seguro que eu fiz. Graças a Deus não morri. Resgatei o seguro agora em janeiro, tá certo? Mas... é... eu sempre fui realista com algumas coisas. Então isso também faz com que elas enxerguem um mundo que existe aí fora. Seguro pra mim por exemplo nunca foi despesa, foi investimento. Tem gente que acha que não. Então eu sempre procurei fazer seguro de tudo. Porque a gente nunca sabe. Aqui nós não vamos ficar. Então eu conversei com elas: Oh, teu pai vivo vale tanto, teu pai morto vale tanto. Tua mãe também. Se os dois morrerem assim ó, vocês vão ter tanto... Aí como é que vocês fazem... pra orientar, porque a maioria dos pais não fazem isso. Acontece e aí quando vê: o que que nós vamos fazer agora? Então a gente sempre procurou isso. E o que eu senti nisso... desde que eu olhava, desde que elas nasceram até agora, eu... nós podemos nos considerar felizes.*

E: *Agora eu quero saber um pouquinho do papel de mãe, pra senhora, como é que foram esses desafios assim.*

P: *Isso. Agora eu não vou falar. Vou segurar (gravador).*

E: *Porque assim, ele saía pra trabalhar, era a senhora que ficava mais junto com elas né. E como é que foi assim quando a senhora viu que elas foram ficando independentes... a senhora ficava mais em função delas, né...*

M: *É, eu ficava né. Como posso dizer... Ah, elas sempre foram muito minhas amigas né. Sempre me falaram tudo e... não tinha assim... As vezes quando elas queriam sair... e as vezes eu achava que não devia e tudo, então eu falava: seu pai vai vir e... como é que se diz, a gente entrava em conflito. E teve uma época, lembra, quando elas queriam sair, queriam ir pra baile e elas falavam: ah, fala com o papai... a gente era juntos... Eu nunca, ele nunca foi a favor delas e contra mim não. A gente conversava, se ele achava, se a gente achava que elas deveriam de ir né, ele levava e ia buscar. Se ele achava que não deveria de ir né, não ia, iam dormir, ficavam quietas, e não falavam nada.*

E: *Se a senhora achasse...*

M: *A gente podia conversar depois assim né. Mas na frente delas nada. Se ele tomasse a decisão era dele, se eu tomasse a decisão era minha. Depois a gente conversava... mas nunca assim né na frente delas. Essa parte de sair assim acho que foi a mais difícil.*

P: *É foi a mais crítica. Isso aí sim.*

M: *É, foi a mais crítica essa parte. Porque, preocupação, elas vão se desligando da gente assim a gente não vê o que tá fazendo e agora também né, é muito difícil. A D. saiu com o carro, eu fico preocupada. A G., a C. né. A C. saiu com o namorado, a G. saiu com o namorado, as vezes com o carro dela, né. E a D. sozinha, minha maior preocupação é a D. sozinha.*

P: *Nós vivemos numa cidade que não tem segurança, né. É o que eu falo pra ela né, eu com 20 anos... 30 anos fui assaltado aqui em São Paulo e não saía a aliança do meu dedo... de 67 eu fui pra 74 kilos, eu engordei e a aliança não saía do meu dedo e o bandido na hora falou assim: ah corta o dedo dele fora. E eu que toco violão, piano, na hora bateu na minha cabeça, imagina tocando violão, nunca imaginei né, tocar piano, órgão, sem o dedo né. E eu tirei a aliança do dedo, consegui tirar, olha com tudo... Então como eu vivi isso e outros assaltos, eu fico preocupado e ela fica preocupada também. Então, sair a noite sozinha, eu encho a paciência dela porque... se tiver acompanhada, alguma coisa, tudo bem. Mas vai sozinha? Se acontece qualquer coisa, né, você fica... então mais por esquema de segurança, porque a cidade ela não...*

E: *E como é que hoje vocês pais lidam com isso hoje?*

P: *É... eu não vou... eu não vou proibir elas de sair, né. Acho que daí também...*

M: *Acho que não pode proibir.*

P: *Eu... eu de novo vou falar né... Eu criei... em vista dessa concepção dessa sociedade machista, eu não criei as 3 pra viver dependendo de homem. Então isso é... sempre falei isso pra elas... nós tamo preparando vocês...*

M: *Casando ou não...*

P: *Vocês casando ou não vocês podem levar a vida que vocês quiserem. Eu só acho que agora né, elas tão com 30 anos de idade, 29, 30, não tem sentido, a D. querer sair, depois de ter feito tudo aquilo que nós, ao longo do período nós, procuramos que elas fizessem... e agora: não, não vai sair... Porque elas tem direito a viver. Então seria muito egoísmo nosso né, dizer assim, ah ...*

M: *egoísmo.*

P: *O que preocupa é o que eu falo: ela pode fazer o que ela bem entender, entendeu? É o que eu falo pra ela, vocês são donas da vida de vocês, vocês tem a liberalidade de fazer o que vocês quiserem... fora o que eu falo... minha tia que dizia né: pau que nasce torto morre torto. Pode ter uma coisa aqui outra ali, mas a linha mestra vai seguir né... Então quer dizer, eu não fico preocupado mais, porque vai se envolver com droga... nenhuma das 3 fumam, né... então eu não preciso falar mais nada... e nunca fumaram... pelo menos que eu saiba né?*

M: *Não... nunca.*

P: *Mas não têm um vício... então beber assim, por exemplo... fomos na praia tomamos uma cerveja com elas e tal, mas... numa boa, assim... não tem esse vício de... então quer dizer... de uma certa forma isso pra nós... eu sei que elas vão sair e não vão beber. Então não existe, não tem preocupação com relação a sexo ou qualquer coisa desse tipo que vá afetar a gente, né? Elas tem a vida delas... se quiser viver a vida delas, vivam. Até acho que elas são muito regradas com relação ao que nós vemos hoje. Você vê, nesses tempos, você vê o que que é o... a vida familiar né... como as coisas boas e ruins, algumas coisas que acontecem... Esses dias eu tava lá no Metrô e uma médica foi comentar que as 3 ainda eram virgens. A médica foi comentar e aí saiu um assunto... isso faz 5 anos né, ou 4...*

M: *É... por aí.*

P: *É... ela foi comentar com a minha secretária... olha que comentário que ela foi fazer... Ela achou estranho né... nessa altura do campeonato, elas com 20 e tantos anos ainda serem... E não é isso que eu discuto... Hoje, se elas tiverem que fazer sexo aí fora... eu não vou esquentar a cabeça... eu acho que elas tem maturidade suficiente para viver a vida que elas tem. Porque pra mim elas já provaram o que precisa na vida, tá certo... elas já se formaram, já tão tudo... O duro é quando passa o carro na frente dos bois e aí passa a ter alguns compromissos na vida que acaba se degradando a qualidade da vida que tem.*

M: *Daí não estuda, não consegue trabalho...*

P: *Você constitui uma família, põe uma criança no mundo sem ter condição... é o que eu falo isso pra elas... quando a G. nasceu, eu tava empregado, tava num bom emprego, então nós fomos morar... tinha uma condição favorável, né... era diferente do que você hoje criar um filho no mundo e aí vai prum lado o filho, a empregada é quem cria... a sogra, o pai não sabe nem pra quem fala... Hoje eu tava conversando com um amigo meu e ele falou o seguinte, separado, e aí o menino tá com quase 2 anos, e aí ele só falava mãe e não falava pai e ó o que ele comentou comigo, pra você vê como é que o mundo é terrível né? Ele falou: ah, o meu filho só falava mãe, mãe porque fica o tempo todo com a mãe, agora ele tá entendendo um pouquinho mais e eu falei que eu sou o pai dele... você não pode me chamar... ele chamava ele de mãe, então ele falou: não me chama de mãe, você tem que me chamar de pai... então o menino agora chama ele de pai e chama a mãe de pai também. Então, agora você imagina a confusão na cabeça de uma criança de 2 anos né, que tá vivendo uma situação dessas... Pô, vai refletir lá na frente, né, então... Não sei se eu tô falando demais também né...*

M: *Não, não.*

E: *E a gente tava falando antes da questão dos fatores de elas ainda estarem morando em casa...*

P: *É... agora eu não acho que é mais questão econômica não. Quando eu li a reportagem da Folha, eu entendi isso, mas o retrato que eu fiz foi outro. Porque elas tão bem empregadas... eu acho... de um jeito ou de outro tem gente que tá fora com muito menos. O salário da G. não é um salário de se jogar fora. A D. também se vira aí, a C. também, tá bem empregada, então... quer dizer... não é o fato de... Elas também podiam chegar assim: vamos sair as 3 e vamos... Eu até brinco com elas, eu falo assim: até quando que vocês vão abandonar o barco? De vez em quando eu faço umas*

brincadeiras né... pô, eu vou aposentar, "oh, a partir de dezembro eu não vou mais pagar iptu"... vocês juntam os iptu aí e começam a pagar... então fico instigando só pra ver o que elas fazem... E o que me chamou a atenção foi a história do beliche porque elas vieram falar pra mim que iam trocar e tal e eu disse: Como?! O beliche ta novo aí, compramos não sei quando... elas são cuidadosas...

M: *Faz 8 anos.*

P: *Oito anos! Mas elas querem trocar o beliche, então, quer dizer, se elas querem trocar o beliche vão viver mais dez anos aqui! Pô... (risos) Até brinco com elas...*

M: *E eu acho bom! Eu não quero... ah, quando elas estão perto é a melhor coisa do mundo... não tem... faz falta pra mim... nossa...*

P: *É que o fato de você ter os filhos do lado...*

M: *No dia elas me ligam várias vezes... se elas não me ligam eu ligo... sabe... Eu sinto muita falta delas. Nossa... A G. agora vai ter que trabalhar em Minas...*

P: *Minas, é... vai mudar pra lá.*

M: *Ela vai...*

P: *Quando ela mudar pra lá vai ser difícil.*

M: *Ela vai ficar acho que uns 3 ou 4 anos lá. Mas já to bem triste. Bem triste.*

P: *Eu já sou mais frio... eu já sou mais frio. Eu sou um cara realista, é isso que eu falo.*

M: *É... ele é frio mas é preocupado.*

P: *É... esse lado emotivo por exemplo, ficar beijando, agarrando, eu não sei, eu... eu acho que as vezes tem muita falsidade nessas coisas né. Então o fato de você abraçar e agarrar... eu vejo os pais abraçando e agarrando e fazendo cada desgraça com os filhos aí. Eu já tenho um outro tipo de cultura né... Eu acho que o filho você tem que criar de uma forma que você respeite ele e ele te respeite. Pode abraçar, beijar, tudo, mas o fato de ficar abraçando tal, sabe... eu vejo muita falsidade nessas coisas... Então, eu sou realista nesse ponto né... na família também eu sou... eu procuro né mostrar aquilo que é... e ela já é mais...*

M: *Eu já sou mais mantegona.*

P: *Mais mantegona, então ela chora, ela se emociona com muita facilidade. Por exemplo, se a G. for 3 meses pra lá...*

M: *3 meses não, 3 anos...*

P: *3 anos pra lá... ou 3 meses, eu vou tratar da mesma forma. Entendeu? Porque eu sei que ela ta bem instalada... eu vejo o lado bom das coisas né.*

M: *É... ela vai estar bem instalada, mas... vai ser muito difícil longe assim, né?*

P: *A D. foi pra Mogi e também foi a mesma coisa.*

M: *É... quando ela foi pra Mogi também foi difícil.*

P: *Ela foi fazer faculdade lá, ficou 3 anos lá.*

M: *3 anos!*

E: *E como é que foi o sentimento quando ela foi pra lá?*

P: *Ah, levamos ela pra lá né, ela alugou a casa, alugou uma casinha lá, nós fomos lá...*

M: *Ela tinha 19 anos né.*

P: *Olha, foi barra. Foi difícil. Foi difícil porque na época não tinha celular... faz uns 10 anos. Então o mundo era outro. Então não tinha telefone lá... ela tinha que ligar do orelhão a gente ficava preocupado e tinha dia que não ligava. Ela vinha final e semana e a gente levava no domingo. Pegava o carro até lá, levava e depois voltava.*

E: E depois quando ela voltou, como é que foi?

M: *Ah, muito bom.*

P: *Muito bom. Fui buscar as coisas, fomo lá fiz a mudança e tudo.*

E: Já esperavam que ela ia voltar?

M: *Ah sim.*

P: *Esperava não, eu tinha certeza. Tanto é que quando ela se formou fui lá ver o aluguel... trouxe a mudança.*

M: *A minha vontade é ter elas sempre junto... encontrar um apartamento... um prédio com um apartamento pra cada uma em cada andar... pra não ficar longe.*

P: *Ela vive falando isso.*

E: Isso mesmo solteiras?

M: *Não, casadas. Solteiras é comigo. (risos)*

P: *A M. é uma pessoa muito boa né, ela não tem... eu vejo quando a gente tá junto... ela é uma pessoa muito amorosa né... uma mãe dessas não acha né.*

E: Então hoje, como é que vocês definiriam o relacionamento familiar hoje com as 3 filhas adultas em casa?

M: *Eu acho que é ótimo né.*

P: *Eu não diria ótimo. Eu não vou ser otimista a esse extremo, mas é um relacionamento sereno, tem serenidade. Você não vê aqueles absurdos... Eu não classifico como ótimo porque sempre tem alguns probleminhas... É um convívio sereno.*

M: *Tem horas de botar a boca no trombone...*

P: *Ah, tem horas, uma quer usar o computador, daí tem uma discussão... mas isso é normal. O banheiro, ou sei lá, uma usa a toalha da outra. Eu observo muito né, por exemplo domingo eu tava aqui e aí eu tenho uma característica de observar muito as pessoas né, eu gosto né, então eu sentei aqui, e fui tomando meu chimarrão e aí elas pediram uma pizza, sentaram as 4 ali né, e aí eu comecei a observar de fora mo é que elas estavam se comportando. Como é que começou, elas começaram a conversar e tal e a conversa e a conversa começou a evoluir, como uma tratava a outra... sabe? E aí eu fiquei olhando aquilo e aí pô, isso é o produto de uma família né, que na realidade são 4 pessoas que tão comigo aí que né, não eram da minha família, são pessoas que chegaram né, e eu tava vendo elas conversando e... uma condição serena, agradável, e isso é bonito né, e num domingo a noite... podia tá numa boate, outra sei lá... e as 3 tavam aí... Eu não tenho nem noção porque elas tão em casa... nunca me passou isso pela cabeça... pode ser o fato de elas estar aí... pode ser esse convívio. Esse convívio deve tá pesando um pouco né. Ou insegurança. Eu sou o extremo... ou é 8 ou é 80. Ou é o bom convívio ou é insegurança. Eu não acho que elas são inseguras, né, pelo menos não é característica. Não é. Então, o que eu percebo delas, no máximo que pode ser aí, é o convívio.*

E: E a senhora, o que a senhora acha?

M: *Também. Eu acho que elas tem vontade de casar, ter sua casa, tudo, mas, elas acham que ainda não é o momento.*

P: *E eu acho que não é acomodação também.*

E: E como é que é pra vocês, falando disso, que é o convívio que mantém elas em casa.

P: *Bom, eu posso te falar que eu me sinto feliz.*

M: *É como eu te falei né... quanto mais perto de mim melhor.*

P: *E eu acho que em nenhum momento esse convívio ta prejudicando o crescimento profissional delas, né? Elas não são... porque tem uns que tem os filhos em casa e eles são acomodados né. Então tem aqueles adultos de 30 anos, que ta tudo, ta formado, mas fica vendo televisão o dia inteiro... esse não vai sair mais! É diferente. Se você chegar pra elas amanhã: ó filhas, o pai e mãe de vocês, o pai vai aposentar e vai começar a viajar com tua mãe pra cima e pra baixo, eu acho que vocês tem que procurar o caminho de vocês, porque vocês não vão viver as 3 juntas pro resto da vida, elas vão entender. Só que essa conversa séria eu não tive. Mas vamos imaginar que tivesse... elas vão entender, né. Eu creio até que ia apressar o casamento de alguma aí... ou se juntar, sei lá, fazer qualquer coisa. Mas, eu acho que isso não passou pela cabeça delas. Pelo convívio, pelas coisas como tem acontecido no dia a dia, acho que pra elas é confortável também. Você ta dentro do ninho o que que é né... as vezes você pode criar essa condição favorável, também pode... Então é o que eu te falo, eu não sinto insegurança nelas, pelo fato de ter criado isso. De uma certa forma elas são bem resolvidas. A C. é advogada e eu tive um processo aí... precisa ver a forma com que ela liderou. Então quer dizer, eu ia com ela na audiência e olhava aquilo e pô não é a minha filha. Então, se é no Metrô, em qualquer lugar, eu ponho elas lá em cima.*

M: *É o nosso orgulho.*

E: *E quais as facilidades e quais as dificuldades que vocês acham que teriam caso elas saíssem de casa hoje?*

P: *Fala aí um pouquinho, senão... vou até segurar o microfone...*

M: *Eu ia sentir muito a falta delas né... a falta delas. Vai ser difícil ficar longe. Seria difícil... na rotina... sempre vai faltar alguma coisa... sempre. Até pra viajar você fica meio assim... eu pelo menos fico assim né. Sai pra viajar, nossa, não vejo a hora que chega... a hora que chega lá pra ligar, pra falar... Ele fica meio bravo assim, pô, toda hora você telefona, não sai do telefone. Que nem... não dá sossego pra elas também, né.*

P: *Eu já tenho outra... Com relação a dificuldade e facilidade, eu já vejo uma outra condição aí né. Eu, sei lá... se você pegar o filho criado com a estrutura que elas tem, eu não vejo dificuldade nenhuma pra nós em termos de pais. Por exemplo, eu me sinto, particularmente, na seguinte situação: eu to no ninho, eu e ela, nasceram os passarinhos e tão aí... nós alimentamos, saímos pra buscar comida, tal, tal... Uma hora vai voar, certo? A hora que vai voar? É o seguinte, tem condição de voar ou não? Não vou deixar voar enquanto não... Eu quero te dizer o seguinte, hoje, se elas saírem voando, eu sei que elas vão chegar aonde elas querem. Concorda? É isso que eu to falando... vai chegar aonde elas querem. Eu não vejo, em termos de dificuldades nossa, né, eu acho que não vai trazer dificuldade nenhuma. E no nosso dia a dia, se elas saírem de casa e forem... eu acho que essa afinidade que existia antes vai continuar existindo. Né, eu não vejo... isso não vai quebrar fácil. Agora... isso é com relação à dificuldade. A facilidade, eu acho que, pra nós, não deve afetar muito.*

M: *O lado sentimental é difícil.*

P: *Minha cabeça com relação à dela né: então, ela falou pra mim: estou grávida, né, foi maio... não, junho, julho de 76... engravidou na lua de mel. Em agosto eu fui e comprei um túmulo. Essa é a minha cabeça. (risos) Ela quase morreu, né... O que que eu imaginei... eu sou realista né. Ela falou: mas você vai comprar um túmulo? Eu falei: e se acontecer algum problema e essa menina falecer? Podia dar algum problema... Então eu sempre fui um cara precavido com as coisas que podem acontecer... então isso que eu to te falando. Pra mim, eu hoje, se você falar pra mim: o P., o que que pode acontecer contigo se as três... Eu vou encarar com naturalidade... porque já criei pra isso.*

M: *Não, que a gente sabe que elas vão sair um dia... a gente sabe, né...*

P: *Mas eu to preparado, né... não vejo como uma coisa...*

M: *Vai ser difícil.*

P: *Ela vai sentir, ela vai sentir, isso eu tenho certeza.*

M: *Quando elas saíram pra trabalhar foi muito difícil. Elas ficavam sempre juntas comigo, a gente saía juntas, tudo né... ia no supermercado, uma já ia junto né... as vezes as duas ou as três né... e quando foram trabalhar eu me senti sozinha, muito sozinha, né, achei muita falta.*

P: *A casa sempre tinha gente né...*

M: *Sempre tinha gente... e é horrível você ficar... porque elas não podem ficar ligando toda hora também, né... Você se sente abandonada, embora você tenha a casa pra cuidar, comida pra fazer e tudo mais... né.*

P: *Você vê, nós compramos uma loja aqui perto do São Judas, uma loja, de investimento né, e eu fui lá quando comprei, elas foram junto comigo, viram o processo de compra, sentamos lá, e na hora de assinar o contrato eu falei, vou assinar no nome das meninas... e o cara: ah, mas elas não tem renda. Ah, então não vou comprar. Se fosse no nome das meninas... e o vendedor sabe como é que é... o cara arrumou um jeito e já saiu com a loja no nome delas. Tal, tal, paguei, então nós compramos pra elas e eu falei: aqui tá a chave, aqui tá o contrato, agora vocês vão alugar o imóvel. Bom, aí se vira, vocês vão alugar o imóvel, vê como é que faz, então, expliquei o caminho... e o que que aconteceu? A G. virou quase síndica do prédio lá, a C. brigou com um escritório de advocacia lá porque não concordava com uma cláusula lá no contrato, então elas se viram... Então é o que eu digo, elas preparadas, pra nós ta... Agora, o lado da M. é o lado mais afetivo, né... isso eu acho que é uma bengala que ela não... ela é muito sentimental com as coisas então...*

M: *Mãe é mãe, né?*

P: *Mãe é mãe. Por isso que eu falo... eu sou só o pai. Eu sou só o pai. O mérito de tudo é dela. Foi ela quem concebeu, ela que criou, ela que... Eu sou o que participei no ato lá, na hora de criar o filho e... sustentar. né? Porque trabalhei... porque o resto... 99% é dela.*

M: *Não... é dos dois.*

P: *Não, mas é o que eu falo. Quando nós há tempos atrás avaliamos isso... você vê aí cenas de empregadas domésticas batendo em crianças... por que que uma empregada doméstica vai ensinar o modo que uma criança deve se portar numa mesa pra fazer uma refeição? É o modo de falar, o modo de se vestir, como é que toma banho, como é que guarda as coisas no banheiro, né... Nós somos uma família aqui com 5 pessoas dentro de um apartamento, nós saímos de manhã, voltamos a noite, você não vê bagunça, então no quarto delas tá tudo arrumadinho. Ah, porque menina é mais cuidadosa? Se fosse homem tava jogado chuteira pra lá... mas se tivesse homem ia estar do mesmo jeito, tenho certeza, ia ser organizado, porque eu ia perturbar. Então, tem algumas coisas que a gente... vamos ter o êxito em tudo, por exemplo, um dos maior traumas da minha vida, é que nenhuma delas usa o copo pra bochechar na hora de escovar os dentes, então vai lá e mete a mão na torneira. Eu falo isso há 20 anos, né? Mas não me obedecem... (risos) Então pra você ver que eu não sou ditador. Então tem muitas coisas que eu também tenho que conviver... não vou querer que seja tudo 100%.*

E: *Então nós estávamos falando das dificuldades e facilidades né, e em relação ao casal? Eu queria saber... O que que isso, o fato de ter as 3 filhas adultas em casa... pro casamento de vocês, além do papel de pais. A autonomia... o que é bom, o que atrapalha...*

P: *Umas perguntas que a gente não está preparado, né? Nem nunca passou pela nossa cabeça. Você tá falando de autonomia assim com relação ao dia a dia do casal... se interfere?*

E: *Ao casal...*

M: *Não...*

P: *Hum, eu acho que a gente tem a nossa vida né? Quer dizer... eu sempre procurei de uma certa forma, separar uma coisa da outra, né...*

M: *Elas nunca atrapalharam a gente em nada.*

P: *Nunca interferiram a gente em nada...*

M: *Nunca, nunca... Se tivesse que viajar, ia junto ou não vai...*

P: *Por exemplo, fim de semana, nós temos por característica, ou vamo pra praia ou vamo pra chácara...*

E: *Só vocês dois?*

P: *Só nós dois... ou as vezes elas vão junto, né. Se vai junto...*

M: *A gente morava em casa né...*

P: *A gente morava numa casa, aqui em São Paulo... o apartamento eu mudei pra cá por causa delas...*

M: *Por causa delas...*

P: *Eu abri mão... quer dizer, eu não né, nós abrimos mão de uma série de conforto que tinha por causa delas, porque como a gente ia viajar de fim de semana, elas ficavam sozinha na casa, né, e aí o problema de segurança e elas vinham pra cá... e eu não me adapto a apartamento de jeito nenhum, eu quero fazer churrasco e tinha churrasqueira lá, quer dizer... vivia uma vida, chegava no meio da semana, tinha a churrasqueira lá, 4:30 já colocava a costela no fogo e aí chegava 8 horas da noite ia fazer metade do churrasco, então... tudo isso nós abrimos mão. Por que? Pra que elas, né...*

M: *É... a única coisa que a gente se preocupou né. De resto, não influenciou em mais nada né...*

P: *Mas com relação ao casal, a gente vive a nossa vida, se tiver que sair um fim de semana a gente sai, sábado geralmente a gente almoça fora, domingo... só nós dois... se elas tiver junto, vai junto também, né. Eu... eu vou falar sinceramente, eu acho que nós seríamos menos felizes sem os filhos do que com eles. Isso eu posso te garantir com segurança. A forma como nós tamu vivendo com eles e sem eles em algum momento, acho que estamos vivendo muito bem.*

E: *E em relação assim, nós falamos um pouco sobre autonomia também e como que é a autonomia delas assim em relação a vocês? Que responsabilidades que elas já tinham na casa, vocês já falaram um pouquinho que elas estão assumindo algumas contas...*

P: *Então pra você ver, eu vou citar um exemplo do telefone né... o telefone aqui gastava em torno de 150 reais por mês, né.*

M: *Ou mais... (risos)*

P: *Ou mais. Então liga pra todo mundo... e eu sou... eu analiso muito a questão do custo benefício né... Por exemplo, se eu tenho um telefone pra tele-pizza, né, e gasto 150 reais, eu to trazendo retorno pra nós... Agora, gastar 150 reais pra conversar com amigo e não sei o que, tem alguma coisa errado, ta errado, não ta correto. Então ta... fiquei um ano pagando... mais de um ano... um ano, dois anos, três... Aí não quis nem saber, eu falei: olha, a partir do mês que vem, o telefone eu vou desligar... se vocês quiser vocês arrumam um. Aí foram lá, discute aqui e eu to escutando lá né... pá e pá... aí vinham: pai, e se a gente assinar a net, você entra com 60 reais? Eu falei: não entro. Aí a G. liga pra net, faz um p. rolo... chegaram num acordo, eu falei: bom eu dou os 60 reais. Fecharam um pacote de 210 com computador e não sei o que... telefone e não vai usar mais linha... E eu: não vai usar mais telefone? Não. Só vou pagar a assinatura daquele lá? Não vou pagar mais nada. Tudo bem, fecharam e tal, resolveram o problema. Então, elas têm iniciativa pras coisas que tem que fazer. Resolveram o problema. Essa semana chegou a conta do telefone, da net né... porque daí vem discriminado... e tavam lá, eu liguei, eu liguei...e pagaram.*

M: *Elas tem responsabilidade.*

P: *O gás por exemplo, eu pago determinado valor. Não é questão de ter dinheiro ou não... então elas, com relação a gastar, passou o limite? Se vira... então elas têm umas despesas que elas se cotizaram aí. Não é guela abaixo.*

E: *E pra vocês, qual é o melhor momento pra elas saírem de casa?*

P: *Elas ou o geral, os filhos de forma geral?*

E: *Pode ser os dois...*

P: *Os dois... Eu vou falar sinceramente, depois você fala M. Né, porque senão só eu... daí depois vão dizer, pô, esse cara... Não, mas no geral, no geral... eu vou falar sinceramente, se eu tivesse... tá certo que nós saímos de um tempo, eu saí de um tempo... televisão nem tinha, era rádio, e hoje transmite televisão no celular. Então esse é o mundo que nós pegamos. O que eu digo pra nós, que saímos com 24 anos, né, de casa pra constituir uma família, eu acho que se tivesse deixado pra sair aos 30 nós tinha quebrado a cara... nós dois, na época... Hoje, eu vou falar sinceramente, o mundo mudou muito, né... eu tô falando por mim, depois a M... O que eu enxergo, das pessoas que trabalham comigo né, tô falando geral, jovens, né, que fazem estágio comigo, já tão na faculdade, fazem curso no exterior, chegam aqui dão de dez a zero num profissional... O que eu entendo que o sair de casa mais cedo hoje pra buscar... o lado profissional, esse geral, ele traz um ganho de conhecimento pro jovem, que não conseguiria...*

E: *O fato de sair mais cedo?*

P: *Os filhos que saem mais cedo... têm um ganho maior. Por exemplo, o que você tá fazendo, você saiu lá e tá aqui... isso não tem dinheiro que pague, ta certo? É diferente de uma pessoa que ta aqui. Se eu colocar você e outro que ta aqui, numa balança, possivelmente eu vou ter mais resultado com você do que com o outro. Pelo menos profissionalmente. No mundo hoje, no geral, é isso. Agora o caso da nossa família, né, o que que eu vi nelas, não é porque eu sou músico, né,*

que as três tinham que ser músicas, né, tocar, então, a caçula que mais se identificou, fez piano e tal, nós fizemos várias apresentações, tocou junto comigo e tal... então, pra nós, na família, no mundo que eu... eu não criei minha filha pra ser por exemplo um ayrtón sena, ta certo? Ou pra ser o maestro aqui da orquestra municipal de são paulo, nós criamos o filho num horizonte... eu sempre raciocinava na seguinte linha, bem, tem uma teoria que diz que se você colocar uma pulga dentro de um jarro, não sei se você conhece essa teoria, se você pegar um jarro, colocar uma pulga lá dentro e colocar um papel em cima, essa pulga vai pular várias vezes pra tentar sair de lá, vai chegar uma hora que ela vai dimensionar o cérebro dela que se ela continuar pulando aquela altura ela vai bater no papel, se tirar o papel depois de um certo tempo, ela não pula mais alto que aquilo. Então, o que que nós entendemos? Nós não criamos os filhos pra ser gênio, nós criamos os filhos pra serem normais como nós. Indivíduos que vivem dentro do que a sociedade estima que sejam bons costumes e que tenha uma qualidade de vida que não vá gerar encargo pra ninguém. Então dentro desse conceito, na nossa família, eu acho que se elas tivessem saído cedo na época, eu não sei se elas teriam tido tanto retorno quanto tão tendo agora. Eu não sei... posso ta enganado, mas no geral eu te digo que as pessoas que saíram cedo tiveram um resultado maior que as que não, né... mas hoje eu comparando as pessoas que tão no círculo de amizade delas, né, eu não vejo elas tão distantes das pessoas... Você vê a competitividade que tá no mercado aí fora, e eu vejo as pessoas que saem de casa mais cedo, são muito mais preparadas, por exemplo, se eu tivesse que pegar pra colocar, vou citar um exemplo, né, a G. que se formou engenheira pra trabalhar numa área lá do metrô possivelmente eu acho que eu não, não seria contratada... possivelmente... posso estar enganado. Por que? Porque o perfil que nós iríamos buscar lá tem um perfil mais arrojado... que esteja falando os 3 idiomas, né, tenha mestrado, porque é isso que a empresa procura. Agora, ela ta numa empresa também, que é um empresa fabulosa, uma empresa de ponta e ela ta lá dentro. Amanhã ela pode dar um pulo e eu queimar a língua. Mas é o que eu to falando, são situações, né... por isso que eu te digo, no geral eu acho que sair cedo é melhor, e no retrato que eu faço da nossa família, é opinião minha do retrato que eu faço, eu acho que o fato de elas não terem saído cedo, eu acho que não prejudicou... não prejudicou.

E: E quando que vai ser o momento na opinião de vocês.

P: Eu vou falar sinceramente o que eu sinto. Eu acho que tudo depende né... quando nós começamos a namorar, nós tínhamos um projeto de vida, né, então nosso projeto era o seguinte: nós vamos casar em dois anos e... porque eu já fiquei 3 anos observando né, a mulher que eu queria, então se eu perdesse esse bonde eu não sei se eu ia subir noutro. entendeu? Porque na hora que eu a vi pela primeira vez eu senti que eu ia fazer de tudo pra conseguir namora-la, foi o que eu procurei fazer, só que antes de eu a procurar eu não ia empatar meu tempo nem o tempo dela... ela nem... nem me cumprimentava, a gente nem conversava, e eu observava tudo, a hora do recreio, se ela descia, se não descia, se ficava na sala, observava tudo, a roupa que ela ia, se comportava com as amizades que ela tinha... tudo isso eu fiquei observando durante 2 anos. O dia que eu comecei a namorar com ela com intenção de casar, eu já tava decidido. Hoje o que eu sinto? Que falta essa liderança... então, o que acontece? Agora vou falar do perfil dos namorados.. A C. , o projeto de vida do namorado dela é o seguinte: ele pôs na cabeça que queria ser médico, ele ficou 3 anos fazendo cursinho pra fazer medicina, o pai dele não tem uma situação confortável como tem a gente, não dava pra deixar o filho no cursinho, então... eu to analisando o papel do menino... três anos ele ficou fazendo cursinho, ele se especializou tanto no cursinho, que ele dava aula de reforço no cursinho, e começou a ganhar pelas aulas. Então isso, eu fui observando de longe, não comento isso com elas. No fim ele tava dando aula no cursinho e não entrava na faculdade. Na quarta tentativa ele entrou na USP, em medicina e ta lá no terceiro ano. Só que faculdade de medicina são oito anos né, não vai casar agora que também não vai resolver. E ela já sabe disso, e muito difícil a C. dizer: ah eu vou casar... não vai. Então isso eu já sei... é o projeto de vida deles. Que os dois se gostam... tudo bem, eles namoram há quantos? 4, 5 anos...

M: 5 anos.

P: Então ta muito claro. Eu acho que até ele se formar eles não vão casar. Isso ta claro. É o projeto de vida deles. A D. namorou... quantos?

M: 5 anos...

P: 5 anos. E nisso eu me enganei redondamente porque eu achava que ele era o cara certo pra ela. Os dois realmente eram um feito pro outro. Então eu não sei o que aconteceu... eu... eu tinha certeza... eu me enganei... era um filho. Porque eu achava que ele era o par perfeito né. Mas... aconteceu um problema entre os dois, não sei até hoje o que aconteceu direito, e desmancharam. E a partir daí ela tomou outra postura na vida. Ela se alterou completamente o comportamento dela, ela começou a sair, então, ela era uma menina muito reservada, ela mudou praticamente, não sei se fez bem ou fez mal... do meu ponto de vista fez bem pra ela porque ela acabou tomando iniciativa com muitas coisas. Eu acho difícil ver o momento dela de sair.

M: Se ela sair é pra passear... eu acho que ela não abandona assim, se não for por uma boa causa. Se ela arranjar uma pessoa que ela goste muito...

P: *Nem só o casamento... o casamento perdeu muito a... hoje as pessoas juntam... eu não sei. É o que eu falo, né... com 30 anos, com a formação que elas tem, elas podem fazer o que quiser... já é adulta... não somos... ah, ela tem que casar. Não é isso. Ela pode viver melhor junto do que casado. Acho que hoje mudou muito a sociedade né. Mas eu acho que elas não tem cabeça pra isso... juntar... eu to falando mas eu acho que elas não tem cabeça pra isso.*

P: *E a mais velha... a G. o que que eu enxergo... ela é a que eu vejo o problema maior. Ela tem um bom emprego né, tem um padrão de vida, mas o namorado dela nos últimos 5 anos não evoluiu. Então, agora to comparando... isso que to falando pra você eu nunca falei pra elas... mas, não evoluiu, ele ta estagnado. E aí o que que acontece? A única coisa que ele fez nos últimos 5 anos foi colocar uma tatuagem no braço. Então isso pra mim foi uma paulada, isso eu falei pra ela, só que ele é um bom rapaz... só que o cara tem que ter iniciativa...*

M: *É uma preocupação pro futuro.*

P: *Então o que que eu sinto né, falta iniciativa dele né, e aí sim, se você me perguntar se ela tivesse um namorado com o perfil que nem o meu, ela já teria casado. Por ela eu acho que ela já teria casado. Ela só não casou ou não saiu de casa pra viver com ele, porque ela vê que ele não tem iniciativa. E a G. ela tem uma característica, pelo fato de ter sido a mais velha pode ter sofrido um pouco mais com a gente, porque o primeiro filho eu acho que a gente sempre exige mais, então eu acho que ela sofreu muito, então ela é muito conformada com algumas coisas. Se eu pintar as 3 num quadro né, eu vejo... a D. como um quadro de Spielberg né, a G. já como aqueles campos lá... uma coisa mais serena né, ela é muito conformada com algumas coisas, então se ela tivesse uma pessoa que fosse mais agressiva, tivesse mais iniciativa, ela já teria ido. Posso estar enganado... E a C. já tem um temperamento mais... independente.*

E: *E pra terminar: quais são os projetos de vida de vocês pra quando só tiver só os dois?*

P: *Eu acho que não vai chegar essa hora... (risos) Eu acho que uma sempre... eu acho que as três não... eu acho que uma sempre vai ta com a gente. Eu acho. Vamos ver... não sei o que ela pensa né... eu acho que nós não vamos ter esse momento.*

M: *É... elas não abandonam... sempre vai ter uma ou outra.*

P: *Não, mas o que ela perguntou é sair de casa né? Não é... Nós vivermos sozinhos... Se elas saírem, eu vou te falar sinceramente, eu queria... meu sonho era voltar pro sul, Rio Grande. Mas eu não posso fazer isso com ela porque ela não... eu já sou diferente... lá eu me sinto em casa, com os amigos, o meu mundo é lá né... aqui eu sou um estranho no ninho... mas eu não vou fazer isso com ela né. Então quer dizer... a nossa expectativa de vida... eu ia comprar alguma coisa em Santa Catarina ou até em Torres... e quando eu falei pra ela que a idéia era aposentar e voltar a morar no sul, ela: não vamos fazer isso, porque eu não vou conseguir ficar longe das meninas... então, eu tirei isso da minha cabeça. Eu ia pra lá e vinha a cada seis meses, pra mim era tranquilo, ela já não, não concordou, então... pronto, vou comprar um apartamento na praia aqui em São Paulo, porque ela gosta de praia, já tem a chácara, então nós vamos fazer o seguinte, aposentando nós vamos viver um pouco na chácara, são 50 km de São Paulo, um pouco na praia que são 60, 70 km de São Paulo, e um pouco aqui no apartamento... então nós vamos viver assim oh, sem endereço fixo, vamos viajar, se tiver que viajar vamos viajar... vamos curtir a vida... Porque o que acontece, nós trabalhamos... quando nós casamos, nós dividíamos lata de sardinha na semana né, era nosso almoço e eu chegava da faculdade, comia metade da lata e guardava a outra metade pro outro dia até... então quer dizer, se ao longo desse tempo nós conseguimos o que conseguimos, os dois, porque não é porque eu trabalho fora, não adianta eu ganhar bem se a minha mulher gastar o dinheiro todo, ela também tem... atrás de um homem sempre existe uma grande mulher. Então, 90% eu devo isso a ela, né... e ela sempre foi uma pessoa que contribui com tudo né... Então acho que agora nada mais justo do que ela aproveitar também, né... porque a vida é uma só... eu acho que o que a gente tinha que fazer era isso mesmo, é o que eu falei pra ela, a gente vai estar presente, vai estar tudo, mas eu imagino que se tudo correr bem, a gente continuar com saúde, tudo bem, eu acho que com 55 anos eu devo aposentar, no mais tardar até dezembro e vamos viajar bastante, Deus que nos conserve juntos e nós vamos viajar e curtir a vida... esse é o nosso projeto.*

M: *Nós já passeamos bastante já né.*

P: *A gente procura todo ano, a gente tira férias né, sai pra viajar deixa elas aí né. Sempre foi assim... quando elas eram pequenas a gente levava junto, depois elas começaram a ter a vida delas e serviço tudo e... não dá mais né. Mas desde 95 que temos viajado todo ano, 20 dias, 30 dias, eu saio e elas ficam aí. Então... tranquilo. Agora, o projeto de vida é esse né, não queremos muito mais que isso.*

Entrevista 2

Entrevista com pai e mãe de 3 filhos homens. O mais novo: Paulo (24 anos) e o mais velho: Rodolfo (31 anos) ainda moram em casa. O filho do meio (Beto), é casado e não mora mais em casa.

E - então assim, antes eu preciso saber dados pessoais, mais de identificação né, a profissão de vocês, escolaridade, idade e dos filhos também...

Pai – bom, eu tenho 55 anos, sou formado em ciências contábeis, e hoje eu sou...a minha vida inteira profissional foi na área comercial e hoje eu sou diretor de uma empresa Austríaca aqui no Brasil – os filhos, o nosso filho mais velho, tem 31 anos, é engenheiro mecânico, o do meio tem 29 anos, é casado, tem 2 filhos, uma com 7 e um com 3, e o mais novo que tem 24 e esta se formando agora na área de marketing...

E – e quem mora em casa é o mais novo e o mais velho?

Pai – sim...

E – e qual é a profissão do mais velho, no que ele trabalha?

Pai – o mais velho, ele é vendedor técnico da NFK, vende rolamentos...e o mais novo, ele trabalha na área de marketing numa empresa de sabonetes e cosméticos...

Mãe – eu tenho 49 anos, sou dona de casa, fiz até...o segundo grau né...só...

E – ótimo...então assim, geralmente quando um casal tem filhos né, eles imaginam que um dia esses filhos vão sair de casa – quando vocês casaram, quando que vocês imaginaram que o filho ia sair, o que vocês pensavam quando tiveram o primeiro filho, que ele fosse sair quando?

Mãe – eu nunca pensei, acho que caiu a ficha quando o mais velho tinha 12 anos e ele queria fazer Agulhas Negras né, e aí que eu peguei e falei: “meu Deus, sair de casa, com essa idade”...aí que eu tomei consciência de que eu teria que aceitar e que eles vieram pro mundo né, e aí eu comecei aceitar, porque ate então eu não tinha né pensado nisso, de meus filhos saírem de casa...

Pai – eu nunca pensei no assunto...eu sempre tive a idéia de que eles sempre iriam sair um dia...

E – mas não pensava quando...

Pai – não pensava quando, e que a hora ia chegar naturalmente...nuca sofri com isso e nem pensando deles sair e nem pensando em segura-los, não foi uma coisa que me incomodou...

E – e quando e como vocês começaram a perceber - o Rodolfo é o mais velho né – que ele iria permanecer mais tempo morando com vocês?

Mãe – quando...

E – quando e como?

Mãe – *como é pelo jeito dele, mas quando eu não sei...não consigo lembrar...pelas atitudes...*

Pai – *eu acho que foi depois que ele se formou eu acho, depois da faculdade...pra mim, eu comecei a sentir...porque ali era um momento que eu imaginava eu no lugar dele, se eu tivesse uma condição financeira eu sairia...*

E – ao se formar...

Pai – *é, ao me formar...e aí eu percebi que nada ia...aconteceram alguns problemas em ele se adaptar no primeiro emprego, teve problemas, foi uma fase difícil...ele se resolver com o que aconteceu nesse primeiro emprego, foi uma frustração muito grande, aí depois houve uma segunda tentativa, ou seja, ele não teve assim, um começo profissional saudável...deixou algumas marcas, algumas coisas, então, agora ele tá vivendo um ano de emprego e então tá pra começar a pensar nisso aí, dele sair...mas eu senti isso quando ele tinha uns 25, 26 anos...*

E – e como é que foi pra você perceber isso, que ele ficava, e chegando a hora dele sair?

Mãe – *não, não é que tava chegando a hora...a vida de cada um e o modo de cada um ser é diferente...o mais novo, desde os 12 anos, que é o caçula, ele sempre trabalhou, em buffet com criança, ele sempre teve o dinheiro dele, ele nunca gostou de pedir dinheiro pro pai, ele sempre foi independente, então, eu olho assim, ele é o caçula, mas eu acho que ele era o mais maduro de todos...o do meio, ele sempre foi rueiro, sempre foi um menino que se dava bem com todo mundo, ele vivia muito lá fora no mundo, então ele tinha experiência do mundo...o mais velho, ele sempre foi um menino muito família, muito “eu me sinto muito inseguro”...no final da faculdade dele ele teve problemas com segurança, teve que parar...e depois, como ele falou, no serviço também...então, agora que ele tá se fixando e mesmo assim, ele se sente as vezes com muita insegurança no modo dele pensar, dele agir, com as pessoas né, então, a gente via que ia demorar sabe, mas que se a gente não tomasse uma decisão dele sair de casa...não que a gente tá mandando embora, seria pior pra ele...quanto mais tempo ele ficasse com a gente, mais inseguro ele ia ser né...então, a gente vê que apesar dele ser o mais velho, é o mais inseguro em tudo e o mais apegado a gente...os três são muito apegados, cada um consegue sair, por exemplo, o do meio e o mais novo... sair pro mundo e se ficar longe da gente, é sem sofrer...o Rodolfo... ele continua morando aqui, mas tá saindo de casa, mas tá sofrendo né...ele tá aceitando, mas no fundo, no fundo, ele tá sofrendo...*

E – então assim, pelo que eu entendi, vocês decidiram... foi um fato assim, uma decisão familiar...

Mãe – *minha e dele...mas mais dele...*

Pai – *foi mais o seguinte, eu trabalho em Campinas, então eu ia e voltava todo dia, aí depois de um ano eu resolvi alugar um apartamento lá porque tava me cansando...houve um período em que ele morou comigo lá, trabalhava comigo lá...depois ele saiu da empresa e voltou pra São Paulo, aí a Mãe resolveu fixar de vez, ficar comigo lá a semana inteira, porque ela ficava aqui pra cuidar dos meninos e da casa...e nessa de ir pra lá, eles ficaram os dois sozinhos aqui, então, foi uma maneira deles ficarem de segunda a sexta, deles se virarem com comida, com o dia a dia da casa...e nessa começou, Paulo se manifestou com vontade de ir morar sozinho, por problema de...não digo que seja problema de relacionamento, mas eles são muito diferentes um do outro...*

E – os irmãos?

Pai – *é, os irmãos...então, havia cobrança por parte de um com o outro, um é muito organizado e o Paulo é relaxado, então havia aquilo...o Paulo já tinha manifestado o interesse dele de ir morar sozinho, que é um sonho dele, que ele quer ter o espaço dele, a liberdade, levar os amigos, enfim, muitas vezes ele se sentia meio que tolhido nisso de trazer os amigos pra casa, porque não podia, ou por causa do irmão, ou por causa da gente...e ai, decidiu-se o Paulo de sair, ai ele definiu o apartamento que ficou pronto agora o mês passado e mês que vem ele estaria mudando, e ai, o Rodolfo ficou sozinho também, aqui neste apartamento, então, ai que nós decidimos em função de circunstâncias minha da empresa; a empresa não ta muito bem, não sei se eu continuo na empresa ou se não continuo, e em uma opção de eu baixar, de se reduzir despesas, seria a maneira também dele começar a vida dele, tocar a vida dele, então, em função desse quadro é que a decisão foi nossa, de expor pra eles o problema...em julho pode ser que eu perca o emprego ou continue; se eu perder o emprego, vamos ter que se mexer, vou vender esse apartamento, porque não tem sentido ficar esse apartamento enorme...são quatro dormitórios...então, eu e ela poderemos muitos bem ficar em Campinas, no apartamento que já tem e o aluguel é muito barato, e reduzir as despesas, e eles, cada um assumiria a sua despesa...eu to dando um apartamento pra cada um começar a sua vida, então, é a minha...meu dever, desde quando eu tive os três, de formar cada um e dar um apartamento pra eles formarem a vida, então dei pro casado, e agora pra eles dois...então, foi em função disso que a gente decidiu isso, e especificamente no caso do Rodolfo, foi pra que ele amadurecesse um pouco, pra ele saber que não pode reagir de determinada maneira com o chefe ou com o colega de trabalho, ou com quem quer que seja, porque aquilo pode acarretar ele perder o emprego, e se perder o emprego ele não tem como pagar a despesa dele...estando aqui, é filho, então é muito fácil, você reage e decide como filho, então é diferente de quando você ta sozinho, mas nesse sentido é que foi minha linha de raciocínio...*

E – entendi...essa decisão de estimular ele sair de casa, é pensando também na vida profissional, emocional...

Pai – sim...

Mãe – *é por isso mesmo, porque a gente sabia que quando fosse falar isso pra ele, iria ser difícil pra ele, iria ser um choque, como foi...que foi até no pior dia, que a gente chegou aqui durante a semana, que é um dia que a gente não ta, ele viu o carro na garagem e ele veio na maior alegria e disse: “como é bom ver vocês aqui, eu fico muito feliz...” e a gente sempre fala isso pra ele; e ao mesmo tempo por esse problema, então foi o motivo, uma desculpa da gente fazer e acontecer isso né, porque se a gente fosse falar isso pra ele, ele ia sentir sabe, que a gente ia por ele pra fora, como as vezes ele mesmo brinca né: to sendo mandado pra fora...ele põe assim né, o pé... mas na hora ele chorou, ficou mal..a gente pensou que ele fosse reagir assim sabe. No dia ate falei que a gente ia ter problema com o Rodolfo, e eu falei que já tava esperando isso, mas depois, toda família, não só nós, a mãe dele [do marido], a minha mãe, acho que todos não só conhecem o Rodolfo, mas começaram a incentivar, deram coisa pra ele colocar no apartamento, ai ele, sabe...*

E – começou a estimular...

Mãe – *é a estimular, ai hoje...*

Pai – *e ele começou também a ver o lado positivo né, até hoje conversei com ele, que a gente foi levar coisas lá pro apartamento e mostrei o lado positivo, a liberdade não tem dinheiro que paga, você tem seu espaço, você leva lá quem você quer, vai dormir a hora que você quer, larga teu sapato onde você quer, então...*

Mãe – *mas o Rodolfo é um menino muito sozinho, amigo ele não tem, o que ele tinha ele também...*

Pai – acabou...

Mãe – acabou...só que ele tem o gênio muito assim...ele quer as coisas tudo certas e ninguém é certo, então, pra ele ser feliz, o que ele faz?...ele vai eliminando as coisas, as pessoas que incomoda ele, e ele já viu que ele tá sozinho...

Pai – isso talvez seja o motivo de eu faze-lo viver essa experiência...

Mãe – de sair de casa...

Pai – sim, porque ele vai ver, o irmão era chato, bagunceiro, a namorada, era chata e não sei o que, mas era uma boa companhia, então, a solidão vai fazer ele repensar alguns valores, repensar...ou se ele vai ficar sozinho, que fique sozinho, fazer o que, então, é nesse sentido que foi forçado...

E – como é o papel de cada um de vocês na vida dele, do Rodolfo, como é que é em casa hoje?

Mãe – o papel?

E – o papel de pai e de mãe...

Mãe – olha, ele é assim...eu acho, que ele sente muito ciúmes de mim, eu lembro que quando ele era pequeno, ele falou uma vez assim pra mim: que ele queria ser o único filho, pra ter tudo só pra ele, não só como as coisas materiais, mas como o pai e a mãe...e ele se dá muito bem com o pai, se entendem, conversam muito bem, agora comigo é difícil, o pouco que a gente conversa, logo já começa a discutir, ficar de mal...hoje mesmo, do nada ele ficou de mal de mim, mandou eu ficar quieta...ai eu falei: não entendo, não consigo conviver bem com você, eu tenho que ficar em silêncio...mas aí ele vem, conversa, pede desculpas...é difícil, eu falo pra você viu...

Pai – é que eu tenho a visão de vocês dois, eu vejo vocês como coisas muito iguais, por isso que...

Mãe – por que? nós somos iguais?

Pai – em muitas coisas, muitas coisas...então, dá o choque...ele quando pede alguma coisa, já somatiza tudo, já cria um cenário sempre pro lado negativo, não consegue ver pelo positivo, então, e ali já chega naquilo, briga com você sem você saber e numa que você fala alguma coisa já põe pra fora, foi o que aconteceu hoje...

E – mas no que isso interfere hoje, no papel de ser mãe de um filho adulto morando junto, ou outros papéis assim...?

Pai – o que eu acho que é mais difícil na minha opinião, é que as coisas, naturalmente, elas deveriam...você tem um filho pequeno, você tem uma realização de ter uma criança, um filho, desejo de ser mãe, ou de ser pai, e quando ele vem, ele vem perfeito, é uma alegria, tudo que você queria...a família, principalmente o primeiro filho que foi ele, e em cima dele é só carinho, alegria e tudo mais; quando veio o segundo filho, no nosso caso, quando decidi, nosso filho com um mês teve que ser operado, então toda concentração da primeira fase, em termos de concentração, foi em cima do outro...vamos dizer que tenha havido algum trauma de rejeição naquela fase que a gente viveu, e aí veio o terceiro filho, e tudo isso paralelo a família...e quando eu casei, a gente não tinha casa, a gente tinha uma vida assim, bastante difícil no começo de casado, o segundo pegou eu já bem empregado e o terceiro melhor ainda, e que tudo tem uma interferência... e no meu entender, sem querer passar isso pra eles e muito menos pra ela, é que quando chegasse o pós faculdade, cada um fosse tocando sua vida, arrumar emprego não sei aonde, na outra cidade, no outro estado ou fora do

país e fosse...; quando isso não aconteceu, inconscientemente a gente continua criando eles como filho, como criança, chamando ele de Rodolfinho, Paulinho, Betinho..você passa...não sei se é uma carência sua por carinho, você continua tratando eles daquela maneira, então eu acho que nossa falha foi num determinado momento que você tem que tratar como um adulto normal, é seu filho, não tratar como seu filho e em determinado momento ele é um adulto, eu acho que deveria prevalecer um novo espaço da pessoa pra que a coisa seja você discutir problema, discutir algumas coisas e inclusive isso, de sair de casa ou de não sair, de uma maneira mais assim, mais madura, mais adulta...

E – então pelo que eu entendi, você ta falando que o papel hoje seria mais num nível igual, de...

Pai – *deveria ser...no nosso caso...*

E – como é que é então o papel de pai, como deveria ser?

Pai – *deveria ser, o papel de pai, filho...de eu ficar interferindo em algumas decisões deles, em algumas coisas que eu acho que eles deveriam fazer diferente...então, se eu falei uma vez e não acatou, então acabou, viro as costas e deixo ele fazer, deixo ele errar, deixo ele aprender; e a gente fica muito, fica sofrendo muito, desgastando muito, tipo com criança pô...sabe, você quer fazer, faz, depois se der errado você...então, isso a gente passou muito pra eles, e talvez tenha criado uma dependência deles de estar sempre sabe, de saber que a gente ta olhando pra eles...e deles não terem se assumido tanto, muito com o Rodolfo, menos com o Beto e menos ainda com o Paulo...então talvez daí explique a libertação do Paulo, então nós fomos muito mais pais do que deveríamos ter sido...*

E – e ai é assim, eu fico pensando nos papéis que geralmente tem de mãe assim, ate de jovens, como é que é com eles, tipo, de arrumar a cama, quarto, fazer comida, como é que são esses papéis assim, amizade, compromisso...

Mãe – *não, eu acho assim, eu vejo que eu to bem fora assim desse mundo que é agora, porque eu adoro ser mãe, dona de casa e avó, então, que nem hoje com o Rodolfo conversando, então ele falou assim; que ele não quer que...e ai eu disse: Rodolfo, eu tenho medo ate de entrar no seu quarto, de pegar alguma coisa, de limpar ou de tirar fora do lugar, você não aceita...eu entro no quarto do Paulo com a maior liberdade, mas ao mesmo tempo que eu to arrumando o quarto do Paulo e você passa, eu me sinto incomodada, porque eu penso assim: oh, ela ta arrumando o do Paulo, o meu ela não arruma...então, eu não sei como agir com você...então, o meu sonho é ter uma casa grande ou um apartamento grande e todos em casa, todos...*

Pai – *inclusive a nora...*

Mãe – *a nora, o neto...aí... já ate tava aceitando diferente, cada um deles casado, na casa deles, mas que cada um tivesse o seu quarto aqui, eu queria ainda morar numa casa grande, que cada um voltasse com sua esposa, seu filho, que eles tivessem ainda as coisas deles, o quarto, domingo, fim de semana, o almoço em casa, mas...pra mim ta sendo difícil assim lidar com isso, eu já aceitei porque eu vi que é a melhor coisa pra eles...o Paulo, que nem, o pai já tinha comprado pra ele ate geladeira, e eu falei outro dia isso, o pai falava: eu vou comprar um microondas assim, assim, eu dizia que tinha tanta esperança que o Paulo mudasse de idéia e eu enrolei, não deixei ele comprar, então, a minha esperança era que o Paulo mudasse de idéia, e ai o Rodolfo também não ia ter que sair né...*

E – é qual o sentimento que fica assim, em relação a isso?

Mãe – *pra mim...agora não to assim, é lógico que o que eu queria era todos em casa né, mas...*

Pai – *é como eu falei, vai continuar a mesma coisa, porque de fim de semana a gente vai ta junto...*

Mãe – *mas não é a mesma coisa, é que nem o Rodolfo falou, ele sabe que a qualquer hora a gente chega, na casa dele não é a qualquer hora que a gente vai chegar, nós podemos ate vir pra São Paulo e não passar na casa dele, então, sabe, é diferente de você morar na mesma né, então é assim, eu acho, eu aceitei por que?...porque eu cheguei a perguntar duas vezes pro Paulo: é isso que você quer ou é por que o seu pai já comprou o apartamento...*

Pai – *isso que eu falo que é ser mãe, mãe...não devia ser mãe, devia ser adulto, você ta feliz?...tô, não precisa perguntar uma segunda vez, essa segunda vez é o nosso jeito pai e mãe de...*

Mãe – *claro, mas eu não conseguia ver...*

Pai – *claro que a gente passava pra eles sentir o que é da nossa vontade, sabe, ela queria dessa segunda vez que entendesse que não era da vontade dela que ele fosse...*

Mãe – *não, queria ver se ele tava feliz, aí quando eu senti que ele falou: não, é isso mesmo que eu quero...aí eu consegui entender porque, e o Paulo, ele não fala, principalmente porque seria por causa do irmão, é que o irmão tem outro estilo e ele se sentia incomodado...*

Pai – *ela não arrumou o quarto do outro porque o outro arruma...*

Mãe – *não, mas as vezes ele deixa...e o Paulo, ele as vezes fala: mãe, eu não quero que você arrume minha cama...nem o quarto daqui, não custa...*

Pai – *fecha a porta então...*

Mãe – *mas eu gosto de arrumar, é uma coisa que eu gosto...o Rodolfo falou: mãe, eu prefiro que você fique sentada vendo televisão, que você vá fazer suas coisas do que ficar arrumando a minha cama...mas é um caso meu, de ajuda-lo, então...*

Pai – *é que ela não foi no nosso quarto hoje... (risadas)*

E – *então, como são negociadas com o filho mais velho, com o Rodolfo, essas questões de autonomia, independência e responsabilidade?...eu acho ate que vocês já falaram um pouquinho, mas só pra aprofundar um pouquinho mais essa questão da autonomia dele, independência né, e a responsabilidade...autonomia sendo algo assim mais emocional, a independência mais em termos de compromissos, de assumir mesmo a vida, e de responsabilidade, de compromisso, trabalho...como é que são negociados com ele, em questão de horário, em questão de trazer gente em casa, namorada dormir...*

Pai – *isso ai nunca tivemos nada, tiveram total liberdade de trazer quem eles quisessem, nunca teve nada...se a gente visse alguma companhia, amigos deles, alguma atitude que não era legal, ai eu interferia...*

E – *mas isso hoje né, eu não to falando lá de...*

Pai – *mas hoje não tem mais, ele, os três na verdade, eles sabem muito bem como eu sou, o que eu gosto e o que eu não gosto, e eles...*

E – *respeitam...*

Pai – *respeitam e não fazem nada que vá me contrariar...não por eu ter passado isso de uma maneira ferrenha, nada...eles sabem que eu não gosto e não me aborrecem, até me agrada muito porque eles respeitam o meu espaço né...*

E – *em termos assim de independência, o que eles fazem com o salário deles, se eles precisam ajudar alguma coisa no orçamento...*

Pai – *não, nunca pedimos nada...*

Mãe – *mas a partir do momento que eles começaram a ganhar o salário deles, roupa nunca mais, remédio, se eles precisam eles compram, mas se eu to junto eu compro...*

Pai – *mas é isso que é ser mãe, esse é o nosso lado que se eu pudesse voltar no tempo eu corrigiria sabe, não ser tão pai, tão mãe...*

E – *por que?*

Pai – *porque eles acomodam, eles sempre continuam filhos...é gostoso, é muito bom, mas eu me libertei disso, eu vivi isso e me libertei, e quando eu me libertei foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu na minha vida...*

E – *essa era a próxima pergunta, isso aí, já tá respondendo...olha só, em que momento e como foi essa saída de casa de vocês com os pais de vocês né, como é que foi, quando que foi, que idade que você tinham, como foi o processo e se vocês percebem alguma semelhança ou diferença de como tá sendo com os filhos de vocês?*

Pai – *não foi igual, a gente vivia...nós casamos em 75, a gente vivia na década de 70 uma fase maravilhosa da vida no Brasil, acho que você já cansou de ouvir dos seus pais...então, eu nunca, nunca fiz planos na minha vida, comecei a fazer planos depois que eu casei, até então, eu não tinha...a gente namorava...quando eu conheci a Mãe e a gente namorava, eu estava a procura de um sogro, eu tinha namorado há 7 anos uma menina, que o sogro, que esse pai dela era um carrasco, então eu sofria muito, então, quando eu comecei a namorar com ela e ela falou: meu pai é brabo, meu pai não sei o que, aí eu falei: espera um pouco, se for pra pegar um outro eu não vou nem começar...ou eu vou na tua casa, falo com ele e ele me aceita, ou não vamos nem começar...e meu sogro me adorava, assim como eu gostava muito dele, já é falecido...então, eu sabia que ia casar com ela, mas eu nunca tinha feito plano, tanto que a atitude dela insistia pra que a gente ficasse noivo, porque pra mim eu ia pular o noivado...*

E – *mas morava com os pais?*

Pai – *sim, ela morava com os pais e eu morava com os meus pais...*

E – *então saíram pra casar?*

Pai – *é...ai, só que ela casou porque tava grávida, nós casamos porque ela engravidou, então, foi o que forçou a gente a casar, na verdade acelerou uma coisa que talvez fosse acontecer em mais um ano, dois anos, e com certeza por pressão dela, porque eu também não enxergava, por que?...porque minha vida de filho era muito boa, então, eu nunca tive aquela, sabe, aquela preocupação de enxergar, de...eu tive uma...*

Mãe – *eu já penso diferente...*

Pai – *a gente ta falando a minha, to falando a minha...*

Mãe – *depois eu quero falar...*

Pai – *é...pra mim era muito cômodo, muito cômodo, eu tinha carro, tinha comida, tinha dinheiro, tinha tudo e namorava, então por que eu ia casar né...então, quando aconteceu, decidimos que vamos casar e ai que eu comecei a correr atrás de tudo...*

E – *tu não trabalhavas na época?*

Pai – *trabalhava com meus pais, mas eu não considero um trabalho, eu ajudava...meus pais tinham uma pequena industria e eu ajudava eles lá na industria, mas eu tirava muito mais do que eu merecia, se fosse computar gasolina do carro, dinheiro que eu saía e tudo mais, então, quando eu sai e que a gente casou, eu fui trabalhar com o meu tio, e foi quando eu dei entrada no apartamento, minha tia que gosta muito de mim me ajudou...vai comprar, porque se você não conseguir pagar eu te ajudo...foi aquela, vai que eu to atrás né...e eu fui e Graças a Deus eu consegui a trancos e barrancos pagar o apartamento e foi minha primeira libertação...só que nessa relação com esse meu tio, eu adorava ele como tio, mas como patrão ele...era muito rígido, uma tranqueira como patrão, tudo...e ai, depois de um ano eu resolvi sair de trabalhar com ele porque a gente não ia acabar bem a relação de tios...*

E – *nisso você já tava casado?*

Pai – *já...tava casado...*

E – *vocês casaram com quantos anos?*

Mãe – *eu ia fazer 18 anos...*

Pai – *ela foi antes de completar 18 anos e eu tinha 23...ai eu tive que voltar a encostar nos meus pais lá na fábrica...fiquei acho que mais um ano...nesse período nós mudamos lá pra mais perto de onde minha mãe morava, e meus pais passaram a pagar o aluguel de onde eu morava...foi um ano terrível, sabe quando você deita na sua cama e você não se sente dono daquele espaço?...e ai foi quando eu tive a iniciativa...*

E – *porque seus pais pagavam?*

Pai – *é...já tinha casado...e ai fui buscar um emprego com um amigo e a partir daquele momento quando eu comecei a pagar minha contas, pagar meu aluguel, ali pra mim foi a maior felicidade da minha vida, ali foi, nesse momento que eu me libertei pra fazer as coisas conforme dava pra eu fazer, e ai eu acho que a gente foi crescendo também como família,*

como casal e fomos evoluindo...Graças a Deus, de lá só foi agregando, crescendo, aí veio o Paulo que era o terceiro, já tínhamos o Rodolfo e aí veio o Beto, aí fomos pro interior, e então...mas a minha libertação foi depois de casado...

E – mas tem uma semelhança na questão de ter uma vida boa, acomodado, isso é uma semelhança né...

Pai – *sim, sim...*

Mãe – *mas eu já vejo diferente, tanto dele, que nem ele falou que não precisava casar, nada, eu via uma coisa diferente...*

E _ na época?

Mãe – *é...porque ele é o mais velho, a mãe perdeu um outro filho né...ele, o pai dele é surdo, então ele e a mãe é que trabalhavam...*

Pai – *meu pai é deficiente auditivo...*

Mãe – *deixa eu falar...aí, ele e a mãe é que trabalhavam na fábrica, o pai quase não trabalhava, então eu via que ele não queria abandonar a mãe, porque se ele casasse ele ia ter que assumir uma família...*

Pai – *nunca pensei isso...*

Mãe – *era minha visão, entende...então ele, apesar de que nem ele falou, que a mãe fazia mesmo as coisas que ele queria, ganhava mais e tal, mas a segurança dela toda, era ele...tudo era ele, os irmãos respeitam ele, era tudo mais ele... ele é o mais velho entende, tanto que minha sogra na época – ele pode até se ofender – ela me via como uma rival...*

E – porque você tirou ele de casa...

Mãe – *é, tirou...então é difícil pra uma mãe aceitar um filho casando, principalmente com toda essa coisa, ele se sentia perdido em todos os sentidos né, então, eu enxergava assim, que ele não tomava uma atitude nesse sentido, de não largar da mãe, de não abandonar a mãe...*

Pai – *não esquentava a cabeça com nada...poucas coisas me tira o sono, me tira...mas...*

Mãe – *agora o meu lado né, que eu queria saber também...*

E – foi pra casar?

Mãe – *é, foi pra casar, porque o meu sonho era esse, ser mãe, dona de casa, então, eu me apaixonei por ele, então é tudo que eu queria, eu queria sair mesmo...não porque...que nem, meu pai era bravo, mas eu adorava meu pai, eu era muito amiga do meu pai, então, eu não sai por uma fuga, eu sai pela minha felicidade, pelo meu sonho e consegui realizar tudo aquilo que eu queria...*

Pai – *e foi muito bom, isso que depois eu tentei passar pra eles, só que o primeiro saiu casado [filho do meio], na mesma situação, engravidou...a decisão deles morarem juntos já tinha sido tomada, aí então eles vieram conversar com a gente que já tinham tomado a decisão e que eles iam alugar uma casa, só que ele já tinha tirado ela da casa da mãe dela...*

E – quantos anos ele tinha?

Pai – *23...o Beto foi um menino que nos deu muito trabalho, com drogas, com tudo, então eu acho que tinha que ter muita habilidade pra lidar com o Beto...e como a menina era uma menina que se mostrou que iria somar na vida dele, e nós gostamos muito dela, a gente acreditou que fosse um bom caminho pro Beto, então a primeira coisa que falei foi que vocês vão casar...ele trouxe antes pra morar em casa, se você trouxe pra morar em casa, pra mim vocês já estão casados, mas vocês vão casar, perante padre, pastor, numa igreja, mas vocês vão assumir um compromisso com Deus e vocês vai casar no papel pra vocês terem compromisso com a sociedade, eu falei que não vou aceitar se vocês brigarem e ela sair pra casa da mãe dela e depois de uma semana ela voltar...*

E – então primeiro eles vieram morar aqui?

Pai – *na minha casa...a regra é essa, se vocês brigarem, vocês vão ter que se acertarem aqui dentro, nenhum dos dois vai ficar saindo mudando, saindo e voltando, porque se sair nenhum dos dois volta mais...e ai fui pondo uma regra porque pra mim eles já eram casados, tinham que estar casados, não era namorinho moderno que brigava e ia embora e no dia seguinte tava de volta...ai eu falei que a única coisa que eu do conselho é que vocês estão começando a vida agora, espera um pouquinho pra arranjar nenê, já vai ser difícil o começo e com uma criança vai ser mais difícil ainda, e meu conselho acho que durou uma semana...(risadas)... mas ai Deus ajuda muito a gente e ai acabamos achando uma casinha, e tava nas minhas condições de comprar e sei dizer que foi a saída dele, e Graças a Deus, com toda a conturbação que ele teve na fase escolar dele, porque ele não se formou em curso superior, porque ele tentou ser jogador de futebol, foi jogador profissional do Palmeiras, e quando ele já era junior e tava numa escala que ela já ia...tava ate recebendo um salário mínimo e tudo, mas ai quando ele ia evoluir ele decidiu largar tudo, não era o que ele queria e ai pra sair atrás do prejuízo em termos de escola, é difícil você casado e tudo...e ele tem uma estrela muito grande, tem uma comunicação muito boa, ele é muito dado, ai...eu sempre falei, escola é uma coisa muito boa, se vocês não tiverem escola vai ser muito difícil...o mais velho se ferrou pra se formar, era de madrugada eu vinha na porta dele luz acesa e ai vinha ver, ele tava estudando, principalmente no ultimo ano, e o outro, vagabundeava...e o que acontece, o cara se forma, o mais velho e fica um ano desempregado e o vagabundo arruma um emprego no vestiário de futebol...e então, pô, eu vou com tua cara, acho você legal, tão abrindo uma vaga pra vender elevadores lá na empresa que eu trabalho...ai ele falou: eu? vender elevador?...imagina...não, mas você tem jeito, e não sei o que...mas ai nem terno, bom, arranjou terno emprestado, e foi lá e saiu empregado, então, você imagina dentro de casa o mais velho assimilar isso, ele mandando currículo e o outro arruma emprego numa multinacional pra vender elevador...quer dizer, foi tudo um choque né, “tudo dava errado comigo”, bom, e ai foi a libertação dele com muita ajuda nossa, ajuda financeira e ajuda de presença, de conversa, conselho e espiritual, e ta se libertando...*

E – e o senhor viu uma relação daí então, pelo fato dele estar em casa, casado, e o senhor viu uma relação com sua história pessoal?

Pai – *o Beto é muito parecido, muito, muito do que foi a gente...*

E – mas o Rodolfo que é o que continua em casa...

Pai – *é, por ele, ele não sairia...*

E – o que mudaria na vida de vocês como casal, ou o que vai mudar com a saída do filho ou dos filhos, e como é vivida a conjugalidade hoje?...como é que é ter um casal com outros adultos em casa, o que mudaria?

Pai – *hoje a mãe é 25% esposa, mulher, namorada, e 75% dona de casa e mãe...*

Mãe – *é por isso que ele quer os filhos fora...ele quer eu só pra ele ta entendendo...(risadas)...*

Pai – *eu casei com ela porque eu a amava e continuo amando, entre nosso casamento e até agora, só foi vida de filho, então agora ela tem que cuidar de mim não tem?...o que eu quero é ter total liberdade, o que no nosso começo de casado a gente não teve...*

Mãe – *alem dele viajar muito, ele só viajava...eu criei os meninos sozinha, e ele viajava e eu ficava com os três...faz o que, uns 2 anos que a gente ta ficando junto assim...ele fala que é por isso que o nosso casamento deu certo, mas não é, ele sabe que não é...mas que a gente ta junto, que a gente almoça, janta junto, faz uns 2 anos mais ou menos né, porque sempre ele tava, de fim de semana ele tava em casa, mas a semana inteira ele tava viajando, tinha época que passava um mês fora de casa...*

Pai – *não, muito raro...*

Mãe – *ah, mas teve viagens...*

Pai – *mas muito raro...muito raro...*

Mãe – *ta, então 15 dias...*

Pai – *ta, mas era raro, era uma semana aí...*

Mãe – *mas toda semana você estava longe...*

E – então hoje essa conjugalidade é vivida 25% e mudaria passar pra 100...(risadas)...e qual é a sua resposta mãe, passar por isso?...o que mudaria na vida do casal a saída do filho e como é o casal hoje?

Pai – *(risos) na verdade eu respondi brincando, mas na verdade nós vamos ganhar liberdade, se a gente decidir qualquer coisa que a gente tem que decidir, vamos pra Santos, vamos pra não sei aonde, é só nos dois, não precisa ver se os meninos, não envolve mais gente entendeu, então eu acho que nós vamos ganhar liberdade, eu enxergo dessa maneira, alem da minha enorme satisfação e alegria de vê-los independentes, pra mim é o mais gratificante ver eles tocando a vida deles...*

Mãe – *então, é isso mesmo...(risos)...mas você sabe que, eu já pensei mas ainda não falei, porque a mulher tem que ter sabedoria né, de saber a hora e o momento de falar pro homem, pode ate não ser esse o momento, mas eu já vou ate prepara-lo, o que eu quero, mesmo que os meninos estejam cada um na sua casa, quando eles puderem e quiserem, de fim de semana eu quero almoçar com eles...(risos)...eu não quero ficar passeando todo fim de semana pra não ver meus filhos...*

Pai – *não... todo fim de semana, de sexta agente pode...(risos)...eles vão ter a chave aqui de casa, a hora que eles quiserem...*

Mãe - não, da gente se encontrar...

Pai – lógico que a gente vai se encontrar...nos vivemos com o Beto em Campinas durante a semana..tem que ver se eles vão querer...

Mãe – é o que eu falei, se eles quiserem...você ta de prova que eu falei, se eles quiserem...

Pai – você se prepara pra ver...

Mãe – ótimo, aí eu vou passear com você mais alegre ainda porque eles não querem...(risos)...pior se eles quiserem e você não...

Pai – não, a não ser que tenha algum motivo que justifique...

E – então em relação a essa vida, de como seria o casal depois que eles sássem, veja se eu entendi bem, tu querias continuar dividindo um pouco esse papel de mãe e de esposa...

Mãe – é...é...que nem o exemplo do Paulo né, pois ele vai morar aqui na mesma rua, porque eu fico meio preocupada com o Paulo em termos de alimentação, porque ele é meio preguiçoso, ele é preguiçoso de comer...ele fica no computador, no estudo dele e fala que ta cansado e que não vai comer nada e ele acaba ficando doente; o Rodolfo, ele não come, mas come uma barrinha de cereais, come uma fruta, ele se alimenta, então a minha preocupação com o Rodolfo não é de se alimentar...eu vou la na casa dele e vou ter que dar um jeito de deixar umas coisa pra ele fazer, pegar roupa pra lavar... no começo eu ficava pensando como eu ia fazer pra não magoar os outros, mas agora eu me libertei, agora vai ter que se virar, porque também agora ele vai morar com outro junto com ele, então eu não vou mais ter liberdade de entrar na casa dele, deixar roupa na portaria, eu não vou mais fazer isso, ele vai ter que se virar, e pro Rodolfo, que nem eu falei, ele tem o limite dele, eu não vou chegar na casa dele, porque o dia que ele me chamar sim, mas eu não teria a liberdade de ir que nem eu teria de ir na casa do Paulo, então agora...

E – entendi...agora a ultima pergunta, que conselhos vocês dariam hoje a partir da experiência que vocês tem para um pai ou uma mãe que se da conta que tem um filho de 30 anos e que permanece morando com eles?

Mãe – ah, que ela possa ter a coragem, que ela tenha a liberdade de deixar e ajudar esse filho a seguir o caminho dele, porque quanto mais pajem, pior vai ser pra eles...pra eles, porque pra gente é difícil, no meu caso, mas acho que isso acaba sendo normal e pra eles acaba sendo muito mais difícil, porque é cômodo né, então eles não vão crescer...

Pai – eu já vejo diferente, complementando o que ela falou, precisaria de uma profissional pra orientar, e cada caso é um caso...

Mãe – é, também...

Pai – numa situação assim normal, sempre o pior, o prejudicado é o filho, porque na relação com os pais, ele morando com os pais, fecha muito a porta da liberdade dele, ele fica com a porta da liberdade estrangulada, ele vive a vida dele em função, se for idosos mais ainda, aí vem o coração, a pena, a dó de ficar sozinho...então, eu, se tiver que dar conselho, é por pra fora mesmo, com habilidade de mostrar...

Mãe – *mas é difícil, é difícil de sair de casa...eu não vejo eu saindo...eu sai da casa dos meus pais, mas eu tive a segurança, é como ele as vezes fala, você me vê como seu pai...então eu não me senti abandonado e ter que enfrentar o mundo lá fora, eu acho que o Rodolfo sente isso, eu não senti porque eu tinha ela, tinha ela já do meu lado, agora pra um homem que nem o Rodolfo, que tem o mesmo sentimento como eu, é difícil você enfrentar tudo sozinho, acho que não é fácil...mas cada caso é um caso, tem jovens que já esta acostumado viajar, ficar sozinho, vai na casa de um de outro, o Rodolfo é diferente, é muito caseiro...*

Pai – *ele, pra ele se sentir bem num lugar, tem que ser tudo do jeito dele, e o mundo não é desse jeito...tudo que é do jeito dele, é aqui na casa dele, e ainda com muita briga com o irmão, com a mãe, e respeitando com deve ser, mas acho que é o lugar que mais se aproxima o que é bom pra ele, esse foi o principal motivo de eu forçar essa situação, esse não é o mundo como ele acha que deveria ser...e é isso, meu conselho é ter que conversar e falar com a cabeça não com o coração...*

E – *falar com a cabeça e não com o coração, gostei, é verdade...*

Entrevista 3

Filho mais velho que reside em casa: Vinicius

Filho do meio que reside em casa: Rogério

Filha mais velha que acabou de sair de casa: Dulce

E – O objetivo mesmo assim, é pra eu estar vendo a visão de pai e a visão de mãe né, então a pergunta que eu vou fazer, se sintam a vontade cada um...

Pai - *os dois vão ter que responder?*

E – os dois vão ter que responder, não precisa ser igual, pode discordar, não tem problema nenhum, é pra saber mesmo o que cada um pensa, a gente sabe que tem um pouco de diferença né. Primeiro eu queria que vocês me falassem um pouco quem são as pessoas que moram na casa hoje né, os filhos que vocês tem, o que fazem...de vocês também, a profissão...pode começar...

Mãe – *então, na nossa casa somos eu e o pai e três filhos...a Dulce é a mais velha, tem 30 anos e saiu de casa já há seis meses...tem o Rogério e o Vinicius; o Vinicius é o do meio, tem 28 anos, e o Rogério o mais novo tem 26...*

E – e os dois moram em casa?

Mãe – *os dois moram em casa...*

E – e o que eles fazem?

Mãe – *o Vinicius é design, a Dulce é química e ta fazendo doutorado agora, e o Rogério é administrador de empresa, trabalha na Editora Abril... O Vinicius ele tem escritório aqui em casa e ele leciona na UNI... e a Duce é química, ta fazendo doutorado e trabalha no ...*

E – e vocês, a profissão de vocês, escolaridade...

Pai – *bem, eu sou formado em administração de empresas, mas já estou aposentado...*

E – e tem alguma atividade hoje, como é que é?

Pai – *não, não...eu trabalhei no banco a vida inteira e ai chega uma hora que a gente tem que parar né...é difícil retornar num outro segmento, porque você fica um tempo num segmento, trabalhando naquilo, e banco, banco não tem lugar né, banco na hora que a gente sai, to fora do mercado... mas sou administrador de empresa graduado na Getulio Vargas...*

Mãe – *e eu, eu sou do interior, eu vim pra São Paulo com 19 anos, mas a minha formação é até o magistério só, eu não conclui...me casei e hoje eu...cuidei só da família, cuidei dos filhos todos, e hoje, hoje não, há 14 anos ele já tinha uma certa independência, já tinha bastante responsabilidade com as obrigações dele e ai eu fui para um trabalho voluntário, então eu trabalho no CVV como voluntária já há 14 anos, e isso tem me dado assim uma visão muito diferente da vida, das pessoas, e a minha participação na comunidade...*

E – o que é o CVV?

Mãe – *é o Centro de Valorização da Vida...é uma entidade que trabalha com apoio emocional pras pessoas que passa por momentos difíceis...a finalidade última, primeira alias, é a prevenção do suicídio...é uma entidade que já conta há 44 anos aqui no Brasil...é um trabalho muito bonito... então, lá no CVV o trabalho, ele é feito por telefone, pessoalmente também, nós atendemos por carta e por e-mail...alguns postos também atendem por e-mail...então, as pessoas que ligam pra lá, são pessoas que as vezes estão sem perspectiva de vida, angustiadas, não tem com quem conversar, não tem liberdade, não tem confiança mesmo com os próprios familiares, e elas ligando pro CVV, elas vão obter apoio pelo tempo que elas quiserem, conversando, falando do seu estado emocional, vai ter respeito, vai ter sigilo absoluto, a ligação é gratuita e ela pode ligar a qualquer hora do dia, da madrugada, em todos os dias do ano...*

E – muito legal...e assim, quando vocês casaram né e tiveram filhos, vocês imaginaram que um dia eles iam sair de casa né...como que era isso, quando que vocês imaginavam que eles iam sair de casa...e como foram percebendo que ele ia ficar mais tempo...

Pai – eu nunca imaginei...

E – nunca imaginou?

Pai – não...rsrs...foi até uma coisa assim, eu achava interessante vê-los crescer e ficarem grandes, mas nunca tive assim...anteriormente nunca imaginei que fossem sair de casa...

E – e a medida que eles foram crescendo assim,...como que foi isso, que você começou a perceber que eles iam sair mais tarde, mais cedo ou mais tarde, que poderiam sair?

Pai – é, o que eu notei é que já ta se tornando comum esse tipo de coisa, eles já vão ficando por mais tempo, ate porque a situação econômica do país mudou, as atividades para se alçar vôo próprio estão mais difíceis, antigamente sem diploma a gente ainda conseguia ter um salário suficiente pra casar, pra ter um ganho razoável...hoje em dia não, hoje em dia eles são obrigados a estudar mais, se quiser comprar um imóvel, demora mais tempo pra comprar um imóvel...todo processo ficou mais lento, então, nunca tive assim...um tempo previsto...

E – e se eles ficavam demorando, que não iam sair tão cedo, quando que o senhor começou a perceber?

Pai – ah, isso foi ate por contingência de filhos de amigos meu, comecei a ver que de uns anos pra cá esse processo foi ficando mais demorado, tanto de não casar, de sair e se juntar, de sair para ir se encontrar com amigos, morar com amigos, que isso era um processo mais retardado do que o da minha geração...

Mãe - E eu também nunca fiquei imaginando assim quando eles crescerem , mas eu pensei assim em oferecer o melhor tipo de ambiente, para que eles crescessem com a melhor harmonia e eu pudesse conviver com eles até o ponto que eu pudesse, não é ou seja até o ponto que saísse ou eu não existisse mais, porque eu perdi a minha mãe, perdi a minha casa quando eu era muito nova, com quinze anos, aí eu tive que sair pra morar sozinha eu tive que ter minha vida, ter autonomia, então eu pensava não em eles saírem, mas até que ponto eu estarei perto deles pra vê-los crescer, pra vê-los homens e mulheres, né e eu acredito que nós dois juntos aqui já conseguimos porque eles já são responsáveis, já tem a profissão deles acredito que daqui pra frente tudo correrá bem...

Pai - Eu tenho uma preocupação com o fato de... não serem pais muito tarde e... que nem minha filha, minha filha já tem trinta anos , ela não ter filhos não sei, ela ta fazendo doutorado, então é uma tendência à cada vez mais ter filhos muito tarde , não sei se isso é bom pra eles, é até uma questão física mesmo, engravidar com mais de trinta anos, as eventuais namoradas, futuras esposas dos filhos, que também já tem mais idade, então esse tipo de preocupação eu tenho, não é uma preocupação de ligada à de sair de casa ou não, é uma preocupação de eles ficarem com muita idade pra ter filhos...

E - Entendi, é uma questão pessoal de ser avô ...

Pai - È a preocupação de eles ficarem com muita idade pra ter filhos, mas existe todo um processo, hoje em dia eles começam a trabalhar mais tarde, a ganhar dinheiro mais tarde, tudo mais tarde, casar mais tarde, envelhecer mais tarde, dá pra sentir bem isso...

Mãe - Mas quando você fala isso, em trabalhar mais tarde, aqui em casa já foi o inverso, porque o Vinícius começou a trabalhar com 17 anos de idade , o Rogério começou a trabalhar com 19 anos de idade, a Dulce também trabalhou porque ela dava aula em casa, então sempre eles trabalharam muito cedo...

Pai - Além de trabalhar se decolava mais rápido, as oportunidades que apareciam no mercado eram muito maiores, hoje em dia não, o mercado caiu...

E - e assim , teve algum momento da criação deles que você percebeu que eles tavam demorando um pouquinho... que eles iam continuar morando em casa...

Mãe – Olha, eu não sei porque eu não me preocupei muito com isso, porque o objetivo nosso foi sempre no sentido de ajudá-los no estudo, em fazer a graduação, a pós- graduação nem é .. o Rogério ta fazendo MBA, e o Vinícius já fez uma graduação, a Dulce fez pós-graduação, então a gente fica assim na ajuda, eles querem mais conhecimento, eles querem mais especialização, que bom...O que a gente pode colaborar é no sentido de fornecer a estrutura, porque realmente o custeio de tudo eles é que fazem então eu nunca me preocupei assim...

E- Foi acontecendo...

Mãe - Foi acontecendo...

Pai - *Eu vejo os pais assim, mais como facilitador da vida deles, se eu puder contribuir pra , sei lá eles comprarem alguma coisa porque ta morando em casa gastam menos do que se estivessem morando sozinhos, gastar assim em estudo, eles sabem que terão uma condição melhor de aproveitamento pra poder gastar onde quiser...*

Mãe - *Nós temos o exemplo do Vinícius que comprou um apartamento agora que ele quer, vai se casar daqui uns dois, três anos porque já namora faz um tempo, mas se ele tivesse morando fora, né morando num apartamento, bancando tudo isso né, talvez ele não tivesse, não conseguisse comprar o apartamento...a capacidade dele guardar dinheiro morando em casa é muito maior do que se ele tivesse morando sozinho, então essa estrutura que nós ainda estamos podendo oferecer, que é pra eles poderem ter o dinheiro deles só pra eles, então é isso que a gente vê de grande satisfação , de ainda poder estar aqui , pra ajudá-los...*

E – *Então com essa satisfação, qual é o sentimento que fica em vocês como pais, de ter os filhos morando em casa ainda, já adultos, já trabalhando, já com a própria vida...*

Pai – *Eu acho que eles começam já a valorizar mais esse tipo de coisa, eles começam a ver a gente como agente facilitador, eu não sei se isso vai demorar para o andamento deles, acomodar eles na situação, mas eu vejo assim eu encaro de forma positiva eu não vejo como se eles tivessem aproveitando da situação pra viver, “Ah! Eu vou cair na farrá, vou torrar dinheiro”...eles investem o dinheiro em estudo, em imóvel a gente percebe que ta sendo bem...*

E - *E o que o senhor acha, o que o senhor sente...*

Pai – *Isso me deixa satisfeito. Eu vejo que eles estão investindo neles próprios, ou seja ta lá bancando o futuro deles com essa oportunidade de estar morando aqui em casa...eu vejo que pelo menos até agora estão bem encaminhados...*

Mãe - *Eu sinto assim uma realização, assim eu me sinto vitoriosa eu acho que...eu me sinto assim bem dentro do papel mesmo de pais que nós estamos eu vejo com muita alegria termos ficado até esse momento todo esse tempo nós todos juntos, e como meu marido falou, eu sinto assim um respeito muito grande né, nós respeitando nossos filhos e nossos filhos também com um respeito muito grande, então dentro dessa harmonia que eu acredito que nossa família se formou, pelo respeito fundamental de todos, e temos muito diálogo, então tudo isso eu acho que favoreceu a gente ficar juntos até agora, mas torcendo muito pra que saiam na hora certa, que achem o momento certo, assim a gente convive muito bem...*

E – *Vocês falaram um pouquinho de quando vocês saíram né, você também falou um pouquinho de quando saiu de casa... Eu queria que vocês falassem um pouquinho mais disso agora, pra vocês como foi sair da casa de vocês, sair da família de origem de vocês, se foi também mais tarde, com que idade foi, como foi...*

Pai - *Eu sempre morei em São Paulo, nasci, trabalhei, e sempre vivi em São Paulo, e acabei saindo de casa com vinte e sete anos pra casar...*

E - *O que já era um pouquinho mais tarde pra época não é ?*

Pai – *Era um pouco mais tarde sim, mas com uma diferença naquela época era diferente, dava pra comprar apartamento, dei entrada num apartamento, comprei um automóvel, a possibilidade de bens era muito grande, então casar foi uma extensão assim, natural, era uma fase , a gente tava namorando, aí pensamos vamos casar, era natural, foi um processo assim não traumático foi natural. Eu morava aqui na vila Mariana, meus pais no Brooklin, era relativamente próximo, deu pra conviver, nos finais de semana íamos na casa deles e eles vinham também , foi um processo assim, não foi uma mudança muito grande, Demorou três anos pra ter o primeiro filho , a gente passou uma fase assim de lua-de-mel um pouco maior, aí a gente foi fazer os filhos assim com uma estabilidade...*

Mãe - *E comigo, eu morava no interior essa época, eu era a última filha de sete filhos e na época a gente era só em três em casa e a minha mãe morreu e houve assim tipo uma depressão que meu pai teve e chegou num ponto que não dava mais pra continuar na casa, e aí meu pai resolveu que eu tinha que morar com uma irmã e desfez da casa, e ali se foram um monte de sonhos que eu tinha , na época, e as coisas foram se encaminhando de um jeito, e eu tive que começar à vencer os próprios obstáculos não é , e aí eu fui começar a arrumar emprego, fui trabalhar, fui morar sozinha, morava em república com dezessete anos...*

E – *Na mesma cidade?*

Mãe –... *Não, em Taubaté...*

E - *Então saiu de casa pra outra cidade?*

Mãe – *Em outra cidade com quinze anos, com dezessete anos eu morava em uma república em Taubaté, aí eu fui arrumar um emprego, eu consegui no banco na época... aí eu trabalhava como recepcionista, aí eu com dezenove anos eu vim pra*

São Paulo eu comecei a trabalhar no mesmo banco , aí eu comecei a trabalhar na diretoria, foi onde eu conheci ele [marido] e aí com vinte e quatro anos eu me casei. Então eu não saí de casa por que eu quis, foi uma emancipação compulsória e aí eu tive que enfrentar e graças à isso tudo que sou o que sou...rsrs...

E -Então você foi um pouquinho mais cedo não é?

Mãe – *Bem mais cedo...*

E – Ele já foi... como você falou, um caso mais natural, né, foi mais a contingência do momento...

Pai - *Ela foi obrigada à morar em São Paulo em república...*

E – E já morava lá né...

Mãe – *Já morava em república lá em Taubaté né, república na rua das Palmeiras uma rua principal lá da cidade, era um prédio totalmente residencial, e tinha regras... não podia receber namorados... sempre assim, nas repúblicas que eu morei todas eram assim, e acho que até por isso , como tudo isso é muito conversado em casa... que os meus filhos sabem disso tudo né de como foi a minha vida, então acho que por isso tudo eles avaliem como a vida deles está sendo boa, eles tarem convivendo com os pais, puderam né ter condição de estudarem, uma série de coisas que acontecem que as pessoas são impedidas de continuar, “Aproveitem meus filho, aproveitem...”*

Pai – *Eles tem liberdade pra fazer o que eles quiserem, o Rogério comprou automóvel agora, ele podia ter comprado à uns quatro anos atrás, sei lá, mas só agora que ele comprou, ele precisa do carro pra trabalhar porque ele trabalha na Dutra e é longe daqui de casa, mas esse tempo todo ele achou que não era necessário, então ele usava o meu mesmo, mas só agora que ele comprou...*

E – Então ele dividia o carro com o senhor...

Pai – *É... (risos) Na verdade ele não dividia porque o carro é meu não é, ele só usava o carro mas ele dividia também com o outro filho, ele também usava o meu carro, então é com essas coisas também que a gente tem que estar contando...*

Mãe – *Mas a gente tem que falar também que praticamente o custo deles todos pra se formar, é nesta fase, foi tudo por conta deles, nós só demos até o básico né, o colegial, daí a Dulce entrou na USP, o Vinicius entrou aqui nas Belas Artes, mas como ele já trabalhava, metade do curso dele pro final, ele que pagou, e até hoje né, e o Rogério até certo ponto a gente ajudou, na PUC talvez no primeiro ano ...*

Pai – *Eles estudavam todos à noite, eles estudavam à noite na faculdade com exceção da Dulce, mas eles estudavam à noite e começaram à trabalhar logo...*

E – Entendi...

Pai – *e a gente até de uma certa forma era um compromisso nosso, até porque eu sempre achei, se vai estudar tem que trabalhar junto, não adianta sair com o diploma na mão sem ter experiência profissional, tem que trabalhar no ramo que ta fazendo o estudo, nem que fosse de graça , isso aconteceu, o Vinicius trabalhou acho que quase um ano não é...*

Mãe – *Isso, na...*

Pai - *Eu trabalhava no banco na época e a gente trabalhava pra uma empresa de comunicação, não sei se você conhece é a ..., uma empresa famosa é a maior empresa de comunicação aqui em São Paulo, faz logomarca, faz cartão de crédito, faz talão de cheque...é e não é só pra banco , ela faz um monte de coisas, fez o símbolo da Kibon, um monte de símbolo que tem por aí foram eles que fizeram...*

E – E ele trabalhou com o pai?

Pai – *è eu fui ser o diretor de lá e ele foi trabalhar lá, e eu falei olha tem que ser de graça, aí ele começou a trabalhar e não ganhava nada e foi começando, depois começou a ganhar ...*

E – E o que vocês falaram sobre responsabilidade, que vocês quiseram delegar pra eles, queria saber assim como é que é hoje? Como é que funciona vocês dois em casa morando com dois filhos adultos, como é que é essa rotina da responsabilidade deles, essa autonomia e independência... que eles tem não é, como é que funciona o relacionamento com vocês?

Pai – *Eles tem total autonomia. A vida deles é normal eles entram e saem de casa a hora que eles querem, a gente não interfere muito mas eles também não podem abusar muito...*

E – O que que é abusar muito? O que seria abusar muito?

Pai - *A gente as vezes vê, isso acontece mais com o Rogério... o Rogério as vezes ele acaba levando um tipo de vida que a gente ... as vezes ele ta no serviço as vezes ele sai, ele por exemplo ta na faculdade, fazendo o MBA, ele sai volta sei lá, quatro, cinco horas da manhã aí ele liga lá no dia seguinte lá no serviço dele , então a questão não é do aspecto moral , do que ele fez à noite nada disso... eu acho que ele acaba tendo um desgaste físico muito acentuado, ele joga futebol as vezes, aí mistura...*

E - Mas daí qual é a atitude de vocês quanto à isso?

Pai - *A a gente não cobra nada dele não*

Mãe - *Aí fica pra mim né, acaba sobrando pra mim resolver isso*

E – Como é que é?

Mãe - *Nós só começamos à permitir certa liberdade quando nós percebemos que eles tinham responsabilidade, não foi assim, sabe com dezessete anos vai e faz o que quer , não , só começaram a sair depois de bastante tempo, sabe chegar de madrugada e sempre quando chegavam, mais novos um pouco, sei lá mesmo depois que saíam, com vinte dois anos, vinte três anos eu sempre tava acordada, não dormindo, como minha casa faz ruídos, eu percebo quando chegam eu sempre levantava ia dar uma olhada , não no sentido de fiscalizar, mas assim eu ia beber uma água... ou eu ia ao banheiro...e aí filho tudo bem, eu queria ver o rostinho, conforme o rostinho ou o olhinho, tudo bem... então pra mim isso foi bacana, e a rotina deles hoje, eles sempre colaboraram comigo em tudo, quando eles ficavam em casa mais tempo era tudo dividido, um varria o quintal, outro varria a frente eles me ajudavam a espanar porque eu não tinha empregada, minha casa é imensa, todos ajudavam quando eles não puderam mais, aí fica difícil aí tinha uma faxineira pra me ajudar, mas eles continuavam fazendo algumas coisas, arrumar a cama ,não deixar as coisas bagunçadas, o Vinícius tinha escritório , ele nunca deixou abandonado o escritório, sabe então eles colaboravam muito nesse sentido. O Rogério hoje que ta deixando um pouco porque o ritmo dele ta muito grande, então ele ta deixando as coisas dele um pouco bagunçadas então eu penso assim, dá tempo, deixou bagunçado deixa lá a bagunçinha, depois ele vem e arruma, deixa bagunçado até o momento que ele vem e arruma, não fico... de jeito nenhum, não fico em cima ,assim, o Vinicius é uma organização em pessoa, a Dulce também e o Rogério nem tanto*

E - Mas daí a senhora não interfere?

Mãe – *Mas assim, eu acho assim, nós educamos todos iguais, só que cada um é uma pessoa única e nós temos que nos respeitar, então de vez em quando a gente tem um papinho, “Rogério, eu respeito você meu filho, olha então vai lá, por favor arrumar”, aí a gente vai lá dá uma geral e arruma tudo bonitinho, que é assim que funciona mas assim não é nada assim de stress e tudo mais não, é tudo dentro de uma, uma... conversa*

E – E em termos assim de responsabilidade fora de casa assim, você já falou um pouquinho né daí qual seria a sua visão assim... que é livre tem total autonomia né o senhor disse?

Mãe – *Autonomia assim...*

Pai – *Com vinte cinco anos ... assim eles não tinham total autonomia...*

E - Foi a partir dos vinte cinco?

Pai – *Foi mais ou menos isso foi conforme eles foram evoluindo assim, em termos de ação , financeiramente, eles acabam se soltando não é, embora eles estejam em casa eles tem uma vida mais fora de casa agora do que antigamente, a Dulce já começou a namorar já tem... fazem uns dez anos e agora eles estão morando juntos e não dá nem pra ver , ele viaja muito e ela também por causa do doutorado dela, então tudo foi assim, mas quando eles tinham... quando saíam eles tinham liberdade sim, mas a gente deixava bem claro sobre ficar em casa no caso né com o namorado a namorada... então nesse sentido eu sempre pedi que tivesse um respeito grande dentro de casa porque hoje você ta namorando a fulana vamos supor , namora cinco meses com a Marisa e depois cinco meses outra pessoa, então até que ponto né, então nós tivemos uma conversa , e existe isso eles não trazem ninguém pra casa e nem a Dulce também, então a Dulce já está com o rapaz...*

E – Então eles não trazem pra dormir?

Mãe – *Pra dormir, mas a minha casa fica cheia, domingo todo mundo almoça né [marido]? No almoço, no lanchinho, durante a semana também eles vem, o Vinícius agora já está namorando a bastante tempo, o Rogério teve uma namorada um certo tempo e agora ele ta sem namorada mas então eles tem a vida deles, nós não procuramos saber o que eles estão fazendo no sentido de investigar, cada um tem a sua vida sexual, a sua vida com liberdade sem a interferência dos pais, eu não vejo porque ficar investigando... Uma coisa muito interessante que aconteceu, eu vou falar, que bonitinho, foi a primeira vez que o Rogério foi dormir fora de casa, e foi ficar com uma menina, bonitinho foi que ele me ligou dizendo “mamãe vou dormir no motel, to com a fulana de tal...”, então eu falei ta bom filhinho, juízo, fica com Deus, e pronto... Sabe então existe uma confiança, a gente fala de tudo, só que cada um respeita o espaço, né então aqui em casa sempre assim, freqüentam mas não dormem juntos em casa não*

E - Então tem o limite ? Mesmo sendo adulto tem o limite

Mãe – *Tem, lógico que tem.*

E - E em relação aos papéis de pais, né papéis de pai e de mãe, como é que funciona hoje?

Pai - *Acho que quem mais cobra è a mãe, assim as atitudes deles, eu mais acompanho à distância... quando eu tenho a percepção de algumas coisas falo com ela o que está acontecendo, as vezes falo com eles também, mas não interfiro muito, acho que eles já são responsáveis então tem que assumir as coisas, quando eu vejo que tem alguma coisa fora do normal aí eu falo, mas assim no cotidiano é difícil eu interferir*

E - Em relação á educação?

Pai – *atitudes ...sei lá até profissionalmente as vezes eu interfiro pouco, ações assim que eu vejo, o que eu posso me envolver, não assim de exigir porque eu acho que eles já são auto-suficientes, já se viram, também tem experiência em administração, o Vinícius trabalha numa empresa grande, tem cliente, então tem que conviver não só a parte artística daquilo que ele faz mas aprender a conviver com negócio, preço, cobrança, crédito porque como ele trabalha na confiança com contrato então o que eu posso fazer então eu interfiro assim ou ligada à ações atitudes que eu acho que não são convenientes eu procuro por pra eles também.*

E - Então o que eu vejo é isso né, um papel de pai um papel mais distante, mais observador e quando percebe alguma coisa...

Pai - *Alguma coisa que eu sinto que vai dar algum problema ou que está dando algum problema, ou eu vejo que é um problema que eu não consigo resolver. Podia servir de ombro né, que as vezes não resolve...*

E – Busca ser um facilitador?

Pai – *É um facilitador*

E – E o papel de mãe?

Mãe – *Então como mãe eu me sinto assim, é facilitadora,mas assim não é amiga não, amiga não, não é amiga eu não me vejo amiga eu me vejo assim responsável até certo ponto por aquela pessoa que nós formamos não é? ajudamos a formar porque a pessoa tem individualidade e ela segue os caminhos independentes da educação que teve, mas eu me vejo assim muito atuante, muito próxima quando chegam do trabalho, quando vai jantar eu fico sentada um pouquinho conversando, sempre, sempre muito com muita conversa, quando eu vejo que tem algum problema aí eu chego com jeitinho, senta aqui vamos conversar, aí vira motivo de piada em casa quando eles falam que eu vou conversar aí eles falam que eu chego com um jeitinho que eu vou chegando, mas sempre, sempre conversando, agora eu tento, eu tento não, eu passo muito a minha visão de fé né, da importância de Deus na minha vida, eu sou espírita, trabalho, sou atuante dentro do Centro espírita, então eu procuro não só por isso, mas desde o início eu tenho essa vontade essa motivação de participar muito da vida espiritual mesmo, deles três, então a gente... fica muito próximo dessa coisa de princípio de valor assim né, então eles já tem, todos já incorporaram eu acredito*

Pai - *Mas eu acho que eles percebem que a gente ta procurando fazer as coisas pra ajudar, então tem umas qualidades quer partem deles também*

E – Então eles dão essa liberdade, pra ver se vocês ainda tem essa qualidade de pais na vida deles?

Mãe – *Tem, por exemplo ontem o Rogério chegou e pegou uma gripe violenta e queria jogar futebol, eu falei filho, não é paparicar não, mas é realidade, vai jogar futebol nesse frio como ta, ontem, aí ele ficou meio assim, aí quando eu vi ele tava falando no celular, falando assim, “aí ò só desisti porque tem alguém pra jogar no meu lugar”, e eu falei “então ta*

bom, foi enviado por deus esse alguém”, então algumas vezes não é imposto, é conversar, mas é tentar continuar não é sempre, eu acho que sempre a gente tem a oportunidade de aprender, sempre eternamente, e assim a gente vai convivendo, eu aprendo com eles, nós aprendemos com eles e eles muito com a gente, agora o que eu fico contente é que as vezes eu vejo assim as vezes meu marido sentado e assim conversando sobre economia sobre política, né falando sobre o automóvel né, falando sobre a política externa de algum outro país então isso me deixa fascinada, que eu vejo a convivência, o diálogo o tanto que ele pode contribuir pra com os filhos né, então isso eu fico mesmo contente, eu fico até emocionada, (risos)

E – E você concorda [pai], percebe você nesse movimento, se vê assim como um companheiro assim mesmo?

Pai – *É... eu tenho uma experiência acumulada, principalmente assim no mercado financeiro, imobiliário assim, e hoje tudo envolve aquela compra, investimento... dinheiro, são coisas que eu já acostumei por trabalhar em banco a vida inteira, então eu já acostumei a conviver, é uma experiência que eles não tem então no que eu puder ajudar eu ajudo nesse aspecto não é, e eles compreendem também.*

Pai – *O Vinícius por exemplo comprou um apartamento num valor muito significativo, assinou um contrato de trezentos mil reais, ele nunca assinou um contrato assim, de questão de um mês, até eu fui junto na hora de assinar, ver o contrato do imóvel primeiro, ver clausula contratual, demos uma estudada na viabilidade, se da pra pagar de acordo com o que ele ganha, então são umas coisas assim que dá pra gente corresponder*

Mãe - *E é isso que a gente valoriza, eu falo pra eles aproveitem o papai, aproveitem o conhecimento dele, tudo isso eu acho que é importante*

Pai - *Mas isso não quer dizer que o negócio dá certo, pode não dar certo, só minimiza o risco, quando vai comprar automóvel, quando vai comprar automóvel vai todo mundo junto pra ver os carros, se for usado, então vai analisa olha.*

E - E o senhor junto?

Pai - *Eu vou junto, documentação também eu vou junto*

E - Então tem todo esse apoio mesmo, eles sabem que o senhor já tem esse conhecimento nisso, já é uma fonte né...

Pai – *Pra começar já vale um pouco*

E - E agora assim, em relação à vocês como casal, o que vocês acham que mudaria com a saída dos filhos de casa, em relação à conjugalidade mesmo, com relação ao casamento, como é que é isso tendo os filhos adultos né, morando na mesma casa e se eles sássem como é que vocês agiriam.

Pai - *Eu acho que ia esvaziar a casa, já saiu uma e...*

E – Qual foi o sentimento quando ela saiu?

Pai - *Ela ta morando pertinho de casa, a gente vê ela com freqüência...*

Mãe - *Do lado...*

Pai – *É... mais de qualquer jeito era aquela pessoa que entrava, que saía de manhã de casa chegava á noite, conversava, que convivia, a gente não sentiu um vazio, mas sobrou aquele espaço que era dela e que agora não tem mais.*

E – Assim pela ocasião?

Mãe – *Só pude concluir uma coisa, muito interessante é que quando a Dulce saiu ela foi arrumar a malinha dela, e ela tava lá arrumando a malinha dela e eu subi, quando eu subo ela ta com o olho inchado, chorando de sair né, do espaço dela e eu achei um momento muito bonito, mas foi um momento muito bonito.*

Pai - *Mas é uma mudança de vida...*

Mãe - *É, eu falei, é um momento mas filha é isso eu conversei, é o momento, nós estaremos juntas, você lá pertinho, mas há necessidade da gente trabalhar, eu já repenso muito nisso, é um desapego mesmo né, pra gente não ficar com essa ligação muito grande, mas, não tem como né, tanto tempo junto.*

Pai – *Agora a gente não tem idéia do que vai acontecer, se vai dar um vazão, se vai dar uma união maior, não sei o que pode acontecer ,não sei se vai vir neto, não sei se a gente vai mudar de vida também, mudar dessa casa pois não sei se vai ficar grande .*

Mãe - *São tantos “se” que eu nem me preocupo com o que vai acontecer*

Pai – *Mas eu acho que no mínimo a gente vai se distanciando dos filhos né, na medida que eles vão embora a gente fica...*

Mãe - *È o que eu sinto é que apesar de eu não trabalhar fora que eu me ocupo muito, eu tenho atividades assim que eu não... eu dou plantão no CVV de quarta-feira hoje foi um dia que eu fiquei lá das três da tarde, voltei quase oito horas da noite , tenho atividade segunda- feira, tenho atividade na quinta- feira, tenho aos sábados , tenho as sextas- feiras, eu tenho assim bastante coisas pro meu crescimento pessoal, que isso eu busco muito, e meu marido nesse ponto ele gosta mais de ficar em casa, de ficar lendo, porque ele se dedicou muito ao trabalho, então acho que houve um desgaste um cansaço ...O emocional mesmo de pressão, porque pra ele esses anos todos em casa pra ele até agora está sendo bom, não sei se continuará sendo bom. Agora eu me ocupo, agora não sei como continuará sendo pra ele, porque,não sei, não sei...mas eu acho que vocês já não vivem muito né,é...*

E – pelo que vocês estão falando essa convivência já não tem muito, né pelo que vocês estão falando, não é?

Mãe – *Pois é, consiste porque eles saem de manhã, veja, o Rogério sai de manhã, volta à noite, o Vinícius é que vive aqui no escritório.*

E – Escritório em casa não é?

Mãe - *convive mais conosco, que ele leciona à noite, e ele tem escritório aqui na frente e a minha casa vive cheia de gente porque tem cliente, tem o amigo dele que trabalha junto, mas eu além de fazer tudo em casa, fazer, lavar , passar , cozinhar, tem a faxineira que vem uma vez por semana, e eu nessas outras ocupações, eu não tenho muito tempo pra ficar pensando né, “ai como é que vai ser quando eles...” porque eu tenho muita atividade né, eu e eu sinto que isso é importante à medida que nós formos envelhecendo, à medida que os filhos vão saindo de casa, existe eu acho uma necessidade de nós buscarmos alguma, outros caminhos também;*

E - Projetos...

Mãe – *Lógico, eu acredito muito em projeto, no Centro agora eu to fazendo um curso pra estar ajudar mais , pra saber mais coisas, tenho agora um grupo de reflexão que eu faço aos sábados, tenho um projeto meu que eu gostaria de fazer um trabalho com doentes terminais, então são coisas que eu to me propondo , então eu não sei se daí meu marido... eu vou ficar tanto lá, mas daí eu levo você junto comigo, eu já convidei mas ele não quer se render, ele quer fazer outras coisas.*

E – Mas então entendi

Mãe – *Mas existe um respeito dele grande pelo que eu faço, porque ele me leva pra esses lugares todos e eu respeito também, bastante o desejo dele, a maneira dele ser*

E - Então assim, com relação a questão do casamento, da conjugalidade, o que mudaria no casamento isso vocês ainda não sabem direito né como estavam falando...

Pai – *É... a gente não conseguiu imaginar o que é que vai acontecer*

Mãe - *De repente você vai arrumar uma loira... (risos) entendeu, a gente não sabe, por enquanto graças a Deus a gente ta bem*

Pai - *Tem uma coisa eu não gosto muito de prever assim, se a gente faz muita previsão a gente acaba indo pra lá ou pra cá assim...*

E – E em relação à hoje ,vocês ainda vêem alguma diferença no fato de, no casamento, de ter ainda os filhos adultos morando em casa, e como lidam com essa conjugalidade , intimidade, essas coisas...

Mãe - *Não, não– Não, não eu acho que não, eu acho que se eles tivessem trinta anos ou vinte anos ,não iria mudar muito, seria o mesmo comportamento, assim e eles tem uma participação grande na nossa vida por saber as transformações que o casamento sofre, porque você ficar casada trinta e três anos, não é verdade [para o marido], sofre transformações é lógico, né o amor tem diversas faces, não é? e o verdadeiro amor é uma coisa tão ampla que, nós não vamos ficar*

falando aqui, mas é muito mais a cumplicidade, o respeito, a tolerância a paciência são coisas que nós muitas vezes nem pensamos quando casamos, mas que se tivéssemos oportunidade de todos exercer, então é, hoje...

E - Hoje estaríamos mais caminhando pra esses valores, né...

Mãe - *Lógico, lógico, lógico...*

E – ótimo, então assim, se hoje vocês a partir da experiência de vocês, dar algum conselho pra um casal de pai, né que tem filhos com trinta anos morando em casa, e permanece morando... o que vocês dariam não é , que conselho vocês dariam pra esses pais ?

Pai – *Eu acho que não adianta interferir muito não, o nosso conselho seria isso, eu acho melhor ver o que ta acontecendo, eu acho que os filhos acabam saindo de casa por algum motivo ou porque brigam com os pais, o clima não é bom, ou porque ficaram ricos e mudaram a cabeça então eu acho que existe uma tendência de a gente ir se acomodando*

E - Como assim?

Pai - *Eu acho o que acontece hoje eu acho , eu imagino que se os meus filhos estivessem bem financeiramente, eu acho que eles já teriam saído, já teriam casado*

Mãe –... *Teria casado o Vinicius...*

Pai - *Então tem coisas que não adianta a gente aconselhar, tem coisas que faz parte da realidade deles, do que acontece hoje, então eu acho que cada pai com relação aos filhos já com idade de trinta por aí, eu acho que tem algum motivo, por isso eles estão dentro de casa, mas seguramente eles devem estar contentes de estar em casa porque senão já teriam saído, eu acho muito difícil um filho de trinta anos ficar dentro de casa mesmo sem dinheiro, ficar brigando com os pais, até poderia me sentir mal, óh você ta jogando na cara, a gente ta dando tudo pra vocês e vocês não estão dando reciprocidade, não ta me dando troco nada disso , e o próprio normalmente... o filho tem uma ética uma moralidade e não vai gostar de uma situação dessas. Então eu acho que as coisas... não tem o que dar de aconselhamento, é saber a situação que ta cada um e saber o que vai dar , não é saber sobre o filho de trinta anos e justificar que todos os casos são iguais que nem acontece aqui em casa...*

E – mas teria que deixar um pouco fluir, pelo que eu entendi...

Pai - *eu acho que tem que fluir, porque eu acho que se houver alguma coisa assim muito drástica , existe uma ruptura,então não sei se os pais mandariam embora um filho nesta faixa de trinta anos, embora moralmente é mais fácil mandar embora de casa um filho de trinta anos do que um de dezessete...porque o de trinta já trabalha, já pode viver sozinho...e deve acontecer, eu acho ate que existe uma certa cumplicidade por parte dos pais...*

E – como?

Pai – *que os filhos sabem que eventualmente o pai pode mandar embora...não que isso possa acontecer aqui em casa, mas hoje em dia isso é mais normal...há uns 15, 20 anos atrás era inadmissível um filho de trinta anos morar dentro de casa...era um filho aproveitador, aproveitando dos pais...rsrs...hoje em dia não né, hoje em dia mudou de idéia...mas também não sei, porque a gente fala entre a gente...tem que ver o quanto os filhos gostam de morar em casa, e eu perguntei isso pro meu filho do meio, e ele disse que se pudesse...*

E – e o que que seria esse se pudesse?

Pai – *acho que seria a questão financeira...*

E – mas questão financeira pra ter um padrão tipo o que eles tem hoje...

Pai – *é, pra ter um padrão...*

E – se fosse pra ter um padrão menor ele poderia ate já ter saído?

Pai – *poderia... não sei nem se viria ao caso, mas a namorada dele tem um apartamento que o pai dela deu pra ela, e ele ta fazendo questão de comprar um apartamento com o dinheiro dele pra eles irem morar neste apartamento, então, se eles quisessem casar, se juntar, poderia ir morar nesse apartamento que os pais deram pra ela...*

Mãe – *mas não é bem assim, ele pode...*

Pai – *é, ele quer se fazer por ele mesmo...ter orgulho de ter o padrão de vida compatível com o que ele tem hoje, porque aqui em casa ele tem um padrão de vida bom...e é complicado ter um padrão de vida bom e cair muito né...eu acho que a tendência dos filhos, é no início assim, quando alçam vôo, é cair um pouco em relação aos pais, pra depois recuperar, crescer e subir mais que os pais, é isso que a gente imagina como pai...*

E – entendi, e você [mãe], que conselho daria para pais que tem filhos nos trinta e que ainda não saíram de casa?

Mãe – *como ele falou, pra começar, pra nós aqui ta dando tudo certo ate agora, mas não é modelo pra outros casais, porque cada um tem a sua realidade, cada um tem a sua maneira de formar uma família, então não existe assim um conselho, mas assim, eu sinto que o dialogo, ficar muito próximo, essa convivência nossa todos juntos, eu sinto que ta sendo bom pra eles, ta sendo bom pra nós também, e eu não vejo de aconselhar, não sinto não...não sinto com autoridade moral pra aconselhar ninguém...*

Pai – *eu acho mais fácil aconselhar depois que já passou a fase...a gente fica tão envolvido com a coisa, vamos dizer que daqui 10 anos já tenham saído de casa, vamos dizer...rsrs...ai seria mais fácil de eu aconselhar do que seria agora, porque agora eu ainda to no processo, mas posso dizer daqui há 10 anos: olha, puxa...*

Mãe – *mas é interessante que eles tem amigos que tem os pais e saíram pra morar numa casa com outros colegas...pra ter autonomia, liberdade...mas eles ate agora não pensam assim, então eu fico muito feliz de ver como a mídia ate agora não conseguiu interferir na cabeça deles, porque é aquela coisa, é moda...tem o lado gostoso, não tem duvida, mas ate que ponto isso é o lado que ele admira, que ele gosta, ou é aquela coisa que a mídia ta mostrando, que meus colegas estão fazendo e eu to fazendo também...*

Pai – *o Rogério tem uns amigos que alugaram uma casa, parece que eles alugaram em três...mas o Rogério mesmo fala, que financeiramente não vale a pena, que eles gastam muito...que a liberdade que eles tem em morar sozinho não é compatível com todo esse esforço que eles fazem pra manter a casa, não compensa, e não pra cair na gandaia, e não acontece uma relação até por que, acho que a imagem e o que eles pretendem fazer não é cair na gandaia, é ter uma certa liberdade e ai ir morar sozinho não justifica todo esse esforço pra ter uma liberdade que não é tão grande assim...*

Mãe – *agora, do conselho, acho que nem é um conselho é um comentário, dentro de uma família né, nós como pais, nós não devemos proteger ao extremo, mas também não devemos ser uma águia bicando lá o coitadinho do pássaro pra sair voando rapidinho...*

E – pra eles saírem do ninho?

Mãe – *é, pra eles saírem do ninho naquele vôo meio que suicida, mas vão...*

Pai – *se meus filhos saíssem de casa agora, eles conseguiriam se virar perfeitamente, eles não estão aqui presos à alguma coisa, na verdade pra ter um padrão de vida melhor, investir em alguma coisa ou neles mesmos...mas se por acaso eles fossem morar sozinhos, eles conseguem perfeitamente...*

E – e vocês como pais, se eles saíssem hoje de casa, o que vocês sentem, como encaram essa possibilidade?

Pai – *ah, da um vazio né, quando saiu minha filha já da pra sentir isso né, você vê que é uma interrupção de uma vida instável né...mesmo que eles saiam e voltem pra casa, não é a mesma coisa, não teve todo esse processo que foi contínuo né, então seria uma fase nova pros pais...*

Mãe – *mas eu penso assim: eu fico feliz porque vejo que minha filha esta feliz, ela esta bem, isso me deixa...e os rapazes, se saírem, e acredito que se saírem, no caso o Vinícius casando, o Rogério indo pra um outro país...conselhos eu acho que...devem estar felizes, porque ficaram ate quando acharam que convinha, e vão fazer a vida deles e nós temos mais é que ficar felizes, assim como nós que fizemos a nossa vida e criamos eles com bastante responsabilidade, dignidade, eu acho que vou ficar contente porque nós cumprimos a nossa missão...*

Pai – *saíndo, eu acho que eles acabam saindo, não vão ficar a vida inteira...por exemplo o Vinícius, ele tem um prazo de três anos pra comprar o apartamento dele, então mais três anos ele ainda tem...*

Mãe – *vai sair com mais de trinta...rsrs...*

Pai – *o Rogério não namora, a gente não sabe também se vai morar com a namorada, mas ele tem planos de fazer curso no exterior, uma serie de coisas...*

Mãe – *mas ate hoje ainda falo pra ele na hora de dormir, a oração viu...*

Pai – *mas acho que é um negócio consensual, acho que eles estão contente com o que esta acontecendo e a gente tem que apoiar...eles trazem um sentimento de jovialidade aqui pra casa... as vezes a gente vai mexer no computador, alguma coisa, não tem como reclamar...pedir ajuda, trocar idéias novas...*

Mãe – *É... [para o marido] está na hora de sair em buscar de outras coisas...fazer cursos...a gente aprende muito, conhece outras pessoas...eu dou curso pra uma senhora de 75 anos, uma gracinha, cheia de vida, uma mulher inteligente, cheia de energia e de raciocínio rápido...quem dera eu envelhecesse da maneira que ela ta envelhecendo...*

Entrevista 4

Soraia: filha adulta que mora em casa com os pais

E – então assim, vocês falaram que são comerciantes né, quantos anos vocês tem?

Pai – *eu tenho 71...*

E – e a senhora?

Mãe – *67...*

E – vocês tem uma filha que mora com vocês...

Pai – *é...*

E – e ela tem quantos anos?

Pai - *tem 33 né?*

Mãe – *é...*

E – ela trabalha né, e o que ela faz?

Pai – *ela trabalha no Senac, parte da administração...*

E – ela é formada em administração né, faz uma pós-graduação...

Pai – *é, ela faz uma pós-graduação...*

E – e ela sempre morou com vocês?

Pai – *é, sempre morou...*

E – então assim, antes de começar, queria explicar pra vocês que como a minha pesquisa é com os pais, eu preciso saber da visão do pai e da visão da mãe, não tem problema discordar, pode discordar né, em relação com a educação, mas assim, porque todas as perguntas o senhor e a senhora têm que responder, mas pra eu saber bem o que um pensa e o que o outro pensa né, vocês fiquem bem a vontade ta. Então assim, quando um casal casa, eles imaginam que um dia vão ter filhos né, e que um dia eles possam sair de casa né...como é que foi isso pra vocês e quando começaram a perceber que ela iria permanecer mais tempo morando....

Pai – *não, eu pensei somente assim quando casar né...*

E – que iam sair só quando casassem?

Pai – *é, só quando casassem, mas antes não né...*

E – e vocês tem mais filhos além da Soraia?

Mãe – *tem, tem sim, tem três casados...*

E – ah, então tem quatro filhos e três já saíram?

Pai – *é, tem quatro...uma já faleceu quando era novo...é quatro homens e uma menina...*

Mãe – *é a Soraia que é a caçula...*

Pai – *ficaram quatro, tem oito netos, uma bisneta...*

E - oito netos e uma bisneta...e eles saíram com quantos anos esse homens de casa, vocês lembram?

Pai – *o Alexandre, ele casou tinha 23 anos...*

E – e os outros?

Pai – *o Renato...acho que foi 21 e outro já com 27 pra 28...27 anos...*

E – que já foi um pouquinho mais tarde também...

Pai – *é, mais tarde...*

Mãe – *eu nem gravei a idade que eles saíram de casa, até é bom né, gravar...*

E – e a senhora também, o que a senhora pensava quando começou a ter filhos?

Mãe – *que eu ia criar eles e que só saiam de casa quando casassem e pra suas casas...é, eu e ele pensava que quando casassem e pras suas casas, porque nós, toda vida fomos muito assim, bobo com os filhos...*

Pai – *foi a criação nossa né...*

E – o senhor saiu de casa com quantos anos?

Pai – *eu sai com 15 anos...*

E – com quinze anos e não voltou mais?

Pai – *voltei...passei dificuldade lá no Rio de Janeiro na época, aí voltei pra trás minha mãe, fui pra ganhar dinheiro pra ela...era ordenado de menor e a metade de maior...fiquei revoltado com o serviço e ai fui embora...*

E – e saiu definitivamente com quantos anos?

Pai – *definitivamente sai com uns 20 anos...*

E – 20 anos, e saiu pra trabalhar?

Pai – *é, pra trabalhar...*

E – e a senhora?

Mãe – *eu sai da casa de meus pais foi com 22 anos, que foi quando eu casei com ele né...*

E – ah, então a senhora saiu pra casar...

Mãe – *é, pra casar...*

E – e o senhor não, saiu pra trabalhar...

Mãe – *pra trabalhar, depois voltou, depois casou e pronto...agora também meus filhos né, eu toda vida fui muito apegada à eles, demais, demais...eles casaram, pra mim é a mesma coisa, todo domingo eles vem, almoço e fica aí a vontade..*

E – e mora perto?

Mãe – *mora...*

Pai – *é, moram perto...*

Mãe – *eles nasceram e foram criados nesse hábito que nós criamos eles, que eles muitas vezes deixam de almoçar...hoje mesmo, um deles, a esposa não tava em casa, e ele veio...*

E – veio almoçar aqui?

Mãe – *veio pra almoçar aqui, é a mesma coisa...*

Pai – *eu acho que é um espírito de amizade...*

Mãe – *é, de amizade, é a mesma coisa...*

E – então a casa continua cheia...

Mãe – *é ela continua cheia...*

E – mas quando eles saíram, como é que foi pra vocês? o que sentiram?

Pai – *é normal, eu achei normal, porque eu também casei, e casado sai de casa, então eu achei normal que o dia de casar tinha que sair mesmo porque foi dada a família...*

E – tinha que sair mesmo pra cuidar da família...

Pai – *é, casou, cada um...quem casa quer casa...*

E – e a senhora, sentiu o que?

Mãe – *eu senti um pouquinho de preocupação...*

E – preocupa o que?

Mãe – *que preocupa deles não estar com a gente, eu senti assim, mas foi casado com uma pessoa que gosta muito, e as minhas noras gostam muito de mim e eu gosto muito delas, então pra mim aquilo lá tornou a felicidade...*

Pai – *as noras são legais, então não senti diferença nenhuma não...*

Mãe – *porque tanto eles são legais, como as esposa... as minhas noras são maravilhosas...*

E – então a senhora sentiu um pouquinho, mas depois viu que a casa continuava cheia...

Mãe – *é...*

E – e em relação a Soraia né, que está com 33 anos...quando que vocês começaram a perceber que ia demorar um pouquinho mais pra ela sair, perto da idade que vocês saíram ou perto do geral né...

Pai – *a Soraia, ela sempre foi muito caseira, então não é namorada não, arranjava um namorado e não dava certo, ela não gostava, já desistia né, e aí percebi que ela ia ficar conosco mais tempo e vai continuar até o dia que ela encontrar o príncipe encantado dela...*

E – então o senhor achava...começou a perceber que ela ia ficar mais tempo porque ela era caseira, apegada a vocês, e não era namorada...entendi, e a senhora?

Mãe – *olha, eu acho que a Soraia, ela é uma pessoa que pensa muito, ela tem muito medo de sofrer, de encontrar uma pessoa, casar e depois sofrer...ela arruma um namorado e quando ela vê que não é aquilo, que não é do jeito dela, que ela pensa que tem problema, que não tem futuro, ela já cai fora, você ta entendendo?*

E – entendi...

Mãe – *ela tem muito medo...sempre ela fala: mãe, eu prefiro ficar solteira...porque ela vê muitas colegas lá, todas estudada, tudo pra frente, em casa, tudo sofrendo e se separa, então ela olha muito esse lado...*

E – e o que a senhora acha disso?

Mãe – *olha, eu sempre falo que se é pra casar e depois dar mais problema, que seja feliz aqui em casa...porque ela me adora, ela gosta muito de mim, daí ela se preocupa com ele, comigo...ela é assim, meio estourada, ela é uma pessoa que com qualquer coisa ela estoura, ela não é de guardar...*

Pai – *acho que é essa mistura de português com italiano...*

Mãe – *mas ela é uma pessoa pontual, tudo dela é pontual...se ela encontrar falsidade ou se alguma pessoa querer jogar ela, ela não aceita, as coisas dela são tudo ali...e as amiga dela falam, que pra ela arrumar um namorado que seja corretamente do jeito que ela gosta ta muito difícil na época que nós estamos, porque os rapazes não estão nem ai né...*

Pai – *ta bom mãe, não vamos prolongar muito...*

E – mas ai a senhora começou a perceber que ela não ia sair de casa por que?

Mãe – *porque ela pensa muito, ela não é de se entregar assim, de jeito nenhum...*

E – isso seria pra um casamento né, foi em relação a casamento...

Mãe – *não, mas até em relação a namorado mesmo...*

E – e ela sairia de casa se não fosse pra casar?

Mãe – *eu acho que não...*

E – o que vocês pensam a respeito disso?

Pai – *ela ta até agora conosco e jamais ia sair de casa assim pra morar sozinha...*

E – e ela teria condições financeiras?

Pai – *não tanto né, porque o ganho dela da mais pra ela estudar, ajuda um pouco nós também, mas mais o estudo...acredito que ela nem tenha pensamento disso...*

E – nunca pensou...

Pai – *é, de sair e ficar por ai sem ter condições financeiras...mas mesmo se ela tivesse ganhando bem, ela jamais ia deixar nós, não...*

Mãe – *ah, não ia não...*

Pai – *ela é amorosa assim com a família, com nós e com o resto da família toda, com os irmãos, como os sobrinhos que são meus netos, com as noras, ela é muito amável...*

Mãe – *eu acho que é já porque nós criamos assim né, então todos se viram, mas ela é muito apegada com os pais...ela não tem coragem não...quando chega as férias, ela sempre viaja né...*

E – viaja pra passear?

Mãe – *viaja pra passear, ela foi pra Rio Grande do Norte, ela gosta de turismo...mas ela diz que quando da 4, 5 dias já começa a sentir falta de casa...*

Pai – *ela é caseira né...*

E – e assim, por ela ser uma filha adulta né, que mora com os pais, ela já tem o dinheiro dela, ela já é adulta, já é formada; como é que é o papel de vocês como pais na vida dela hoje?

Pai – *olha, o meu papel hoje é sempre de dar apoio a ela...*

E – dar apoio?

Pai – *dar apoio no que ela precisar, sempre levar, eu levo ela pro trabalho, pra algum lugar pra comprar alguma coisa eu sempre levo ela...*

E – ela não dirigi?

Pai – *não, não dirigi ainda não, mas ela pretende dirigir...*

E – mas ai o senhor leva...

Pai – *é, ai ela dirigindo ela compra o carro dela...por enquanto eu levo, do apoio a ela...só tem ela de moça, é filha única né...e mesmo se não fosse, de qualquer jeito dou muito apoio pros filhos...*

E – mesmo se ela não fosse mulher o senhor daria apoio do mesmo jeito...

Pai – *é...se ela veio mulher foi por insistência minha, porque foi tudo homem...veio um homem, depois dois, depois...rsrsrs...ai veio uma menina pra ajudar em casa...*

E – entendi...a senhora queria uma menina...

Pai – *não, ela não queria não...ela não queria mais filho...ela disse: chega de tanto homem, não quero mais não, ai eu disse: vamos persistir, ai veio o Renato, ai ela disse chega...ai passou sete anos evitando, e remédio e outras coisas né, e depois de sete anos eu disse: vai vir uma menina né...*

E – e o papel de mãe na vida de uma filha adulta?

Mãe – *pra mim é uma criança, eu lavo roupa, passo, faço comida, me preocupo na hora dela chegar, da comida ta pronta...*

E – se preocupa...

Mãe – *demais...quando ela sai, porque ela sempre gosta de ir no cinema, de sair com as colegas, quando ela demora eu fico preocupada...*

E – então é como se fosse uma criança..

Mãe – *é uma criança, porque eu me preocupo demais...*

E – o que mais como mãe que a senhora ainda sente...que esta ainda no papel de mãe?

Mãe – *eu sinto né, que eu tenho que fazer de tudo a favor dela, o que precisar...muitas vezes ela fala: mãe, a senhora pode me arrumar um dinheirinho ai que eu to sem...tudo bem, se eu tenho eu arrumo, depois ela me paga, porque ela é uma pessoa muito pontual...*

Pai – *se ela não tiver ela arruma...*

E – mas a maior parte do dinheiro dela é pros estudos dela?

Pai – *é... ela faz pós-graduação...*

Mãe – *quando ela não ta estudando é ela que paga conta de água, de luz, de telefone, tudo ela paga...mas agora ela ta estudando...*

Pai – *agora vai tudo pro estudo né, porque é o futuro dela...dela só não né, de todos os jovens, porque o futuro hoje é o estudo né...porque o Brasil hoje ta numa época diferente né,... hoje tem muito incentivo, hoje o estudo e além do incentivo tem o desenvolvimento do pais...*

E – e assim, como é que são negociadas com os filhos, com a Soraia né, que é a filha que mora em casa, as questões de responsabilidade, de independência, de autonomia?

Pai – *olha, ela é uma moça tão responsável, que eu deixo mais na vontade dela sabe...mas as vezes assim, se passa alguma coisa – não que ela faça algo errado – mas assim, de dar opinião, as dos estudos dela, se ela chama eu do...do opinião assim de manter o trabalho, de não sair e pedir conta...*

E – *ela pedi opinião, confia...*

Pai – *é, pede, se chega nervosa de alguma coisa do trabalho, porque esses trabalhos em geral que tem que lidar com o ser humano, com o público, sempre tem os altos e os baixos né, das pessoas concordando e discordando né, no lado negativo né, de vir preocupada pra casa, de olhar mais o lado bom né...ela concorda muito comigo...*

E – *e a senhora?*

Mãe – *então, ela lá no serviço, porque você sabe, os trabalhos agora estão muito exigentes né, pegando muito no pé do trabalhador, e ela disse que lá eles pegam muito no pé...muitas vezes ela chega aqui em casa muito nervosa, aí eu falo: olha Soraia, tenha paciência, porque ta muito difícil emprego né...a pessoa ganha pouco mas pelo menos todo mês tem seu dinheiro né, e depois sai do emprego, até arrumar outro, até encaixar tudo direitinho demora né, então tenha paciência...*

E – *e assim, ela tem liberdade pra trazer quem ela quiser em casa, com o namorado como é que é? porque é a casa dos pais e não é a casa dela, como é que é isso?*

Pai – *ela tem toda liberdade, se quiser trazer alguém pode, ate é bom pra gente conhecer mais ou menos né, se é ou se não é, não que a gente vá proibir, mas psicologicamente a gente vendo as pessoas, da pra notar...ver o interesse, mas da pra conhecer...*

Mãe – *ela fala pra mim: olha mãe, pra eu trazer um rapaz aqui tenho que conhecer muito bem...não é todos não, ela fala...pra trazer o rapaz aqui tem que conhecer, ela é muito assim...*

Pai – *não que ela namore escondido, ela não namora escondido, ela vai lá e fala...*

E – *mas não traz aqui...*

Pai – *é porque ela é difícil arrumar mesmo, ela não se interessa, ela só se dedica mais ao trabalho e estudo, ela não gosta de procurar namorado não...*

E – *e em relação a horários, com ela, como é que é? ela avisa que vai chegar tarde ou não avisa, como é a liberdade?*

Pai – *ela é independente de sair com as colegas, de chegar na hora que quer...*

Mãe – *mas ela avisa...*

Pai – *ela é independente, nós não proibimos...principalmente eu, ela ate fica; não chega tarde...mas eu digo, se ta achando bom, chegue a hora que quiser, porque eu confio nela, tenho plena confiança, e nas colegas dela eu confio, porque ela não arranja qualquer colega também, ...*

Mãe – *as colega dela são tudo muito pontual...muito responsável.*

Pai – *ela sai e vê que vai demorar um pouco já liga, avisa que vai chegar tal hora...*

Mãe – *ela tem cuidado, quando ela sai, ela fala: mãe, hoje eu vou demorar, não se preocupe...ela avisa...que nem esses dias frios demais né, ela do serviço vai pra escola, e corre, vai pra lá, vai pra cá, e eu digo que ela ta abusando muito, toma cuidado que ta muito frio...aí ela diz: mas mãe o que eu vou fazer, tenho que estudar...que nem esses dias ela foi estudar e não foi bem agasalhada, nossa...*

E – *ficou doente?*

Mãe – *ficou, a garganta dela...levou no médico porque inflamou a garganta...*

Mãe – *me preocupo...me preocupo ate com os filhos casados...filhos casado eu falo a verdade pra eles, nossa, pra mim é tudo, pra mim nem casou, falo com eles que nem parece que são casados...*

Pai – *ela é muito mandona...manda demais...rsrs...*

Mãe – e meus filhos me adoram e eu adoro eles...as minhas noras adoram, todas elas...

E – e assim, vocês já falaram um pouquinho como foi a saída de casa de vocês né, que a senhora foi pra casar, o senhor foi pra trabalhar, a idade que saíram; e vocês percebem alguma semelhança ou alguma diferença em relação de como esta sendo com a Soraia?...eu acho que a senhora já falou um pouquinho, que ela só sairia pra casar, como foi com a senhora né...

Mãe – isso, só que a Soraia, se ela casar, eu já falei ate com ela: olha Soraia, você pra casar vai ser difícil, você já falou que vai casar com uma pessoa do seu jeito, muito pontual, acho que nem existe mais isso, e ai ela da risada sabe, diz que não faz como essas loucas fazem por ai, de se entregar...vai ser difícil, ela tem que se preocupar muito...

E – então isso é uma semelhança em relação há como foi com a senhora?

Mãe – é, porque eu sai de casa quando foi pra casar e to casada até hoje, então eu acho que isso já vem de raiz né, não sei, é assim...

E – e o senhor?...tem alguma semelhança com o processo do senhor que saiu de casa cedo pra trabalhar, depois voltou, depois saiu de novo...ou alguma diferença?

Pai – é, eu acho assim, uma semelhança também, que eu, meu desejo quando eu tava em casa, não era sair, eu sai porque foi assim, obrigado, porque foi uma época de grande, dificuldade...interessante que era quatro filhos, e eu o caçula...

E – oh, o senhor é o caçula...

Pai – então se preocupava mais, o irmão mais velho era mais cansado, e as outras meninas eram moça, elas não iam se preocupar em sair né,

Mãe – é porque naquela época, família era muito assim, unida, não é que nem hoje...

Pai – é que... (emociona-se)

Mãe – esse quase que chora, é que ele ta lembrando...rsrs...

E – mas pode falar...

Pai – é que a minha mãe, foi pai e mãe, meu pai faleceu eu tinha pouca idade, não conheci meu pai, e a minha mãe que...

E – criou você...e o senhor saiu pra ajuda-la...

Pai – eu tava assim com aquela euforia muito grande pra ir, pra vim, o sonho era só ganhar dinheiro pra minha mãe...

E – e como o senhor vê isso como uma semelhança com a Soraia?

Pai – é que ela é muito apegada com a gente...ela é apegada assim com a mãe, com o pai também, então eu...

Mãe – acha que tem essa ligação né...

Pai – e outra coisa, a natureza dela de ficar revoltada com trabalho, então isso ai, acho que tem uma parte de ligação comigo.

E – mas isso pensando em ajudar sua mãe, então nisso você viu uma semelhança na Soraia...

Pai – é...

E – apesar de que ela ajuda vocês, mas usa o dinheiro pra ela né...e a senhora?

Mãe – então né, a Soraia é assim, dessa maneira, ela se preocupa muito com os pais, ela é uma pessoa muito pontual, ela trabalha...vai pra 17 anos que ela ta trabalhando, nunca deu motivo pra eles mandarem ela embora né, no serviço ela é muito responsável, como eu falei, ela é responsável por tudo, ela não gosta de mentira, falsidade com ela, vixe, quem pisar no pé dela com falsidade, ai ela não aceita de jeito nenhum, não aceita mesmo...

E – e assim, agora eu queria saber um pouquinho em relação ao casal, a vida de casal de vocês né, como é que é hoje ser um casal...como é o casamento de vocês com uma filha adulta morando em casa e como é que seria o casamento se ela saísse hoje?

Pai – *eu acho assim, que nós casal, eu e ela né, nós estamos assim, feliz...feliz dela estar junto conosco, não só por ajudar, porque as vezes não pode ajudar também porque ela estuda, mas assim, na relação de pais, de filha com a mãe né, porque nós estamos assim, junto e dando apoio um ao outro né, e eu acharia que não seria assim muito feliz se ela fosse morar sozinha, com uma amiga...*

E – mas em relação ao casamento?

Pai – *a é, ao casamento...em relação ao casamento nós nos sentimos bem, normal...*

E – como é?

Pai – *ela tem o quartinho dela, nós temos o nosso...combinamos bem, não atrapalha...*

Mãe – *em casa ela não atrapalha de jeito nenhum...*

E – mas em relação ao casamento, como é que é hoje, como é que seria se ela saísse de casa?

Mãe – *se ela saísse de casa, uma coisa eu já falei, eu vou sentir muita falta, sinceramente...eu também me preocupo muito se ela arrumar casamento e não der certo...porque a Soraia, a natureza dela é diferente da minha, eu sou uma pessoa que sou controle e tudo, já ela não, ela é bem mais estourada, ela não agüenta tudo, tudo, ela já fala a verdade e os casamentos de hoje, você sabe como é que é né, não agüentam nada...*

E – mas em relação ao casamento de vocês?

Mãe – *não tem problema nenhum, de jeito nenhum...*

E – e se ela saísse, como é que seria para o casamento?...vocês teriam mais liberdade pra namorar, pra ficar junto...

Mãe – *não, de jeito nenhum...*

Pai – *ah, ela não liga mais pra namoro... (risos)*

E – não liga mais pra namorar, mas será que se sua filha saísse ela não iria ligar?

Pai – *não, não ia não, ia ser pior...é bicho do mato mesmo....rsrs...*

Mãe – *não tem problema nenhum, eu sinto falta quando ela sai e não chega logo, eu fico preocupada também...*

Pai – *ela estando em casa ou não tando, é a mesma coisa...*

E – e assim, a ultima pergunta, que conselhos vocês dariam hoje a partir da experiência que vocês tem com uma filha adulta em casa, para um pai que se da conta que tem uma filho ou uma filha nos trinta anos e que ainda permanece morando com eles?...que conselho vocês dariam pra esses pais?

Pai – *que conselho que eu daria pra essa filha né?*

E – que conselho você daria pro pai que tem uma filha adulta morando em casa e que continua morando, não pensa em sair a principio?

Pai – *ah, entendi...eu aconselharia que ele permanecesse dando apoio em tudo e que não importasse a idade da filha e do filho, que tenha 40 ou o que for, que continue o mesmo apoio, mesmo como se fosse uma criança, fosse bem jovem ainda, não olhar a idade...*

E – e a senhora?

Mãe – *eu também, não olhar a idade, dar todo apoio e ter toda paciência, e orar bastante pra felicidade dele, pra ele ser muito feliz, ou casado ou solteiro, pra ele ser muito feliz, a gente ora muito pra felicidade dos filhos, dos netos, das noras e de toda família e de todo ser humano...eu, olha, pra mim a pior derrota no ser humano... é a desunião...como é que fala*

mesmo?...é não ter a união...é a desunião, pra mim isso é uma das piores tristeza que eu acho...pensa bem, uma moça casa, tem os filhos, e depois vê aquilo tudo desunido, é triste demais...

Pai – *apesar que hoje a maioria casa, não se entende e se deixa...as vezes a filha vai pra casa dos pais ou as vezes o filho vai, mas se acontece assim, principalmente eu, aceito a mesma coisa, se um deles voltasse pra casa num caso desses, ficaria da mesma forma como se não tivesse acontecido nada...dar apoio, união...*

Mãe – *é, porque que nem nós, eu tenho um filho mesmo, o mais velho, que casou e teve uma situação que não podia pagar aluguel e nem nada e ainda morou um tempo com a gente...*

E – no início de casado?

Mãe – *é, já tinha a Tatiana né...*

E – ah, já tinha filho...

Mãe – *é, já tinha filho...e nós aceitamos...*

Pai – *já faz muito tempo...depois teve controle...*

Mãe – *hoje ele vive na casa dele, e os pais tem que ter toda paciência...o pai casou, a mãe casou, pôs os filhos no mundo, e sim, todos os pais tem que ter toda a paciência do mundo, é um conselho...*

Pai – *não só paciência né, é dar apoio...*

Mãe – *dar apoio, dar incentivo, conversar...*

Pai – *dar incentivo assim de leitura né, mas ensinar também um ponto de como vive, como se vive com os filhos, dar apoio, como é que da educação, além do estudo né, educação moral e familiar, assim, o principio de respeitar o ser humano, respeitar um ao outro não importa a idade, porque a parte assim, de desculpa, de perdão, eu dei sempre, pedir licença pra alguma coisa, bom dia, boa tarde...uma educação que vem de berço...*

E – isso mesmo com o filho adulto permanece?

Pai – *é, permanece, apesar que eu sou muito brincalhão com os filhos, mas se precisar dar alguma educação, eu faço, eu dou também, se tiver meio fora um pouquinho, eu falo: olha o principio nosso, a educação familiar...*

E – e qual o sentimento em vocês quando pensam na possibilidade da saída dela?

Mãe – *o que eu sinto, que ia ser o obvio, é que eu ia orar mais ainda para ela ser muito feliz na vida dela...*

E – mas e a senhora?

Mãe – *assim, eu ia sentir muito, ia sentir muita falta dela...e ia orar muito pra ela ser feliz...*

Pai – *eu já sou um pouco diferente dela, se ela arranja um bom casamento e vai se sentir feliz, eu não vou sentir essa falta assim, porque se eu sinto bem casando e fazer outra vida longe da família, convivendo com outra família e recebendo amor, eu também desejo isso pra ela, peço pra ela encontrar um príncipe pra ela e que um dia de certo, seria feliz e não ia sentir muita falta não...*

E – e vocês pensam, tem algum projeto pra quando ela sair?...projeto de vida, como é que é?

Pai – *pra continuar a vida da mesma forma né...*

Mãe – *continuar a mesma coisa, ele mesmo da todo apoio quando as nora precisam, pra levar neto no médico, pra isso, pra escola, quando da ele vai e leva...muitas vezes quando eu to aqui eles ligam: mãe, a comida ta pronta, o almoço ta pronto?...ta, ai eles vem...é assim, é essa união com os filhos, com nora, com os netos...eu tenho um neto que quando chega aqui, ele me abraça, não quer mais desagarrar de mim, é assim, os netos já vão se criando tudo da mesma forma...*

Entrevista 5

Pais e filhos trabalham em empresa familiar. Filho adulto (Ralf).

E – como é uma entrevista com os pais né, é importante que nas perguntas eu possa ter tanto a visão de mãe como a visão de pai né, mesmo que concordem ou discordem né...então, primeiro eu precisava saber assim, a idade dos filhos, quantos são, a profissão deles, de vocês...todos os dados de identificação...

Mãe – *tem o Ralf né, 27, Cristina 23 e o Samuel 22...*

E – eles são formados, fazem curso de pós?

Mãe – *o Ralf é formado em engenharia de produção, a Cristina é arquiteta e o Samuel em engenharia, e hoje eles trabalham cada uma na sua área...a Cris na arquitetura, o Ralf na administração aqui da nossa empresa e o Samuel aqui na parte de cozinha né, de...comida...*

E – aqui da empresa...e o Ralf que é o filho então mais velho que ainda mora em casa e trabalha na empresa com vocês...e é uma empresa do que?

Mãe – *é uma empresa de...bom, aqui seria uma empresa de distribuição, de venda de máquinas...*

Pai – *a empresa é ligada a café né, café expresso, e então ela tem três partes, o Ralf faz a parte administrativa, a Cris faz a parte de arquitetura das lojas da cafeteria praticamente e mais a parte de imagem da empresa, de visual, e o Samuel faz a parte da área de cozinha e de balcão, de atendimento ao público na cafeteria, e a empresa tem as três partes, as três áreas né...*

E – e vocês dois?

Pai – *eu sou, digamos, eu sou o gerente da empresa né, que fundou a empresa né, a mãe cuida da parte de preparação da cozinha né, de produtos pra cafeteria né, e eu faço a parte de equipamentos, café e essas coisas todas né, da parte administrativa...*

E – e o Ralf tem outra atividade fora ou não?

Pai – *não, é exclusivo...o Ralf e o Samuel são exclusivos aqui, a Cris tem outras coisas foras, tem alguns projetos fora...*

E – entendi...então, geralmente quando um casal começa a ter filhos né, eles imaginam que um dia eles vão sair de casa um dia né, quando e como que vocês começaram a perceber que o Ralf que é o mais velho né, ia permanecer mais tempo morando com vocês, quando e como vocês começaram a perceber?

Pai – *bom, o Ralf é o mais velho, então, eu percebi que ele ia ficar mais tempo em casa né... é... quando ele estabilizou a vida pessoal dele, namorada, terminou os estudos né. Em casa ele tem liberdade, tem as coisas dele, tem o quarto dele...em casa tem liberdade pra sair, fazer as coisas dele, não tem controle de horário, então a casa funcionou como albergue, vamos chamar assim...rsrs...ai foi o ponto que eu achei que ele ia demorar mais pra sair...rsrs...porque a casa tava adequada naquilo que ele tava querendo, porque senão ele já teria...ele tem até imóvel fora, mas ele não se atreve a ir... porque ele acredita que ali está mais confortável... pode perguntar pra ele, mas não foi forçado...*

E – foi mais cômodo...

Pai – *isso, mais cômodo, exatamente...*

E – quais são assim, já que o senhor falou né, eu até ia perguntar isso numa outra pergunta...porque tá muito ligado né, quais são assim o grau de independência que ele tem, de autonomia, liberdade, como o senhor falou né, e até de responsabilidade dentro de casa?

Pai – *ah, eu acredito que seja 100%, a gente tem o objetivo de não interferir em absolutamente nada na vida deles né, pessoal...As regras pra viver em casa eu acho que nem existe, pra falar a verdade né, a gente tem sobrinhos que moram lá e não tem um controle assim de: “olha, tá morando aqui e tem que prestar contas pra alguém”, não é isso...prestar contas do dia a dia, não tem isso, não tem essa obrigação...deixa eu ver, eu me perdi um pouquinho...rsrs...*

E – Não tem problema, depois eu volto também nessa pergunta. E a senhora, como é que foi que a senhora começou a perceber...

Mãe – *então, justamente por isso, acho que foi por segurança também né, porque eu não sei se a gente é tido como corujões... mas não é, é porque a gente sempre deu...*

Pai – *eu não sou...rsrs... não.*

Mãe – *é, porque a gente sempre deu...Até que não... a gente não cobra nada, eu acho que eles são livres pra fazer o que...ele é independente em tudo, e eu acho que é isso, tá tudo ali na mão, a segurança...*

Pai – *é, eu acho que é isso, você tem a família toda ali em volta, então eu acho que isso é fundamental...ter os amigos e a família...se os amigos fossem melhor já teriam se juntado aos amigos em algum outro lugar né, ou se a família fosse sobressalente em relação aos amigos eles estariam mais com a família, mas enfim, eu acho que toda essa convivência é que definiu isso aí... eles tem liberdade, os amigos vão, ficam, eles tem as atividades deles, namorada, amigos, enfim, cada um tem a vida deles em comum, em convívio, não é...tem o controle da pessoa...*

Mãe – *é, eles sempre tão em casa, tantos os amigos...*

Pai – *é, eles tem bastante liberdade...*

Mãe – *é, tanto os amigos...*

E – e quando a senhora fala de segurança, o que que seria?

Mãe – *eu não sei se...segurança seria no caso de estar em apuros, ou de ter uma coisa que seja bem...de ter um local mesmo assim de porto seguro, eu acho que é isso, porque todos eles tem o carro...*

E – e a situação financeira também né...

Mãe – *é, também...*

Pai – *todos tem boa situação...*

Mãe – *tanto é que eu já perguntei: e aí, não vai sair...rsrs...Aí o Ralf: eu ainda não to pensando nisso...aí o Samuel: você vai me agüentar muito tempo ainda...mas a questão não é que a gente...a gente não tóca de casa, mas também não...*

Pai – *é houve uma base pra isso aí também, houve um caminhar pra isso... tanto é que a gente conseguiu, porque se não tivesse toda essa independência né, certamente não estaria nessa situação de ficar confortavelmente num determinado porto, de cada um buscar suas atividades...é o caso da Cris, é o caso do Samuel, é o caso do Ralf... Então, se eles tivessem que partir pra ir buscar uma nova vida, seja aqui, seja fora, enfim, seguramente eles não estariam... não teria essa curujisse...você trabalhou a maior parte da sua vida também pra oferecer isso né, então você como pai não precisa ficar se preocupando... é: pega daí pra frente, não precisa pegar do zero, então, foi bem assim né...eles estão todos trabalhando com a gente...*

Mãe – *nós viemos do interior justamente pra isso, pra cuidar de tudo, pra eles terem uma vida...*

Pai – *é, pra poder proporcionar essa vida que eles tem...primeiro passo: chegou a época de escola, lá não oferecia nenhum condição pra eles continuarem estudando e aí nós mudamos pra cá pra poder oferecer essa oportunidade...*

E – da onde vocês eram?

Pai – *nós éramos de Adamantina, interior...então, essa mudança foi...pra gente na época foi muito tumultuado, porque você abre mão de uma série de coisas pra oferecer essa oportunidade para que eles pudessem ter uma educação razoável no mercado, então, nós vivemos quanto tempo isso?...o Ralf é o mais velho, ele tava no primário...12 anos até os 20 e tantos...então você teve aí uns 15 anos da vida preparando toda essa estrutura para que eles pudessem se acomodar na vida...na vida profissional, enfim...aí, a parte pessoal cada um tem a sua e deu certo, então eles não sentiram necessidade de ir buscar outras coisas, outras formas de viver fora desse ninho aí...rsrs...*

Mãe – *é isso aí...rsrs...*

E – e como é o papel de cada um de vocês hoje, como pai e como mãe na vida de um filho adulto como o Ralf?

Pai – *vixe, agora pegou!...fala você o seu, depois eu falo o meu...*

Mãe – *eu...*

E – o papel de mãe...

Mãe – *o papel de mãe...*

E – é, o papel de mãe na vida de um filho adulto hoje, como é que é?...quais as funções de mãe...

Mãe – *o Ralf, ele é bastante...na parte de mãe ele é meio, como é que se diz...ele me procura bastante...*

E – mas procura de que modo?

Mãe – *procura assim...vamos dizer que ele queira: ah, mãe, vamos sair por aí ver um negócio...ele me chama...*

E – pra escolhas...

Mãe – *é uma amizade, vamos dizer assim, não é tanto de mãe...ah, minha mãe, eu preciso da minha mãe porque eu não sei fazer isso, não...ele gosta de ter uma opinião, ele...é bem amigo, eu acho que ele é bem amigo assim...ele não é muito de se abrir na parte pessoal dele, mas eu acho que é o básico de uma mãe... 'ah, eu gostaria de ir em algum lugar, você quer ir comigo?*

E – mas a senhora espera partir dele ou...

Mãe – *eu também chamo: Ralf, vamos comigo, eu não queria ir sozinha e tal...acho que dos três o que está mais comigo é ele...o mais velho...o Ralf sempre foi mais...caseiro... como eu posso dizer? Uma pessoa mais...*

E – apegada?

Mãe – *isso, mais apegada...não sei se por ser o mais velho...não que o tratamento não seja igual, mas só que ele é mais ligado...*

E – e a senhora dá conselhos, orientações, coisas que a senhora possa perceber...

Mãe – *é mais fácil ele me dar conselhos do que eu...rsrs...ele é bastante adulto nesta parte, tem a cabeça muito no lugar, ele nunca fez nada fora do padrão, ele é muito centrado, ele é todo organizado, eu não fui nada, ninguém orientou ele, ninguém disse que não pode fazer isso, é dele...ele é uma pessoa bem centrada, ele sabe o que está fazendo, ele sabe o que ele quer, ele dá conselhos pra todo mundo, coisas que ele até chama a atenção do irmão, da Cris...ele é uma pessoa bem, muito...pela idade dele eu acho que ele tem a cabeça muito no lugar.*

E – e em relação ao lar, em casa, alguma coisa assim no papel de mãe, de fazer comida, ou de arrumar o quarto...

Mãe – *ele arruma o quarto dele, eu nunca mandei...assim de...eu levanto as vezes e vou ver os quartos e o quarto dele já está arrumado...mas tem outra coisa também: o Ralf arrumou o quarto, ah!...eu nunca fui de fazer isso também, ficar falando...ta certo, eu falo: legal, mas ele arruma, ele deixa as coisas dele no lugar...a única coisa que eu chamo a atenção as vezes é papel que ele joga, mas roupa, calçado, a cama dele sempre arrumada, tudo certinho, é dele isso, não fui, nunca fui de falar...quer arrumar arruma, se não quiser eu vou lá e arrumo, não vou morrer por isso, e quanto a ajudar nas refeições, eles não são, o Ralf ainda ajuda arrumar a mesa...ele comigo não é assim, mas na casa da namorada ele faz, até ajuda a fazer almoço...*

E – então em casa a mãe fica mais sozinha...

Mãe – *é, mas se precisa arrumar a mesa ele arruma, é só você falar...Ra, você não quer ir no mercado pra mim?...ele vai, ele é mais...eu nunca fui de ter que ficar, olha, se você não fizer isso, não sei o que e papapá...nunca fui de botar castigo também, de porque isso...o bom do Ralf, acho que porque ele é mais velho, ele é bem na dele, ele, antes de falar alguma coisa ele pensa, acho que ele é bem centrado na dele...*

E – e o papel de pai?... na vida de um filho mais velho que mora em casa ainda?

Pai – bom, a gente sempre carrega as coisas daquilo você fez né, não tem jeito de fugir... a gente tenta passar aquilo que acertamos... Eu sempre procurei apoiar naquilo que eles pretendem sabe, se tem uma coisa que marca o dia a dia, eu poderia dizer que é isso... liberdade pra fazer as coisas, eu tento apoiar sempre e corrigir se eventualmente tiver assim, que opinar se eles tiverem indo pra algum lado errado...

E – o senhor costuma opinar...

Pai – sim, costume opinar e sempre colocar que a responsabilidade é dele e eu não posso viver a vida dele, que não tem a menor chance disso acontecer...que ele tem total liberdade pra fazer o que bem entender e eu coloco, caso veja algum erro... que pode ter algum erro pra frente e que ninguém tem bola de cristal, ninguém sabe tudo né, e só posso dizer que esse caminho aí não vai levar em muita coisa, vai dar problema, e aí eu tento convencer o porque disso tá errado...tem a marcação mais seria, o contraste mais forte no relacionamento... A parte pessoal, eu tento agradecer, fazer tudo pra que eles esteja por perto...

E – como um companheiro...

Pai – como companheiro, não da pra ficar catando mosca com vinagre né...rsrs...procuro oferecer isso pra que eles estejam por perto né, e é isso que a gente faz...

Mãe – e a gente sente que eles também querem ficar perto...a gente vai muito pro interior e eles falam: poxa vida, a gente não vai?...porque não da mais pra ir todo mundo agora né, antes, sempre que a gente ia, ia todo mundo junto...

Pai – então, eu sempre procuro essa forma de agregar assim, o relacionamento deles com a nossa forma de vida, seja na viagem, em casa...é mais fácil a gente modelar algumas coisas do que mudar o modo de viver deles ali...eu penso que é uma soma, desde que não seja uma coisa errada, porque aí não dá, mas eu sempre penso em conciliar, é sempre ajustável essa coisa aí vai, essas diferenças...e mudar alguma coisinha pra poder se encaixar, poder conviver né, ter um bom convívio, é bem isso...

E – entendi...mesmo adulto né...

Pai – principalmente adulto, porque pequeno vai sempre ficar na sua porta, até conseguir voar, né, mas quando tem liberdade pra voar, aí que você tem que oferecer as condições pra poder ficar por perto...rsrs...é isso né... temos que ter um aeroporto aí que dá pra pousar né.. rsrs

E – então, a gente já falou um pouquinho dessa aqui né, de como são negociadas com o filho adulto as questões de autonomia e de independência e responsabilidade, acho que vocês já falaram um pouquinho...tem mais alguma coisa que vocês querem falar?...ele tem muita responsabilidade? na empresa como vocês falaram...

Pai – ah é, sem duvida, todos...a participação deles aqui podemos dizer que é praticamente 100%...até porque toda a remuneração dele esta voltada para aquilo que ele faz...nós fizemos um bloco disso aí e resolvemos que seria proporcional ao que ele faz, então ele tem a responsabilidade até porque, pelo que ele recebe...e ele tem o projetos, entendeu, é isso...

E – mas em relação... por exemplo, os gastos da casa de vocês, eles ajudam...

Pai – não, não...na manutenção diária da casa isso não... não tem participação.

Mãe – mas o Ralf é uma pessoa que se eu pedir ele faz...

Pai – mas não, não é necessário também... não é forçado, não foi necessário...

Mãe – mas cada um tem as coisas deles... pagam as suas contas.

Pai – cada uma paga as contas deles, eles tem liberdade pra comprar, pra fazer...eles ate tem recurso pra isso, então eles se viram sozinhos... não precisam ficar pedindo pra ninguém.

E – e eles tem liberdade de levar quem eles quiserem em casa?...leva namorada... dormir em casa...

Pai – sim...muitas vezes eles dormem na casa delas, as vezes leva em casa...

Mãe – mais na nossa casa do que na casa delas...rsrs...

Pai – *é que na nossa casa tem mais gente, entendeu...talvez fique até mais fácil pra eles...enfim, conviver né... é mais gente... é dvd, filme, é não sei o que, é isso...*

Mãe – *a gente trás também a família das namoradas aqui...*

E – ah, entendi, então fica bem cheio né...rsrs...

Mãe – *é...rsrs...*

Pai – *também...a gente tem um relacionamento com a vida deles em relação ao amigos...também é bem próximo de todos eles...*

E – das namoradas, do namorado...

Pai – *é, eles estão sempre em casa...na verdade a gente vive pros filhos né. Vamos falar a verdade, não vamos ficar procurando outra coisa... e também eles confiam e ai fica mais fácil...também tem esse foco...*

E – o que seria isso, nós vivemos pros filhos?

Pai – *seria ter a liberdade de trazer os pais da namorada pra família né... que mora lá em Pirituba, então eles estão sempre em casa né, os dois filhos deles vivem com a gente basicamente...e eu penso: daqui há pouco eles vão ter ciúmes né da gente, vive mais aqui do que na casa deles, então, independente, isso não é projetado não, isso aconteceu... certo, então eles também querem viver mais com os filhos sabe, então a gente proporciona, eles estão ligados... as atividades... Ele também, os pais, priorizam essa coisa de convivência né, eles também priorizam essa forma de independência, da parte profissional que cada um tem a sua, convivência em harmonia mesmo...é mais ou menos isso...rsrs...*

E – e assim, falando um pouquinho da vida de vocês também, em relação aos filhos morarem em casa, em que momento foi a saída da casa de vocês, com os pais de vocês, como é que foi isso?

Mãe – *foi quando a gente casou né...*

Pai – *não, não...eu tenho um outro trajeto ta...a minha necessidade foi maior né, eu vim de uma família de sete irmãos, então eu sou daquela história de liderar esse bloco de gente, de sair pra vida, de arrumar condições de vida, de sair com o pessoal, com minhas irmãs, com meus irmãos, então eu tive essa...digamos assim, como eu fui o primeiro... eu tive que ser o primeiro a ter que tomar essa iniciativa né, porque não teria condições de vida assim, pro meu pai fazer isso tudo...*

E – e com quantos anos?

Pai – *ah, eu comecei com sete, comecei com sete anos trabalhando...*

E – mas não saiu de casa com essa idade?

Pai – *eu sai de casa eu tinha 17 anos...18 pra 17 anos...na faculdade eu ate que tava em casa, com os 20 e poucos anos...*

E – você fez qual faculdade?

Pai – *eu fiz em contábeis...contábeis...*

E – ah, contábeis...

Pai – *mas a gente tinha que viajar uns 70 km ate a faculdade, então eu trabalhava de dia e estudava a noite, então eu viajava duas horas por dia, estudava, voltava...*

E – mas morava na casa?

Pai – *morava na casa dos meus pais...*

E – mas indo e voltando...

Pai – *ia e voltava...*

E – então você vê uma diferença em relação aos filhos de vocês...

Pai – *ah, uma diferença...porque teve uma diferença, não teve que sair da casa dos pais...emprego e tudo, e aí foi decorrente né...*

E – na verdade você teve que começar do zero...

Pai – *é, do zero...*

E – em relação aos filhos de vocês...

Pai – *ah não, aí já pegaram a coisa pronta...até minha filha... ela brincou, já tem a casa dela, não teve que começar do zero né...tava tudo pronto, a casa... Seria a maior besteira se eles quisessem partir do zero, né... seria jogar dinheiro fora, porque os pais já fizeram, né...*

E – mas o senhor teve a casa do senhor mesmo quando casou?

Pai – *ah sim, eu tive que mudar, morava em xxx e tive que vir pra São Paulo né, e aí eu vim trabalhar aqui, mas minha agenda era muito pequena, aí eu tive que buscar um concurso público, tive que mudar pra Santa Catarina, e foi lá comecei a ganhar dinheiro, e aí depois eu voltei pro interior e depois pra São Paulo...e nisso aí foram uns 15 anos...ate vir pra São Paulo novamente com o objetivo de educar os filhos, já não era mais o meu problema, não era um problema pessoal, era um problema de já colocar os filhos...de dar oportunidade, vamos chamar assim...pra que eles pudessem fazer alguma coisa na vida profissional, porque a pessoal... talvez até seria melhor se tivesse ficado lá, né.*

E – pra qualidade de vida...

Pai – *é, qualidade de vida... então, mas profissionalmente não né... como ainda era uma fase deles pequenos e a dificuldade que nos tivemos também foi essa, de não ter essa oportunidade, então a gente tentou suprir essa... tapar esse buraco pra eles.*

E – que vocês não tiveram essa oportunidade...

Pai – *é, de poder partir pra uma coisa mais estruturada, tanto em trabalho, escola, relacionamento pessoal, essas coisas assim...*

E – e a senhora saiu pra casar então...

Pai – *ela foi isso, mas depois que nós tivemos filhos a nossa história é a mesma né...rsrs...*

E – é isso exatamente, sai pra casar...com quantos anos?

Mãe – *eu tinha 23...me formei...*

E – ah, então se formou primeiro... já é uma semelhança...

Mãe – *é, me formei primeiro e aí casamos, viemos pra São Paulo e vivemos tudo isso que ele falou, Santa Catarina, Limeira...depois que nós tivemos os filhos e viemos pra São Paulo eu também comecei a trabalhar...*

Pai – *os filhos já estavam...*

Mãe – *é, um tava com dois e o Ralf com 7...*

E – isso quando a senhora começou a trabalhar...

Mãe – *isso...*

E – mas pra sair de casa então a primeira vez foi com 23 anos?

Pai – *isso...*

Mãe – *é, a maioria vinha pra cidade ...*

Pai – *era uns 17 né, quem vinha e se formava na cidade sempre saía antes né...esse foi o ponto...mas eu não tinha condição de sair pra estudar, né... sem chances.*

E – pra que?

Pai – *pra estudar né...ate pra trabalhar a base era ruim, a formação era ruim né...não tinha como trabalhar em São Paulo sem estrutura...não tinha como entrar pro mercado, eu teria que partir do zero sabe...então no meu caso, por isso que nós escolhemos lá no Sul, que era o meu caso...mas ai ela quis ficar por lá mesmo... Mas os seus pais tinham mais condições, pra você sair, né...*

Mãe – *é, é aquela coisa de família que não queria que os filhos estudassem longe, queriam que ficassem na barra da saía, por isso que eu acho que a gente...*

E – como é que é?

Mãe – *rsrs...que os pais querem o filho na barra da saía, sabe como é...família grande, família de Italiano, eles querem os filhos todos assim, embaixo das asas.*

E – sua família era assim?

Mãe – *isso...e quando eu falei pro meu pai que ia pra São Paulo, porque aqui não tem o curso que eu quero..ai ele: imagina, que não sei o que...não precisa, que não sei o que...foi um drama...*

E – ai você fez lá mesmo...

Mãe – *fiz lá mesmo...não tive ofício...*

E – se formou professora...

Mãe – *professora, mas...*

E – nunca exerceu?

Mãe – *não...já cheguei a dar aula particular e tudo, mas pra mim...*

E – não era o que queria...

Mãe – *é...fiz curso...fiquei meio ano em Marília também, mas voltei mais por pressão dos pais e também de ser difícil ta em outra cidade e por questão dos pais, porque ai eles ficavam...ah, aquela coisa...e também porque eu não tava muito interessada, tão afim...porque senão você vai né...*

E – entendi...e nesse seu processo de sair de casa assim, você percebe alguma semelhança ou diferença em relação aos filhos de vocês?

Mãe – *eu acho que não...*

E – só essa coisa de querer ficar junto...

Mãe – *é, mas eu acho que não...eles ate são mais preparados pra sair...tem toda essa regalia nossa..e se não fosse assim eles não teriam condição...*

E – então se não fosse pra casar a senhora acha que não teria condições pra senhora sair na sua época?

Mãe – *isso...eu acho...agora, eles não, só não saem porque não quer... eles tem condições.*

Pai – *é porque ta bom né...*

Mãe – *é lógico, é porque ta bom... senão não teriam porque ficar...eles são, ta tudo bem também, mas na hora que não ta tudo certo eles dão as deles né, mas eles não vão ficar passando por necessidade ou mesmo porque é os pais e não vão...acho que não, eles tem iniciativa de lutar pelas coisas que eles querem...*

E – então assim, em relação a vida de casal, como é que é?...com filhos adultos em casa, como é a liberdade de vocês em relação a conjugalidade, no fato de ser um casal, o que atrapalha ou não...como seria se eles saíssem?...que liberdade mais vocês teriam no casamento né...

Pai – olha, eu acho que eu não tenho nenhum problema né...nisso aí eu não tenho né...

Mãe – eu acho que tá tudo normal...a gente entra no nosso quarto...rsrs...

Pai – é...tem esse negocio de viagem...se a gente quer ir pro Guarujá e eles não querem, eles ficam e a gente vai, não tem problema...

E – então tem momentos que vocês, independente dos filhos...

Pai – é...porque cada um tem a sua liberdade...se da certo nós fazemos tudo junto, se não da fazemos mesmo assim...ah, eu quero almoçar domingo no Haras ou lá no...aí ele vai e ela não vai, aí tudo bem...

E – é tranquilo isso...

Pai – é, tranquilo, tranquilo...mas da certo isso...rsrs...

E – mas aí sai só o casal...

Pai – é aí sai...eles ficam, nós vamos e eles ficam...não tem muita...

E – e a senhora?

Mãe – pra mim é a mesma coisa...a gente sempre chama né...

Pai – sim, a gente sempre procura ficar junto... até porque tá todo mundo junto...

Mãe – mas como tem as namoradas, eles convivem mais em casa, então no final de semana as vezes eles querem ficar na casa delas...

Pai – é, isso acontece...

Mãe – ou mesmo pra praia, eles vão...

E – e o que mudaria na convivência do casamento se eles saíssem?

Mãe – eu acho que continuaria a mesma coisa né...

Pai – no nosso casamento sim, até porque eu acho que com toda essa liberdade você já tá preparado também pra quando eles saírem né...tem toda a estrutura...rsrs...

E – e a ultima pergunta...que conselhos vocês dariam hoje, a partir da experiência que vocês tem, pra um pai ou uma mãe que se da conta que tem um filho na faixa dos 30 anos e ainda não saiu de casa, que permanece morando com eles?...que conselhos vocês dariam pra esses pais?

Pai – liberdade, tem que dar liberdade pro filho...não tem outra coisa...não pode nem forçar eles ficarem lá...eu daria esse conselho, deixar eles bem a vontade né, pra eles poderem ir ou se quer ficar...acho que não dá pra interferir na pessoa de 30 anos assim...se acha bom dessa forma... eles quem tem que definir isso, né. Você não pode interferir né.

E – como assim?

Pai – se acha bom de ficar em casa com 30 anos...

E – entendi...

Pai – não tem que achar nem ruim nem que bom, ele é que tem que achar...se ele acha bom viver só, do que viver com a namorada também, paciência...tranquilo, se quiser viver aqui ou morar por aí...ele que sabe...eu acho que ele que tem que resolver isso aí...

E – e a senhora, que conselhos daria?

Mãe – *eu também daria toda liberdade. Bom, num ponto eu também procuraria saber o porque ele esta com 30 anos e ainda em casa, com os pais... porque geralmente com 30 anos, ou você já esta morando junto, ou ta procurando casar, ou...*

Pai – *formar tua vida...*

Mãe – *é, formar tua vida...porque praticamente 30 anos já é uma idade mais...apesar que meu irmão casou com 30 e tantos anos e morou com meus pais até 30 e tantos anos...*

E – seu irmão?

Mãe – *meu irmão...e hoje ele tem a família dele...mas eu acho que um filho de 30 anos, ou ele ta muito acomodado, ou ele com os pais se dão muito bem, ta tudo numa boa, que nem essa liberdade mesmo, cada um faz o que quer e eu faço o que eu quero e acabou né...a casa dele seria praticamente como se fosse pra dormir né...*

E – e que conselhos você daria pra esse pai ou pra essa mãe?...pra ajudar ela a lidar com essa situação...

Mãe – *eu pediria pra dar liberdade mesmo...ver o que ele quer realmente...se é isso que ele quer, conviver junto com a gente, com os pais, ou...ver se ele ta bem mesmo ou se ele ta achando que se sair os pais vão ficar desesperados ou se ele não tem apoio nenhum pra poder sair... acha que ta amarrado...eu pra falar a verdade não convivi com ninguém assim que tenha tido um filho nessa idade em casa né, mas eu acho que os meus estão indo por esse caminho, né... rsrs eles tem toda liberdade né, eles estão porque gostam, porque querem ficar, ta tudo bem...acho que tem que se dar bem realmente com você né... ta bem com a família. É, porque se ta bem com a família tanto faz estar em casa ou estando fora... ele vai se sentir bem do mesmo jeito... acho que é isso.*

Entrevista 6

Filho adulto que mora em casa: Carla

Filho mais novo que saiu de casa pra fazer faculdade: Guto

E – primeiro assim, eu queria saber de vocês por questão de identificação, quantos filhos tem, nome idade de vocês e dos filhos...

Pai – bom, sou comerciante, os filhos que eu tenho são dois, o menino que é o Guto e a menina que é a Carla...

E – e a que mora em casa é a Carla?

Pai – quem mora em casa é a Carla...

E – ela é formada?

Pai – ela já se formou, ela já trabalha, ela é formada em...como é que chama mesmo?...

Mãe – comunicação...

Pai – comunicação social...e ela já trabalha; ele só estuda, ele não estuda em São Paulo, ele estuda em Uberaba e faz medicina veterinária...

E – e a Carla, ela além de trabalhar faz algum outro curso?

Pai – ela já fez inglês...

Mãe – teve a pós...

Pai – ela tentou fazer a pós, mas teve problemas por causa do horário dela, então ela deu uma parada, só tá trabalhando né... ela vai continuar com certeza, isso ela já falou, que vai continuar a fazer...então é isso, nós estamos satisfeitos com os dois, acho que eles estão no caminho certo, porque a gente nunca sabe qual é o caminho mais certo pra eles, mas eles procuram o caminho deles...a gente sempre procura orientar naquilo que a gente pode né, aí chega numa certa idade e num certo tempo, que a gente não sabe se pode orientar, ou se eles tem que seguir um caminho próprio...hoje a Carla toma as decisões dela né, de vez em quando ela ainda pede algum conselho e a gente tenta dar naquilo que hoje eu vejo que não tenho mais o alcance que eu tinha antes, porque eu não acompanho ela no trabalho, eu não vejo a forma que desenrola tudo, então eu procuro ajudar naquilo que ainda consigo né, então é isso, e ele como tá estudando ainda, eu só acompanho de longe o estudo dele... sei do que acontece, pois hoje você vê pela internet e fica tudo mais fácil, e ele de lá também né, quando ele está aqui em São Paulo a gente conversa, e eu acho que ele tá indo bem...e isso aí é importante...rsrs...fora de São Paulo também tá indo bem, porque ele se vira sozinho por lá né...

E – ele mora em Uberaba?

Pai – ele mora em Uberaba, ele mora numa república com mais alguns amigos...eu acho que ele se deu bem, porque ele nunca tinha saído de casa, e ele sempre viveu tranquilo aqui com o que ele tinha, sem ter problemas né, e eu acho que ele foi pra lá e soube se virar, eu até acho...sei lá, se for numa escala de 0 a 10, criou uma expectativa do que ia acontecer lá

com ele, então ficou em 10...porque às vezes você tem tudo em casa e chegou lá e não dão certo as coisas, você fica meio perdido no começo...

E – com certeza...

Pai – *mas ele se virou bem o tempo todo, eu ate hoje fico meio assim...eu acho que foi ótimo...basicamente eu acho que é isso...*

E – o senhor tem quantos anos?

Pai – *eu fiz 55...tenho 55...*

Mãe – *agora sou eu...eu vou falar mais ou menos a explicação dele, é mais ou menos o que ele falou...*

E – ta...nome, profissão...

Mãe – *tenho 51, fiz alguns cursos, sou formada em educação artística, mas não trabalho, os meus filhos estão sempre por aqui, o mais novo mora fora... A Carla também já teve outras coisas quer gosta de fazer sem ser só na área dela...o que eu sinto assim é que agora ela tem um tempo muito restrito né, muito corrido, viajando muito, então não da pra fazer...*

E – em função do trabalho?

Mãe – *é...então não da pra fazer muita coisa, como a pós-graduação que ela queria fazer, e o Guto é o que ele falou, antigamente ele tinha tudo aqui, tudo conforme as coisas que precisa, e eu achei ate que ele se deu muito bem mesmo, talvez nem eu agüentaria o que ele ta agüentando não, porque eu acho que o meu estilo...rsrs...não da pra ficar longe, ou pra morar com outras pessoas, e ele aprendeu a conviver com outras pessoas e acabou vendo que não é fácil, são pessoas que tem um outro mundo, outra educação né...*

E – vocês imaginavam que ele ia ter mais dificuldade em sair de casa e ir morar sozinho na republica...

Mãe – *com certeza, em todos os sentidos, desde a convivência, financeiramente...*

E – e ele tem se saído muito melhor do que vocês imaginavam...

Mãe – *muito melhor...do que eu imaginava e do que eu talvez fosse se tivesse que sair de casa, talvez eu não tivesse tido a vontade ou a força que ele tem...lógico, às vezes ele fica em crise, ele liga, chora: ai que vontade de ir embora, mas ele sabe que precisa acabar e foi escolha dele, tanto que foi escolha dele, que ele mesmo saiu daqui, ele viu tudo, ele resolveu tudo, ele viu casa, viu tudo que ele tinha que fazer, nós não saímos do lugar, foi ele que resolveu tudo...ele só falava de dinheiro pra isso, pra pagar, só falava pra pagar as contas, porque ainda é a gente que paga, mas ele é uma menino super econômico, realmente ele não joga fora, pechincha bastante, ele é muito bom pra isso...em questão de economia...eu não sei qual dos dois, porque eu realmente sou mais segura, o pai já não é muito...mas eu acho que ele puxou um lado nosso ai que a gente nem sabia, que é...*

E – administrador...

Mãe – *administrar muito bem, tanto é que ele administra as contas da casa lá, administra o mercado e a empregada, os meninos de lá não ia pegar, então ele acabou pegando e faz direitinho, ele que da as coordenadas...*

E – e como é que foi pra você quando ele saiu?

Mãe – pra mim foi...

E – tem quanto tempo?

Mãe – vai fazer uma ano já...no dia que...enquanto ele não foi, tava aquela festa toda de preparar, de separar o que vai levar...na hora que ele encheu a carreta da caminhonete, que ele saiu praticamente do sitio, onde ele carregou geladeira, máquina de lavar roupa, tudo, parecia um baú de mudança, e que ele saiu a primeira vez, pegou uma estrada e foi embora, aquilo foi muito difícil né, porque ele é um menino muito caseiro, um menino que ta sempre junto com a gente, ele é um menino, que tudo que precisa, ele é muito meigo, muito atencioso...no dia que ele foi eu fiquei mal, e o pai também, eu acredito também...ele tem uma namorada que ele namora há oito anos, nós estávamos unidos no sitio na saída dele né, nós e a namorada, então a gente sentiu falta sim, porque ele faz muito movimento, ele é muito habilidoso, ele concerta cama, ele que pôs aqui em cima essa câmara pra passar o filme, ele concerta, ele brinca, ele faz muita confusão...ele muda um monte de coisa, põe caixa de som aqui, põe ali, liga internet, tira internet, ele é muito habilidoso, entendeu, ele corta jardim, poda arvore, ele é terrível, mexe em bicho que ele gosta muito né, mas a falta foi grande na época...agora eu to começando, depois de um ano é que eu to começando a não ter umas crises no meio do caminho, de vez em quando eu ligo...eu só fui uma vez lá, mas agora eu já to começando, eu não digo me conformar, mas, a saber, que ele não esta mais tão infeliz lá, que ta procurando as coisas dele, agora eu já to mais...e ele tem vindo um pouquinho mais também, a gente troca um pouquinho mais de energia aqui...

Pai – você falou de ta infeliz, ele ta feliz lá...

Mãe – não, não, dele não ta tão feliz...

Pai – ele nunca teve tão feliz...

Mãe – não, é que ele tava meio sozinho, e tava acostumando que aqui ele tem sempre um amigo, a namorada, irmã, a gente né, lá é tudo desconhecido né...

Pai – ele sente a falta, é como a gente diz né, ele sempre viveu em casa e bem né, então, se os filhos se sentem muito bem em casa, é sinal de que a família ta bem, isso deixa todo mundo junto, quem não quer estar com a sua família né, então, se você sai e fica fora e é claro que tem momentos que seu trabalho te ocupa ou a escola no caso dele, faculdade né, e tem os momentos que você ta sozinho, às vezes a noite estudando e é claro que você sente falta da sua família porque você conviveu com ela a vida toda né, então realmente eu acho que nesses momentos ele deve pensar...

E – e o senhor?

Pai – eu tenho uma diferença em relação a tudo isso e até eles falam alguma coisa, mas só que o que acontece...

E – a tudo isso o que?

Pai – seja sentir muito a falta dele...ela sentiu...essa coisa de ficar sem ele, eu também sinto saudade, mas quando ele saiu eu tava frio de que tava tudo certo...ele ta saindo, ele quer sair, isso é importante, porque se ele não quisesse, ai eu

também ia ficar triste e preocupado...e ai não, o que ele quer não é ir pra lá, mas ele queria, ou seja, era o que ele mais queria, então, no dia que ele foi, eu tava feliz, eu achei ótimo, não fiquei triste nem chateado porque eu fiquei sem ele aqui em casa, eu sei que ele não ta aqui e as vezes faz falta pra gente porque a gente vive junto né, mas eu acho que foi bom...quando ele acha bom e liga pra mim dizendo: olha, aconteceu tal coisa...eu digo ótimo, fico mais feliz ainda de que ele esta longe e ta bem, agora, se ele não estivesse bem, ai realmente a gente ficaria preocupado, mas agora ele estando bem, eu fico feliz e ta ótimo, e se ele sente falta da gente aqui, então aquele negocio da família, aquele conceito de que família é o melhor de tudo e é o que eu acho, então isso ta valendo a pena, porque ele sente falta da família...rsrs

E – e assim, quando um casal tem filhos, quando casa e tem filhos, eles geralmente imaginam que um dia os filhos vão sair de casa, quando vocês casaram, lá trás, nasceu a Carla e depois ele né...e quando e como vocês começaram a perceber que no caso da Carla ela iria permanecer mais tempo morando junto com vocês?

Pai – *essa pergunta que você fez, eu não sei como seria, repete pra mim, eu não entendi...*

E – assim, quando um casal tem filhos, ele imagina que um dia eles vão sair de casa...no caso da Carla ela continua né, e geralmente né, os filhos saem mais cedo né, e quando vocês começaram a perceber que ela ia continuar morando mais tempo, mesmo depois de formada, como é que foi esse processo?

Mãe – *olha, a Carla quando era pequena, ela me ensinou muito, a Carla me deu muita vitória, e eu acredito que ela vai demorar pra sair, mas é o que eu sinto, ela é super apegada a família, eu acredito que ela só vai sair daqui, talvez no dia que ela casar ou resolver ir morar num outro lugar sozinha, mas eu não acho que nem agora, acho que lá nos seus 30 e poucos anos que ela vai resolver fazer alguma coisa, eu tenho essa impressão, porque ela é uma pessoa que vai, gosta de viajar, gosta de resolver, mas ela volta aqui em casa, tem o porto seguro, mesmo quando ela sai, ela chegou lá e já toca o telefone, eu gasto mais de telefone em viagem do que...rsrs...ela fala de manhã, ela fala de tarde e isso é em qualquer lugar, ate quando vai pra Santos ela faz isso, quando ta aqui ou quando ta lá na França em Paris, ela é muito ligada a família, e ela quer falar com a gente, ela quer falar com o pai, não é que ela manda recado pelo empregado, não, ela quer falar...*

E – então o fato dela ser tão apegada assim, tão apegada a família, é uma coisa que faz ela continuar a morar aqui...

Mãe – *é...não que ela...a gente não fala que ela vai ter que continuar aqui, ela tem total liberdade pra escolher o que ela quiser...eu não acredito que ela vá assim tão cedo...*

E – só uma duvida que ficou...ta trabalhando hoje ou não?

Mãe – *eu?...não, não...eu não, quando ela nasceu, eu era professora, dava aula, mas depois larguei, e eu não sinto nenhuma culpa de ter largado, hoje eu colho neles uma coisa boa, talvez eu não tivesse realizado em algum trabalho como eu me realizei neles...hoje por exemplo eu posso ir em qualquer lugar que minha filha é elogiada, sei que ela é bem quieta em qualquer lugar, ela e o Guto também, os dois são exemplos de meninos, são mesmo, então eu não tenho anda pra falar assim: ah, eu porque eu deixei de trabalhar...não, foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida, não há emprego nem dinheiro nenhum que vá fazer o que eu passei, prefiro eles do jeito que eu fiz...ir no medico, no dentista, levar eles na escola, não importa...mas eu aprendi com eles...*

Pai – *agora, essa expectativa de quem vai sair de casa ou não, como ela tem, isso eu não tenho...*

E – com assim?

Pai - *porque é uma coisa indeterminante, porque um vai ficar em casa mais que o outro, porque um é mais amoroso, porque um ainda não saiu e o outro já saiu porque tá estudando, mas pode voltar certo, então, essa expectativa de quem vai voltar, quem vai atrás ou quem vai sair de casa, eu não faço, porque ela é um pouquinho indeterminada porque você não sabe o que vai acontecer no dia de amanhã...ela por exemplo é muito caseira e muito amorosa, mas de repente ela resolve por algum motivo que ela ache justo ou necessário sair de casa, como o trabalho que tenha que mudar pra um outro lugar e ela ache que é o máximo pra ela, ela vai fazer e eu vou ser o primeiro a incentivar, não sei se a mãe vai fazer a mesma coisa, mas eu iria incentivar porque...não sei como vou te dizer...o que eu sempre quis é que a família ficasse sempre junta pra que eles sempre tivessem uma base sólida certo, mas o que eles achassem de sair eu tenho certeza de que eles estariam prontos pra sair, então eu seria o primeiro a falar vai com Deus, ou seja, vou ficar com saudade, mas isso é tudo normal, isso é do ser humano, então, se ela sair primeiro que ela amanhã, eu não vou ficar admirado...nossa, então dizer pra você que ela é mais caseira e que ela vai ficar mais tempo em casa, eu acho indeterminado...é possível que isso aconteça, mas pode ser que não, ou se alguém aparece na vida dela que é uma coisa que hoje ela não tem, ela tá liberada, livre, solta, não tem um namorado, não tem ninguém certo, mas agora, de repente pode aparecer alguém na sua frente, o amor da sua vida e você muda tudo na sua vida, isso pode acontecer...falar: não, eu vou casar o ano que vem...mas você acabou de conhecer...isso acontece, porque as vezes a pessoa fica namorando dez anos...vamos supor que amanhã ela resolva que encontrou o amor da vida dela e que tá trabalhando, vai casar e sair de casa, tá ótimo, tá contente...então, saber se ela vai ficar mais tempo ou não, eu não sei, o que é bom pra ela e que ela gosta, é confortável, porque senão ela não ficaria muito tempo...agora, se ela vai ficar, mas que ele ou não, esse já tá fora, mas não quer dizer que ela vai continuar fora...*

E – e não pensando na comparação, mas nela, na Carla, na filha adulta, o senhor começou a perceber que ela ia ficar mais tempo ou nem...

Pai – *eu não tô percebendo nada sabe por que, porque eu não marquei data e nem estipulei assim um prazo, de que mais ou menos dentro de tantos anos eles...*

E – nunca pensou assim, como casal...

Pai – não...

Mãe – *eu nem imaginava que meu filho fosse estudar fora...fora que eu digo, fora de São Paulo, eu nunca podia imaginar... mas ele fez o que tinha que fazer, agora ele foi pra lá e assim, eu nunca tive expectativa em relação a eles saírem de casa, e ele era o que eu menos poderia achar, que eu fosse imaginar, pra você ver...porque ela já tinha ido viajar pra fora do país, foi duas ou três vezes pra fora do país, por conta de querer ir mesmo, mas a passeio, mas não vai mais que 20 dias, aí ela já tá voltando de novo, ela não quer ficar pra lá, e ele eu achei que nem fosse sair e agora mostra...essa expectativa de que você falou, deles ficarem em casa...*

E – ou de como vocês imaginavam...

Mãe – *é, realmente eu não tinha, me surpreendeu, saiu antes, coisa que eu nem achava que fosse sair, quanto mais pra estudar...*

E – tá certo... então assim, em relação, como é o papel de vocês como pai e como mãe na vida hoje da Carla, que é a filha que mora em casa...a filha adulta que mora em casa, como é o papel de vocês como pais na vida de um filho adulto?

Pai – agora eu não sei como é que eu te coloco tudo...começou desde que ela nasceu numa cidade igual São Paulo, num tempo diferente do meu de quando era criança...hoje em dia a mulher já começa a ter um papel diferente, por isso que eu falo que começou desde que ela nasceu, ou seja, vem mudando bastante, porque a mulher mais participa do trabalho, da vida em todas as áreas do que acontecia antigamente; então, nós tínhamos a minha sogra que adorava ela, foi a primeira neta e tratava ela que nem um bibelô...tudo era a Carlinha...mas a senhora tem que tratar ela como uma mulher de hoje tem que ser tratada, sem por num altar, sem aquele negocio de ficar estanque como uma mulher...então, não precisa dizer mais nada... Eu quero a Carla uma mulher ativa, então desde pequenininha eu deixei ela participar das coisas, vamos por ela na frente dos negócios, das coisas todas que ela puder enfrentar como um ser humano igual ao outro sabe, porque mulher e homem são iguais na sociedade de hoje, porque assim ela vai crescer e vai se virar melhor no dia a dia, na hora que ela sair pra trabalhar, ou pra estudar em algum lugar ou pra estudar fora como aconteceu as vezes, então eu sempre vi uma coisa assim, ela tem que ser dona do nariz dela pra na hora que ela sair pra rua como uma mulher de hoje e não como uma mulher de antigamente...

E – e o que isso implica no papel de pai?

Pai – então, isso pra mim é ótimo, porque ela sai pra rua, ela resolve as coisas dela, então eu sinto que ela tem uma independência, só quando ela não acha que ta bom mesmo ou tem uma duvida muito grande, então ela liga pra mim...então, eu acho que como pai eu fiz com que ela fosse uma menina independente o máximo possível, acho ate que ela podia ser mais, mas ela tem as limitações dela e cada um também é como é, então as vezes você tem tudo e gosta de um apoio também...muitas vezes as pessoas muito forte né, muito forte aparentemente, externamente, mas as vezes precisam de apoio e quando a pessoa se sente fraca ela pede...rsrs...esse é aquele cara grande que ta caindo...rsrs...então as vezes ela volta e diz: escuta, como é que é isso, como é que agora eu faço?...

Pai – então ainda hoje o senhor tem assim um papel de aconselhar?

Mãe – muito...ela conversa muito...

Pai – então, na medida dela, ela acha bastante, na minha medida eu acho que tem diminuído bastante...eu acho ótimo, eu ao contrario acho ótimo...ela foge do meu controle, a Carla, ela não foge, e ao contrario, eu não tenho que ter controle sobre ela, o certo é a cada dia eu ter menos controle...então as vezes eu vejo que tem algum problema pra ela resolver e ela ta enrolada, eu vou deixando, porque uma hora qualquer ela vai ter que fazer as coisas dela sozinha né, então, se ela fizer hoje, beleza, ela já passou um sufoco, ficou apertada, chorou, mas eu não me meto...não que eu to isento ou to querendo fugir dessa realidade e responsabilidade, ela tem que fazer e ela ta fazendo, então hoje ela faz e só me procura quando realmente não ta conseguindo ou porque ela não sabe mesmo...

Mãe – ou quando ela ta fragilizada...

Pai – ou como ela acharia que deve proceder e ai a gente faz né, mas isso não é uma coisa só de pai, isso você faz quando é marido e mulher, faz pro outro quando quer saber...então, hoje eu quero chegar nesse ponto e só quando ela tiver uma duvida eu vou ta aqui para auxiliar...

E –um apoio...

Pai – *é justo, um apoio...um apoio pequeno, não aquele apoio de muleta que você não se livra mais, aquele apoio de quem mora em casa, porque a gente não vai ficar isento de tudo, não vou dizer: oh Carla, se vira, não é assim...mas eu falo pra ela, procura resolver, se você não consegue resolver tudo, tem dúvida, eu posso auxiliar pra você ir mais rápida no que tem que fazer, então tudo bem, eu to aqui, então, é isso que eu quero no convívio de hoje, que é pra ela ficar o mais livre possível...*

E – e o papel de mãe?

Mãe – *hoje...o papel de mãe é esse também, mas em algumas situações...é assim. Na parte teórica do assunto que ela trabalha não, porque eu acho que ela é competente...*

E – em questões técnicas não...

Mãe – *não...nisso eu nem dou palpite, mas na parte emocional, afetiva dela...*

E – entra a mãe?

Mãe - *sim...ela às vezes choraminga quando se sente assim, ou porque as pessoas vêm assado, e aí eu digo pra ela que é pra esperar, que ela tá aprendendo a conhecer as pessoas com quem ela tá convivendo, que as pessoas mais rudes e mais difíceis de se lidar, é com essas pessoas que ela vai ter mais o que aprender né, e às vezes não é uma questão de: ah, por que comigo?...é porque nessa situação você tá precisando aprender mais...então eu fico mais na parte sentimental, dessa de tá mais fragilizada ou quando às vezes ela tá meio só, ou se sente assim injustiçada...também procuro deixar ela resolver, dou algumas dicas e ela às vezes vai em frente, como ela teve uma vez muita dificuldade com uma pessoa superior lá no trabalho e ela não conseguia nem se entrosar com a pessoa e agora ela já...já estão bem, já aprendeu, já viu, já acabou aquele sentimento...*

Pai – *mas quando você tá começando num trabalho é assim mesmo né, ou seja, você está se relacionando com muita gente e você ainda é novo no trabalho, tem dúvidas em relação a muitas coisas...*

Mãe – *é, mas ela se deu bem mesmo com toda dificuldade e acho que assim, as dificuldades foram muito boas pra ela aprender a lidar com as coisas, e tem pessoas diferentes mesmo, não pode achar que todo mundo é meio bonzinho mesmo como o pai e a mãe...já falei pra ela que puxação de tapete vai ter, gente falando, se vangloriando com as coisas que você fez e eu disse pra deixar mesmo, pois uma hora vão perceber que é com você, que foi você mesma que fez, então eu ficava mais assim, mas ela realmente é uma menina que consegue resolver as coisas...e eu acho que apesar de serem meus filhos, tanto ela como ele conseguem fazer até mais coisas do que eu...*

Pai – *eu só falo pra ela sempre o seguinte: você tem que fazer a sua parte bem feita, saber o que você sabe fazer, fazer certo, porque tudo que é certo pra você, vai tá funcionando também entendeu, se você tem alguma dúvida em relação a alguém, você tem que acabar com essa dúvida no seu trabalho, porque é o seguinte, num certo nível de hoje em diante no mundo dos negócios, vem voltando uma coisa que tava perdida que é ética né, então tá retornando, porque isso é valorizando e se você é ética, faz o seu trabalho e dá tudo certo, você tem que ficar tranqüila em relação ao resto, se você tem conhecimento sobre o que você faz que é o mais importante, então não tem que ter dúvida de nada, faça seu trabalho que vai dar tudo certo, e é por aí...*

E – entendi...e em relação assim, a outras questões do papel de mãe e até do papel de pai também, em relação a comida, arrumar quarto, questões assim, como é que é?

Pai – *então deixa eu falar, porque eu que sou homem sou...mas ela é dez nisso...*

E – ela quem?

Pai – *a Carla...a Carla é dez nesse negócio...*

Mãe – *muito boa...*

Pai – *se precisar ela faz tudo, arruma cama, faz comida, ela faz o que for necessário, e se ela não tiver que fazer nada, ela não faz, mas ela não foge de fazer quando acha que tem que fazer ou tá vendo que não tá feito e que ninguém faz, ela vai e faz por conta própria...se tá num lugar, não almoçaram e vão fazer o almoço, ela se oferece, então, ela não tem aquele negócio, se ela tá em casa na idade dela hoje, ela tem a comodidade do lar que ela vive sem ter problemas como até hoje, graças a Deus, porque a gente não sabe o dia de amanhã, nós temos empregada, tem tudo, ela pode sair de casa com o café feito, sai vai pra rua trabalhar e volta, tá tudo arrumado, tá tudo feito porque a mãe também tá aqui e tá tomando conta, tá tudo sendo feito, mas se não estiver, ela sabe fazer, ela sabe ir atrás e faz, então, ela não tem esse problema, a minha filha mora comigo e vive bem, tem as coisinhas dela...ou seja, tem a comida feita, tem a cama, tem o café da manhã...*

E – tá tudo cômodo...

Pai – *tá tudo cômodo, mas se amanhã não tiver toda disponibilidade e ela tenha que fazer tá, ela sabe fazer e ela se oferece certo...eu não era uma pessoa assim quando eu era jovem, eu posso dizer isso por mim mesmo, eu não fazia as coisas na minha casa, eu não participava do que tinha que ser feito, e só ajudava quando meu pai ou minha mãe falava: escuta, tem que fazer vai lá e arruma a sua cama, vai lá e faça aquilo ou outro...eu era aquele que tinha que ser mandando e ela nesse aspecto faz tudo, se ela estiver aí e nem tem ninguém, ela faz a cama dela e se passar no meu quarto e não tiver feita ou a do irmão dela, ela faz também, ela vem fazer café, então, ela nunca se importou...ela nunca largou o copo ali porque tem empregada e a empregada vem atrás limpando tudo e lava, ela não tem isso, ela cozinha, ela lava tudo...quando eu penso que se amanhã ela tivesse que sair de casa, esse lado doméstico da vida ela não teria problema nenhum em fazer as compras de supermercado, nem de lidar com as coisas de casa que sabe como é que é porque aprendeu muito com ela, e nem do dia a dia da empregada, porque ela faz tudo que a empregada faz, a não ser que ela nunca lavava roupa né...*

Mãe – *e ela sabe cuidar da vida dela...*

Pai – *então, se ela tivesse que sair pra cuidar da vida dela...*

Mãe – *é muito engraçado viu Mariana...eu não lembro da minha mãe também, porque eu tinha uma vida meio assim...*

E – assim como?

Mãe – *de ter empregada, de te quem faça, eu nunca fiz nada na vida, eu tive realmente a fama de não fazer nada...minha mãe trabalhava fora e a gente tinha empregada pra cuidar de nós e eu nunca fiz nada mesmo, não arrumava a cama, não lavava o banheiro...se eu precisar fazer eu faço, mas os meus dois filhos fazem, tanto ela quanto o Guto se a gente precisar, agora lá, ele ta cozinhando, tem empregada pra uma coisa ou outra, tanto que ele que foi atrás disso...*

Pai – *tanto que lá ele não ta sentindo muito a falta disso porque ele sabia fazer o básico de tudo isso... agora no caso da Carla, tem umas coisas dela que a gente ta conversando aqui e que o negocio que eu tenho que colocar é o seguinte: eu quando me casei e nós tivemos filhos, ate hoje inclusive, e eu digo hoje, no dia de hoje, 10 de agosto de 2007, eu nunca pensei nesse negocio de que dia eles vão sair e como é que vai ser, quem vai sair primeiro ou não, se é a Carla ou se é o Guto, ou se na maneira que eles vivem quem que poderia sair...eu não penso nisso no meu dia a dia, um minuto ate hoje eu nunca pensei, só to pensando agora...*

Mãe – *porque você falou...*

Pai – *isso, porque nós estamos conversando agora com o assunto de como eles vivem...*

Mãe – *eu também nunca pensei...*

Pai – *qual é a nossa relação, eu ate hoje tenho que colocar isso...eu não sei se é bom ou não, mas eu nunca pensei ate hoje, ate o dia de hoje eu nunca pensei nisso...*

E – *mas vocês vêm mudanças?...no papel de pai e de mãe na vida da Carla...*

Mãe – *eu, por exemplo, por mais que ela seja e eu acho que ela é independente nas coisas que ela faz, nas coisas que ela resolve, na compra que ela faz numa loja, comprar uma coisa e agora com o dinheiro dela ou resolve as coisas dela, lógico, essas coisas não precisa de mim, mas ela gosta. Por exemplo...ela vai viajar domingo né, ela gosta que eu vá no quarto, ela tira todas as roupas do armário, ai ela arruma uma mala...*

E – *ela solicita muito...*

Mãe – *é...ela sabe arrumar a mala porque eu já ensinei, porque ela já arrumou uma vez que eu não tava aqui, tava viajando...todos dois arrumam a mala cada um, mas ela gosta que eu vá incentivar, que eu fale algo, que não sei o que, que eu do uma dica...*

Pai – *você acha que isso cria alguma dependência?*

E – *não...e pra mim eu nem preciso saber se é bom ou ruim, são mais as descrições mesmo...*

Mãe – *mas entendeu, ela gosta...*

Mãe – *é...hoje se ela vai viajar, ela quer que eu fique lá...*

Pai – *mas esse papel também é feito por outras pessoas, por exemplo, tem marido que sai pra viajar que quem arruma a mala do cara todinha é a mulher dele, quem vai usar as roupas toda a semana que ela vai viajar, vai ser ele, será que esse cara não sabe o que ele quer usar?...quem faz a mala é a mulher, põe tudo pro cara lá direitinho, ele não vai chegar*

na viagem e falar: pô queria usar aquele hoje com aquela calça, e faz isso a vida inteira e o cara não nasceu grudado com aquela mulher, o cara nem conhecia ela antes, então ela colocou uma coisa agora que eu fico pensando: nossa, eu não sei...de todas as variáveis, de todos os itens que cercam a vida da gente, então, esse item ou mais algum que ela citou de colocar as roupas, será que isso cria uma dependência dos filhos com os pais?...

Mãe – *não, não, eu to falando da coisa gostosa de que ela quer que fique no quarto, não é nem pra arrumar, porque mesmo quando ela chega do trabalho agora, ela quer que eu deite lá no quarto enquanto ela vai tomar banho e...*

E – *conversar...*

Mãe – *é...ela quer contar ou mostrar alguma coisa no computador... ela quer escolher não sei o que ou falar que fez isso, então ela vai falando, ela gosta que sente na mesa quando ela chega, eles dois gostam, entoa vamos jantar juntos, vamos almoçar junto, eles solicitam...mamãe, se eu vou tomar banho, você me espera pra jantar?*

Pai – *a gente fazia isso como costume e então eles gostam disso...*

Mãe – *o almoço sempre foi os quatro, a janta também e depois cada um...*

Pai – *a conversa fora da janta se foi com o tempo... porque a tv toma conta das coisas e foi...então nem sempre reúne e depois eles vão crescendo e vão tendo uma vida própria e então as vezes um sai pra um lado e você vai sentar pra conversar: olha, to saindo...ai o outro fala uma, duas, três palavras e já esta saindo...então nem sempre da pra gente sentar como faz quando é menor né...*

E – *e hoje, como é que são negociados com a Carla esses valores assim, de independência, autonomia né, e responsabilidade...como é que são negociadas com ela esses valores?*

Pai – *eu não sei como é que se coloca...*

E – *assim, questões de horário, questões de regras, disciplina, financeiro...tudo...*

Pai – *o financeiro dela é completamente particular em relação a mim, ou seja, sei que ela tem um salário e não sei o quanto ela ganha, porque uma coisa que nós conversamos uma vez eu e ela, acho que ela colocou isso e eu acho interessante, eu falei: você ganha um salário que a maioria das pessoas não tem que saber o quanto você ganha, não porque isso seja incrível ou coisas desse tipo, não é uma coisa legal que tudo mundo sabe que você faz e como faz exatamente, ou seja, existem certas coisas que são mais suas do que todo mundo, então essas coisas e inclusive o teu salário, o dia que você casar e achar que o teu marido tem que saber tudo de você e você dele, então ai tem que ser outra historia, você decide, mas aqui agora é o seguinte, você ganha um salário que você ache bom ou não, aí um dia você vai ter que mudar de emprego ou não, como você achar que deve decidir, isso é você que tem que decidir, mas ninguém tem que ficar sabendo quanto você ganha, então nem eu sei o quanto ela ganha...rsrs...ou seja, ela não fala pra mim...*

E – *e hoje ela é independente financeiramente...*

Pai – *hoje ela é independente financeiramente, ela não depende de mim, ate já teve algumas oportunidades que eu podia ter ajudado em alguma coisa e eu fiquei quieto e ela fez as coisas dela, se virou como ela ta se virando, ela teve alguns*

percalços mais recentemente por causa de algumas coisas que ela quis fazer e que não deu certo, mas ela ta batalhando pra fazer e as coisas são assim mesmo, nem sempre tudo é tão fácil quanto a gente gostaria que fosse né, e a felicidade é uma coisa que não é uma finalidade, é um caminho, ou seja, ta caminhando e vai dando certo, tudo isso deixa você feliz, ou seja, não é uma coisa que faz você feliz e acabou né, então isso ela vem fazendo...então essa parte de negocio dela hoje, é dele e completamente dela, se tem um duvida bancaria em relação as coisas: escuta, o juros daquilo, os caras me cobraram uma taxa aqui pai, como é que faz...não, vai lá e briga com o gerente porque isso aqui ele abona, eu sei que da pra fazer, mas o resto é tudo com ela sobre o ponto de vista financeiro, eu não me meto e ela é uma menina que não joga dinheiro fora, então eu to tranqüilo, não tenho que dar conselho pra Carla: não gaste isso, Carla não faça assim, é seu dinheiro, é suas coisas, é seu futuro, guarde tanto ou faça aquilo, então, se ela fala e ta fazendo, foi porque eu falei pra ela que era bom, então hoje você tem um emprego, ser empregado hoje pode ate ser bom ao invés de ser patrão...ser patrão hoje é um problema né, agora, sem colocar uma coisa e outra, ai eu falo pra ela: você tem um emprego e amanha ou depois você pode não ter, então hoje você tem que sempre guardar alguma coisinha pra uma hora que você ta com uma necessidade e não ter, ai você tem de onde tirar, então guarde sempre alguma coisa porque você é jovem, e tem a poupança que a gente começa a fazer desde jovem, então você guarda um pouquinho que não parece nada...

E – o senhor fala como pai...

Pai – *é, isso da um resultado terrível, então, eu falei uma vez e depois não falei mais, ai agora é com você...e ela tem as coisas dela, tem as coisas dos negócios dela...*

E – e em relação assim aos horários, regras...

Pai – *em relação aos horários...*

E - namorado, trazer pra dormir...

Pai – *ela não, ela nunca trouxe alguém pra dormir em casa, isso é um ponto que comigo iria ser problema né, não ia dar certo de jeito nenhum...*

Mãe – *mas isso de namorado ela não tem, mas amigo...*

E – como é essa coisa dela ser adulta e poder trazer pessoas pra casa?

Pai – *quanto a isso é normal, não tem problema...ela sempre trouxe os amigos e amigas dela pra cá, e ela sempre foi na casa dos amigos e amigas e eu nunca questioneei...a gente só tem uma fase, ou seja, tivemos uma fase que é aquela fase da infância para a adolescência, toda essa fase onde você esta meio iniciando achar que você sabe tudo, que você toma conta de tudo e resolve tudo e você não sabe de porra nenhuma...rsrs...do que você não sabe se vai pra um lugar e de repente o amigo vai fazer ou não ser uma boa pessoa, se a família do cara é como a nossa não que nós somos melhores, não tem nada a ver, eu to falando se tem os mesmos valores, e depois, no mundo de hoje, porque no meu tempo tinha, mas o mundo das drogas hoje é um coisa terrível e o medo disso é incrível, então, nessa fase a gente ficava ligado e tentando falar sempre coisas pra eles não fazer e como...*

E – isso na fase da adolescência?

Pai – *é, ai vem à outra fase e as coisas que você já falou, ai bom, o que você já falou já falou, o que tinha que entrar já entrou na cabecinha deles, entrou...se não entrou você vai falar e eles vão tomar conta daquilo que acham que tem que fazer né, então, nessas idades você coloca tudo dentro deles, se deu tempo de colocar ta ótimo, se não deu tempo o azar é seu, porque as coisas não vão funcionar tudo como você gostaria, quer dizer, você gostaria não, que você acha que seria melhor pra eles, porque nem tudo que você acha é o melhor pra eles, então ai você vai vendo que eles têm uma cabeça onde vão procurar gente como eles, ficou deferente deles, eles vão procurar ta saindo fora daquele pessoal...então a turma deles é como eles, isso é bom, você vai aprendendo o certo, ou seja, aquela turminha que você conhece do colégio e que não é a boa, não é a que ela freqüenta, ou seja, você viu que ta dando certo, eles vão para aqueles caminhos onde você bate comigo, a gente tem alguma coisa com que trocar, certo, então você vai vendo isso e fica tranqüilo em relação a todos os amigos que vem e os que vão...a gente gosta que venham mais vezes, por que a gente gosta que venham?...porque assim a gente conhece ate melhor quando eles vêm mais pra sua casa né, então você ta vendo tudo o que acontece, você aprende a conhecer eles...deve ser de família boa...porque você vê como ele fala, como ele pensa, então deve ser gente boa, entoa se vai na casa dele a gente fica tranqüilo... mas você não pode fazer tudo, ela tem que saber o que ela quer, o que ela acha melhor, mas ate hoje, nos dias de hoje, a gente não tem problema com ela em relação aos relacionamentos dela, a amizades, ela mesmo é mais seletiva do que eu seria...ela é mais seletiva do que eu seria, então, sabe, eu não me preocupo com relação a isso em relação a ela...falei muito...rsrs...*

E – não, se tiver alguma coisa que concorde ou não concorde...

Mãe – *não...é o que ele falou realmente, é o que ele falou da Carla, eu nunca tive nenhum problema em relação as amizades, porque realmente desde menina ela já falava...as vezes aparecia algum convite pra cá e ela falava: mãe, isso ai não é festa pra eu ir...mas por que Carla não é?...não é mãe, eu sei que isso ai vai rodar bebida...ela mesma já falava, e quando ele falava que ia pra uma festa ela mesma já falava: Guto, essa festa não é pra você ir...mas ai ele falava que ia...e ai quando a gente ia buscar ele, sempre saia alguma coisa daquilo que ela tinha falado, então era muito engraçado, eu falava que a Carla toma conta melhor que eu...que algumas coisas que ela fazia e era verdade, as vezes chagava lá e tinha um bêbado e tal, e ele contava que tinha uma menina que caiu bêbada...isso ela já tinha dito antes, então isso ela já sabia, então ela tem isso bem...*

E – então, pra ver se eu entendi...então a pergunta foi: como são negociadas as seguintes questões...pelo que eu entendi no que vocês falaram, então nem são negociadas, porque não tem o que negociar é isso?

Mãe – *é, não tem, nem ela e nem o Guto...*

E – os filhos já são independentes, já tem autonomia, e você já tem confiabilidade, que foi o que eu perguntei né...

Mãe – *certo, eles tem...eu nunca precisei falar: olha meu filho você não vai aqui...*

Pai – *elas tem mais respeito com essa idade do que eu já tive...*

E – na idade deles, entendi...

Pai – *as vezes meu pai falava: você não sei o que...meu pai já falou pra mim muitas vezes e eu nunca fiz isso, nunca tive isso com os dois...*

E – e como é que foi a saída de casa de vocês né...a senhora ate já contou um pouquinho né...

Mãe – *eu sai quando eu casei aos 23 anos...*

E – e como é que foi pro pai de vocês?

Mãe – *o dele eu não sei...na minha casa...na dele eu não sinto que seja o mesmo assunto, eu não sei...eu namorei dez anos...*

E – com ele?

Mãe – *é...dos 13 aos 23...só namorei um e casei com um, quando eu sai de casa meu pai sentiu bastante, a minha mãe também, mas o meu pai...*

E – mas saiu pra casar...

Mãe – *pra casar...*

E – não tinha se formado ainda...

Mãe – *já tinha me formado...*

E – ah, já tinha se formado...

Mãe – *já tinha me formado e...*

Pai – *ela trabalhava...*

Mãe – *tava dando aula, e ai eu casei e sai de casa, mas o meu pai sentiu um pouco...*

E – e vê alguma semelhança ou diferença de como foi com o Guto ou como poderá ser com a carla?

Mãe – *não...eu acho, eu acho que tive filhos igual eu fui ao sair da casa da minha mãe, apesar dos meus pais serem diferentes...*

E – você vê semelhança...

Mãe – *semelhança, porque meu pai...minha mãe não, mas meu pai me proibia de sair de casa...*

E – proibia?

Mãe – *proibia...não era pra ter amigos homens, não podia ter colega, não era para sair...*

E – mas deixou namorar desde os 13...

Mãe – *não, namorava escondido...a minha mãe sabia e ao 16, 17 anos...*

Pai – escondido entre “aspas”, não existe, esse escondido é uma coisa...o pai sempre tá sabendo o que tá acontecendo...

Mãe – ele ia lá pra conversar com o meu irmão, porque ele era muito amigo do meu irmão, então ficava que ele era amigo do meu irmão...com treze anos no meu tempo, era só de conversar, e hoje não, no meu tempo era de conversar, ate porque eu não acho que as pessoas têm que fazer o que eu fiz, eu resolvi casar e casei virgem porque eu quis, e hoje eu também não acho que todo mundo tem que casar virgem, isso é problema de cada um né, tanto que se meus filhos acham que tem que morar primeiro pra depois casar...não é o que eu gostaria pra eles, mas eles vão ter o meu apoio se eles resolverem isso...agora eu não, eu quis casar, quis fazer todos os esquemas, não acho que minha mãe tenha tido nenhum problema comigo em relação a sair de casa ou ir em festa, ou com bebida, cigarro...

E – você saiu pra casar né?

Mãe – é...mas eu era um pessoa muito caseira, sempre fui uma pessoa de ficar em casa, mesmo antes de casar, então eu não tinha muitos problemas em relação a sair de casa a noite, vir de madrugada...não, eu era mais quieta...

E – isso é o que você acha que vai acontecer com a Carla, sair de casa só pra casar?

Mãe – eu acho...

E – seria outra semelhança né...

Mãe – eu acho que a Carla e o Guto são mais ou menos assim...

E – por que?

Mãe – a Carla namorou muito pouco, namorou um menino três anos, um rapaz só, foi o único namorado dela também, e o Guto começou namorar cedo igual a mim e tá com essa menina há 8 anos, desde o colegial, eles estão namorando e continuam, ela aqui e ele lá, mas ainda estão namorando, e o que eu sentia...ele antes tinha um problema dela vir aqui, mas agora parou um pouco...mas se eu não estivesse em casa ele ligava no meu celular e dizia: mãe, onde você tá?...ah, eu tô em tal lugar...então é o seguinte, a Claudia vem aqui pra assistir uns filmes...ele fazia um pedido de permissão...

E – pra ele vir com a namorada aqui pra casa?

Mãe – isso...e isso acontece ate hoje, se ele tiver que vir com a Claudia pra cá e não tiver ninguém, ele liga, pergunta se eu vou demorar ou se alguma coisa...é como se ele tivesse falando que vai trazer a namorada, que vai ficar aqui...

Pai – mas isso é uma coisa dele, eu não ensinei isso pra ele...

Mãe – é, eu também não...

Pai – e eu se tivesse a idade dele eu não faria, tem essa, então isso eu vejo como uma coisa muito dele...

E – e em relação a saída de casa do senhor?...dos pais, vê algum processo de semelhança em relação aos filhos de vocês acontecendo ou não, principalmente em relação a Carla que é a filha mais velha...como é que foi, saiu como?

Pai – *a Carla tem diferença? o que você colocou dela e do Guto... ta, entoa desculpe, tem uma falha minha em relação a esse negocio todo...*

E – por que falha?

Pai – *olha, é o seguinte, o que eu posso dizer da minha saída de casa...eu sai pra casar...*

E – você era independente financeiramente?

Pai – *financeiramente era, porque depois nós casamos em seguida, fomos morar junto e aí eu trabalhava e tava tudo certo, não dependia de mais ninguém...*

E – então, é uma semelhança com a Carla...

Pai – *acho que tem uma semelhança com a Carla...*

E – porque com a idade dela o senhor ainda morava em casa, o senhor era independente financeiramente né...

Pai – *é...na época eu nem questionava porque eu morava na minha casa ou se eu podia ate morar sozinho né...*

E – o senhor não questionava?

Pai – *nunca questionei...gozado né acho que porque naquela época era mais difícil, mas eu não questionei porque eu não sai de casa, mas eu presumo...eu presumo, porque ai eu sei de mim né, que foi porque realmente era bastante cômodo ta na minha casa, era bom ta na minha casa, porque tinha minha mãe, tinha meu pai, tinha uma vida tranqüila...sou do tempo em que na minha casa a gente não tinha empregada, ou seja, tinha uma pessoa que vinha lá, mas não é como ter efetivamente uma empregada porque minha mãe era de uma época em que as pessoas trabalhavam em casa, muitas delas né, ou seja, a maioria na época né, ela realmente trabalhava tanto em casa nas coisas do dia a dia que ter alguém perto dela fazendo as coisas que ela fazia, ela achava um pouquinho incomodo, mesmo porque, ela fazia coisas que se outra pessoa fizesse ela não ia achar bom, não ia achar igual, ela não sabe limpar, ela não sabe passar o pano, ou seja, ela já não tinha porque achava que não tava no mesmo nível de trabalho dela, então porque eu vou pagar alguém se não sabe fazer como eu?...é o mesmo passo, ou seja, eu sou filho de pais imigrantes, gente que veio pro Brasil pra trabalhar, ou seja, foi colocado em principio uma coisa certo, vamos pra um lugar novo e vamos dar uma vida que nós não temos, então é uma idéia de tudo muito diferente daquela que eu já tinha nascido aqui, e muito diferente da dos meus filhos, então não da nem pra tentar fazer as vezes uma comparação de certas coisas, ou seja, eles tinham um valor completamente diferente do que eu tenho em relação aos meus filhos, embora eles sempre quisessem o melhor, eu quero o melhor pros meus, isso é uma coisa igual pra todos, mas eles pensavam muito diferente, então não da nem pra comparar, mas eu sai de casa também e meu pai nunca falou: escuta, você já ta ganhando o seu, tem as tuas coisas, oh, ripa daqui...não, nunca, meu pai jamais falou isso...*

E – e o senhor também nunca falou, é uma semelhança...

Pai – *nesse caso seria uma semelhança né, não tenha duvida, mas é uma coisa...eu achei legal...rsrs...nós vamos chegar a uma conclusão...rsrs...mas não é o que acontecia com muita gente da minha época...o cara, oh, oh, se anima ai, como é que é, você já tem as suas coisas, vai se virar...isso eu sei que aconteceu em vários lugares, mas comigo realmente naquela época não aconteceu, mas também quando eu sai foi uma coisa definitiva acabou, eu nunca deixei nada pra*

trás, porque meus pais não tiveram...se tiveram, é assim, tem umas pessoas muito fechadas em termos de baixar a emoção certo, na época deles e de como eles viveram na época em que eles estavam, eles não eram gente de passar emoção com facilidade, então eu sai de casa, me casei, eu chegava na casa do pai, da minha mãe e eles: nossa, a gente ta sentindo falta né...rsrs...eu nunca cheguei em casa e meu pai falou: pô filho, que pena que você saiu, você tava aqui, a gente fazia assim, fazia assado...nunca, então eu também não reclamo disso, lembre que nós estamos comentando de uma época deferente e que eu to recordando de coisas que as vezes ficam no nosso subconsciente e que só saíram que nem saíram agora, nunca eles falaram pra mim: filho, que saudade que eu to de você, faz um mês que você não vem aqui, você casou e não lembra mais da gente...não, eles não choraram a minha perda porque eles não acharam que me perderam, nem meu pai e nem minha mãe, eu tava sempre junto né, porque nós moramos no mesmo bairro, ou seja, não fui morar num outro estado ou num outro país né, ou numa outra cidade, então a gente se via normalmente, então esse apega que a gente pensa que eles não tinham, mas que lá dentro eles deveriam ter, só não exprimiam certo, porque pai e mãe rodeia o filho pra ver se acontece alguma coisa né, e eu realmente nunca senti falta deles acharem que tinha algum problema com a minha saída, então não foi uma coisa pré-estabelecida, porque eu sai porque fui casar, e antigamente dava pra sair, morar sozinho e me sustentar né, então realmente não senti uma falta aparentemente assim de: nossa, meu pai ficou muito triste ou minha mãe ficou chateada de eu ir embora, coitadinha...nada, não tivemos nada disso, acho que foi uma coisa normal, sem traumas, sem problemas, e eu depois que sai, tem uma coisa que eu tenho que falar, eu sai e não senti falta de nada que eu gostava e que ficou na minha casa certo, mas então você não gostava da sua casa...não, não tem nada a ver sabe, eu sabia...eu tinha uma coisa que eu falei uma vez pra ela, que quando eu sai e fui fazer uma coisa pra casa, que eu sabia o que eu teria que fazer com as minhas responsabilidades, com meus procedimentos ate parece uma coisa chata de rotina, mas não é assim, ou seja, eu sabia o que estava fazendo quando eu sai da minha casa e pra onde eu ia, entao nós casamos, fomos morar junto, eu sabia onde era minha nova casa e o que a gente teria que fazer...nem tudo a gente sabe porque a gente vai aprender um com o outro ainda e as vezes tem dificuldades né, mas então não teve um trauma tipo: nossa também fiquei com uma saudade né, saudade da minha casa de ficar la tranqüilo, minha mãe fazia tudo pra mim né, porque minha mãe fazia mesmo...ah vem tomar um café, vem aqui que a mamãe vai fazer o café com leite pra você...não senti falta de nada, nada...ou eu realmente era muito frio ou porque sai porque era a hora, momento e nada disso eu senti porque era a hora de eu ir embora, e ate hoje eu lembro dessas coisa e penso que eu sai na hora certa, porque não tinha nada pra recordar, não ficou nenhuma coisa pra trás que eu fiquei triste de ter perdido ou de recordar...nossa, era tão bom com a mamãe...é lógico que quando você é menor tem um monte de coisa com a mamãe que é uma delicia né...rsrs...mas foram coisas que ficaram pra trás no seu devido tempo, entendeu, então pra mim não teve problema e eu espero que amanhã para os meus filhos também não tenha problema, minha mãe não fez força pra mim sair e nem ficou me segurando pra não ir embora, certo...não, eu vou casar...nunca ela falou pra mim: olha, você acha que ta certo, não é cedo ainda?...nunca sabe, os meus nunca questionaram isso, e eu lembro que o pai dela falava né, e eu lembro que quando nós falávamos em casar, o pai dela falou: nossa vocês não acham que tem que esperar um pouquinho é cedo ainda, vocês são bastante jovens ainda...ai eu disse: não é, daqui a pouco nós vamos fazer aqui aniversario de namoro e não casamos ainda...

Mãe – bodas né...muita gente gostou que ele falasse isso...

Pai – e ele não, vocês são jovens ainda, tem que refletir pensa mais um pouco...isso não aconteceu na minha casa, é chegada a hora, você quer ir, então ótimo...

E – e assim, já que a gente ta falando...

Pai - e eu espero que eu fale isso pra Carla, já que ela ta decidida, que ela sabe o que ela quer, eu não vou falar que é cedo ainda, eu vou falar que ta certo, que se é a sua hora, nós vamos estar aqui certo, estamos de braços abertos pra você ir e vir quando você quiser, a sua casa continua sendo essa, você faz como você desejar, ávida é como você deseja...é isso que eu quero falar, se Deus assim me permitir...rsrs...

Mãe - exatamente...

Pai –é isso?

Mãe – com certeza, eu também acho...

Pai – ela vai chorar, ela vai achar falta...

E – ela quem? (esposa)

Pai – ela... porque isso é da natureza da mãe...é da natureza dela, eu acho legal, acho ate normal...eu gosto dessas coisas que ela faz de vez em quando, quando ela se emociona...no começo da entrevista, varias vezes eu pensei que ela ia

chorar...rsrs...mas eu sei que é dela, tá certinho...rsrs...mas eu acho que quando ela resolver sair ela vai saber que é o momento certo, ela vai sentir muito e vai chorar, mas ela vai gostar de qualquer maneira...

E – e assim né, o que que muda em relação ao casal mesmo, a conjugalidade né, o que que mudaria na vida de vocês dois como casal se os dois filhos, se a Carla saísse de casa, aí como que é vivida a conjugalidade hoje, são duas perguntas em uma, e como é vivida hoje essa conjugalidade com o filho adulto em casa?

Pai – *sem os filhos adultos em casa Mariana, eu só posso lhe responder isso quando isso acontecer, daí eu vou dizer pra você no que que vai baixar a rotina na minha casa, hoje nós estamos como nós estamos, estamos todos vivendo juntos...*

E – em relação ao casal né?

Pai – *em relação ao casal...e a família ainda vive junta e é o que eu sempre pensei, que a família é aquela célula maior da sociedade e o dia que acabar a família você pode estourar o mundo porque acabou tudo, essa é minha idéia, não quer dizer que tem que ser assim, e se esses valores forem mudando, se eles mudarem, aí o mundo vai se deteriorar e as coisas não vão ser como eu acho que deveriam ser, certo, então se a família permanece junta é o mais importante, quanto mais ela crescer junta, melhor vai ser pra todos e pra sociedade também, então nós estampo juntos e permanece tudo junto, amanhã nós deveremos continuar juntos, mas sem eles, a não ser que amanhã ela não queira, eu ano posso resolver por eles, porque eu sou eu, você é você Mariana e a mãe é a mãe, e cada um pensa uma coisa num determinado tempo, e é por isso que a gente muda todo dia é ruim por um lado e superinteressante por outro, mas a gente não sabe, se a gente fica sozinho agente pode sozinho ficar mais junto ainda, mas sozinho a gente pode ficar mais separados você nunca sabe que ténue é o fio das relações...nossa, as crianças foram embora...a gente fica tão sem sentido, que de repente você pode estar vivendo sem perceber em função dos seus filhos do que em função do próprio casal...eu procuro pensar ao contrário, penso que to vivendo pra todos, ela e eles certo, mas amanhã ela pode achar que ela tá vivendo só pra eles e não mais pra mim...e dizer: eu não to vivendo mais pra você, e aí, como é que vai fazer?*

E – mas e na prática hoje, como é que vocês...

Pai – *não, nós estamos juntos para o que acontecer...*

E – não, eu sei, mas assim, como é que são vividos o momentos do casal, independente dos filhos?

Pai – *a gente...a gente é o seguinte, quando você vai ficando mais velho tem uma serie de coisas que vão acontecendo, então antes a gente ficava grudadinho e hoje a gente não fica mais tão grudado, hoje ela tem umas coisas dela que ela vai fazer e outras que eu faço sozinho, fica aquela coisa assim que...ela vai na academia, faz ginástica num horário e eu não vou com ela, porque eu não faço, eu odeio academia certo, se isso acontecesse há dez anos atrás, talvez eu fosse fazer academia junto também, mas hoje eu falo não, não da pra te acompanhar num lugar onde eu não gosto nada de estar, então você vai lá e faz, eu vou no futebol, vou no clube...e aí você vai falar: mas vocês não estão vivendo juntos...mas não é, tem umas coisas que ela pode fazer e eu posso fazer de que a gente não precisa um do outro...ela vai no medico, lógico que antigamente eu ia junto com ela no medico e as vezes ela falava: você não vai comigo no medico, eu ia uma vez ou outra...hoje eu falo não mesmo, você vai no seu medico e eu vou só se for uma coisa que ela ache que eu tenha que ir, como nos já fomos, mais do que antigamente, porque antes ela ia mais sozinha do que hoje certo, então existem muitas coisas eu vão continuar como estão hoje se eles forem embora, eu acho, eu acho isso hoje, ano sei o que vai acontecer amanhã, mas nós temos uma vida independente dos filhos, independente inclusive minha e dela, então hoje*

eu tenho umas coisas que só eu faço e ele que só ela faz e nós estamos juntos aqui, mas nem sempre nós estamos juntos na rua...

Mãe – *ah não...e tem muitas coisas que eu gosto, como ele falou...ele gosta de futebol, tem mulher que fica la torcendo o dia inteiro, a noite. Inteira...*

Pai – *e vice-versa tem quem goste de tudo, hoje ela faz as coisas dela e eu faço as minhas coisas...*

Mãe – *eu faço as minhas coisas que ele não gosta, eu hoje tenho meus cursos que eu gosto de fazer numa área talvez muito parecida com a sua, que não é formação de nada e que eu venho estudando essas cosas da metafísica há muito tempo e eu gosto disso, gosto dessa parte psicologia, então eu leio, estudo, passo o dia inteiro no curso, passo o dia inteiro no curso, viajo...*

Pai – *com isso ela faz amizades que não são do meu circulo e que são quase que coisa de profissional, então ela vai, vai nos lugares...olha, tenho eu ir com as meninas em tal e tal lugar e eu digo vai, é coisa dela...*

Mãe – *as vezes passo sábado e domingo num curso, eu vou...*

Pai – *e vice-versa comigo...*

Mãe – *você falou essas coisas dos filhos, eu achei por exemplo, que ele é muito mais ligado com o Guto, é muito assim, o Guto é muito ligado com ele, não é igual na psicologia que o menino é ligado com a mãe e a filha com o pai, aqui é diferente, aqui é de um jeito deferente, a filha com a mãe e o filho com o pai...*

Pai – *esse é o pensamento da mãe...*

E – *não, claro...*

Mãe – *é, é o meu pensamento...*

E – *é isso, quero os dois pensamentos...*

Mãe – *e eu considero assim uma ligação muito importante e acho extremamente boa pra tudo, tanto que quando eu vejo outros filhos e outro pais eu fico pensando: que bom que o meu não é assim, são totalmente ligados, unidos, são amigos, ele confia no filho e o filho confia nele, ele tem bons exemplos...posso fechar os olhos que ta tudo certo, mas o que eu sinto...*

E – *do casal...*

Mãe – *ah sim, o que eu sinto, por exemplo, com a saída do Guto, pensei que ele (esposo) fosse se aproximar de mim...*

E – *o casal ia se aproximar mais...*

Mãe – *é, isso não aconteceu...o que aconteceu foi que ele se aproximou mais da filha...eu sinto que ele conversa mais com a filha, troca idéia com a filha...não é o mesmo assunto, com o filho é assunto de bichos e que ele também gosta e*

com a filha é mais sobre evento, tecnologia e não sei o que, então eu senti isso, que quando o Guto tava aqui eles eram muito ligados e a hora que o Guto saiu eu achei que ele substituiu, ou não, eu continuei...

Pai – *ela acha que eu substitui, mas é que ela tem uma coisa que se tem que colocar, ela tem um nível de exigência das coisas X, certo, então ela exige isso daqui pra cima, então nós tivemos uma fase de vida em que as crianças eram muito pequeninhas, então eu olhava pras crianças, mas não aquilo que ela gostaria que eu vivesse com as crianças, e eu sempre falava pra ela, muito pequeno...eu gosto da criança muito pequeninha, mas a criança precisa ter um pouquinho mais de independência...ela: não, porque você não fica com elas...*

Mãe – *é, porque praticamente, quando as crianças eram pequeninhas elas eram só minhas, ate os 10, 12 anos eles eram filhos só da mãe, ele tava suprindo outras coisas, ele realmente só ficou mais com os filhos e ai ficou mesmo, e já começou a melhorar aos meus olhos, foi só depois dos 12, 13 anos...ate os 12, 13 anos eu punha na escola e tirava da escola, eu punha e tirava do curso, levava pro medico...*

Pai – *eu ficava sabendo o que acontecia...participava de tudo...*

Mãe – *é, a participação era a seguinte: eles estão em que escola?...ah, já saíram dessa escola e foram pra outra, ta...era assim e ele assumiu depois, era mais ou menos isso...*

Pai – *eu participava das quadrilhas... hehee*

Mãe – *ah participava...rsrs...mas não, ate os 10, 12 anos era com a mãe...*

Pai – *quando eles tiveram independência pra se alimentar, pra andar, ai eu disse: agora vem aqui...levava pra cima e pra baixo, agora é comigo...então, isso tudo vem ate o ponto dessa colocação dela e olha, eu ando mais com um e menos com outro porque eles cresceram agora, eu sempre andei mais ou menos igual...eu não acompanhei ela porque tinha algumas coisas do lado feminino que nem sempre a gente homem nem sempre participa...*

Mãe – *eu que levava ele pra jogar bola, isso era coisa de homem...*

Pai – *que homem coisa nenhuma, ele já tinha dez anos de idade...então, mas ai o que eu coloco é o seguinte, é que parece que eu to indo pra um lado uma hora e na outra hora pro outro e não é bem assim, se hoje eu converso mais com ela aqui é que quem esta aqui é ela, ele ta lá, eu não vou ficar ligando pra ele toda hora...e ai Guto, como é que ta, você já tomou banho...não é assim, então hoje se a gente conversa mais foi porque eu me aproximei mais dela e ela também acabou se aproximando mais de mim por algumas coisas, então como é só ela que esta aqui e tem coisa pra Carla fazer, então vamos ajudar ela a fazer certo, tanto que antes ajudava um e o outro o quanto possível...hoje eu to dando mais apoio a ela não...*

Mãe – *se vai viajar a gente pega ela no aeroporto, o pai vai buscar ela a noite no trabalho, então não é que...*

Pai – *mas eu só fui buscar porque ela ligou a primeira vez dizendo que ia pegar um táxi porque na Abril agora ta havendo uma restrição em relação aos cargos e então antes sai carro pra levar funcionários pra qualquer lugar, e isso funcionário que faz trabalho externo, porque jornalista vai pra tudo quanto é lugar...embora ela não é dessa área, é da área só de eventos, eles tinham direito de ir de um lado pro outro de carro e era só requisitar, mas agora esta havendo umas restrições e nós não sabemos se vai ser temporário ou não, não importa, agora o mais importante é que ela foi pro evento sem carro e ai ficou sem carro o dia inteiro e ela tava com o equipamento da Abril que ela ia trazer pra casa, e disse que tava com medo de ficar andando com esse equipamento, ai eu disse: escuta, você vai pegar um táxi?...é, eu*

acho melhor pegar um táxi...mas a que horas você vai sair?...eu vou sair as dez horas pai, é tarde por senhor e o senhor amanhã levanta cedo...não, se o problema é dez horas, não tem problema, eu to em dez minutos ai...ai eu fui buscar ela e isso ano quer dizer que eu to indo mais atrás dela hoje...isso porque só ta ela aqui...

Mãe – não, não...

Pai – *é essa natureza que eu venho fazendo mais recentemente mais por conta de ser só ela que ta aqui, então sobra mais tempo pra um do que pro outro, porque eu não tenho o que fazer pro outro, vamos fazer mais pra Carla...então se as vezes eu não fazia uma parte, eu dizia: toma, vai buscar você que eu to com o Guto...*

Mãe – *isso aconteceu muito...*

Pai – *e vice-versa, por isso hoje eu falo: deixa que eu pego, deixa eu vou lá, deixa que vou buscar...então é mais por ai e não porque eu to caíndo mais pro lado dela hoje não...é que é ela que esta aqui...*

E – só faltou alem da ultima pergunta né, eu entender um pouquinho melhor de como é vivida o casal hoje, a conjugalidade do casal?

Mãe – *olha, é mais ou menos o que a gente tava falando, hoje ele tem as coisas dele e eu tenho as minhas, ate a gente se conversa umas coisas minhas e ele não concorda muito com as minha e eu não concordo muito com as dele, mas tudo bem...o hall de amigos é mais ou menos os mesmos, então a gente em festas ou em acontecimentos nós vamos juntos...é lógico, nos já juntamos tempo de namoro com tempo de casado...*

Pai – *já deu bodas de ouro...rsrs...*

Mãe – *já teve bodas de prata...nesse íterim já tivemos uma porção de coisas que afastaram a gente, ou as vezes fica alguma coisa lá pendurada...mas hoje eu fico muito sossegada em relação...*

E – hoje ter uma filha adulta em casa pra compensar...

Mãe – *é, eu tenho...eu tenho muito gosto, ate prefiro...*

E – não atrapalha em nada?

Mãe – não...

E – tem vantagens até...

Mãe – *vantagens é que ela ta ai...*

E – pro casal?

Mãe – *pro casal...então ainda a gente troca muitas idéias...apesar dela não ter tantos amigos, o meu filho é que é mais, quando ele ta ai tem sempre um em casa, tem a namorado, o amigo, a namorada do amigo, as amizades...ate a gente já falou que acha que ela tem poucas amizades né, ou ta junto comigo, ou ta junto com o pai, ou ta junto com a tia né, tem as primas que as vezes já estão com seus namorados...mas eu acho que é mais tranqüilo né, a gente quando é mais novo fica mais ansioso e fica floreando umas coisas que ano existe né, e é um absurdo, acha que o casamento vai ser daquele jeito do dia em que casou e vai ser igual...mas nunca, temos hoje as encrencas...*

Pai – *deixa eu fazer um parêntese, a gente vive muito pra eles...*

E – pros filhos...

Pai – *é...mas eu não vivo...como é que eu vou dizer, eu vivo muito pra eles, mas eu não dependo deles pra viver, ou seja, eles são tudo pra mim, mas ao mesmo tempo se amanhã eles saírem, cada um vai viver a sua vida e eu vou continuar vivendo da mesma maneira, isso eu já falei pra ela, muito anteriormente antes deles crescerem eu já falava muito isso, se amanhã eles saírem de casa a gente não tem que sentir nenhuma diferença, e se prepare sempre...eu sou chato viu, e se prepare sempre pra tudo no amanhã, se os filhos saírem de casa, se os filhos casarem, se você ficar velha...o velho, eu me coloco hoje sabendo que eu vou ficar velho igual um monte de gente vai ficar velha, com problemas ou sem problemas, não sei, eu me preparo pra isso todos os dias, ou seja, eu me preparo para o que vai acontecer e como pode acontecer, eu só preciso ter força de enfrentar quando chegar a hora, mas me falar que eu não tava preparado pra isso, você não vai ouvir falar de mim, porque eu to preparado pra eles saírem, pra eles casarem, pra tudo que possa acontecer de natural né, porque o que não é natural nem eu e nem você pode ta preparado né, mas pra isso eu sempre tive preparado, vivo em função deles muitas coisa e ela também vive, porque é natural de um pai ou de uma mãe, ou de um casal...mas existe gente que nunca ta preparado pra sair, morre, quase morre porque os filhos estão saindo de casa né, mas não sei da parte dela se amanhã vai acontecer isso porque só ela pode saber algumas coisas, mas da minha parte não, vai ser normal, quando sair eu vou só ficar vivendo a minha vida sozinho certo, se amanhã eles voltarem porque gostam de mim vem me visitar ou porque tiveram filhos, os netos, eu vou adorar como todo avô gosta, mas se ano acontecerem todas essas coisas, eu estou preparado pra eles também...*

E – em relação ao casal e a conjugalidade tem mais alguma coisa?

Mãe – *acho que não, só se ele...*

Pai – *viver bem com minha mulher amanhã se eles forem embora, eu não sei tudo que pode acontecer, eu acredito que sim...eu, cadeira de rodas sei empurrar...rsrs...essas coisas eu não vou ter problema...rsrs...*

Mãe – *sei...como você é mais velho que eu... rsrsrs*

Pai – *se precisar amparar ela quando ela tiver velhinha e precisar usar bengalinha, tudo isso eu vou saber fazer...rsrs...não tem problema...rsrs...*

Mãe – *ate porque você, eu sei que seus pais foram embora cedo, mas a minha foi com 92...a sogra dele tem 92 e ainda com toda inteligência da vida dela...*

E – ativa?

Mãe – *ativa, ela faz as compras das coisas, ela que manda chamar o eletricista, ela que vai pro banco...*

Pai - *agora, se eles vão sair de casa um dia isso eu não sei dizer viu, o Guto é muito independente hoje, já saiu de casa e agora é ate fácil pra ele ficar fora de casa, agora ela que já vive em casa e nunca saiu, eu já não sei como é que vai ser, nem pra um nem pra outro...agora por que os filhos permanecem em casa eu também não sei porque que acontece isso, porque eu também fiquei e eu não sei porque eu fiquei, só sei que tava interessante ficar em casa na época que eu fiquei...rsrs...eu não sei como é que vai ser com eles, é interessante esse negocio...*

Mãe – *é, eu nunca tinha pensado nisso, nunca...mas nunca...*

E – nem quando viu reportagens...

Mãe – *nunca, nada, nada...nem quando eu escutei que nos Estados Unidos com 18 anos os pais botam pra fora...*

Pai – *você imagina uma pessoa independente, vamos supor a Carla amanhã sobe mais dentro da empresa, vamos supor você com 29 anos já é diretora de uma empresa, ganha muito bem, tem uma vida independente e você ainda mora com*

seu pai e com sua mãe, aí você fala, por que isso acontece né?...é porque uma pessoa nesse nível tem um namorado, tem alguém, quer levar alguém pra casa, e você é livre assim e pode fazer o que você quiser né, mas você tá na casa da sua mãe, do seu pai...mas em contrapartida quem tá segurando você em casa é os pais também, sabe o cordão umbilical que os pais tem, não é só o camarada ou eles estando em casa porque o pai quer sabe, é que os pais foram fazendo aquele cordão umbilical pra eles não ficarem sozinhos, isso também pode ser uma coisa que acontece, agora, como é que nós vamos saber tudo isso né...

E – então, que conselhos vocês dariam né, que vocês vissem pais que tem o filho em torno dos 30 anos morando em casa e que não sai de casa, que conselhos vocês dariam pros pais?

Pai – *com uma vida independente que ele poderia sair e viver tranqüilo fora de casa?*

E – é, que conselhos vocês dariam para os pais?

Pai – *eu falava pro pai por seu filho pra fora que tá na hora...rsrs...eu sei que você tá ficando velhinho, e esse filho aí é uma bengala danada né...rsrs...fala verdade, mas que tá errado tá né...rsrs...agora esse conselho dado, pode até jogar na minha cara e dizer: mas quem é você pra dizer o que você tem que dizer pra mim certo, se pra nós está tudo bom assim, você não tem que se meter com a gente...é estranho, é muito estranho...rsrs...*

E – entendi, e você?

Pai – *agora eu acho que é uma chantagem geral, entendeu, porque os filhos gostam de ficar em casa porque os pais dão tudo pra eles, eles tem uma vida independente, mas pra ele tá bom assim, é só dar um estalo de dedos que papai e mamãe estão ali, e ele leva a vida lá fora que ele quer, mas lá dentro de casa tá tudo tranqüilo porque os pais continuam dando suporte...um suporte logístico pra ele legal...rsrs...isso tá errado, mas em contrapartida os pais podem falar: nossa, só sobrou um filho aqui também né, nós vamos ficar sozinhos, é melhor ficar o filhos também né...e cria aquela coisa de não largar...mas eu não sei o que que é bom e o que que é ruim na verdade, acho que cada um deveria saber por si...*

Mãe – *agora, só seria ruim...acho que só se pra um dos dois, ou pro filho ou pro pai, estivesse incomodando...*

E – e que conselhos tu daria pra esses pais?

Mãe – *fique o tempo que quiser, desde que não me incomode...*

E – e o que que seria incomodar os pais?

Mãe – *é, por exemplo, os pais quererem ter um esquema deles dentro de casa e o filho querer ter o dele, tipo: eu trago gente pra jantar, eu gosto de ouvir música e assistir filme até não sei que horas...se começa a tomar conta do espaço do outro, certo, porque a sua liberdade termina onde começa a do outro, se esse começa a passar, aí já não dá mais certo, aí realmente precisa...ou os pais tem que dar um chega pra lá ou o cara tem que se tocar...mas eu acho que enquanto não incomoda, eu acho gostoso, como agora no caso dos meus filhos...*

E – acha o que?

Mãe – *se não incomoda, eu acho que pode continuar, eu não dou conselho nenhum...a não ser que realmente tivesse alguma coisa pegando...*

E – então poderia continuar, não teria problema nenhum...poderia continuar com 30,31...

Mãe – *acho assim, se a pessoa acha, se ali é de comum acordo e as coisas estão boas, como agora aqui na minha casa por exemplo, eu nem pensei, tá percebendo, é uma coisa que nem passou pela minha cabeça e na dele, por que que uma pessoa de 27 anos está em casa ou não...eu não, ela tá na mesma sintonia, é agradável pra ela, é agradável pra mim, então a gente só vai sentir se tiver mexido de um lado ou do outro, aí a gente vai ter que conversar: oh, não dá...mas fora disso, eu nunca tinha pensado, nem eu nem ele...e nem ela eu acho...*

Pai – *é uma coisa que aqui em casa eu acho que não iria acontecer, que nem o Guto e a Carla, se você trás uma pessoa pra dentro de casa, se ele vai ficar aqui com ela na intimidade, não vai ficar na minha casa...*

E – a namorada?

Pai – *a namorada ou quem quer que seja, mesmo que não fosse a namorada, não vai ficar aqui aquela noite, não iriam ficar...*

Mãe – *eles não ficariam bem...*

Pai – *não sei se eles não ficariam bem, ou não ia ficar, então eles não ficariam aqui...mesmo porque ai não é só intimidade na minha casa, ai eu saio no corredor e passa alguém ali, qual é, não, não ia dar certo de jeito nenhum, então eu acho que ele ou ela iriam sair...*

E – *eles se adequam bem, os filhos tem se adequado bem ao esquema da casa também né, o esquema de vocês...*

Mãe – *exatamente...*

Pai – *aqui em casa não poderia não ter essa sintonia, ai porque ia chegar nesse aspecto sexual que é o que você queria dizer e ai não daria certo de funcionar aqui, então não ia dar certo, eles não iam poder ficar aqui porque eu não ia permitir...*

E – *ai eles já teriam saído de casa?*

Pai – *claro...ai eles já teriam saído de casa...você vai sair de casa pra ter a sua vida normal e a sua vida sexual também, porque aqui em casa não vai dar certo...não iria dar certo de jeito nenhum, então nesse aspecto na minha casa não funcionaria, eles iriam ter que uma hora qualquer sair de casa, porque aqui pra dentro não viria ninguém...cada um com as suas coisas no seu local...eu acho que intimidade, tem uma coisa de você ter intimidade, a própria palavra já diz, agora, eu abro a porta do meu quarto pra sair no corredor e passa a menina pelada ai, esse aspecto não iria funcionar na minha casa de jeito nenhum, eu ia falar não, não vem...vai pra fora, vai pro motel, mas ai se não acha bom desse jeito, então ache a sua casa pra você morar e ai você tem a liberdade da sua vida intima pra você, aqui não iria funcionar nesse aspecto...ia chegar o dia que um dos dois ia ter que sair...*